O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 9

SHALYA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

Om! Reverenciando Narayana e Nara, o mais sublime dos seres masculinos, como também a deusa Sarasvati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

Janamejaya disse, "Depois que Karna tinha sido morto dessa maneira em batalha por Savyasaci, o que o pequeno resto (não massacrado) dos Kauravas fez, ó regenerado? Contemplando o exército dos Pandavas cheio de poder e energia, que comportamento o príncipe Kuru Suyodhana adotou em direção aos Pandavas, achando-o apropriado para o momento? Eu desejo saber tudo isso. Conte-me, ó principal dos regenerados, eu nunca fico saciado ao escutar as grandiosas façanhas de meus ancestrais."

Vaisampayana disse, "Depois da queda de Karna, ó rei, o filho de Dhritarashtra Suyodhana foi profundamente submerso em um oceano de dor e via desespero em toda parte. Lamentando incessantemente, dizendo, 'Ai, oh Karna! Ai, oh Karna!' ele procedeu com grande dificuldade para seu acampamento, acompanhado pelo restante não morto dos reis do seu lado. Pensando na morte do filho do Suta, ele não pode obter paz mental, embora confortado por aqueles reis com explicações excelentes inculcadas pelas escrituras. Considerando destino e necessidade como todo-poderosos, o rei Kuru decidiu firmemente lutar. Tendo devidamente feito Shalya o generalíssimo de seus exércitos, aquele touro entre reis, ó monarca, procedeu para a batalha, acompanhado por aquele resto não massacrado de suas tropas. Então, ó chefe da linhagem de Bharata, uma batalha terrível ocorreu entre as tropas dos Kurus e aquelas dos Pandavas, parecendo aquela entre os deuses e os Asuras. Então Shalya, ó monarca, tendo feito uma grande carnificina em batalha finalmente perdeu um grande número de suas tropas e foi morto por Yudhishthira ao meio-dia. Então o rei Duryodhana, tendo perdido todos os seus amigos e parentes, fugiu do campo de batalha e penetrou nas profundidades de um lago terrível por medo de seus inimigos. Na tarde daquele dia, Bhimasena, fazendo o lago ser cercado por muitos poderosos guerreiros em carros, convocou Duryodhana e tendo-o obrigado a sair, matou-o rapidamente, aplicando sua força. Depois da morte de Duryodhana os três guerreiros em carros (do lado Kuru) que ainda estavam vivos (Ashvatthama e Kripa e Kritavarma), cheios de raiva, ó monarca, massacraram as tropas Pancala à noite. Na manhã seguinte Sanjaya, tendo partido do acampamento, entrou na cidade (a capital Kuru), triste e cheio de dor e tristeza. Tendo entrado na cidade, o Suta Sanjaya, erguendo seus braços em angústia, e com membros tremendo, entrou no palácio do rei. Cheio de aflição, ó tigre entre homens, ele lamentou alto, dizendo, 'Ai, ó rei! Ai, todos nós estamos arruinados pela morte daquele monarca de grande alma. Ai, o Tempo é todo-poderoso, e tortuoso em seu curso, já que todos os nossos aliados, dotados de poder igual àquele do próprio Shakra, foram mortos pelos Pandavas.' Vendo Sanjaya voltar à cidade, ó rei, naquela situação lamentável, todo o povo, ó melhor dos reis, cheio de grande ansiedade, lamentava ruidosamente, dizendo, 'Ai, ó rei!' A cidade inteira, ó tigre entre homens, inclusive

as próprias crianças, sabendo da morte de Duryodhana, proferiram notas de lamentações de todos os lados. Nós então vimos todos os homens e mulheres correndo para lá e para cá, profundamente afligidos pela dor, seu juízo perdido, e parecendo pessoas dementes. O Suta Sanjaya então, profundamente agitado, entrou na residência do rei e viu aquele principal dos monarcas, aquele senhor de homens, tendo a sabedoria como sua visão. Vendo o monarca impecável, aquele chefe da linhagem de Bharata, sentado, cercado por suas noras e Gandhari e Vidura e por outros amigos e parentes que eram sempre seus benquerentes, e ocupados em pensar naquele mesmo assunto, a morte de Karna, o Suta Sanjaya, com coração cheio de dor, ó Janamejaya, lacrimosamente e em uma voz sufocada com lágrimas, disse a ele, 'Eu sou Sanjaya, ó tigre entre homens. Eu me curvo a ti, ó touro da raça Bharata. O soberano dos Madras, Shalya, está morto. Da mesma maneira, o filho de Subala, Shakuni, e Uluka, ó tigre entre homens, aquele filho valente do jogador (Shakuni), está morto. Todos os Samsaptakas, os Kambojas juntos com os Sakas, os Mlecchas, os Montanheses, e os Yavanas, também foram mortos. Os habitantes do Leste estão mortos, ó monarca, e todos os habitantes do Sul. Os habitantes do Norte foram todos mortos, como também os habitantes do Oeste, ó soberano de homens. Todos os reis e todos os príncipes estão mortos, ó monarca. O rei Duryodhana também foi morto pelo filho de Pandu assim como ele tinha prometido. Com suas coxas quebradas, ó monarca, ele jaz agora na poeira, coberto de sangue. Dhrishtadyumna também foi morto, ó rei, como também o invicto Shikhandi. Uttamauja e Yudhamanyu, ó rei, e os Prabhadrakas, e aqueles tigres entre homens, os Pancalas, e os Cedis, foram destruídos. Teus filhos estão todos mortos como também os (cinco) filhos de Draupadi, ó Bharata. O heróico e poderoso filho de Karna, Vrishasena, foi morto. Todos os homens que tinham sido reunidos estão mortos. Todos os elefantes foram destruídos. Todos os guerreiros em carros, ó tigre entre homens, e todos os corcéis morreram em batalha. Muito poucos do teu lado estão vivos, ó senhor. Em consequência dos Pandavas e dos Kauravas terem combatido uns aos outros, o mundo, estupefato pelo Tempo, agora consiste somente em mulheres. No lado dos Pandavas sete estão vivos, eles são os cinco irmãos Pandava, e Vasudeva, e Satyaki e entre os Dhartarashtras três estão vivos, Kripa, Kritavarma, e o filho de Drona, aquele principal dos vitoriosos. Esses três guerreiros em carros, ó monarca, são tudo o que sobreviveu, ó melhor dos reis, de todos os akshauhinis reunidos no teu lado, ó soberano de homens. Esses são os sobreviventes, ó monarca, o resto pereceu. Fazendo Duryodhana e sua hostilidade (pelos Pandavas) a causa, o mundo, parece, foi destruído, ó touro da raça Bharata, pelo Tempo.'"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo estas palavras cruéis, Dhritarashtra, aquele soberano de homens, caiu, ó monarca, ao solo, privado de seus sentidos. Logo que o rei caiu, Vidura também, de grande fama, ó monarca, afligido pela tristeza por causa da angústia do rei, caiu no chão. Gandhari também, ó melhor dos reis, e todas as damas Kuru caíram no chão de repente, ouvindo aquelas palavras cruéis. Todo aquele conclave de pessoas nobres permaneceu jazendo no solo, privado de seus sentidos e delirando alucinadamente, como figuras pintadas em um quadro grande de tela. Então o rei Dhritarashtra, aquele senhor de terra,

atormentado pela calamidade representada pela morte de seus filhos, lentamente e com dificuldade recuperou seus ares vitais. Tendo recuperado seus sentidos, o rei, com membros tremendo e coração triste, virou seu rosto para todos os lados, e disse essas palavras para Kshattri (Vidura). 'Ó erudito Kshattri, ó tu de grande sabedoria, tu, ó touro da raça Bharata, és agora meu refúgio. Eu estou desamparado e desprovido de todos os meus filhos.' Tendo dito isso, ele caiu mais uma vez, privado de seus sentidos. Vendo ele caído, todos os seus parentes que estavam presentes lá borrifaram água fresca sobre ele e o abanaram com leques. Confortado depois de um longo tempo, aquele senhor de terra, afligido pela tristeza por conta da morte de seus filhos, ficou calado, suspirando pesadamente, ó monarca, como uma cobra posta em um jarro. Sanjaya também lamentou alto, vendo o rei tão aflito. Todas as senhoras também, com Gandhari de grande celebridade, fizeram o mesmo. Depois de um longo tempo, ó melhor dos homens, Dhritarashtra, tendo desmaiado repetidamente, se dirigiu a Vidura, dizendo, 'Que todas as damas se retirem, como também Gandhari de grande fama, e todos esses amigos. Minha mente está imensamente inquieta.' Assim endereçado, Vidura, tremendo repetidamente, lentamente dispensou as senhoras, ó touro da raça Bharata. Todas aquelas damas se retiraram, ó chefe dos Bharatas, como também todos aqueles amigos, vendo o rei profundamente aflito. Então Sanjaya olhou tristemente para o rei, ó opressor de inimigos, que, tendo recuperado seus sentidos, estava chorando em grande aflição. Com mãos unidas, Vidura então, em palavras gentis, consolou aquele soberano de homens que estava suspirando incessantemente.'"

2

Vaishampayana disse, "Depois que as damas tinham sido dispensadas, Dhritarashtra, o filho de Ambika, imerso em angústia maior do que aquela que o tinha afligido antes começou, ó monarca, a lamentar, exalando respirações que pareciam fumaça, e agitando seus braços repetidamente, e refletindo um pouco, ó monarca, ele disse estas palavras."

"Dhritarashtra disse, 'Ai, ó Suta, é repleta de grande dor a notícia que eu ouço de ti, que os Pandavas estão todos salvos e não sofreram perda em batalha. Sem dúvida, meu coração duro é feito da essência do trovão, já que ele não se parte ao saber da queda de meus filhos. Pensando em suas idades, ó Sanjaya, e em seus esportes na infância, e sabendo hoje que todos eles pereceram, meu coração parece se partir em pedaços. Embora por causa da minha cegueira eu nunca visse suas formas, eu ainda nutria um grande amor por eles por causa do afeto que uma pessoa sente por seus filhos. Sabendo que eles tinham passado pela infância e entrado no período de juventude e então no início da idade adulta, eu fiquei extremamente contente, ó impecável. Sabendo hoje que eles foram mortos e privados de prosperidade e energia, eu fracasso em obter paz mental, sendo subjugado pela dor por conta do infortúnio que os colheu. Venha, venha, ó rei de reis (Duryodhana) a mim que estou sem um protetor agora! Privado de ti, ó de braços poderosos, qual será minha situação? Por que, ó senhor, abandonando

todos os reis reunidos tu jazes sobre a terra nua, carente de vida, como um rei ordinário e desventurado? Tendo sido, ó monarca, o refúgio de parentes e amigos, aonde tu vais agora, ó herói, abandonando a mim que sou cego e velho? Onde agora, ó rei, está aquela tua compaixão, amor, e aquela deferência? Invencível como tu eras em batalha, como, ai, tu foste morto pelos Parthas? Quem irá agora, depois de eu ter despertado do sono na hora apropriada, repetidamente se dirigir a mim em palavras afetuosas e respeitosas tais como, 'Ó pai, ó pai,' 'Ó grande rei' 'Ó senhor do mundo' e abraçando carinhosamente meu pescoço com olhos úmidos, buscará minhas ordens, dizendo, 'Ordene-me, ó tu da linhagem de Kuru.' Dirija-te a mim, ó filho, naquela linguagem doce mais uma vez. Ó filho querido, eu ouvi essas exatas palavras de teus lábios, 'Esta terra vasta é tanto nossa quanto ela é do filho de Pritha. Bhagadatta e Kripa e Shalya e os dois príncipes de Avanti e Jayadratha e Bhurishrava e Sala e Somadatta e Bahlika e Ashvatthama e o chefe dos Bhojas e o príncipe poderoso de Magadha e Vrihadvala e o governante de Kasi e Shakuni o filho de Subala e muitos milhares de Mlecchas e Sakas e Yavanas, e Sudakshina o soberano dos Kambojas e o rei dos Trigartas e o avô Bhishma e o filho de Bharadwaja e o filho de Gotama (Kripa) e Srutayush e Ayutayush e Satayush de grande energia, e Jalasandha e o filho de Rishyasringa e o Rakshasa Alayudha, e o poderosamente armado Alambusa e o grande guerreiro em carro Subala, estes e outros reis numerosos, ó melhor dos monarcas, tomaram armas por mim preparados para sacrificar suas próprias vidas em grande batalha. Posicionado no campo no meio desses, e cercado por meus irmãos, eu lutarei contra todos os Parthas e os Pancalas e os Cedis, ó tigre entre reis, e os filhos de Draupadi e Satyaki e Kunti-Bhoja e o rakshasa Ghatotkaca. Mesmo um entre esses, ó rei, excitado com raiva, é hábil para resistir em batalha aos Pandavas avançando em direção a ele. O que eu preciso dizer então de todos esses heróis, cada um dos quais tem injúria para se vingar nos Pandavas, quando reunidos? Todos esses, ó monarca, lutarão com os seguidores dos Pandavas e irão matá-los em batalha. Karna sozinho, comigo mesmo, matará os Pandavas. Todos os reis heróicos então viverão sob meu domínio. Aquele que é seu líder, o poderoso Vasudeva, não irá, ele me disse, colocar armadura por causa deles, ó rei.' Exatamente dessa maneira, ó Suta, Duryodhana costumava me falar frequentemente. Ouvindo o que ele dizia, eu acreditava que os Pandavas seriam mortos em batalha. Quando, no entanto, meus filhos colocados no meio daqueles heróis e se esforçando vigorosamente em batalha foram todos mortos, o que isso pode ser exceto destino? Quando aquele senhor do mundo, o heróico Bhishma, tendo enfrentado Shikhandi, encontrou sua morte como um leão encontrando a sua nas mãos de um chacal, o que isso pode ser exceto destino? Quando o Brahmana Drona, aquele mestre de todas as armas ofensivas e defensivas, foi morto pelos Pandavas em batalha, o que isso pode ser exceto destino? Quando Bhurishrava foi morto em batalha, como também Somadatta e o rei Bahlika, o que isso pode ser exceto destino? Quando Bhagadatta, hábil em lutar das costas de elefantes, está morto, e quando Jayadratha foi morto, o que isso pode ser exceto destino? Quando Sudakshina foi morto, e Jalasandha da linhagem de Puru, como também Srutayush, e Ayutayush, o que isso pode ser exceto destino? Quando o poderoso Pandya, aquele principal de todos os manejadores de armas, foi morto em batalha pelos Pandavas, o que isso pode ser exceto destino? Quando

Vrihadvala foi morto e o rei poderoso dos Magadhas, e o bravo Ugrayudha, aquele modelo de todos os arqueiros; quando os dois príncipes de Avanti (Vinda e Anuvinda) foram mortos, e o soberano também dos Trigartas, como também numerosos Samsaptakas, o que isso pode ser exceto destino? Quando o rei Alambusa, e o Rakshasa Alayudha, e o filho de Rishyasringa foram mortos, o que isso pode ser exceto destino? Quando os Narayanas estão mortos, como também os Gopalas, aquelas tropas que eram invencíveis em batalha, e muitos milhares de Mlecchas, o que isso pode ser exceto destino? Quando Shakuni, o filho de Subala, e o poderoso Uluka, chamado de filho do jogador, aquele herói na dianteira de seus exércitos, estão mortos, o que isso pode ser exceto destino? Quando inúmeros heróis de grande alma, educados em todos os tipos de armas ofensivas e defensivas e dotados de destreza igual àquela do próprio Shakra foram mortos, ó Suta, quando Kshatriyas vindos de diversos reinos, ó Sanjaya, foram todos mortos em batalha, o que isso pode ser exceto destino? Dotados de grande poder, meus filhos e netos foram mortos, como também meus amigos e confrades, o que isso pode ser exceto destino? Sem dúvida, o homem toma seu nascimento sujeito ao destino. Aquele homem que possui boa sorte encontra o bem. Eu sou desprovido de boa sorte, e, portanto, estou privado de meus filhos, ó Sanjaya. Velho como eu sou, como eu irei agora me submeter ao domínio de inimigos? Eu não acho boa para mim qualquer coisa além do exílio nas florestas, ó senhor. Privado de parentes e amigos como eu estou, eu irei para as florestas. Nada além de um exílio nas florestas pode ser melhor para mim que estou caído nessa situação difícil e que estou privado de minhas asas, ó Sanjaya. Quando Duryodhana foi morto, quando Shalya foi morto, quando Duhshasana e Vivingsati e o poderoso Vikarna foram mortos, como eu poderei suportar os rugidos daquele Bhimasena que matou sozinho cem filhos meus em batalha? Ele falará frequentemente da morte de Duryodhana na minha audição. Queimando de dor e tristeza, eu não serei capaz de tolerar suas palavras cruéis.'"

Vaishampayana continuou, 'Assim mesmo aquele rei, queimando de aflição e privado de parentes e amigos, desmaiou repetidamente, dominado pela tristeza por conta da morte de seus filhos. Tendo chorado por um longo tempo, Dhritarashtra, o filho de Ambika, emitiu suspiros pesados e difíceis ao pensar em sua derrota. Dominado pela tristeza, e queimando de angústia, aquele touro da raça Bharata mais uma vez inquiriu de seu quadrigário Sanjaya, o filho de Gavalgana, os detalhes do que tinha acontecido.'

"Dhritarashtra disse, 'Depois que Bhishma e Drona tinham sido mortos, e o filho do Suta também derrubado, a quem meus guerreiros fizeram seu generalíssimo? Os Pandavas estão matando sem qualquer demora cada um a quem meus guerreiros estão fazendo seu generalíssimo em batalha. Bhishma foi morto na vanguarda da batalha por Arjuna ornado com diadema na própria vista de todos vocês. Assim mesmo Drona foi morto na visão de todos vocês. Assim mesmo o filho do Suta, aquele corajoso Karna, foi morto por Arjuna diante de todos os reis. Muito antes, Vidura de grande alma tinha me falado que por causa do erro de Duryodhana a população da Terra seria exterminada. Há alguns tolos que não vêem as coisas mesmo que eles lancem seus olhos sobre elas. Aquelas palavras

de Vidura foram assim mesmo para minha pessoa tola. O que Vidura de alma virtuosa, familiarizado com atributos de tudo, então disse, se confirmaram exatamente, pois as palavras que ele proferiu eram só a verdade. Afligido pelo destino, eu então não agi segundo aquelas palavras. Os resultados daquele mau procedimento agora se manifestaram. Descreva-os para mim, ó filho de Gavalgana, mais uma vez! Quem se tornou o líder do nosso exército depois da queda de Karna? Quem foi aquele guerreiro em carro que procedeu contra Arjuna e Vasudeva? Quem foram aqueles que protegeram a roda direita do soberano dos Madras em batalha? Quem protegia a roda esquerda daquele herói quando ele foi para a batalha? Quem também guardava sua retaguarda? Como, quando todos vocês estavam juntos, pode o poderoso rei dos Madras, como também meu filho, serem mortos, ó Sanjaya, pelos Pandavas? Conte-me os detalhes da grande destruição dos Bharatas. Diga-me como meu filho Duryodhana caiu em batalha. Diga-me como todos os Pancalas com seus seguidores, e Dhrishtadyumna e Shikhandi e os cinco filhos de Draupadi, caíram. Diga-me como os (cinco) Pandavas e os dois Satwatas (Krishna e Satyaki), e Kripa e Kritavarma e o filho de Drona, escaparam com vida. Eu desejo saber tudo acerca da maneira na qual a batalha ocorreu e o tipo de luta que ela foi. Tu és hábil, ó Sanjaya, em narração. Conte-me tudo.'"

3

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, com atenção, como aquela grande carnificina dos Kurus e dos Pandavas ocorreu quando eles enfrentaram uns aos outros. Depois que o filho do Suta tinha sido morto pelo filho ilustre de Pandu, e depois que tuas tropas tinham sido repetidamente reagrupadas e repetidamente tinham fugido, e depois que uma carnificina terrível tinha ocorrido, ó principal dos homens, de seres humanos em batalha posterior à morte de Karna, Partha começou a proferir rugidos leoninos. Naquela hora um grande medo entrou nos corações dos teus filhos. De fato, depois da morte de Karna, não havia guerreiro no teu exército que pudesse colocar seu coração em reunir as tropas ou mostrar sua bravura. Eles então pareciam com comerciantes naufragados no oceano insondável sem uma balsa para se salvarem. Quando seu protetor foi morto por Arjuna ornado com diadema, eles eram como pessoas no vasto oceano desejosas de alcançar algum litoral seguro. De fato, ó rei, depois da morte do filho do Suta, tuas tropas, tomadas pelo pânico e mutiladas com flechas, eram como homens desprotegidos desejosos de um protetor ou como um bando de veados afligido por um leão. Subjugados por Savyasaci, eles se retiraram à noite como touros com chifres quebrados ou cobras desprovidas de suas presas. Seus principais heróis mortos, eles mesmos jogados em confusão e mutilados com flechas afiadas, teus filhos, ó rei, após a morte do filho do Suta, fugiram amedrontados. Desprovidos de armas e cotas de malha, todos eles perderam sua razão e não sabiam em qual direção fugir. Lançando seus olhos para todos lados em temor, muitos deles começaram a matar uns aos outros. Muitos caíram ou ficaram pálidos, pensando, 'É a mim que Vibhatsu está perseguindo!' 'É a mim que Vrikodara está perseguindo!' Alguns montados em corcéis velozes, alguns em carros velozes, e alguns em elefantes

velozes, muitos grandes guerreiros em carros fugiram de medo, abandonando os soldados de infantaria. Carros eram quebrados por elefantes, cavaleiros eram esmagados por grandes guerreiros em carros, e grupos de soldados de infantaria eram esmagados e mortos por grupos de cavalos quando estes fugiam do campo. Depois da queda do filho do Suta, tuas tropas ficaram como pessoas que ficaram para trás de uma caravana em uma floresta cheia de ladrões e animais predadores. Alguns elefantes cujos condutores tinham sido mortos, e outros cujas trombas tinham sido cortadas, afligidos com medo, viam o mundo inteiro como cheio de Partha. Vendo suas tropas fugindo angustiadas com medo de Bhimasena Duryodhana então, com gritos de 'Oh!' e 'Ai!' se dirigiu a seu motorista, dizendo, 'Se eu tomar meu posto na retaguarda do exército, armado com meu arco, Partha então nunca poderá me ultrapassar. Incite os corcéis, portanto, com velocidade. Quando eu aplicar minha bravura em batalha, Dhananjaya o filho de Kunti não se arriscará a me ultrapassar como o oceano nunca ousando ultrapassar seus continentes. Hoje, matando Arjuna com Govinda, e o orgulhoso Vrikodara, e o restante dos meus inimigos, eu me livrarei da dívida que tenho com Karna.' Ouvindo estas palavras do rei Kuru, tão adequadas para um herói e um homem honrado, seu motorista lentamente incitou aqueles corcéis enfeitados com arreios de ouro. Naquela hora muitos bravos guerreiros privados de elefantes e cavalos e carros, e 25.000 soldados de infantaria, ó majestade, procederam lentamente (para a batalha). Então Bhimasena, cheio de ira, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, cercando aquelas tropas com a ajuda de quatro tipos de tropas, destruíram elas com suas flechas. Todos eles lutaram vigorosamente com Bhima e o filho de Prishata. Muitos entre eles desafiaram os dois heróis Pandava, mencionando seus nomes. Cercado por eles em batalha, Bhima ficou furioso com eles. Descendo rapidamente de seu carro, ele começou a lutar, armado com sua maça. Confiando na força de seus próprios braços, Vrikodara o filho de Kunti, que estava em seu carro, observador das regras de luta justa, não lutou com aqueles inimigos que estavam no solo. Armado então com aquela sua maça pesada que era feita totalmente de ferro e adornada com ouro e equipada com um gancho (com corda ou corrente), e que parecia o próprio Destruidor como ele se torna no fim do Yuga, Bhima matou eles todos como Yama massacrando criaturas com sua clava. Aqueles soldados de infantaria, excitados com grande raiva, tendo perdido seus amigos e parentes, estavam dispostos a sacrificar suas vidas, e avançaram naquela batalha em direção a Bhima como insetos para um fogo ardente. De fato, aqueles guerreiros, cheios de raiva e invencíveis em batalha, se aproximando de Bhimasena, pereciam subitamente como criaturas vivas ao olhar do Destruidor. Armado com espada e maça, Bhima se moveu rapidamente como um falcão e massacrou aqueles 25.000 guerreiros teus. Tendo matado aquela heróica divisão, o poderoso Bhima, de bravura incapaz de ser frustrada, mais uma vez se posicionou com Dhrishtadyumna diante dele. Enquanto isso, Dhananjaya de grande energia procedeu em direção à divisão de carros (dos Kurus). Os filhos gêmeos de Madri e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, todos dotados de grande força, avançaram alegremente contra Shakuni com grande velocidade pelo desejo de matá-lo. Tendo matado com flechas afiadas a cavalaria numerosa de Shakuni, aqueles heróis Pandava avançaram rapidamente contra o próprio Shakuni, depois do que uma batalha violenta foi lutada lá. Então Dhananjaya, ó

rei, penetrou no meio da divisão de carros dos Kauravas, esticando seu arco Gandiva célebre pelos três mundos. Vendo aquele carro tendo corcéis brancos unidos a ele e possuindo Krishna como seu motorista indo em direção a eles, com Arjuna como o guerreiro sobre ele, tuas tropas fugiram apavoradas. Privados de carros e corcéis e perfurados com flechas de todos os lados, 25.000 soldados de infantaria procederam em direção a Partha e o cercaram. Então aquele poderoso guerreiro em carro entre os Pancalas (Dhrishtadyumna) com Bhimasena em sua frente, rapidamente matou aquela brava divisão e permaneceu triunfante. O filho do rei Pancala, o célebre Dhrishtadyumna, era um arqueiro poderoso possuidor de grande beleza e um subjugador de grandes bandos de inimigos. À visão de Dhrishtadyumna a cujo carro estavam unidos cavalos brancos como pombos e cujo estandarte era feito de um Kovidara alto, as tropas fugiram de medo. Os célebres filhos de Madri, com Satyaki entre eles, engajados na perseguição do rei Gandhara que era rápido no uso de armas, apareceram rapidamente à nossa vista. Chekitana e os (cinco) filhos de Draupadi, ó majestade, tendo matado um grande número de tuas tropas, sopraram suas conchas. Vendo todas as tropas fugindo com seus rostos (desviados) do campo, aqueles heróis (Pandava) as perseguiram e derrubaram como touros perseguindo touros derrotados. Então o poderoso Savyasaci, o filho de Pandu, vendo um resto do teu exército ainda mantendo seu terreno, ficou cheio de raiva, ó rei. Subitamente, ó monarca, ele cobriu aquele resto do teu exército com flechas. O pó, no entanto, que foi então erguido envolveu a cena, por causa do que nós não podíamos ver qualquer coisa. Escuridão também se espalhou sobre a cena, e o campo de batalha foi coberto com setas. Tuas tropas, ó monarca, então fugiram de medo para todos os lados. Quando seu exército estava assim dividido, o rei Kuru, ó monarca, avançou contra ambos: amigos e inimigos. Então Duryodhana desafiou todos os Pandavas para lutar, ó chefe da linhagem de Bharata, como o Asura Vali nos tempos antigos desafiando todos os celestiais. Os Pandavas então, reunidos e cheios de raiva, criticando-o repetidamente e disparando diversas armas, avançaram contra Duryodhana que rugia. O último, no entanto, atingiu destemidamente seus inimigos com flechas. A destreza que nós então vimos do teu filho era extremamente admirável, já que todos os Pandavas juntos eram incapazes de ultrapassá-lo. Nesse momento Duryodhana viu, permanecendo a uma pequena distância dele, suas tropas, muito mutiladas com flechas e preparadas para fugir. Reagrupando-as então, ó monarca, teu filho, determinado em batalha e desejoso de alegrá-las, se dirigiu àqueles guerreiros, dizendo, ‘Eu não vejo aquele local em planície ou montanha onde, se vocês fugirem, os Pandavas não os matarão. Qual é a utilidade então da fuga? O exército Pandava agora foi reduzido a um pequeno resto. Os dois Krishnas estão extremamente mutilados. Se todos nós oferecermos resistência aqui, nós com certeza teremos vitória. Se, no entanto, vocês fugirem, rompendo sua formação de combate, os Pandavas, perseguindo suas pessoas pecaminosas, irão matar todos vocês. Morte em batalha, portanto, é para o nosso bem. Morte no campo de batalha enquanto envolvido em luta em conformidade com práticas Kshatriya é agradável. Tal morte não produz nenhum tipo de aflição. Por encontrar tal morte, uma pessoa desfruta de felicidade eterna no outro mundo. Que todos os Kshatriyas reunidos aqui me escutem. Seria melhor até que eles se submetessem ao poder do enfurecido Bhimasena do que abandonar os deveres

praticados por eles desde os dias de seus antepassados. Não há ato mais pecaminoso para um Kshatriya do que fuga da batalha. Vocês Kauravas, não há melhor caminho para o céu do que o dever da batalha. O guerreiro alcança em um dia regiões de bem aventurança (no outro mundo) que leva muitos longos anos para outros alcançarem.' Cumprindo aquelas palavras do rei, os grandes guerreiros em carros Kshatriya avançaram novamente contra os Pandavas, incapazes de suportar sua derrota e firmemente decididos a aplicar sua destreza. Então começou novamente uma batalha que foi extremamente feroz, entre tuas tropas e o inimigo, e que parecia uma entre os deuses e os Asuras. Teu filho Duryodhana então, ó monarca, com todas as suas tropas, avançou contra os Pandavas encabeçados por Yudhishthira.'"

4

"Sanjaya disse, 'Contemplando as caixas caídas de carros, como também os carros de guerreiros de grande alma, e os elefantes e soldados de infantaria, ó majestade, mortos em batalha, vendo o campo de batalha assumir um aspecto tão horrível como aquele da área esportiva de Rudra, observando o fim inglório obtido por centenas e milhares de reis, testemunhando também a destreza de Partha depois da retirada do teu filho com coração agoniado e quando tuas tropas, cheias de ansiedade e caídas em grande desgraça, ó Bharata, estavam deliberando quanto ao que elas deviam fazer em seguida, ouvindo também os lamentos altos dos guerreiros Kaurava que estavam sendo esmagados, e notando as insígnias expostas e desordenadas de grandes reis, o líder Kuru Kripa de grande energia, possuidor de idade e boa conduta e cheio de compaixão, e dotado de eloquência, se aproximou do rei Duryodhana, e com raiva disse estas palavras para ele, 'Ó Duryodhana, escute, ó Bharata, estas palavras que eu te direi. Tendo-as ouvido, ó monarca, aja em conformidade com elas, ó impecável, se isso te agradar. Não há nenhum caminho, ó monarca, que seja melhor do que o dever da batalha. Tendo recorrido a esse caminho, Kshatriyas, ó touro da classe Kshatriya, se engajam na batalha. Aquele que vive na observância de práticas Kshatriya luta com filho, pai, irmão, sobrinho, e tio materno, e parentes, e amigos. Se ele é massacrado em batalha, há grande mérito nisto. Similarmente, há grande pecado nisto se ele foge do campo. É por isso que a vida de uma pessoa desejosa de viver pela adoção de deveres Kshatriya é muito terrível. A ti, com respeito a isso, eu direi umas poucas palavras benéficas. Depois da queda de Bhishma e Drona e do poderoso guerreiro em carro Karna, depois da morte de Jayadratha e teus irmãos, ó impecável, e do teu filho Lakshmana, o que há agora para nós fazermos? Eles sobre quem nós tínhamos colocado todos os encargos da soberania que nós vínhamos desfrutando foram todos para regiões de bem aventurança alcançáveis por pessoas conhecedoras de Brahma, abandonando seus corpos. Com relação a nós, privados daqueles grandes guerreiros em carros possuidores de talentos numerosos, nós teremos que passar nosso tempo em aflição, tendo feito numerosos reis perecerem. Quando aqueles heróis estavam vivos, mesmo então Vibhatsu não podia ser vencido. Tendo Krishna como seus olhos, aquele herói poderosamente armado é incapaz de ser derrotado pelos próprios deuses. A vasta

hoste (Kaurava), se aproximando de seu estandarte portador do macaco que é alto como um poste de Indra (instalado na estação da primavera) e que é refulgente como o arco de Indra, sempre tremeu de medo. Pelos rugidos leoninos de Bhimasena e o clangor de Panchajanya e o som do Gandiva, nosso coração definhará lentamente dentro de nós. Movendo-se como lampejos de relâmpago, e cegando nossos olhos, o Gandiva de Arjuna é visto parecer com um círculo de fogo. Decorado com ouro puro, aquele arco formidável, quando ele é vibrado, parece um lampejo de relâmpago se movendo por todo lado. Corcéis de cor branca e possuidores de grande velocidade e dotados do esplendor da Lua ou da erva Kusa, e que correm devorando os céus, estão unidos ao seu carro. Incitados adiante por Krishna, como massas de nuvens impelidas pelo vento, e seus membros enfeitados com ouro, eles levam Arjuna para a batalha. Aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas, Arjuna, queimou aquele teu grande exército como uma conflagração consumindo grama seca na floresta na estação do inverno. Possuidor do esplendor do próprio Indra, enquanto penetrando em nossas tropas, nós temos visto Dhananjaya parecer um elefante com quatro presas. Enquanto agitando teu exército e inspirando os reis com temor, nós temos visto Dhananjaya parecer um elefante agitando um lago coberto com lotos. Enquanto apavorando todos os guerreiros com o som de seu arco, nós, além disso, vimos o filho de Pandu parecer um leão inspirando animais menores com pavor. Aqueles dois principais dos arqueiros em todos os mundos, aqueles dois touros entre todas as pessoas armadas com o arco, os dois Krishnas, vestidos em armadura, estão parecendo muito belos. Hoje é o décimo sétimo dia dessa batalha terrível, ó Bharata, daqueles que estão sendo massacrados no meio dessa luta. As diversas divisões do teu exército estão divididas e dispersas como nuvens outonais dispersadas pelo vento. Savyasaci, ó monarca, fez teu exército tremer e oscilar como um barco atirado pela tempestade exposto na superfície do oceano. Onde estava o filho do Suta, onde estava Drona com todos os seus seguidores, onde estava eu, onde estavas tu, onde estava o filho de Hridika, onde (estava) teu irmão Duhshasana acompanhado por seus irmãos (quando Jayadratha foi morto)? Ao ver Jayadratha e encontrando-o dentro do alcance de suas flechas, Arjuna, aplicando sua destreza sobre todos os teus parentes e irmãos e aliados e tios maternos, e colocando seus pés sobre suas cabeças, matou o rei Jayadratha na própria vista de todos. O que então há para nós fazermos agora? Quem há entre tuas tropas agora que derrotará o filho de Pandu? Aquele guerreiro de grande alma possui diversos tipos de armas celestes. O som, além disso, do Gandiva rouba nossas energias. Este teu exército que está agora sem um líder é como uma noite sem a Lua, ou como um rio que está seco com todas as árvores em suas margens quebradas por elefantes. O poderosamente armado Arjuna de corcéis brancos irá, à sua vontade, se mover em meio a esta tua hoste sem mestre como um incêndio ardente em meio a uma pilha de grama. A impetuosidade daqueles dois, Satyaki e Bhimasena, partiria todas as montanhas ou secaria completamente todos os oceanos. As palavras que Bhima falou no meio da assembléia foram quase todas cumpridas por ele, ó monarca. Aquelas que permanecem não cumpridas, além disso, serão cumpridas por ele. Enquanto Karna estava lutando na frente dele, o exército dos Pandavas, difícil de ser derrotado, foi protegido vigorosamente pelo manejador do Gandiva. Você tem feito

muitos males vergonhosos, sem qualquer motivo, para os Pandavas virtuosos. Os resultados daquelas ações agora vieram. Por causa dos teus próprios objetivos tu, com grande cuidado, reuniste um grande exército. Aquela vasta força, como também tu mesmo, ó touro da raça Bharata, caíram em grande perigo. Preserve a ti mesmo agora, pois o eu é o refúgio de tudo. Se o refúgio é destruído, ó majestade, tudo inerente a ele é espalhado para todos os lados. Aquele que está sendo enfraquecido deve procurar paz por meio de conciliação. Aquele que está crescendo deve fazer guerra. Esta é a política ensinada por Brihaspati. Nós somos agora inferiores aos filhos de Pandu com relação à força de nosso exército. Portanto, ó senhor, eu penso que paz com os Pandavas é para o nosso bem. Aquele que não sabe o que é para o seu bem, ou (sabendo) desconsidera o que é para seu bem, é logo privado de seu reino e nunca obtém qualquer benefício. Se, por se curvar ao rei Yudhishthira a soberania ainda puder restar para nós, até isso seria para o nosso bem, e não, ó rei, sofrer derrota por tolice (nas mãos dos Pandavas). Yudhishthira é compassivo. A pedido do filho de Vichitravirya e de Govinda, ele permitirá que você continue como rei. O que quer que Hrishikesa diga para o rei vitorioso Yudhishthira e Arjuna e Bhimasena, todos eles irão, sem dúvida, obedecer. Krishna, eu penso, não será capaz de desobedecer às palavras de Dhritarashtra da linhagem de Kuru, nem o filho de Pandu poderá desobedecer a aquelas de Krishna. Uma cessação de hostilidades com os filhos de Pritha é o que eu considero como sendo para o teu benefício. Eu não digo isso para ti por quaisquer motivos vis nem para proteger minha vida. Eu digo, ó rei, aquilo que eu considero como benéfico. Tu te lembrarás dessas palavras quando tu estiveres às portas da morte (se tu as negligenciares agora).' De idade avançada, Kripa o filho de Saradwat disse essas palavras de modo lastimoso. Dando respirações longas e difíceis, ele então cedeu à tristeza e quase perdeu seus sentidos.'"

5

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado pelo neto célebre de Gotama, o rei (Duryodhana), dando respirações longas e difíceis, ficou calado, ó monarca. Tendo refletido por pouco tempo, o filho de grande alma de Dhritarashtra, aquele opressor de inimigos, então disse essas palavras ao filho de Saradwat Kripa, 'Tudo o que um amigo deve dizer tu disseste para mim. Tu também, enquanto lutando, fizeste tudo por mim, sem te importares com tua própria vida. O mundo tem te visto penetrar no meio das divisões Pandava e lutar com os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas dotados de grande energia. Aquilo que deve ser dito por um amigo foi dito por ti. Tuas palavras, no entanto, não me agradam, como remédio que mal agrada a pessoa que está prestes a morrer. Essas palavras benéficas e excelentes, repletas de razão, que tu, ó poderosamente armado, disseste não me parecem aceitáveis, ó principal dos Brahmanas. Privado por nós de seu reino (em uma ocasião anterior), por que o filho de Pandu depositará sua confiança em nós? Aquele rei poderoso foi uma vez derrotado por nós nos dados. Por que ele acreditará novamente nas minhas palavras? Assim também, Krishna, sempre dedicado ao bem dos Parthas, quando ele veio a nós

como um enviado, foi logrado por nós. Aquela nossa ação foi muito precipitada. Por que então, ó regenerado, Hrishikesa confiará nas minhas palavras? A princesa Krishna, quando estava no meio da assembléia, chorou lastimavelmente. Krishna nunca esquecerá aquele nosso ato, nem aquela ação, a privação de Yudhishthira por nós de seu reino. Antigamente, foi ouvido por nós que os dois Krishnas tem a mesma alma entre eles e que estão firmemente unidos um com o outro. Hoje, ó senhor, nós temos visto isso com nossos olhos. Sabendo da morte do filho de sua irmã, Keshava passa suas noites em tristeza. Nós o ofendemos muito. Por que ele nos perdoará então? Arjuna também, por causa da morte de Abhimanyu, ficou muito infeliz. Mesmo que solicitado, por que ele se esforçará para o meu benefício? O segundo filho de Pandu, o poderoso Bhimasena, é extremamente feroz. Ele fez um voto terrível. Ele se quebrará, mas não se dobrará. Os gêmeos heróicos, respirando animosidade contra nós, quando vestidos em armadura e armados com suas espadas parecem um par de Yamas. Dhrishtadyumna e Shikhandi tem puxado suas espadas contra mim. Por que aqueles dois, ó melhor dos Brahmanas, se esforçarão para o meu bem? Enquanto vestida em uma única peça de roupa e em sua época (menstrual), a princesa Krishna foi tratada cruelmente por Duhshasana no meio da assembléia e diante dos olhos de todos. Aqueles opressores de inimigos, os Pandavas, que ainda se lembram de Draupadi despida mergulhada em angústia, nunca poderão ser dissuadidos de lutar. Então, além disso, Krishna, a filha de Drupada está em tristeza, praticando as penitências mais rígidas para minha destruição e o sucesso dos objetivos nutridos por seus maridos, e dorme todo dia no solo nu, pretendendo fazer isso até que o fim das hostilidades seja alcançado. Abandonando honra e orgulho, a irmã uterina de Vasudeva (Subhadra) está sempre servindo Draupadi como uma verdadeira serva. Tudo, portanto, se incendiou. Aquele fogo nunca poderá ser apagado. Paz com eles se tornou impossível por causa da morte de Abhimanyu. Tendo também desfrutado da soberania dessa terra limitada pelo oceano, como eu serei capaz de desfrutar, sob favor dos Pandavas, de um reino em paz? Tendo brilhado como o Sol sobre as cabeças de todos os reis, como eu andarei atrás de Yudhishthira como um escravo? Tendo desfrutado de todos os artigos agradáveis e mostrado grande compaixão, como eu levarei uma vida miserável agora, com homens miseráveis como meus companheiros? Eu não odeio aquelas palavras gentis e benéficas que tu falaste. Eu, no entanto, não acho que este é o momento para paz. Lutar honradamente é, ó opressor de inimigos, o que eu considero uma boa política. Essa não é a hora de agir como um eunuco. Por outro lado, essa é a hora para a batalha. Eu tenho realizado muitos sacrifícios. Eu tenho dado Dakshinas para Brahmanas, eu tenho obtido a realização de todos os meus desejos. Eu tenho escutado recitações Védicas. Eu tenho andado sobre as cabeças de meus inimigos. Meus empregados tem todos sido bem tratados por mim. Eu tenho socorrido pessoas em infortúnio. Eu não ouso, ó principal dos regenerados, endereçar tais palavras humildes aos Pandavas. Eu tenho conquistado reinos estrangeiros. Eu tenho governado devidamente meu próprio reino. Eu tenho desfrutado de diversos artigos agradáveis. Religião e lucro e prazer eu tenho buscado. Eu paguei minha dívida com os Pitris e com o dever Kshatriya. Certamente, não há felicidade aqui. O que acontece com reino, e com o bom nome? Fama é tudo o que uma pessoa deve obter aqui. Essa fama pode ser

obtida por meio de batalha, e por nenhum outro meio. A morte que um Kshatriya encontra em casa é censurável. Morte na própria cama em casa é muito pecaminosa. O homem que rejeita seu corpo nas florestas ou em batalha depois de ter realizado sacrifícios obtem grande glória. Não é um homem aquele que morre miseravelmente lamentando em dor, afligido por doença e decadência, no meio de parentes chorando. Abandonando diversos objetos de prazer, eu irei agora, por meio de batalha justa, proceder para as regiões de Shakra, obtendo a companhia daqueles que alcançaram o fim mais sublime. Sem dúvida, a habitação de heróis de comportamento honrado, que nunca recuam da batalha, que são dotados de inteligência e devotados à verdade, que são realizadores de sacrifícios, e que foram santificados no sacrifício de armas é no céu. As diversas tribos de Apsaras, sem dúvida, fitam alegremente tais heróis quando engajados em batalha. Sem dúvida, os Pitris os vêem venerados na assembléia dos deuses e se regozijando no céu, na companhia de Apsaras. Nós iremos agora ascender o caminho que é trilhado pelos celestiais e por heróis que não se retiram da batalha, aquele caminho que foi tomado por nosso avô venerável, pelo preceptor dotado de grande inteligência, por Jayadratha, por Karna, e por Duhshasana. Muitos bravos reis, que se esforçaram vigorosamente por minha causa nessa batalha, foram mortos. Mutilados com flechas e seus membros banhados em sangue, eles jazem agora na terra nua. Possuidores de grande coragem e conhecedores de armas excelentes, aqueles reis, que tinham, além disso, realizado sacrifícios como ordenado nas escrituras, tendo abandonado seus ares vitais no cumprimento de seus deveres agora se tornaram os habitantes da residência de Indra. Eles tem aberto o caminho (para aquela região abençoada). Aquela estrada mais uma vez será difícil por causa das multidões de heróis que irão se apressar ao longo dela para alcançar aquela meta abençoada. Lembrando com gratidão dos feitos daqueles heróis que morreram por mim, eu desejo saldar a dívida que tenho com eles em vez de fixar meu coração no reino. Se, tendo feito meus amigos e irmãos e avôs serem mortos eu salvar minha própria vida, sem dúvida o mundo me criticará. Que espécie de soberania será aquela da qual eu desfrutarei, desprovido de parentes e amigos e benquerentes, e me curvando ao filho de Pandu? Eu, que tenho dominado o mundo dessa maneira, agora alcançarei o céu por luta justa. Não será de outra maneira.' Assim endereçados por Duryodhana, todos os Kshatriyas lá aplaudiram aquele discurso e deram vivas ao rei, dizendo, 'Excelente, Excelente!' Sem se afligirem em absoluto por sua derrota, e firmemente decididos a mostrar sua coragem, todos eles, estando determinados a lutar, ficaram cheios de entusiasmo. Tendo tratado seus animais, os Kauravas, se deleitando na expectativa da batalha, ocuparam seus alojamentos (para a noite) em um local distante um pouco menos de dois Yojanas do campo. Tendo alcançado o Sarasvati de águas vermelhas no sagrado e belo platô na base de Himavat, eles se banharam naquela água e mataram sua sede com ela. Sua disposição fortalecida por teu filho, eles continuaram a esperar (em sua área de descanso). Mais uma vez encontrando consigo mesmos assim como uns com os outros, todos aqueles Kshatriyas, ó rei, instigados pelo destino, esperaram (em seu acampamento).'"

6

"Sanjaya disse, 'Naquele platô na base de Himavat, aqueles guerreiros, ó monarca, se deleitando na expectativa da batalha e reunidos passaram a noite. De fato, Shalya e Chitrasena e o poderoso guerreiro em carro Shakuni e Ashvatthama e Kripa e Kritavarma da linhagem Satwata, e Sushena e Arishtasena e Dhritasena de grande energia e Jayatsena e todos esses reis passaram a noite lá. Depois que o heróico Karna tinha sido morto em batalha, teus filhos, inspirados com medo pelos Pandavas desejosos de vitória, fracassaram em obter paz em qualquer lugar além das montanhas de Himavat. Todos eles então, ó rei, que eram determinados em batalha, reverenciaram devidamente o rei e disseram a ele, na presença de Shalya, essas palavras, 'Cabe a ti lutar com o inimigo, depois de ter feito alguém o generalíssimo do teu exército, protegido por quem em batalha nós iremos derrotar nossos inimigos.' Então Duryodhana, sem descer de seu carro (procedeu em direção) àquele principal dos guerreiros em carros, aquele herói conhecedor de todas as regras de batalha (Ashvatthama), que parecia o próprio Destruidor em batalha. Possuidor de membros belos, de cabeça bem coberta, de um pescoço adornado com três linhas como aquelas em uma concha, de fala gentil, de olhos parecendo as pétalas de um lótus completamente desabrochado, e de uma face semelhante àquela da nobreza de Meru, parecendo o touro de Mahadeva em relação a pescoço, olhos, andar, e voz, dotado de braços que eram grandes, massivos, e bem articulados, tendo um peito que era largo e bem-formado, igual a Garuda ou ao vento em velocidade e poder, dotado de um esplendor semelhante àquele dos raios do Sol, rivalizando o próprio Usanas em inteligência e a Lua em beleza e forma e charme de rosto, com um corpo que parecia ser feito de diversos lotos dourados, com juntas bem feitas, de coxas e cintura e quadris bem formados, de dedos belos, e belas unhas, ele parecia ter sido feito pelo Criador com cuidado depois de reunir um depois do outro todos os atributos bons e belos da criação. Possuidor de todos os sinais auspiciosos, e inteligente em todo ato, ele era um oceano de erudição. Sempre derrotando seus inimigos com grande velocidade, ele não podia ser subjugado à força por inimigos. Ele conhecia, em todos os seus detalhes, a ciência de armas consistindo em quatro padas e dez angas. Ele conhecia também os quatro Vedas com todos os seus ramos, e os Akhyanas como o quinto. Possuidor de grande mérito ascético, Drona, ele mesmo não nascido de mulher, tendo adorado a divindade de três olhos com grande atenção e votos rígidos, gerou-o em uma mulher não nascida de mulher. Se aproximando daquele personagem de façanhas inigualáveis, aquele que é sem igual em beleza sobre a Terra, aquele que dominou todos os ramos de conhecimento, aquele oceano de habilidades, aquele impecável Ashvatthama, teu filho disse a ele estas palavras, 'Tu, ó filho do preceptor, és hoje nosso maior refúgio. Diga-nos, portanto, quem deve ser o generalíssimo dos meus exércitos agora, colocando quem em nossa chefia, todos nós, reunidos, podemos derrotar os Pandavas?'"

"(Assim endereçado), o filho de Drona respondeu, 'Que Shalya se torne o líder do nosso exército. Em descendência, em coragem, em energia, em fama, em beleza pessoal, e em todas as outras habilidades, ele é superior. Consciente dos

serviços prestados a ele, ele adotou nosso lado, tendo abandonado os filhos de sua própria irmã. Possuindo um grande exército próprio, aquele poderosamente armado é como um segundo (Kartikeya, o) generalíssimo celeste. Fazendo aquele rei o comandante de nossas tropas, ó melhor dos monarcas, nós seremos capazes de obter vitória, como os deuses, depois de fazerem o invicto Skanda seu comandante.' Depois que o filho de Drona tinha dito estas palavras, todos os reis ficaram de pé, circundando Shalya, e gritaram vitória para ele. Tendo decidido lutar, eles sentiram grande alegria. Então Duryodhana, descendo de seu carro, uniu suas mãos e se dirigiu a Shalya, aquele rival de Drona e Bhishma em batalha, que estava em seu carro, dizendo estas palavras, 'Ó tu que és dedicado aos amigos, agora chegou aquela hora para teus amigos quando homens inteligentes examinam pessoas no disfarce de amigos quanto a se eles são verdadeiros amigos ou não. Corajoso como tu és, seja nosso generalíssimo na vanguarda do nosso exército. Quando tu procederes para a batalha, os Pandavas, com seus amigos, ficarão desanimados, e os Pancalas ficarão deprimidos.'"

"Shalya respondeu, 'Eu irei, ó rei dos Kurus, realizar isso que tu me pedes para realizar. Tudo o que eu tenho, meu ar vital, meu reino, minha riqueza, está a teu serviço.'"

"Duryodhana disse, 'Eu te solicito com oferta da liderança do meu exército, ó tio materno. Ó principal dos guerreiros, nos proteja incomparavelmente, assim como Skanda protegeu os deuses em batalha. Ó principal dos reis, tu mesmo faça tua própria pessoa ser instalada no comando como o filho de Pavaka Kartikeya no comando dos celestiais. Ó herói, mate nossos inimigos em batalha como Indra matando os Danavas.'"

7

"Sanjaya disse, 'Ouvindo estas palavras do rei (Kuru), o valente monarca (Shalya), ó rei, disse essas palavras para Duryodhana em resposta, 'Ó poderosamente armado Duryodhana, ouça-me, ó principal dos homens eloquentes. Tu consideras os dois Krishnas, quando em seu carro, como os principais dos guerreiros em carros. Eles juntos não são, no entanto, iguais a mim em poder de armas. O que eu preciso dizer dos Pandavas? Quando enfurecido, eu posso lutar, na vanguarda da batalha, com o mundo inteiro consistindo nos deuses, Asuras, e homens, pegando em armas. Eu derrotarei os Parthas reunidos e os Somakas em batalha. Sem dúvida, eu me tornarei o líder das tuas tropas. Eu formarei tal ordem de batalha que nossos inimigos não poderão superá-la. Eu digo isto para ti, ó Duryodhana. Não há dúvida nisto.' Assim endereçado (por Shalya), o rei Duryodhana alegremente derramou água santificada, sem perder tempo, ó melhor dos Bharatas, sobre o soberano dos Madras, no meio de suas tropas, segundo os ritos ordenados nas escrituras, ó monarca. Depois de Shalya ter sido investido com o comando, altos rugidos leoninos se elevaram dentre tuas tropas e diversos instrumentos musicais também, ó Bharata, foram batidos e soprados. Os guerreiros Kaurava ficaram muito alegres, como também os poderosos guerreiros em carros entre os Madrakas. E todos eles louvaram o nobre Shalya, aquele

ornamento de batalha, dizendo, ‘Vitória para ti, ó rei. Vida longa para ti! Mate todos os inimigos reunidos! Tendo obtido o poder de tuas armas, que os Dhartarashtras dotados de grande força governem a vasta Terra sem um inimigo. Tu és capaz de subjugar em batalha os três mundos consistindo nos deuses e Asuras, o que dizer então dos Somakas e dos Srinjayas que são mortais?’ Assim elogiado, o rei poderoso dos Madrakas obteve grande alegria que é inalcançável por pessoas de almas não refinadas.'"

"Shalya disse, 'Hoje, ó rei, eu irei ou matar todos os Pancalas com os Pandavas em batalha, ou, morto por eles, irei para o céu. Que o mundo me veja hoje me movendo (no campo de batalha) destemidamente. Hoje que todos os filhos de Pandu, e Vasudeva, e Satyaki, e os filhos de Draupadi, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e todos os Prabhadrakas contemplem minha destreza e o grande poder do meu arco, e minha rapidez, e a energia de minhas armas, e a força de meus braços, em batalha. Que os Parthas, e todos os Siddhas com os Charanas vejam hoje a força que há em meus braços e a abundância de armas que eu possuo. Vendo hoje minha bravura, que os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, desejosos de neutralizá-la, adotem diversos modos de ação. Hoje eu derrotarei as tropas dos Pandavas em todos os lados. Superando Drona e Bhishma e o filho do Suta, ó senhor, em batalha, eu me movimentarei rapidamente no campo, ó Kaurava, para fazer o que é agradável para ti.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Shalya tinha sido investido com o comando, ó concessor de honras, ninguém entre tuas tropas, ó touro da raça Bharata, sentiu mais qualquer aflição por conta de Karna. De fato, as tropas ficaram alegres e contentes. Elas consideraram os Parthas como já mortos e trazidos sob o poder do soberano dos Madras. Tendo obtido grande alegria, tuas tropas, ó touro da raça Bharata, dormiram aquela noite tranquilamente e ficaram muito alegres. Ouvindo aqueles gritos do teu exército, o rei Yudhishthira, se dirigindo a ele da linhagem de Vrishni, disse estas palavras, na audição de todos os Kshatriyas, ‘O soberano dos Madras, Shalya, aquele grande arqueiro que é muito respeitado por todos os guerreiros, ó Madhava, foi feito o líder de suas tropas pelo filho de Dhritarashtra. Sabendo isso que aconteceu, faça, ó Madhava, aquilo que é benéfico. Tu és nosso líder e protetor. Faça aquilo que deve ser feito em seguida.’ Então Vasudeva, ó monarca, disse para o rei, ‘Eu conheço Artayani, ó Bharata, realmente. Dotado de coragem e grande energia, ele é muito renomado. Ele é habilidoso, conhecedor de todos os modos de guerra, e possuidor de grande agilidade de mão. Eu penso que o soberano dos Madras em batalha é igual a Bhishma ou Drona ou Karna, ou talvez, superior a eles. Eu, ó soberano de homens, mesmo após reflexão, não encontro o guerreiro que possa ser um páreo para Shalya enquanto engajado em combate. Em batalha, ele é superior em poder a Shikhandi e Arjuna e Bhima e Satyaki e Dhrishtadyumna, ó Bharata. O rei dos Madras, ó monarca, dotado da bravura de um leão ou um elefante, se movimentará destemidamente em batalha como o próprio Destruidor entre as criaturas na época da destruição universal. Eu não vejo um páreo para ele em batalha exceto tu, ó tigre entre homens, que és possuidor de bravura igual àquela de um tigre. Exceto tu não há outra pessoa no céu ou neste mundo inteiro que, ó

filho da linhagem de Kuru, seja capaz de matar o soberano dos Madras quando excitado com cólera em batalha. Dia após dia envolvido em combate, ele agita tuas tropas. Por isso, mate Shalya em batalha, como Maghavat matando Samvara. Tratado com honra pelo filho de Dhritarashtra, aquele herói é invencível em batalha. Após a queda do soberano dos Madras em batalha, tu sem dúvida terás a vitória. Após sua morte, a vasta hoste Dhartarashtra será massacrada. Ouça, ó monarca, estas minhas palavras agora, proceda, ó Partha, contra aquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Madras. Mate aquele guerreiro, ó tu de armas poderosas, como Vasava matando o Asura Namuchi. Não há necessidade de mostrar alguma compaixão aqui, pensando que ele é teu tio materno. Mantendo os deveres de um Kshatriya diante de ti, mate o soberano dos Madras. Tendo cruzado os oceanos insondáveis representados por Bhishma e Drona e Karna, não afunde, com teus seguidores, na marca do casco de uma vaca representada por Shalya. Mostre em batalha todo o teu poder ascético e tua energia Kshatriya. Mate aquele guerreiro em carro.' Tendo dito estas palavras, Keshava, aquele matador de heróis hostis, procedeu para sua tenda à noite, reverenciado pelos Pandavas. Depois que Keshava tinha ido, o rei Yudhishthira o justo, dispensando todos os seus irmãos e os Somakas, dormiu tranquilamente aquela noite, como um elefante de cujo corpo os dardos foram extraídos. Todos aqueles grandes arqueiros dos Pancalas e Pandavas, encantados por causa da queda de Karna, dormiram tranquilamente aquela noite. Sua ansiedade dissipada, o exército dos Pandavas, cheio de arqueiros formidáveis e poderosos guerreiros em carros, tendo alcançado a margem por assim dizer, ficou muito feliz aquela noite, por causa da vitória, ó majestade, que ele tinha obtido pela morte de Karna.'"

8

"Sanjaya disse, 'Depois que aquela noite tinha passado, o rei Duryodhana então, se dirigindo a todos os teus soldados, disse, 'Armem-se, poderosos guerreiros em carros!' Ouvindo a ordem do rei, os guerreiros começaram a colocar suas armaduras. Alguns começaram a unir seus corcéis aos seus carros rapidamente, outros corriam para lá e para cá. Os elefantes começaram a ser equipados. Os soldados de infantaria começaram a se armar. Outros, numerando milhares, começaram a esticar tapetes nos terraços de carros. O barulho de instrumentos musicais, ó monarca, se ergueu lá, para aumentar o entusiasmo marcial dos soldados. Então todas as tropas, colocadas em seus próprios postos, foram vistas, ó Bharata, em posição, vestidas em armadura e decididas a fazer a morte sua meta. Tendo feito o soberano dos Madras seu líder, os grandes guerreiros em carros dos Kauravas, distribuindo suas tropas, permaneceram em divisões. Então todos os teus guerreiros, com Kripa e Kritavarma e o filho de Drona e Shalya e o filho de Subala e os outros reis que ainda estavam vivos, se reuniram com teu filho, e chegaram a este acordo, que nenhum deles lutaria individualmente e sozinho com os Pandavas. E eles disseram, 'Aquele entre nós que lutar, sozinho e não protegido, com os Pandavas, ou aquele que abandonar um companheiro engajado na luta, será maculado com os cinco pecados graves e

todos os pecados menores.' E eles disseram, 'Todos nós, juntos, lutaremos com o inimigo.' Aqueles grandes guerreiros em carros, tendo feito tal acordo uns com os outros colocaram o soberano dos Madras em sua dianteira e procederam rapidamente contra seus inimigos. Similarmente, todos os Pandavas, tendo organizado suas tropas em grande batalha, procederam contra os Kauravas, ó rei, para lutar com eles em toda parte. Logo, ó chefe dos Bharatas, aquela hoste, cujo barulho parecia aquele do oceano agitado, e que parecia ser extraordinária por causa de seus carros e elefantes, apresentava o aspecto do vasto oceano cheio com suas ondas.'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu ouvi a respeito da queda de Drona, de Bhishma e do filho de Radha. Fale-me agora da queda de Shalya e de meu filho. Como, de fato, ó Sanjaya, Shalya foi morto pelo rei Yudhishthira o justo? E como meu filho Duryodhana foi morto por Bhimasena de grande poder?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, com paciência, sobre a destruição de corpos humanos e a perda de elefantes e cavalos, enquanto eu descrevo (para ti) a batalha. A esperança se tornou forte, ó rei, nos peitos de teus filhos que, depois que Drona e Bhishma e o filho do Suta tinham sido derrubados, Shalya, ó majestade, mataria todos os Parthas em batalha. Nutrindo aquela esperança em seu coração, e tirando conforto disto, ó Bharata, teu filho Duryodhana, confiando em batalha naquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Madras, se considerou como possuidor de um protetor. Quando depois da queda de Karna os Parthas tinham proferido rugidos leoninos, um grande temor, ó rei, tinha possuído os corações dos Dhartarashtras. Encorajando-o devidamente, o valente rei dos Madras, tendo formado, ó monarca, uma ordem de batalha grandiosa cujos arranjos eram auspiciosos em todos os aspectos, procedeu contra os Parthas em batalha. E o heróico rei dos Madras procedeu, brandindo seu arco belo e extremamente forte capaz de dar uma grande velocidade às flechas disparadas dele. E aquele poderoso guerreiro em carro estava sobre o mais notável dos veículos, tendo cavalos da raça Sindhu unidos a ele. Sobre seu carro, seu motorista fez o veículo parecer resplandecente. Protegido por aquele carro, aquele herói, aquele bravo subjugador de inimigos (Shalya), permaneceu, ó monarca, dissipando os temores dos teus filhos. O rei dos Madras, vestido em armadura, procedia na frente da formação de combate, acompanhado pelos bravos Madrakas e os filhos invencíveis de Karna. À esquerda estava Kritavarma, cercado pelos Trigartas. Na direita estava Gautama (Kripa) com os Sakas e os Yavanas. Na retaguarda estava Ashvatthama circundado pelos Kambojas. No centro estava Duryodhana, protegido pelos principais dos guerreiros Kuru. Cercado por uma grande tropa de cavalaria e outras tropas, o filho de Subala Shakuni, como também o poderoso guerreiro em carro Uluka, procedeu com os outros. Os poderosos arqueiros entre os Pandavas, aqueles castigadores de inimigos, se dividindo, ó monarca, em três grupos, avançaram contra tuas tropas. Dhrishtadyumna e Shikhandi e o poderoso guerreiro em carro Satyaki procederam com grande velocidade contra o exército de Shalya. Então o rei Yudhishthira, acompanhado por suas tropas, avançou só contra Shalya, pelo desejo de matá-lo, ó touro da raça Bharata. Arjuna, aquele matador de grandes grupos de inimigos,

avançou com grande velocidade contra aquele grande arqueiro Kritavarma e os Samsaptakas. Bhimasena e os grandes guerreiros em carros entre os Somakas avançaram, ó monarca, contra Kripa, desejosos de massacrar seus inimigos em batalha. Os dois filhos de Madri, acompanhados por suas tropas, procederam contra Shakuni e o grande guerreiro em carro Uluka na dianteira de suas tropas. Similarmente, milhares e milhares de guerreiros do teu exército, armados com diversas armas e cheios de raiva, procederam contra os Pandavas naquela batalha.'"

"Dhritarashtra disse, 'Depois da queda do poderoso arqueiro Bhishma e Drona e do grande guerreiro em carro Karna, e depois que ambos, os Kurus e os Pandavas, tinham sido reduzidos em números, e quando, de fato, os Parthas, possuidores de destreza formidável, ficaram mais uma enfurecidos em batalha, qual, ó Sanjaya, era a força de cada um dos exércitos?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, como nós e o inimigo nos colocamos para a batalha naquela ocasião e qual era então a força dos dois exércitos. 11.000 carros, ó touro da raça Bharata, 10.700 elefantes, e 200.000 cavalos, e três milhões de soldados de infantaria compunham a força do teu exército. 6.000 carros, 6.000 elefantes, 10.000 cavalos, e um milhão de soldados de infantaria, ó Bharata, eram tudo o que compunha o resto do exército Pandava na batalha. Estes, ó touro da raça Bharata, encontraram uns aos outros para lutar. Tendo distribuído suas tropas dessa maneira, ó monarca, nós, excitados com ira e inspirados com desejo de vitória, procedemos contra os Pandavas, tendo nos colocado sob o comando do soberano dos Madras. Similarmente, os bravos Pandavas, aqueles tigres entre homens, desejosos de vitória, e os Pancalas possuidores de grande fama, foram para a batalha. Assim mesmo, ó monarca, todos aqueles tigres entre homens, desejosos de massacrar seus inimigos, enfrentaram uns aos outros ao amanhecer do dia, ó senhor. Então começou uma batalha feroz e terrível entre tuas tropas e o inimigo, os combatentes estando todos empenhados em atingir e massacrar uns aos outros.'"

9

"Sanjaya disse, 'Então começou a batalha entre os Kurus e os Srinjayas, ó monarca, que foi tão violenta e terrível como a batalha entre os deuses e os Asuras. Homens e multidões de carros e elefantes, e guerreiros em elefantes e cavaleiros aos milhares, e corcéis, todos possuidores de grande bravura, enfrentaram uns aos outros. O barulho alto de elefantes de formas medonhas avançando era então ouvido lá parecendo os rugidos das nuvens no céu, na estação das chuvas. Alguns guerreiros em carros, atingidos por elefantes, foram privados de seus carros. Desbaratados por aqueles animais enfurecidos outros bravos combatentes corriam no campo. Guerreiros em carros bem treinados, ó Bharata, com suas flechas, despachavam grandes grupos de cavalaria e os homens a pé que incitavam e protegiam os elefantes, para o outro mundo. Cavaleiros bem treinados, ó rei, cercando grandes guerreiros em carros, se

moviam rapidamente no campo, atingindo e matando os últimos com lanças e dardos e espadas. Alguns combatentes armados com arcos, cercando grandes guerreiros em carros, os despachavam para a residência de Yama, muitos lutando em conjunto contra homens sozinhos. Outros grandes guerreiros em carros, cercando elefantes e guerreiros principais de sua própria classe, matavam alguns poderosos entre aqueles que lutavam no campo, correndo a toda velocidade por toda parte. Similarmente, ó rei, elefantes, cercando guerreiros em carros individuais excitados com cólera e espalhando chuvas de flechas, os despachavam para o outro mundo. Guerreiros em elefantes avançando contra guerreiros em elefantes e guerreiros em carros contra guerreiros em carros naquela batalha matavam uns aos outros com dardos e lanças e flechas do comprimento de uma jarda, ó Bharata. Carros e elefantes e cavalos, esmagando soldados de infantaria no meio da batalha, eram vistos fazerem a confusão ficar pior. Enfeitados com rabos de iaque, corcéis avançavam para todos os lados, parecendo com os cisnes encontrados nas planícies na base de Himavat. Eles avançavam com tal velocidade que eles pareciam dispostos a devorar a própria Terra. O campo, ó monarca, denteado com os cascos daqueles corcéis, parecia belo como uma bela mulher portando as marcas das unhas (de seu amante) em seu corpo. Com o barulho feito pelo passo de heróis, as rodas de carros, os gritos de soldados a pé, os grunhidos de elefantes, o ribombo de baterias e outros instrumentos musicais, e o clangor de conchas, a Terra começou a ressoar como se com ribombos ensurdecedores de trovão. Por causa de arcos vibrando e sabres flamejando e das armaduras brilhantes dos combatentes, tudo ficou tão confuso lá que nada podia ser notado claramente. Inúmeros braços, cortados de corpos humanos, e parecendo com as presas de elefantes, pulavam e se contorciam e se moviam furiosamente em volta. O som feito, ó monarca, por cabeças caindo sobre o campo de batalha parecia aquele feito pelas frutas caindo de árvores de palmeira. Coberto com aquelas cabeças caídas que estavam carmesim com sangue, o solo parecia resplandecente como se adornado com lotos de cor dourada em sua época. De fato, com aquelas cabeças sem vida com olhos virados para cima, que estavam extremamente mutiladas (com flechas e outras armas), o campo de batalha, ó rei, parecia resplandecente como se coberto com lotos completamente desabrochados. Com os braços caídos dos combatentes, cobertos com sândalo e enfeitados com Keyuras valiosos, a terra parecia brilhante como se coberta com os postes magníficos erguidos em honra de Indra. O campo de batalha ficou coberto com as coxas de reis, cortadas naquela batalha e parecendo com trombas afiladas de elefantes. Cheio de centenas de troncos sem cabeça e coberto com guarda-sóis e rabos de iaque, aquele exército vasto parecia belo como uma floresta florescendo. Então, no campo de batalha, ó monarca, guerreiros corriam a toda velocidade destemidamente, seus membros banhados em sangue e, portanto, parecendo com Kinsukas florescentes. Elefantes também, afligidos com setas e lanças, caíam aqui e ali como nuvens rompidas caídas dos céus. Divisões de elefantes, ó monarca, massacradas por guerreiros de grande alma, se dispersavam em todas as direções como nuvens agitadas pelo vento. Aqueles elefantes, parecendo com nuvens, caíam sobre a terra, como montanhas partidas pelo raio, ó senhor, na ocasião da dissolução do mundo no fim do Yuga. Pilhas sobre pilhas, parecendo

com montanhas, eram vistas, jazendo sobre o solo, de corcéis caídos com seus cavaleiros. Um rio apareceu no campo de batalha, fluindo em direção ao outro mundo. Sangue formava suas águas e carros seus redemoinhos. Estandartes formavam suas árvores, e ossos seus seixos. Os braços (dos combatentes) eram seus jacarés, arcos sua corrente, elefantes suas rochas grandes, e cavalos suas menores. Gordura e medula formavam seu lodo, guarda-sóis seus cisnes, e maças suas balsas. Cheio de armaduras e proteções para a cabeça, bandeiras constituíam suas belas árvores. Abundando com rodas que formavam seus bandos de Chakravakas, ele estava coberto com Trivenus e Dandas. Inspirando os bravos com deleite e aumentando os medos dos tímidos, aquele rio aterrador começou, cujas margens abundavam com Kurus e Srinjayas. Aqueles guerreiros corajosos, com braços parecendo clavas com pontas, pela ajuda de seus veículos e animais servindo os propósitos de balsas e barcos, cruzavam aquele rio terrível que corria para a região dos mortos. Durante a continuação daquela batalha, ó monarca, na qual nenhuma consideração era mostrada por alguém para alguém, e que, repleta de destruição medonha dos quatro tipos de tropas, portanto, parecia a batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos, alguns entre os combatentes, ó opressor de inimigos, chamavam ruidosamente seus parentes e amigos. Alguns, chamados por parentes gritando, voltavam afligidos com medo. Durante a continuação daquela batalha violenta e horrível Arjuna e Bhimasena entorpeceram seus inimigos. Aquela tua vasta hoste, ó soberano de homens, assim massacrada, desfaleceu no campo, como uma mulher sob a influência de licor. Tendo entorpecido aquele exército, Bhimasena e Dhananjaya sopraram suas conchas e proferiram rugidos leoninos. Logo que eles ouviram aquele clangor alto, Dhrishtadyumna e Shikhandi, colocando o rei Yudhishthira em sua frente, avançaram contra o soberano dos Madras. Muito admirável e terrível, ó monarca, foi a maneira na qual aqueles heróis, unidamente e como grupos separados, então lutaram com Shalya. Os dois filhos de Madri, dotados de grande energia, habilidosos com armas, e invencíveis em batalha, procederam com grande velocidade contra tua hoste, inspirados com desejo de vitória. Então teu exército, ó touro da raça Bharata, mutilado de diversas maneiras com flechas pelos Pandavas ávidos pela vitória, começaram a fugir do campo. Aquela hoste, assim atingida e dividida por arqueiros firmes, ó monarca, fugiu para todos os lados na própria vista de teus filhos. Altos gritos de 'Oh!' e 'Ai!' ó Bharata, se ergueram dentre teus guerreiros, enquanto alguns Kshatriyas ilustres entre os combatentes desnorteados, desejosos de vitória, gritavam dizendo, ‘Parem, parem!’ Apesar disso, aquelas tuas tropas, divididas pelos Pandavas, fugiram, abandonando no campo seus filhos queridos e irmãos e tios maternos e sobrinhos e parentes por casamento e outros parentes. Incitando seus corcéis e elefantes à maior velocidade, milhares de guerreiros fugiram, ó touro da raça Bharata, concentrados somente na sua própria segurança.'"

10

"Sanjaya disse, 'Vendo o exército dividido, o valente rei dos Madras se dirigiu a seu motorista, dizendo, 'Incite rapidamente estes corcéis dotados da rapidez do pensamento. Lá está o rei Yudhishthira, o filho de Pandu, parecendo resplandecente com o guarda-sol suspenso sobre sua cabeça. Leve-me para lá com velocidade, ó motorista, e testemunhe meu poder. Os Parthas não podem resistir diante de mim em batalha.' Assim endereçado, o motorista do rei Madra procedeu para aquele local onde estava o rei Yudhishthira o justo de pontaria certeira. Shalya se lançou de repente sobre a hoste poderosa dos Pandavas. Sozinho, ele a deteve como o continente detendo o mar agitado. De fato, a grande força dos Pandavas, indo contra Shalya, ó majestade, ficou imóvel naquela batalha, como o mar agitado ao encontrar uma montanha. Vendo o soberano dos Madras posicionado para lutar no campo, os Kauravas retornaram, fazendo a morte sua meta. Depois que eles tinham voltado, ó rei, e separadamente tomado suas posições em ordem de batalha bem formada, começou um combate terrível, no qual sangue fluiu livremente como água.'"

"O invencível Nakula enfrentou Chitrasena. Estes dois heróis, ambos os quais eram arqueiros excelentes, se aproximando, encharcaram um ao outro com chuvas de flechas naquela batalha, como duas nuvens torrenciais surgidas no céu no sul e no norte. Eu não podia notar qualquer diferença entre o filho de Pandu e seu antagonista. Ambos eram habilidosos com armas, ambos dotados de força, e ambos conhecedores das práticas de guerreiros em carros. Um empenhado em matar o outro, eles esperavam atentamente os descuidos um do outro. Então Chitrasena, ó monarca, com uma flecha de cabeça larga, bem temperada e afiada, cortou o arco de Nakula no cabo. Destemidamente então o filho de Karna atingiu Nakula que estava sem arco na testa com três flechas equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra. Com umas poucas outras flechas afiadas ele então despachou os corcéis de Nakula para a residência de Yama. Em seguida, ele derrubou a bandeira e o motorista de seu oponente, cada um com três flechas. Com aquelas três flechas disparadas dos braços de seu inimigo fincadas em sua testa, Nakula, ó rei, parecia belo como uma montanha com três cristas. Privado de seu arco e seu carro, o bravo Nakula, pegando uma espada, saltou de seu veículo como um leão de um topo de montanha. Enquanto, no entanto, ele avançava a pé, seu adversário despejou uma chuva de flechas sobre ele. Possuidor de destreza ativa, Nakula recebeu aquela chuva de flechas em seu escudo. Alcançando o carro então de Chitrasena, o herói de braços fortes, o filho de Pandu, conhecedor de todos os modos de guerra e incapaz de ser cansado com esforço, subiu nele na própria vista de todas as tropas. O filho de Pandu então cortou do tronco de Chitrasena sua cabeça ornada com diadema enfeitada com brincos, e agraciada com um belo nariz e um par de olhos grandes. Nisto, Chitrasena, dotado do esplendor do sol, caiu no terraço de seu carro. Vendo Chitrasena morto, todos os grandes guerreiros em carros lá proferiram gritos altos de louvor e muitos rugidos leoninos. Enquanto isso, os dois filhos de Karna, Sushena e Satyasena, ambos os quais eram grandes guerreiros em carros, vendo seu irmão morto, dispararam chuvas de setas afiadas. Aqueles principais dos guerreiros em carros avançaram

com velocidade contra o filho de Pandu como um par de tigres, ó rei, na floresta profunda avançando contra um elefante pelo desejo de matá-lo. Ambos despejaram suas flechas afiadas sobre o poderoso guerreiro em carro Nakula. De fato, quando eles despejaram aquelas flechas, eles pareciam duas massas de nuvens derramando chuva em torrentes. Embora completamente perfurado com flechas, o valente e heróico filho de Pandu alegremente pegou outro arco depois de subir em outro carro, e permaneceu em batalha como o próprio Destruidor em fúria. Então aqueles dois irmãos, ó monarca, com suas flechas retas, cortaram o carro de Nakula em fragmentos. Então Nakula, dando risada, atingiu os quatro corcéis de Satyasena com quatro flechas afiadas e penetrantes naquele combate. Mirando uma flecha longa provida de asas de ouro, o filho de Pandu então cortou, ó monarca, o arco de Satyasena. Nisto, o último, subindo em outro carro e pegando outro arco, como também seu irmão Sushena, avançou contra o filho de Pandu. O valente filho de Madri destemidamente perfurou cada um deles, ó monarca, com um par de flechas na vanguarda da batalha. Então o poderoso guerreiro em carro Sushena, cheio de ira, cortou naquela batalha, dando risada, o arco formidável do filho de Pandu com uma flecha de cabeça de navalha. Então Nakula, insensível com raiva, pegou outro arco e perfurou Sushena com cinco flechas e atingiu seu estandarte com uma. Sem perder um momento, ele então cortou o arco e a proteção de couro de Satyasena também, ó majestade, pelo que todas as tropas lá proferiram um grito alto. Satyasena, pegando outro arco matador de inimigos que era capaz de suportar uma grande tensão, encobriu o filho de Pandu com flechas de todos os lados. Desviando aquelas flechas, Nakula, aquele matador de heróis hostis, perfurou cada um de seus antagonistas com um par de flechas. Cada um dos últimos separadamente perfurou o filho de Pandu em retorno com muitas flechas de curso reto. Em seguida eles perfuraram o motorista de Nakula também com muitas flechas afiadas. O valente Satyasena então, dotado de grande agilidade de mão, cortou sem ajuda de seu irmão os varais do carro de Nakula e seu arco com par de setas. O Atiratha Nakula, no entanto, ficando em seu carro, pegou um dardo equipado com um cabo dourado e uma ponta muito afiada, e embebido em óleo e muito brilhante. Ele parecia, ó senhor, uma cobra de veneno virulento, dardejando sua língua frequentemente. Erguendo aquela arma ele a arremessou em Satyasena naquele combate. Aquele dardo, ó rei, perfurou o coração de Satyasena naquela batalha e reduziu-o a cem fragmentos. Privado de seus sentidos e vida, ele caiu de seu carro no chão. Vendo seu irmão morto, Sushena, insensível com fúria, subitamente fez Nakula ficar sem carro naquela batalha. Sem perder um momento, ele despejou suas flechas sobre o filho de Pandu que lutava a pé. Vendo Nakula sem carro, o poderoso guerreiro em carro Sutasoma, o filho de Draupadi, avançou para aquele local para resgatar seu pai em batalha. Subindo então no carro de Sutasoma, Nakula, aquele herói da linhagem de Bharata, parecia belo como um leão sobre uma montanha. Então pegando outro arco ele lutou com Sushena. Aqueles dois grandes guerreiros em carros, se aproximando um do outro, e disparando chuvas de flechas, se esforçaram para causar a destruição um do outro. Então Sushena, cheio de raiva, atingiu o filho de Pandu com três flechas e Sutasoma com vinte nos braços e no peito. Nisto, o impetuoso Nakula, ó monarca, aquele matador de heróis hostis, cobriu todos os pontos do horizonte com flechas. Então pegando uma flecha

afiada dotada de grande energia e equipada com uma cabeça semicircular, Nakula disparou-a com grande força no filho de Karna naquela batalha. Com aquela flecha, ó melhor dos reis, o filho de Pandu cortou do tronco de Sushena a cabeça do último diante de todas as tropas. Aquele feito pareceu muito extraordinário. Assim morto pelo ilustre Nakula, o filho de Karna caiu como uma árvore alta na margem de um rio derrubada pela correnteza do rio. Vendo a morte dos filhos de Karna e a destreza de Nakula, teu exército, ó touro da raça Bharata, fugiu amedrontado. Seu comandante, no entanto, o bravo e valente soberano dos Madras, aquele castigador de inimigos, então protegeu, ó monarca, aquelas tropas naquela batalha. Reagrupando sua hoste, ó rei, Shalya permaneceu destemidamente em batalha, proferindo rugidos altos e fazendo seu arco vibrar violentamente. Então tuas tropas, ó rei, protegidas em batalha por aquele arqueiro firme, procederam alegremente contra o inimigo mais uma vez de todos os lados. Aqueles guerreiros de grande alma, cercando aquele grande arqueiro, o governante dos Madras, permaneceram, ó rei, desejosos de lutar em todos os lados. Então Satyaki, e Bhimasena, e aqueles dois Pandavas, os filhos gêmeos de Madri, colocando aquele castigador de inimigos e residência de modéstia, Yudhishthira, em sua dianteira, e o cercando por todos os lados naquela batalha, proferiram rugidos leoninos. E aqueles heróis também fizeram um zunido alto com as flechas que eles disparavam e frequentemente davam diversos tipos de gritos. Sorridentes, todos os teus guerreiros, cheios de raiva, cercaram rapidamente o soberano dos Madras e resistiram pelo desejo de lutar. Então começou uma batalha, enchendo os tímidos de medo, entre teus soldados e o inimigo, ambos os quais fizeram a morte sua meta. Aquela luta entre combatentes destemidos, aumentando a população do reino de Yama, parecia, ó monarca, aquela entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos. Então o filho de estandarte de macaco de Pandu, ó rei, tendo massacrado os Samsaptakas em batalha, avançou contra aquela parte do exército Kaurava. Sorrindo, todos os Pandavas, encabeçados por Dhrishtadyumna, avançaram contra a mesma divisão, disparando chuvas de flechas afiadas. Oprimida pelos Pandavas, a hoste Kaurava ficou desnorteada. De fato, aquelas divisões então não podiam discernir os pontos cardeais e secundários do horizonte. Coberto com flechas afiadas disparadas pelos Pandavas, o exército Kaurava, privado de seus principais guerreiros, vacilou e se dividiu em toda parte. De fato, ó Kaurava, aquela tua hoste começou a ser massacrada pelos poderosos guerreiros em carros dos Pandavas. Similarmente, a hoste Pandava, ó rei, começou a ser massacrada às centenas e milhares naquela batalha por teus filhos por todos os lados com suas flechas. Enquanto os dois exércitos, extremamente excitados, estavam massacrando um ao outro dessa maneira, eles ficaram muito agitados como dois rios na estação das chuvas. Durante a continuação daquela batalha aterradora, ó monarca, um grande medo entrou nos corações dos teus guerreiros como também naqueles dos Pandavas.'"

11

Sanjaya disse, "Quando as tropas, massacradas uma pela outra, estavam agitadas dessa maneira, quando muitos dos guerreiros fugiram e os elefantes começaram a proferir gritos altos, quando os soldados de infantaria naquela batalha terrível começaram a gritar e lamentar alto, quando os corcéis, ó rei, corriam em diversas direções, quando a carnificina se tornou horrível, quando começou uma destruição terrível de todas as criaturas incorporadas, quando armas de vários tipos caíam ou se chocavam umas com as outras, quando carros e elefantes começaram a ser mutilados juntos, quando heróis sentiam grande deleite e covardes sentiam seus medos aumentados, quando combatentes enfrentavam uns aos outros pelo desejo de matança, naquela ocasião terrível de destruição de vida, durante a continuação daquele esporte terrível, isto é, daquela batalha medonha que aumentou a população do reino de Yama, os Pandavas massacravam tuas tropas com flechas afiadas, e, da mesma maneira, tuas tropas matavam aquelas dos Pandavas.

Durante aquela batalha que inspirava os tímidos com terror, de fato, durante o progresso da batalha quando ela foi lutada naquela manhã por volta da hora do nascer do sol, os heróis Pandava de boa pontaria, protegidos por Yudhishthira de grande alma, lutaram com tuas tropas, fazendo a própria morte sua meta. O exército Kuru, ó tu da linhagem de Kuru, enfrentando os Pandavas orgulhosos dotados de grande força, hábeis em atacar, e possuidores de pontaria certeira, ficou enfraquecido e agitado como um bando de veados assustados por um incêndio florestal.

Vendo aquele exército enfraquecido e sem ação como uma vaca afundada em lama, Shalya, desejoso de resgatá-lo, procedeu contra o exército Pandava. Cheio de raiva, o soberano dos Madras, pegando um arco excelente, avançou para lutar contra os inimigos Pandava. Os Pandavas também, ó monarca, naquele combate, inspirados com desejo de vitória, procederam contra o soberano dos Madras e o perfuraram com flechas afiadas. Então o governante dos Madras, possuidor de grande força, afligiu aquela hoste com chuvas de flechas afiadas na própria vista do rei Yudhishthira o justo.

Naquela hora diversos presságios apareceram à vista. A própria Terra, com suas montanhas, tremeu, fazendo um barulho alto. Meteoros, com pontas afiadas brilhantes como aquelas de lanças providas de cabos, atravessando o ar, caíram sobre a Terra do firmamento. Veados e búfalos e aves, ó monarca, em grandes números, colocaram teu exército à sua direita, ó rei. Os planetas Vênus e Marte, junto com Mercúrio, apareceram na retaguarda dos Pandavas e à frente de todos os senhores de terra (Kaurava). Chamas ardentes pareciam emanar das pontas de armas, deslumbrando os olhos (dos guerreiros). Corvos e corujas em grandes números pousaram sobre as cabeças dos combatentes e nos topos de seus estandartes. Então uma batalha violenta teve lugar entre os combatentes Kaurava e Pandava, reunidos juntos em grandes grupos. Então, ó rei, os Kauravas, reunindo todas as suas divisões, avançaram contra o exército Pandava. De

espírito incapaz de ser deprimido, Shalya então despejou chuvas densas de flechas sobre Yudhishthira, o filho de Kunti, como Indra de mil olhos derramando chuva em torrentes. Possuidor de grande força, ele perfurou Bhimasena, e os cinco filhos de Draupadi e Dhristadyumna, os dois filhos de Madri com Pandu, e o neto de Sini, e Shikhandi também, cada um com dez flechas equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra. De fato, ele começou a derramar suas flechas como Maghavat (Indra) derramando chuva no fim do verão. Então os Prabhadrakas, ó rei, e os Somakas, foram vistos derrubados ou caindo aos milhares, por causa das flechas de Shalya. Numerosas como enxames de abelhas ou bandos de gafanhotos, as flechas de Shalya eram vistas cair como raios das nuvens. Elefantes e cavalos e soldados de infantaria e guerreiros em carros, afligidos pelas flechas de Shalya, caíam ou vagavam ou proferiam lamentos altos. Enfurecido com raiva e bravura, o soberano dos Madras cobriu seus inimigos naquela batalha como o Destruidor no fim do Yuga. O poderoso soberano dos Madras começou a rugir alto como as nuvens. O exército Pandava, assim massacrado por Shalya, correu em direção a Yudhishthira, o filho de Kunti (em busca de proteção). Possuidor de grande agilidade de mão, Shalya, tendo naquela batalha oprimido eles com flechas afiadas, começou a afligir Yudhishthira com uma chuva grossa de flechas. Vendo Shalya avançando impetuosamente em direção a ele com cavaleiros e soldados de infantaria, o rei Yudhishthira, cheio de ira, o deteve com flechas afiadas, assim como um elefante enfurecido é detido com ganhos de ferro. Então Shalya disparou uma flecha terrível em Yudhishthira que parecia uma cobra de veneno virulento. Atravessando o filho de grande alma de Kunti, aquela flecha caiu rapidamente sobre a terra. Então Vrikodara, cheio de fúria, perfurou Shalya com sete flechas, e Sahadeva o perfurou com cinco, e Nakula com dez. Os (cinco) filhos de Draupadi despejaram sobre aquele herói matador de inimigos, o impetuoso Artayani (Shalya), chuvas de flechas como uma massa de nuvens derramando chuva sobre uma montanha. Vendo Shalya atacado pelos Parthas de todos os lados, Kritavarma e Kripa avançaram em fúria para aquele local. Uluka também de energia poderosa, e Shakuni o filho de Subala, e o poderoso guerreiro em carro Ashvatthama com sorrisos em seus lábios, e todos os teus filhos protegeram Shalya de todas as maneiras naquela batalha. Perfurando Bhimasena com três flechas, Kritavarma, disparando uma chuva densa de flechas, deteve aquele guerreiro que então parecia ser a encarnação da ira. Excitado com raiva, Kripa atingiu Dhrishtadyumna com muitas flechas. Shakuni procedeu contra os filhos de Draupadi, e Ashvatthama contra os gêmeos. Aquele principal dos guerreiros, Duryodhana, possuidor de energia ardente, procedeu, naquela batalha, contra Keshava e Arjuna, e dotado de poder, ele atingiu ambos com muitas flechas. Assim centenas de combates, ó monarca, que eram violentos e belos, ocorreram entre teus homens e o inimigo, em diversas partes do campo. O chefe dos Bhojas então matou os cavalos marrons do carro de Bhimasena naquele combate. O filho de Pandu sem corcéis, descendo de seu carro, começou a lutar com sua maça, como o próprio Destruidor com clava erguida. O soberano dos Madras então matou os corcéis de Sahadeva diante de seus olhos. Então Sahadeva matou o filho de Shalya com sua espada. O preceptor Gautama (Kripa) mais uma vez lutou destemidamente com Dhrishtadyumna, ambos se esforçando com grande cautela. O filho do preceptor, Ashvatthama, sem muita fúria e como se

sorrindo naquela batalha, perfurou cada um dos cinco filhos heróicos de Draupadi com dez flechas. Uma vez mais os corcéis de Bhimasena foram mortos naquela batalha. O filho sem cavalos de Pandu, descendo rapidamente de seu carro, pegou sua maça como o Destruidor pegando sua clava. Excitado com cólera, aquele herói poderoso despedaçou os cavalos e o carro de Kritavarma. Saltando de seu veículo, Kritavarma então fugiu. Shalya também, excitado com raiva, ó rei, massacrou muitos Somakas e Pandavas, e afligiu novamente Yudhishthira com muitas flechas afiadas. Então o valente Bhima, mordendo seu lábio inferior, e furioso, pegou sua maça naquele combate e mirou-a em Shalya para a destruição do último. Parecendo a própria clava de Yama, pairando (sobre a cabeça do inimigo) como kala-ratri (trevas da morte), extremamente destrutiva das vidas de elefantes e cavalos e seres humanos, envolvida com tecido de ouro, parecendo com um meteoro flamejante, equipada com um gancho (com corrente), feroz como uma cobra, rígida como raio, e feita totalmente de ferro, coberta com pasta de sândalo e outros unguentos como uma dama desejável, suja com medula e gordura e sangue, parecendo a própria língua de Yama, produzindo sons agudos por causa dos sinos amarrados a ela, semelhante ao trovão de Indra, parecendo em forma uma cobra de veneno virulento totalmente livre de sua pele, encharcada com as secreções suculentas de elefantes, enchendo tropas hostis de terror e tropas aliadas de alegria, célebre no mundo dos homens, e capaz de partir topos de montanha, aquela maça, com a qual o filho poderoso de Kunti em Kailasa tinha desafiado o enfurecido Senhor de Alaka, o amigo de Maheshvara, aquela arma com a qual Bhima, embora resistido por muitos, em fúria tinha matado um grande número de Guhyakas orgulhosos dotados de poderes de ilusão no leito de Gandhamadana para obter flores Mandara para fazer o que era agradável para Draupadi, erguendo aquela maça que era valiosa com diamantes e jóias e pedras preciosas e possuidora de oito lados e célebre como o raio de Indra, o filho de braços fortes de Pandu agora avançou contra Shalya. Com aquela maça de som aterrador, Bhima, hábil em batalha, despedaçou os quatro cavalos de Shalya que eram possuidores de grande velocidade. Então o heróico Shalya, excitado com cólera naquela batalha, arremessou uma lança no peito largo de Bhima e proferiu um grito alto. Aquela lança, atravessando a armadura do filho de Pandu, penetrou em seu corpo. Vrikodara, no entanto, arrancando destemidamente aquela arma, perfurou com ela o motorista de Shalya no peito. Seus órgãos vitais perfurados, o motorista, vomitando sangue, caiu com coração agitado. Nisto, o soberano dos Madras desceu de seu carro e olhou desanimadamente para Bhima. Vendo sua própria façanha neutralizada dessa maneira, Shalya ficou muito surpreso. De alma tranquila, o soberano dos Madras pegou sua maça e começou a lançar seus olhares em seu inimigo. Vendo aquele seu feito terrível em batalha, os Parthas, com corações alegres, reverenciaram Bhima que era incapaz de se cansar com esforço.'"

12

"Sanjaya disse, 'Vendo seu motorista caído, Shalya, ó rei, pegou rapidamente sua maça feita totalmente de ferro e ficou imóvel como um touro. Bhima, no entanto, armado com sua maça poderosa, avançou impetuosamente em direção a Shalya que então parecia com o brilhante fogo Yuga, ou o Destruidor armado com o laço, ou a montanha Kailasa com seu topo formidável, ou Vasava com seu trovão, ou Mahadeva com seu tridente, ou um elefante enfurecido na floresta. Naquela hora o clangor de milhares de conchas e trombetas e rugidos leoninos altos se ergueram lá, aumentando a alegria de heróis. Os combatentes de ambos os exércitos, olhando para aqueles dois principais guerreiros de todos os lados, aplaudiram ambos, dizendo, 'Excelente, Excelente! Exceto o soberano dos Madras, ou Rama, aquele encantador dos Yadus, não há ninguém mais que possa se arriscar a resistir à impetuosidade de Bhima em batalha. Similarmente, exceto Bhima, não há outro guerreiro que possa se arriscar a aguentar a força da maça do rei ilustre dos Madras em batalha.' Aqueles dois combatentes então, Vrikodara e o soberano dos Madras, rugindo como touros, se movimentaram rapidamente em círculos, saltando frequentemente no ar. Naquele combate entre aqueles dois leões entre homens, nenhuma diferença podia ser notada entre eles em relação aos seus movimentos em círculos ou em seu manejo da maça. A maça de Shalya, envolvida com um tecido brilhante de ouro que parecia com um lençol de fogo, inspirava os espectadores com pavor. Da mesma maneira, a maça do Bhima de grande alma, enquanto o último se movia em círculos, parecia com o relâmpago no meio das nuvens. Atingida pelo soberano dos Madras com sua maça, a maça de Bhima, ó rei, produziu faíscas de fogo no céu o qual então pareceu estar em chamas. Similarmente, atingida por Bhima com sua maça, a maça de Shalya produziu uma chuva de carvões ardentes que parecia muito admirável. Como dois elefantes gigantescos atacando um ao outro com suas presas, ou dois touros enormes atingindo um ao outro com seus chifres, aqueles dois heróis começaram a golpear um ao outro com suas mais notáveis das maças, como um par de combatentes atingindo um ao outro com cassetetes protegidos com ferro. Seus membros sendo atingidos pela maça um do outro, eles logo ficaram banhados em sangue e pareciam mais belos em consequência como duas Kinsukas florescendo. Atingido pelo soberano dos Madras à sua esquerda e direita, Bhimasena de braços fortes permaneceu imóvel como uma montanha. Da mesma maneira, embora atingido repetidamente com a força da maça de Bhima, Shalya, ó rei, não se movia, como uma montanha atacada por um elefante com suas presas. O barulho feito pelos golpes das maças daqueles dois leões entre homens era ouvido em toda parte como ribombos sucessivos de trovão. Tendo parado por um momento, aqueles dois guerreiros de grande energia mais uma vez começaram, com maças erguidas, a se mover em círculos mais fechados. Mais uma vez teve lugar o choque entre aqueles dois guerreiros de façanhas sobre-humanas, cada um tendo avançado oito passos em direção ao outro, e cada um atacando o outro com sua maça de ferro erguida. Então, desejando alcançar um ao outro, eles se moveram em círculos novamente. Ambos habilidosos (no uso da maça) eles começaram a mostrar sua superioridade de habilidade. Erguendo suas

armas terríveis, eles então golpearam um ao outro novamente como montanhas atingindo uma à outra com seus topos na hora de um terremoto. Muito oprimidos pela maça um do outro por causa da força um do outro, ambos aqueles heróis caíram ao mesmo tempo como um par de postes erguidos para culto de Indra. Os bravos combatentes então de ambos os exércitos, àquela visão, proferiram gritos de 'Oh!' e 'Ai!' Atingidos com grande força em seus membros vitais, ambos tinham ficado extremamente agitados. Então o poderoso Kripa, colocando Shalya, aquele touro entre os Madras, em seu próprio carro, rapidamente o levou para longe do campo de batalha. Dentro, no entanto, de um piscar de olhos, Bhimasena, se levantando, e ainda cambaleando como se bêbado, desafiou, com maça erguida, o soberano dos Madras. Então os guerreiros heróicos do teu exército, armados com diversas armas, lutaram com os Pandavas, fazendo diversos instrumentos musicais serem soprados e batidos. Com braços e armas erguidos e fazendo um barulho alto, ó monarca, teus guerreiros encabeçados por Duryodhana avançaram contra os Pandavas. Vendo a hoste Kaurava, os filhos de Pandu, com rugidos leoninos, avançaram contra aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana. Então teu filho, ó touro da raça Bharata, escolhendo Chekitana entre aqueles heróis que avançavam, perfurou-o profundamente com uma lança no peito. Assim atacado por teu filho, Chekitana caiu no terraço de seu carro, coberto com sangue, e subjugado por um profundo desfalecimento. Vendo Chekitana morto, os grandes guerreiros em carros entre os Pandavas despejaram incessantemente suas chuvas de flechas (sobre os Kauravas). De fato, os Pandavas, inspirados com desejo de vitória, ó monarca, se movimentavam admiravelmente por todos os lados entre tuas divisões. Kripa, e Kritavarma, e o poderoso filho de Subala, colocando o soberano dos Madras diante deles, lutaram com o rei Yudhishthira o justo. Duryodhana, ó monarca, lutou com Dhrishtadyumna, o matador do filho de Bharadwaja, aquele herói dotado de energia e destreza abundantes. 3.000 carros, ó rei, despachados por teu filho e encabeçados pelo filho de Drona, lutaram com Vijaya (Arjuna). Todos aqueles combatentes, ó rei, tinham decidido firmemente obter vitória e rejeitado o medo em relação à própria vida. De fato, ó rei, teus guerreiros penetraram no meio do exército Pandava como cisnes em um lago vasto. Uma batalha violenta então ocorreu entre os Kurus e os Pandavas, os combatentes estando influenciados pelo desejo de matar uns aos outros e derivando grande prazer de dar e receber golpes. Durante a continuação, ó rei, daquela batalha que foi destrutiva de grandes heróis, um pó de terra, terrível de se ver, foi erguido pelo vento. Somente a partir dos nomes que nós ouvíamos (dos guerreiros Pandava) que eram proferidos no decorrer daquela batalha e daqueles (dos guerreiros Kuru) que eram proferidos pelos Pandavas, nós conhecíamos os combatentes que lutavam uns com os outros destemidamente. Aquela poeira, no entanto, ó tigre entre homens, logo foi dissipada pelo sangue que foi derramado, e todos os pontos do horizonte ficaram mais uma vez claros quando aquela escuridão empoeirada foi afastada. De fato, durante a continuação daquela batalha terrível e medonha, ninguém entre teus guerreiros ou aqueles do inimigo virou suas costas. Desejosos de alcançar as regiões de Brahman e ansiando vitória por luta justa, os combatentes mostraram sua coragem, inspirados com a esperança do céu. Para pagar a dívida que eles tinham com seus mestres por conta do sustento concedido pelos últimos, ou firmemente resolvidos a realizar os

objetivos de seus amigos e aliados, os guerreiros, com corações fixos no céu, lutaram uns com os outros naquela ocasião. Disparando e arremessando armas de diversos tipos, grandes guerreiros em carros rugiam ou golpeavam uns aos outros. 'Mate, fure, agarre, golpeie, corte!' Essas eram as palavras que eram ouvidas naquela batalha, proferidas pelos teus guerreiros e aqueles do inimigo. Então Shalya, ó monarca, desejoso de matá-lo, perfurou o rei Yudhishthira o justo, aquele poderoso guerreiro em carro com muitas flechas afiadas. Sabendo quais são os membros vitais do corpo, o filho de Pritha, no entanto, ó monarca, com a maior facilidade atingiu o soberano dos Madras com quatorze flechas do comprimento de uma jarda, visando os membros vitais do último. Resistindo ao filho de Pandu com suas flechas, Shalya de grande renome, cheio de raiva e desejoso de matar seu adversário, o perfurou naquela batalha com inúmeras flechas equipadas com penas Kanka. Mais uma vez, ó monarca, ele atingiu Yudhishthira com uma flecha reta na própria vista de todas as tropas. O rei Yudhishthira o justo, possuidor de grande fama e cheio de fúria, perfurou o soberano dos Madras com muitas flechas afiadas providas de penas de Kankas e pavões. O poderoso guerreiro em carro então perfurou Candrasena com setenta flechas e o motorista de Shalya com nove, e Drumasena com sessenta e quatro. Quando os dois protetores das rodas de seu carro tinham sido (assim) mortos pelo filho de grande alma de Pandu, Shalya, ó rei, matou vinte e cinco guerreiros entre os Cedis. E ele perfurou Satyaki com vinte e cinco setas afiadas, e Bhimasena com sete, e os dois filhos de Madri com cem, naquela batalha. Enquanto Shalya estava se movendo rapidamente dessa maneira naquela batalha, aquele melhor dos reis, o filho de Pritha, disparou nele muitas flechas que pareciam cobras de veneno virulento. Com uma flecha de cabeça larga, Yudhishthira o filho de Kunti então cortou de seu carro o estandarte mais alto de seu adversário quanto o último ficou em sua frente. Nós vimos o estandarte de Shalya, o qual foi assim cortado pelo filho de Pandu naquela grande batalha, cair como um topo de montanha partido. Vendo seu estandarte caído e observando o filho de Pandu permanecendo diante dele, o soberano dos Madras ficou cheio de fúria e disparou chuvas de flechas. Aquele touro entre os Kshatriyas, Shalya de alma incomensurável, despejou sobre os Kshatriyas naquela batalha chuvas grossas de flechas como a divindade das nuvens derramando torrentes de chuva. Perfurando Satyaki e Bhimasena e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, cada um com cinco flechas, ele afligiu muito Yudhishthira. Nós então, ó monarca, vimos uma rede de flechas espalhadas diante do peito do filho de Pandu como uma massa de nuvens elevadas. O poderoso guerreiro em carro Shalya, naquela batalha, cheio de raiva, cobriu Yudhishthira com flechas retas. Nisto, o rei Yudhishthira atormentado por aquelas chuvas de flechas, sentiu-se privado de sua destreza, assim como o Asura Jambha tinha ficado diante do matador de Vritra.'"

13

"Sanjaya disse, 'Quando o rei Yudhishthira o justo foi assim afligido pelo soberano de Madras, Satyaki e Bhimasena e os dois filhos de Madri com Pandu,

cercando Shalya com seus carros, começaram a afligi-lo naquela batalha. Vendo Shalya não protegido afligido dessa maneira por aqueles grandes guerreiros em carros (e vendo-o repelir com sucesso aqueles ataques), sons altos de aplausos foram ouvidos, e os Siddhas (que testemunhavam o combate) ficaram cheios de deleite. Os ascetas, reunidos (para testemunhar a batalha), declararam que isso era extraordinário. Então Bhimasena naquele combate, tendo perfurado Shalya que tinha se tornado (como seu nome sugeria) um dardo irresistível em destreza, com uma flecha, em seguida o perfurou com sete. Satyaki, desejoso de resgatar o filho de Dharma, perfurou Shalya com cem setas e proferiu um rugido leonino alto. Nakula o perfurou com cinco flechas, e Sahadeva com sete; o último então mais uma vez o perfurou com o mesmo tanto. O soberano heróico dos Madras, lutando com cautela naquela batalha, assim afligido por aqueles poderosos guerreiros em carros, puxou um arco formidável capaz de aguentar uma grande tensão e de conceder grande força às flechas disparadas dele, e perfurou Satyaki, ó majestade, com vinte e cinco flechas e Bhima com setenta e três e Nakula com sete. Então cortando com uma flecha de cabeça larga o arco, com flecha fixada na corda de Sahadeva, ele perfurou o próprio Sahadeva, naquela batalha, com setenta e três flechas. Sahadeva então, encordoando outro arco, perfurou seu tio materno de grande esplendor com cinco flechas que pareciam cobras de veneno virulento ou fogo ardente. Cheio de grande ira, ele então atingiu o motorista de seu adversário com uma flecha reta naquela batalha e então o próprio Shalya mais uma vez com três. Então Bhimasena perfurou o soberano dos Madras com setenta flechas, e Satyaki o perfurou com nove, e o rei Yudhishthira com sessenta. Assim perfurado, ó monarca, por aqueles poderosos guerreiros em carros, sangue começou a fluir do corpo de Shalya, como rios carmesim, escorrendo pelo leito de uma montanha de greda vermelha. Shalya, no entanto, rapidamente perfurou em retorno cada um daqueles grandes arqueiros com cinco flechas, ó rei, tal façanha pareceu muito extraordinária. Com outra flecha de cabeça larga, aquele poderoso guerreiro em carro então, ó majestade, cortou o arco encordoado do filho de Dharma naquele combate. Pegando outro arco, aquele grande guerreiro em carro, o filho de Dharma, cobriu Shalya, seus cavalos, e motorista, e bandeira, e carro, com muitas flechas. Assim coberto naquela batalha pelo filho de Dharma com suas flechas, Shalya atingiu o primeiro com dez flechas afiadas. Então Satyaki, cheio de raiva ao ver o filho de Dharma afligido dessa maneira com flechas, deteve o soberano heróico dos Madras com nuvens de flechas. Nisto, Shalya cortou com uma flecha de cabeça de navalha o arco formidável de Satyaki, e perfurou cada um dos outros guerreiros Pandava com três flechas. Cheio de raiva, ó monarca, Satyaki de destreza imbatível então arremessou em Shalya uma lança equipada com uma vara dourada e decorada com muitas jóias e pedras preciosas. Bhimasena disparou nele uma flecha do comprimento de uma jarda parecendo com uma cobra flamejante; Nakula arremessou nele um dardo, Sahadeva uma maça excelente, e o filho de Dharma um Sataghni impelido pelo desejo de liquidá-lo. O soberano dos Madras, no entanto, frustrou rapidamente naquela batalha todas aquelas armas, arremessadas nele dos braços daqueles cinco guerreiros, quando elas corriam em direção ao seu carro. Com várias flechas de cabeça larga Shalya cortou a lança arremessada por Satyaki. Possuidor de destreza e grande agilidade de mão, ele cortou em dois fragmentos a flecha decorada com ouro

disparada nele por Bhima. Ele então resistiu com nuvens de flechas ao dardo terrível, equipado com uma vara dourada, que Nakula tinha disparado nele e a maça também que Sahadeva tinha jogado. Com um par de outras flechas, ó Bharata, ele cortou o Sataghni disparado nele pelo rei, na própria vista dos filhos de Pandu, e proferiu um rugido leonino alto. O neto de Sini, no entanto, não pode tolerar a derrota de sua arma naquela batalha. Insensível com raiva, Satyaki pegou outro arco e perfurou o soberano dos Madras com duas flechas e seu motorista com três. Nisto, Shalya, ó monarca, excitado com raiva, perfurou profundamente todos eles com dez flechas, como pessoas perfurando elefantes poderosos com lanças de ponta afiada. Assim reprimidos naquela batalha pelo soberano dos Madras, ó Bharata, aqueles matadores de inimigos não podiam ficar na frente de Shalya. O rei Duryodhana, vendo a destreza de Shalya, considerou os Pandavas, os Pancalas, e os Srinjayas como já mortos. Então, ó rei, o poderosamente armado Bhimasena, possuidor de grande bravura e mentalmente decidido a abandonar seus ares vitais, enfrentou o soberano dos Madras. Nakula e Sahadeva e Satyaki de grande poder, cercando Shalya, dispararam suas flechas nele de todos os lados. Embora cercado por aqueles quatro formidáveis arqueiros e poderosos guerreiros em carros entre os Pandavas, o soberano valente dos Madras ainda lutou com eles. Então, ó rei, o filho nobre de Dharma, naquela batalha terrível, cortou rapidamente com uma flecha de cabeça de navalha um dos protetores das rodas do carro de Shalya. Quando aquele bravo e poderoso guerreiro em carro, aquele protetor da roda do carro de Shalya, foi assim morto, Shalya de grande força cobriu as tropas Pandava com chuvas de flechas. Vendo suas tropas cobertas com flechas, ó monarca, naquela batalha, o rei Yudhishthira o justo começou a refletir dessa maneira, 'Realmente, como aquelas graves palavras de Madhava se tornarão verdadeiras? Eu espero que o governante dos Madras, excitado com raiva, não aniquile meu exército em batalha.' Então os Pandavas, ó irmão mais velho de Pandu (Dhritarashtra), com carros e elefantes e corcéis, se aproximaram do soberano dos Madras e começaram o afligi-lo de todos os lados. Como o vento dispersando massas imensas de nuvens, o rei dos Madras, naquela batalha, dispersou aquela chuva erguida de flechas e diversos outros tipos de armas em profusão. Nós então vimos a torrente de flechas aladas com ouro disparadas por Shalya correndo pelo céu como um bando de gafanhotos. De fato, aquelas flechas disparadas pelo soberano dos Madras da dianteira da batalha eram vistas caírem como bandos de aves. Com as flechas enfeitadas com ouro que saíam do arco do rei Madra, o céu, ó monarca, ficou tão cheio que não havia uma polegada de espaço vazio. Quando uma escuridão densa apareceu, causada pelas flechas atiradas pelo soberano poderoso dos Madras devido à sua extrema agilidade de mãos naquela batalha aterradora, e quando eles contemplaram a vasta hoste dos Pandavas agitada dessa maneira por aquele herói, os deuses e os Gandharvas ficaram muito admirados. Afligindo com vigor todos os guerreiros Pandava com suas flechas de todos os lados, ó senhor, Shalya cobriu o rei Yudhishthira o justo e rugiu repetidamente como um leão. Os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, assim cobertos por Shalya naquela batalha, eram incapazes de proceder contra aquele grande herói para lutar com ele. Aqueles, no entanto, entre os Pandavas, que tinham

Bhimasena em sua chefia e que eram liderados pelo rei Yudhishthira o justo não fugiram daquele ornamento de batalha, o bravo Shalya.'"

14

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Arjuna, naquela batalha, perfurado com muitas flechas pelo filho de Drona como também pelos seguidores do último, os heróicos e poderosos guerreiros em carros entre os Trigartas, perfurou o filho de Drona em retorno com três flechas, e cada um dos outros guerreiros com duas. Mais uma vez o poderosamente armado Dhananjaya cobriu seus inimigos com chuvas de flechas. Embora atingidas por flechas afiadas e embora elas parecessem com porcos-espinhos por causa daquelas flechas fincadas em seus membros, ainda assim tuas tropas, ó touro da raça Bharata, não fugiram de Partha naquela batalha. Com o filho de Drona em sua liderança, eles cercaram aquele poderoso guerreiro em carro e lutaram com ele, disparando chuvas de flechas. As flechas enfeitadas com ouro, ó rei, disparadas por eles, encheram rapidamente o terraço do carro de Arjuna. Vendo aqueles dois grandes arqueiros, aqueles dois principais de todos os guerreiros, os dois Krishnas, cobertos com flechas, aqueles invencíveis combatentes (Kaurava) ficaram cheios de alegria. De fato, naquele momento, o Kuvara, as rodas, o mastro, os tirantes, a canga, e o Anukarsha, ó senhor, do carro de Arjuna ficaram completamente envolvidos com flechas. Algo igual ao que teus guerreiros então fizeram para Partha nunca antes, ó rei, tinha sido visto ou ouvido. Aquele carro parecia resplandecente com aquelas flechas afiadas de belas asas como um veículo celestial flamejando com centenas de tochas caídas sobre a Terra. Então Arjuna, ó monarca, cobriu aquela divisão hostil com chuvas de flechas retas como uma nuvem derramando torrentes de chuva em uma montanha. Atingidos naquela batalha com flechas gravadas com o nome de Partha, aqueles guerreiros, vendo aquele estado de coisas, consideraram o campo de batalha como cheio de Parthas. Então o fogo-Partha, tendo (flechas) como suas chamas maravilhosas e o som alto do Gandiva como o vento que o atiçava, começou a consumir o combustível constituído por tuas tropas. Então, ó Bharata, pilhas de rodas e cangas caídas, de aljavas, de bandeiras e estandartes, com os próprios veículos que os levavam, de varais e Anukarshas e Trivenus, de eixos e tirantes e aguilhões, de cabeças de guerreiros enfeitadas com brincos e proteções, de braços, ó monarca, e coxas às milhares, de guarda-sóis junto com leques, e de diademas e coroas, foram vistos ao longo das trilhas do carro de Partha. De fato, ao longo da trilha do carro do enfurecido Partha, ó monarca, o solo, lamacento com sangue, ficou intransitável, ó chefe dos Bharatas, como a área esportiva de Rudra. A cena inspirava os tímidos com medo e os bravos com deleite. Tendo destruído 2.000 carros com seus cercados, aquele opressor de inimigos, Partha, parecia com um fogo sem fumaça com chamas brilhantes. De fato, assim como o ilustre Agni quando ele se inflama (no fim do Yuga) para destruir o universo móvel e imóvel, assim mesmo parecia, ó rei, o poderoso guerreiro em carro Partha. Contemplando a bravura do filho de Pandu naquela batalha, o filho de Drona, em seu carro provido de muitos pendões, se esforçou

para detê-lo. Aqueles dois tigres entre homens, ambos tendo cavalos brancos unidos aos seus veículos e ambos considerados como os principais dos guerreiros em carros, rapidamente combateram um ao outro, cada um desejoso de matar o outro. As chuvas de flechas disparadas por ambos se tornaram extremamente terríveis e eram tão densas, ó touro da raça Bharata, como as torrentes de chuva despejadas por duas massas de nuvens no fim do verão. Um desafiando o outro, aqueles dois guerreiros mutilaram um ao outro com flechas retas naquela batalha, como um par de touros dilacerando um ao outro com seus chifres. A batalha entre eles, ó rei, foi lutada igualmente por um longo tempo. O estrondo de armas tornou-se terrificante. O filho de Drona então, ó Bharata, perfurou Arjuna com uma dúzia de flechas aladas com ouro de grande energia e Vasudeva com dez. Tendo mostrado por um tempo curto alguma consideração pelo filho do preceptor naquela grande batalha, Vibhatsu então, sorrindo, esticou seu arco Gandiva com força. Logo o poderoso guerreiro em Savyasaci (Arjuna) fez seu adversário ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro, e sem aplicar muita força o perfurou com três flechas. Ficando naquele carro sem cavalos, o filho de Drona, sorrindo, arremessou no filho de Pandu um malho pesado que parecia com uma maça ameaçadora com pontas de ferro. Vendo aquela arma, a qual era decorada com tecido de ouro, correndo em direção a ele, o heróico Partha, aquele matador de inimigos, cortou-a em sete fragmentos. Vendo seu malho cortado, o filho de Drona de grande ira pegou uma maça terrível equipada com pontas de ferro e parecendo com um topo de montanha. Habilidoso em batalha, o filho de Drona a arremessou então em Partha. Vendo aquela maça com ferrões correndo em direção a ele como o próprio Destruidor em fúria, o filho de Pandu Arjuna cortou-a rapidamente com cinco flechas excelentes. Cortada pelas flechas de Partha naquela batalha magnífica, aquela arma caiu no chão, partindo os corações, por assim dizer, ó Bharata, dos reis (hostis). O filho de Pandu então perfurou o filho de Drona com três outras flechas. Embora profundamente perfurado pelo poderoso Partha, o filho de Drona, no entanto, de grande força, confiando em sua própria coragem, não mostrou sinal de medo ou agitação. Aquele grande guerreiro em carro, o filho de Drona, então, ó rei, cobriu Suratha (o Pancala) com chuvas de flechas diante dos olhos de todos os Kshatriyas. Nisto, Suratha, aquele grande guerreiro em carro entre os Pancalas, naquela batalha, sobre seu carro cujo estrépito era tão profundo como o ribombo das nuvens avançou contra o filho de Drona. Esticando o principal de seus arcos, firme e capaz de aguentar uma grande tensão, o herói Pancala cobriu Ashvatthama com flechas que pareciam chamas de fogo ou cobras de veneno virulento. Vendo o grande guerreiro em carro Suratha avançando em direção a ele em fúria, o filho de Drona ficou cheio de raiva como uma cobra atingida com um pau. Enrugando sua fronte em três linhas, e lambendo os cantos de sua boca com sua língua, ele olhou furioso para Suratha e então esfregou a corda de seu arco e disparou uma flecha afiada do comprimento de uma jarda que parecia a vara fatal da Morte. Dotada de grande velocidade, aquela flecha perfurou o coração de Suratha e atravessando-o entrou na terra, fendendo-a, como o raio de Shakra lançado do céu. Atingido por aquela flecha, Suratha caiu no chão como um topo de montanha partido pelo raio. Depois da queda daquele herói, o valente filho de Drona, aquele principal dos guerreiros em carros subiu rapidamente no veículo de seu inimigo morto. Então, ó monarca, aquele guerreiro,

invencível em batalha, o filho de Drona, bem equipado com armadura e armas, e protegido pelos Samsaptakas, lutou com Arjuna. Aquele combate, na hora do meio-dia, entre um e muitos, aumentando a população dos domínios de Yama, tornou-se extremamente feroz. Extraordinária foi a visão que nós então contemplamos, pois, notando a coragem de todos aqueles combatentes, Arjuna, sozinho e não protegido, lutou com seus inimigos ao mesmo tempo. Foi muito violento o combate que ocorreu dessa maneira entre Arjuna e seus inimigos, parecendo aquele entre Indra, nos tempos passados, e a hoste vasta dos Asuras.'"

15

"Sanjaya disse, 'Duryodhana, ó rei, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, lutaram uma batalha feroz, usando flechas e dardos em profusão. Ambos, ó monarca, dispararam chuvas de flechas como torrentes de chuva despejadas pelas nuvens na estação chuvosa. O rei (Kuru), tendo perfurado com cinco flechas o matador de Drona, o filho de Prishata de flechas ardentes, perfurou-o novamente com sete flechas. Dotado de grande força e coragem imperturbável, Dhrishtadyumna, naquela batalha, afligiu Duryodhana com setenta flechas. Vendo o rei assim afligido, ó touro da raça Bharata, seus irmãos uterinos, acompanhados por uma grande tropa, cercaram o filho de Prishata. Cercado por aqueles Atirathas por todos os lados, o herói Pancala, ó rei, se movia rapidamente naquela batalha, mostrando sua rapidez no uso de armas. Shikhandi, protegido pelos Prabhadrakas, lutou com dois arqueiros Kuru, Kritavarma e o grande guerreiro em carro Kripa. Então também, ó monarca, aquela batalha se tornou violenta e aterradora já que os guerreiros estavam todos decididos a sacrificar suas vidas e já que todos eles lutavam fazendo da vida a aposta. Shalya, disparando chuvas de flechas para todos os lados, afligiu os Pandavas com Satyaki e Vrikodara entre eles. Com paciência e grande força, ó monarca, o rei dos Madras lutou ao mesmo tempo com os gêmeos (Nakula e Sahadeva), cada um dos quais parecia o próprio Destruidor em bravura. Os grandes guerreiros em carros entre os Pandavas que foram mutilados naquela grande batalha pelas flechas de Shalya fracassavam em achar um protetor. Então o heróico Nakula, o filho de Madri, vendo o rei Yudhishthira o justo muito atormentado, avançou com velocidade contra seu tio materno. Cobrindo Shalya naquela batalha (com muitas flechas), Nakula, aquele matador de heróis hostis, sorrindo, perfurou-o no centro do peito com dez flechas, feitas totalmente de ferro, polidas pelas mãos do ferreiro, equipadas com asas de ouro, afiadas em pedra, e impelidas de seu arco com grande força. Afligido por seu ilustre sobrinho, Shalya afligiu seu sobrinho em retorno com muitas flechas retas. Então o rei Yudhishthira, e Bhimasena, e Satyaki, e Sahadeva, o filho de Madri, todos avançaram contra o soberano dos Madras. O subjugador de inimigos, o generalíssimo do exército Kuru recebeu naquela batalha todos aqueles heróis que avançaram em direção a ele rapidamente, enchendo os pontos cardeais e secundários do horizonte com o estrépito de seus carros e fazendo Terra tremer com isso. Perfurando Yudhishthira com três flechas e Bhima com sete, Shalya perfurou Satyaki com cem fechas naquela batalha e Sahadeva com três. Então o

soberano dos Madras, ó majestade, cortou, com uma flecha de cabeça de navalha, o arco com flecha fixada nele de Nakula de grande alma. Atingido pelas flechas de Shalya, aquele arco se partiu em pedaços. Pegando outro arco, o filho de Madri, aquele grande guerreiro em carro rapidamente cobriu o soberano dos Madras com flechas aladas. Então Yudhishthira e Sahadeva, ó senhor, cada um perfurou o soberano dos Madras com dez flechas no peito. Bhimasena e Satyaki, avançando no soberano dos Madras, ambos o atingiram com flechas aladas com penas Kanka, o primeiro com sessenta, e o último com nove. Cheio de raiva nisto, o soberano dos Madras perfurou Satyaki com nove flechas e novamente com setenta flechas retas. Então, ó senhor, ele cortou no cabo o arco, com flecha fixada nele, de Satyaki e então despachou os quatro corcéis do último para a residência de Yama. Tendo feito Satyaki ficar sem carro, aquele poderoso guerreiro em carro, o governante dos Madras, o atingiu com cem flechas de todos os lados. Ele em seguida perfurou os dois filhos enfurecidos de Madri, e Bhimasena o filho de Pandu, e Yudhishthira, ó tu da linhagem de Kuru, com dez flechas cada um. A destreza que nós então vimos do soberano dos Madras foi muito extraordinária, já que os Parthas, mesmo unidamente, não podiam se aproximar dele naquela batalha. Sendo levado então sobre outro carro, o poderoso Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, vendo os Pandavas afligidos e sucumbindo ao soberano dos Madras, avançou com velocidade contra ele. Aquele ornamento de assembléias, Shalya, em seu carro, avançou contra o carro de Satyaki, como um elefante furioso contra outro. O conflito que então ocorreu entre Satyaki e o soberano heróico dos Madras tornou-se violento e maravilhoso de se contemplar, assim como aquele que ocorreu nos tempos passados entre o Asura Samvara e o chefe dos celestiais. Vendo o soberano dos Madras permanecendo à frente dele naquele combate, Satyaki perfurou-o com dez flechas e disse, 'Espere, Espere!' Profundamente perfurado por aquele guerreiro de grande alma, o soberano dos Madras perfurou Satyaki em retorno com flechas afiadas providas de penas belas. Aqueles grandes arqueiros então, os Parthas, vendo o rei dos Madras atacado por Satyaki, avançaram rapidamente em direção a ele pelo desejo de matar aquele tio materno deles. O combate que então ocorreu entre aqueles heróis que se esforçavam, marcado por um grande fluxo de sangue, tornou-se muito impressionante, como aquele que ocorre entre vários leões rugindo. A luta, ó monarca, que ocorreu entre eles parecia aquela que ocorre entre vários leões rugindo lutando entre si por causa de carne. Com as chuvas densas de flechas disparadas por eles, a Terra ficou totalmente envolvida, e o céu também se tornou subitamente uma massa de flechas. Por todo o campo uma escuridão foi causada por aquelas flechas. De fato, com as flechas disparadas por aqueles guerreiros ilustres, uma sombra como aquela das nuvens foi causada lá. Então, ó rei, com aquelas flechas brilhantes disparadas pelos guerreiros, que eram equipadas com asas de ouro e que pareciam com cobras totalmente livres de suas peles, os pontos do horizonte pareciam estar em chamas. Aquele matador de inimigos, Shalya, então realizou a façanha mais admirável, já que aquele herói sozinho e não protegido lutou com muitos heróis naquela batalha. A terra ficou coberta com as flechas brilhantes, providas de penas de Kankas e pavões, que caíam, disparadas dos braços do soberano dos Madras. Então, ó rei, nós vimos o carro de Shalya correndo a toda velocidade

naquela batalha terrível como o carro de Shakra nos tempos antigos na ocasião da destruição dos Asuras.'"

16

"Sanjaya disse, 'Então, ó senhor, tuas tropas, com Shalya em sua dianteira, avançaram novamente contra os Parthas naquela batalha com grande impetuosidade. Embora afligidas, ainda aquelas tuas tropas, que eram ferozes em batalha, avançando contra os Parthas, logo os agitaram por causa de seu número superior. Atacadas pelos Kurus, as tropas Pandava, na própria vista dos dois Krishnas, não ficaram no campo, embora Bhimasena procurasse detê-las. Cheio de raiva nisto, Dhananjaya cobriu Kripa e seus seguidores, como também Kritavarma, com chuvas de flechas. Sahadeva reprimiu Shakuni com todas as suas tropas. Nakula lançou seus olhares no soberano dos Madras de um de seus flancos. Os (cinco) filhos de Draupadi reprimiram numerosos reis (do exército Kuru). O príncipe Pancala Shikhandi resistiu ao filho de Drona. Armado com sua maça, Bhimasena manteve o rei sob controle, e o filho de Kunti Yudhishthira resistiu a Shalya na vanguarda de suas tropas. A batalha então começou novamente entre aqueles pares quando eles se encontraram, entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, nenhum dos quais alguma vez tinha fugido da luta. Nós então vimos o feito muito extraordinário que Shalya realizou, já que, sozinho, ele lutou com o exército Pandava inteiro. Shalya então, quando ele estava na vizinhança de Yudhishthira naquela batalha, parecia com o planeta Saturno na vizinhança da Lua. Afligindo o rei com flechas que pareciam cobras de veneno virulento, Shalya avançou contra Bhima, cobrindo-o com chuvas de flechas. Vendo aquela agilidade de mão e aquele domínio sobre armas mostrado por Shalya as tropas de ambos os exércitos o aplaudiram muito. Afligidos por Shalya os Pandavas, extremamente mutilados, fugiram, deixando a batalha, e desconsiderando os gritos de Yudhishthira mandando eles pararem. Enquanto suas tropas estavam sendo massacradas dessa maneira pelo soberano dos Madras, o filho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo, ficou cheio de raiva. Confiando em sua destreza, aquele poderoso guerreiro em carro começou a afligir o soberano dos Madras, decidido ou a ganhar a batalha ou encontrar com a morte. Convocando todos os seus irmãos e também Krishna da linhagem de Madhu, ele disse a eles, 'Bhishma, e Drona, e Karna, e os outros reis que empregaram sua destreza pelos Kauravas, todos pereceram em batalha. Vocês todos tem exercido seu valor de acordo com sua coragem e em relação às partes designadas para vocês. Somente uma parte, a minha, que é constituída pelo poderoso guerreiro em carro Shalya, resta. Eu desejo derrotar aquele soberano dos Madras hoje em batalha. Quaisquer desejos que eu tenha com relação à realização dessa tarefa eu agora direi a vocês. Estes dois heróis, os dois filhos de Madravati, se tornarão os protetores das minhas rodas. Eles são considerados como heróis incapazes de serem subjugados pelo próprio Vasava. Mantendo os deveres de um Kshatriya diante deles, estes dois que são dignos de todas as honras e que são firmes em seus votos lutarão com seu tio materno. Ou Shalya me matará em batalha ou eu irei matá-lo. Abençoados sejam vocês. Escutem essas palavras verdadeiras, ó

mais notáveis dos heróis no mundo. Cumpridor dos deveres Kshatriya, eu lutarei com meu tio materno, ó senhores de terra, firmemente resolvido ou a obter vitória ou ser morto. Que aqueles que equipam carros abasteçam rapidamente meu veículo, segundo as regras de ciência, com armas e todos os tipos de instrumentos em uma quantidade maior do que a de Shalya. O neto de Sini protegerá minha roda direita, e Dhrishtadyumna minha esquerda. Que o filho de Pritha Dhananjaya proteja hoje minha retaguarda. E que Bhima, aquele principal de todos os manejadores de armas, lute na minha frente. Eu assim serei superior a Shalya na grande batalha que acontecerá.' Assim endereçados pelo rei, todos os seus benquerentes fizeram como ele tinha requisitado. Então as tropas Pandava mais uma vez ficaram cheias de alegria, especialmente os Pancalas, os Somakas e os Matsyas. Tendo feito aquele voto, o rei procedeu contra o soberano dos Madras. Os Pancalas então sopraram inúmeras conchas e bateram inúmeras baterias e proferiram rugidos leoninos. Dotados de grande energia e cheios de fúria, eles avançaram, com gritos altos de alegria, contra o soberano dos Madras, aquele touro entre os Kurus. E eles fizeram a Terra ressoar com o barulho dos sinos dos elefantes, e o clangor alto de conchas e trombetas. Então teu filho e o valente soberano dos Madras, como as colinas Udaya e Asta, receberam aqueles atacantes. Se gabando de sua destreza em batalha, Shalya despejou uma chuva de flechas naquele castigador de inimigos, o rei Yudhishthira o justo, como Maghavat derramando chuva. O rei de grande alma dos Kurus, também tendo pegado seu belo arco mostrou aqueles diversos tipos de lições que Drona tinha ensinado a ele. E ele despejou sucessivas chuvas de setas extraordinariamente, rapidamente, e com grande habilidade. Enquanto ele se movimentava em batalha ninguém podia notar quaisquer lapsos nele. Shalya e Yudhishthira, ambos dotados de grande destreza em batalha, mutilaram um ao outro, como um par de tigres lutando por um pedaço de carne. Bhima estava envolvido em combate com teu filho, aquele encantador em batalha. O príncipe Pancala (Dhrishtadyumna), Satyaki, e os dois filhos de Madri com Pandu receberam Shakuni e os outros heróis Kuru em volta. Por consequência da tua má política, ó rei, ocorreu novamente lá naquele local uma batalha terrível entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, todos os quais estavam inspirados com o desejo de vitória. Duryodhana então, com uma flecha reta, mirando no estandarte enfeitado com ouro de Bhima, cortou-o naquela batalha. O belo estandarte de Bhimasena, adornado com muitos sinos, caiu, ó concessor de honras. Mais uma vez o rei, com uma flecha afiada de cabeça de navalha, cortou o belo arco de Bhima que parecia com a tromba de um elefante. Dotado de grande energia, Bhima sem arco então, aplicando sua destreza perfurou o peito do teu filho com um dardo. Nisto, teu filho sentou-se no terraço de seu carro. Quando Duryodhana desmaiou, Vrikodara mais uma vez, com uma flecha de face de navalha, cortou a cabeça de seu motorista de seu tronco. Os cavalos do carro de Duryodhana, privados de seu condutor, correram de modo selvagem para todos os lados, ó Bharata, arrastando o carro atrás deles, no que altos lamentos se ergueram (no exército Kuru). Então o poderoso guerreiro em carro Ashvatthama, e Kripa e Kritavarma seguiram aquele carro, desejosos de resgatar teu filho. As tropas (Kaurava, à visão disto) ficaram extremamente agitadas. Os seguidores de Duryodhana ficaram apavorados. Naquele momento, o manejador do Gandiva, esticando seu arco, começou a matá-los com suas

flechas. Então Yudhishthira, excitado com raiva, avançou contra o soberano dos Madras, ele mesmo incitando seus cavalos brancos como marfim e rápidos como pensamento. Nós então vimos algo que era extraordinário em Yudhishthira, o filho de Kunti, pois embora muito suave e brando ele então se tornou extremamente feroz. Com olhos arregalados e corpo tremendo em fúria, o filho de Kunti cortou guerreiros hostis às centenas e milhares por meio de suas flechas afiadas. Aqueles entre os soldados contra quem o Pandava mais velho procedeu foram derrubados por ele, ó rei, como topos de montanha partidos pelo raio. Lançando por terra carros com cavalos e motoristas e bandeiras e derrubando guerreiros em carros em grandes números, Yudhishthira, sem qualquer ajuda, começou a se divertir lá como um vento poderoso destruindo massas de nuvens. Cheio de raiva, ele destruiu cavalos com cavaleiros e cavalos sem cavaleiros e soldados de infantaria aos milhares naquela batalha, como Rudra destruindo criaturas vivas (na época da dissolução universal). Tendo feito o campo vazio por disparar suas flechas para todos os lados, Yudhishthira avançou contra o soberano dos Madras e disse, 'Espere, Espere!' Contemplando as façanhas então daquele herói de feitos terríveis, todos os teus guerreiros ficaram cheios de temor. Shalya, no entanto, procedeu contra ele. Os dois cheios de raiva, ambos sopraram suas conchas. Voltando e desafiando um ao outro, eles então se enfrentaram. Então Shalya cobriu Yudhishthira com chuvas de flechas. Similarmente, o filho de Kunti cobriu o soberano dos Madras com chuvas de flechas. Então aqueles dois heróis, o soberano dos Madras e Yudhishthira, mutilados naquela batalha pelas flechas um do outro e banhados em sangue, pareciam com uma árvore Salmali e uma Kinsuka decoradas com flores. Ambos possuidores de esplendor e ambos invencíveis em batalha, aqueles dois guerreiros ilustres proferiram rugidos altos. Vendo ambos, os soldados não podiam concluir qual deles seria vitorioso. Se o filho de Pritha desfrutaria da Terra, tendo matado Shalya, ou se Shalya tendo matado o filho de Pandu entregaria a Terra para Duryodhana, não podia ser determinado, ó Bharata, pelos guerreiros lá presentes. O rei Yudhishthira, no decorrer daquela batalha, colocou seus inimigos à sua direita. Então Shalya disparou cem das flechas principais em Yudhishthira. Com outra flecha muito afiada ele cortou o arco do último. Pegando outro arco, Yudhishthira perfurou Shalya com trezentas flechas e cortou o arco do último com uma flecha de face de navalha. O filho de Pandu então matou os quatro corcéis de seu oponente com algumas flechas retas. Com duas outras flechas muito afiadas ele então cortou os dois motoristas Parshni de Shalya. Então com outra flecha brilhante, bem temperada e afiada, ele cortou a bandeira de Shalya que estava na sua frente. Então, ó castigador de inimigos, o exército de Duryodhana se rompeu. O filho de Drona, nesse momento, procedeu depressa em direção ao soberano dos Madras que tinha sido reduzido àquela situação difícil, e colocando-o rapidamente em seu próprio carro, fugiu rapidamente. Depois que os dois tinham prosseguido por um momento, eles ouviram Yudhishthira rugir alto. Parando, o soberano dos Madras então subiu em outro carro que tinha sido equipado devidamente. Aquele melhor dos carros tinha um estrépito profundo como o ribombo das nuvens. Bem equipado com armas e instrumentos e todos os tipos de utensílios, aquele veículo fazia os cabelos de inimigos se arrepiarem.'"

17

"Sanjaya disse, 'Pegando outro arco que era muito forte e muito mais resistente, o soberano dos Madras perfurou Yudhishthira e rugiu como um leão. Então aquele touro entre os Kshatriyas, de alma incomensurável, despejou sobre todos os Kshatriyas chuvas de flechas, assim como a divindade das nuvens derramando chuva em torrentes. Perfurando Satyaki com dez flechas e Bhima com três e Sahadeva com o mesmo tanto, ele afligiu muito Yudhishthira. E ele afligiu todos os outros grandes arqueiros com seus corcéis e carros e elefantes com muitas flechas como caçadores afligindo elefantes com tições ardentes. De fato, aquele principal dos guerreiros em carros destruiu elefantes e condutores de elefantes, cavalos e cavaleiros e carros e guerreiros em carros. E ele cortou os braços de combatentes com armas em punho e estandartes de veículos, e fez o solo ser coberto com guerreiros (mortos) como o altar sacrifical com folhas de erva Kusa. Então os Pandus, os Pancalas, e os Somakas, cheios de raiva, cercaram aquele herói que estava massacrando suas tropas dessa maneira como a Morte todo-destrutiva. Bhimasena e o neto de Sini, e aqueles dois principais dos homens os dois filhos de Madri, cercaram aquele guerreiro enquanto ele estava lutando com o rei (Pandava) de poder terrível. E todos eles o desafiaram para a batalha. Então aqueles heróis, ó rei, tendo alcançado o soberano dos Madras, aquele principal dos guerreiros, em batalha, reprimiram aquele principal dos homens naquele combate e começaram a atacá-lo com flechas aladas de energia ardente. Protegido por Bhimasena, e pelos dois filhos de Madri, e por ele da linhagem de Madhu, o nobre filho de Dharma atingiu o soberano dos Madras no centro do peito com flechas aladas de energia ardente. Então os guerreiros em carros e outros combatentes do teu exército, vestidos em armadura e equipados com armas, vendo o soberano dos Madras extremamente afligido com flechas naquela batalha, o cercaram por todos os lados, por ordem de Duryodhana. O soberano dos Madras nessa hora perfurou rapidamente Yudhishthira com sete flechas naquela batalha. O filho de grande alma de Pritha, ó rei, em retorno, perfurou seu inimigo com nove flechas naquele combate aterrador. Aqueles dois grandes guerreiros em carros, o soberano dos Madras e Yudhishthira, começaram a cobrir um ao outro com flechas, lavadas em óleo e disparadas das cordas de seus arcos esticadas até suas orelhas. Aqueles dois melhores dos reis, ambos dotados de grande força, ambos incapazes de ser derrotados por inimigos, e ambos principais dos guerreiros em carros, atentos aos descuidos um do outro, rapidamente e profundamente perfuraram um ao outro com flechas. O barulho alto de seus arcos, cordas de arco, e palmas parecia aquele do trovão de Indra enquanto aqueles guerreiros de grande alma, o bravo soberano dos Madras e o heróico Pandava, despejavam um sobre o outro suas inúmeras flechas. Eles se moviam rapidamente no campo de batalha como dois tigres jovens na floresta profunda lutando por um pedaço de carne. Cheios de orgulho de bravura, eles mutilaram um ao outro como um par de elefantes enfurecidos providos de presas poderosas. Então o ilustre soberano dos Madras, dotado de impetuosidade feroz, aplicando seu vigor, perfurou o heróico Yudhishthira de poder terrível no peito com uma flecha possuidora do esplendor do fogo ou do sol. Profundamente perfurado, ó rei,

aquele touro da raça Kuru, o ilustre Yudhishthira, então atingiu o soberano dos Madras com uma flecha bem disparada e ficou cheio de alegria. Recuperando seus sentidos dentro de um instante, aquele principal dos reis (Shalya), possuidor de destreza igual àquela dele de 1.000 olhos, com olhos vermelhos de raiva, atacou rapidamente o filho de Pritha com cem flechas. Nisto, o filho ilustre de Dharma cheio de ira perfurou rapidamente o peito de Shalya e então, sem perder um momento, atingiu sua armadura dourada com seis flechas. Cheio de alegria, o soberano dos Madras então, esticando seu arco e tendo disparado muitas flechas, finalmente cortou, com um par de flechas de face de navalha, o arco de seu nobre inimigo, aquele touro da raça Kuru. O ilustre Yudhishthira então, pegando um arco novo e mais formidável naquela batalha, perfurou Shalya com muitas flechas de pontas afiadas de todos os lados como Indra perfurando o Asura Namuchi. O ilustre Shalya então, cortando as cotas de malha douradas de Bhima e do rei Yudhishthira com nove flechas, perfurou os braços de ambos. Com outra flecha de face de navalha dotada do esplendor do fogo ou do sol, ele então cortou o arco de Yudhishthira. Nesse momento Kripa, com seis flechas, matou o motorista do rei que então caiu na frente ao carro. O soberano dos Madras então matou com quatro flechas os quatro corcéis de Yudhishthira. Tendo matado os corcéis do rei, Shalya de grande alma então começou a matar as tropas do nobre filho de Dharma. Quando o rei (Pandava) tinha sido levado àquela situação, o ilustre Bhimasena, cortando rapidamente o arco do rei Madra com uma flecha de grande impetuosidade, perfurou profundamente o próprio rei com um par de flechas. Com outra flecha ele cortou a cabeça do motorista de Shalya de seu tronco, o meio do qual estava envolvido em armadura. Extremamente excitado com raiva, Bhimasena matou em seguida, sem tardar um momento, os quatro corcéis também de seu inimigo. Aquele principal de todos os arqueiros, Bhima, então cobriu com cem flechas aquele herói (Shalya), que, dotado de grande impetuosidade, estava se movendo rapidamente sozinho naquela batalha. Sahadeva, o filho de Madri, também fez o mesmo. Vendo Shalya entorpecido por aquelas flechas, Bhima cortou sua armadura com outras flechas. Sua armadura tendo sido cortada por Bhimasena, o soberano de grande alma dos Madras, pegando uma espada e um escudo ornado com 1.000 estrelas, saltou de seu carro e avançou em direção ao filho de Kunti. Cortando o varal do carro de Nakula, Shalya de força terrível avançou em direção a Yudhishthira. Vendo Shalya avançando impetuosamente em direção ao rei, assim como o próprio Destruidor avançando em fúria, Dhristadyumna e Shikhandi e os (cinco) filhos de Draupadi e o neto de Sini avançaram subitamente em direção a ele. Então o ilustre Bhima cortou com dez flechas o escudo incomparável do herói que avançava. Com outra flecha de cabeça larga ele cortou a espada também daquele guerreiro no punho. Cheio de alegria por isto, ele rugiu alto no meio das tropas. Vendo aquele feito de Bhima, todos os principais guerreiros em carros entre os Pandavas ficaram cheios de alegria. Dando risadas altas, eles proferiram rugidos ferozes e sopraram suas conchas brancas como a lua. Por causa daquele barulho terrível o exército protegido por teus heróis ficou desanimado, coberto com suor, banhado em sangue, extremamente triste e quase sem vida. O soberano dos Madras atacado por aqueles principais dos guerreiros Pandava encabeçados por Bhimasena prosseguiu (indiferente a deles) em direção a Yudhishthira, como um leão

procedendo para capturar um veado. O rei Yudhishthira o justo, sem cavalos e sem motorista, parecia com um fogo flamejante por causa da fúria com a qual ele estava então excitado. Vendo o soberano dos Madras diante dele, ele avançou em direção àquele inimigo com grande impetuosidade. Lembrando das palavras de Govinda, ele rapidamente colocou seu coração na destruição de Shalya. De fato, o rei Yudhishthira o justo, permanecendo em seu carro sem cavalos e sem motorista, desejou pegar um dardo. Observando aquele feito de Shalya e refletindo sobre o fato que o herói que tinha sido designado para ele como sua parte ainda permanecia vivo, o filho de Pandu colocou firmemente seu coração em efetuar aquilo que o irmão mais novo de Indra o tinha aconselhado realizar. O rei Yudhishthira o justo pegou um dardo cujo cabo era enfeitado com ouro e pedras preciosas e cuja refulgência era tão brilhante como aquela do ouro. Rolando seus olhos que estavam arregalados, ele lançou seus olhares no soberano dos Madras, seu coração cheio de raiva. Assim olhado, ó deus entre homens, por aquele rei de alma limpa e pecados todos purificados, o soberano dos Madras não foi reduzido a cinzas. Isso nos pareceu ser muito surpreendente, ó monarca. O chefe ilustre dos Kurus então arremessou com grande força no rei dos Madras aquele dardo brilhante de cabo belo e ardente e refulgente com pedras preciosas e corais. Todos os Kauravas viram aquele dardo resplandecente emitindo faíscas de fogo quando ele atravessou o céu depois de ter sido arremessado com grande força, assim como um meteoro grande caindo dos céus no fim do Yuga. O rei Yudhishthira o justo, naquela batalha, lançou cuidadosamente aquele dardo que parecia kala-ratri (a Noite da Morte) armado com o laço fatal ou a mãe adotiva de aspecto medonho do próprio Yama, e o qual como a maldição do Brahmana era incapaz de ser frustrado. Cuidadosamente os filhos de Pandu sempre tinham adorado aquela arma com perfumes e guirlandas e principais dos assentos e os melhores tipos de iguarias e bebidas. Aquela arma parecia flamejar como fogo-Samvartaka e era tão ameaçador como um rito realizado segundo o Atharvan de Agnirasa. Criado por Tvashtri (o artífice celeste) para o uso de Ishana, ele era um consumidor dos ares vitais e dos corpos de todos os inimigos. Ele era capaz de destruir por meio de sua força a Terra e o céu e todos os receptáculos de água e criaturas de todas as espécies. Adornado com sinos e pendões e pedras preciosas e diamantes e enfeitado com pedras de lápis lazúli e equipado com um cabo dourado, o próprio Tvashtri o tinha forjado com grande cuidado depois de ter observado muitos votos. Infalivelmente fatal, ele era destrutivo de todos os que odiavam Brahma. Tendo-o inspirado atentamente com muitos mantras aterradores, e o dotado de velocidade terrível pelo exercício de grande poder e grande cautela, o rei Yudhishthira arremessou-o pelo melhor dos caminhos para a destruição do soberano dos Madras. Dizendo em uma voz alta as palavras, 'Tu estás morto, ó canalha!' o rei o arremessou, assim como Rudra tinha, nos tempos passados, disparado sua flecha para a destruição do asura Andhaka, esticando seu forte braço (direito) agraciado com uma mão bela, e aparentemente dançando em fúria.

Shalya, no entanto, rugiu alto e se esforçou para pegar aquele dardo excelente de energia irresistível arremessado por Yudhishthira com toda força, assim como um fogo salta para pegar um jato de manteiga clarificada despejada sobre ele.

Atravessando seus próprios órgãos vitais e seu peito formoso e largo, aquele dardo entrou na terra tão facilmente como ele entraria em água sem a menor resistência e levando embora (com ele) a fama mundial do rei (dos Madras). Coberto com o sangue que emanava de suas narinas e olhos e orelhas e boca, e aquele que fluía de seu ferimento, ele então parecia com a montanha Krauncha de tamanho gigantesco quando ela foi perfurada por Skanda. Sua armadura tendo sido cortada por aquele descendente da linhagem de Kuru, o ilustre Shalya, forte como o elefante de Indra, esticando seus braços, caiu no chão, como um topo de montanha partido pelo raio. Esticando seus braços, o soberano dos Madras caiu no solo, com rosto dirigido para o rei Yudhishthira o justo, como um estandarte alto erigido para honra de Indra caído no chão. Como uma esposa querida avançando para receber seu caro marido prestes a cair em seu peito, a terra então pareceu, por afeição, se erguer um pouco para receber aquele touro entre homens quando ele caiu com membros mutilados banhados em sangue. O pujante Shalya, tendo desfrutado da terra por longo tempo como uma esposa querida, agora parecia dormir sobre o peito da terra, a abraçando com todos os seus membros. Morto pelo filho de Dharma de alma virtuosa em luta justa, Shalya pareceu assumir o aspecto de um fogo vistoso jazendo extinguido na plataforma sacrifical. Embora privado de armas e estandarte, e embora seu coração tivesse sido trespassado, a beleza ainda não pareceu abandonar o soberano sem vida dos Madras. Então Yudhishthira, pegando seu arco cujo esplendor parecia aquele do arco de Indra, começou a destruir seus inimigos naquela batalha como o príncipe das aves destruindo cobras. Com a maior velocidade ele começou a cortar os corpos de seus inimigos com suas flechas afiadas. Com as chuvas de flechas que o filho de Pritha então disparou, tuas tropas ficaram totalmente encobertas. Dominados pelo medo e com olhos fechados, eles começaram golpear uns aos outros (tão estupefatos eles estavam então). Com sangue emanando de seus corpos, eles ficaram privados de suas armas de ataque e defesa e privados de seus ares vitais. Após a queda de Shalya, o irmão mais jovem do rei dos Madras, que era igual ao seu irmão (falecido) em todas as habilidades, e que era considerado como um poderoso guerreiro em carro procedeu contra Yudhishthira. Invencível em batalha, desejoso de pagar as últimas dívidas de seu irmão, aquele principal dos homens rapidamente perfurou o Pandava com muitas flechas. Com grande velocidade o rei Yudhishthira o justo o perfurou com seis flechas. Com um par de flechas de face de navalha ele então cortou o arco e o estandarte de seu antagonista. Então com uma flecha brilhante e afiada de grande força e cabeça larga ele cortou a cabeça de seu inimigo que estava diante dele. Eu vi aquela cabeça enfeitada com brincos cair do carro como um habitante do céu caindo ao esgotamento de seus méritos. Vendo seu tronco sem cabeça, completamente banhado em sangue, caído do carro, as tropas Kaurava se dividiram. De fato, após a morte do irmão mais novo dos Madras vestido em bela armadura, os Kurus, proferindo gritos de ‘Ai!’ e ‘Oh!’ fugiram com rapidez. Vendo o irmão mais novo de Shalya morto, tuas tropas, sem esperança com relação a suas vidas, ficaram cheias de medo dos Pandavas e fugiram, cobertas com poeira. O neto de Sini então, Satyaki, ó touro da raça Bharata, disparando suas flechas, procedeu contra os apavorados Kauravas enquanto os últimos estavam fugindo. Então o filho de Hridika, ó rei, rapidamente e destemidamente recebeu aquele guerreiro invencível, aquele arqueiro irresistível

e poderoso, quando ele avançou (contra o exército vencido). Aqueles dois heróis ilustres e invencíveis da linhagem de Vrishni, o filho de Hridika e Satyaki, enfrentaram um ao outro como dois leões furiosos. Ambos parecendo o sol em refulgência, eles cobriram um ao outro com flechas de esplendor flamejante que pareciam os raios do sol. As flechas daqueles dois leões da raça Vrishni, disparadas violentamente de seus arcos, nós vimos, pareciam com insetos voando rapidamente no céu. Perfurando Satyaki com dez flechas e seus corcéis com três, o filho de Hridika cortou seu arco com uma flecha reta. Colocando de lado o melhor dos seus arcos que tinha sido cortado dessa maneira, aquele touro da raça Sini pegou rapidamente outro que era mais resistente do que o primeiro. Tendo pegado aquele mais notável dos arcos, aquele principal dos arqueiros perfurou o filho de Hridika com dez flechas no centro do peito. Então cortando seu carro e o varal também daquele carro com muitas flechas bem disparadas, Satyaki matou rapidamente os corcéis de seu oponente como também seus dois motoristas Parshni. O valente Kripa então, o filho de Saradwat, ó senhor, vendo o filho de Hridika sem carro, rapidamente o levou para longe, recebendo-o em seu carro. Após a morte do rei dos Madras e após Kritavarma ficar sem carro, o exército inteiro de Duryodhana mais uma vez desviou seu rosto da batalha. Nesse momento o exército foi coberto com uma nuvem de poeira. Nós não podíamos ver nada. A maior parte, no entanto, do teu exército caiu. Aqueles que permaneceram vivos tinham desviado seus rostos da batalha. Logo foi visto que aquela nuvem de pó de terra que tinha se erguido baixou, ó touro entre homens, por causa dos diversos rios de sangue que a encharcaram por todos os lados. Então Duryodhana, vendo de um ponto próximo seu exército dividido, resistiu sozinho a todos os Parthas avançando furiosamente. Vendo os Pandavas em seus carros como também Dhrishtadyumna o filho de Prishata e o invencível chefe dos Anartas (Satyaki), o rei Kuru cobriu todos eles com setas afiadas. O inimigo (naquela hora) não se aproximou dele, como criaturas mortais temendo se aproximar do Destruidor colocado diante delas. Enquanto isso o filho de Hridika, em outro carro, avançou para aquele local. O poderoso guerreiro em carro Yudhishthira então matou rapidamente os quatro corcéis de Kritavarma com quatro flechas, e perfurou o filho de Gotama com seis flechas de cabeça larga de grande força. Então Ashvatthama, recebendo em seu carro o filho de Hridika que tinha ficado sem cavalos e sem carro pelo rei (Pandava), levou-o para longe da presença de Yudhishthira. O filho de Saradwat perfurou Yudhishthira em retorno com oito flechas e seus cavalos também com oito flechas afiadas. Assim, ó monarca, as brasas daquela batalha começaram a brilhar aqui e ali, em consequência, ó rei, da má política tua e do teu filho, ó Bharata. Depois da morte daquele principal dos arqueiros no campo de batalha por aquele touro da raça Kuru, os Parthas, vendo Shalya morto, se uniram, e cheios de grande alegria, sopraram suas conchas. E todos eles aplaudiram Yudhishthira naquela batalha, assim como os celestiais nos tempos antigos aplaudiram Indra depois da morte de Vritra. E eles tocaram e sopraram diversos tipos de instrumentos musicais, fazendo a Terra ressoar em toda parte com aquele barulho.'"

18

"Sanjaya disse, 'Depois da morte de Shalya, ó rei, os seguidores do rei Madra, numerando dezessete centenas de heróicos guerreiros em carros, procederam para lutar com grande energia. Duryodhana montado sobre um elefante gigantesco como uma colina, com um guarda-sol suspenso sobre sua cabeça, e abanado com rabos de iaque, proibiu os guerreiros Madraka, dizendo, 'Não procedam, não procedam!' Embora repetidamente proibidos por Duryodhana, aqueles heróis, desejosos de matar Yudhishthira, penetraram na hoste Pandava. Aqueles bravos combatentes, ó monarca, leais a Duryodhana, vibrando seus arcos ruidosamente, lutaram com os Pandavas. Enquanto isso, sabendo que Shalya tinha sido morto e Yudhishthira estava sendo afligido pelos poderosos guerreiros em carros dos Madrakas dedicados ao bem-estar do rei Madraka, o grande guerreiro em carro Partha foi lá, esticando seu arco Gandiva, e enchendo a Terra com o estrépito de seu carro. Então Arjuna, e Bhima, e os dois filhos de Madri com Pandu, e aquele tigre entre homens, Satyaki, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e os Pancalas e os Somakas, desejosos de salvar Yudhishthira, o cercaram por todos os lados. Tendo tomado seus lugares em volta do rei, os Pandavas, aqueles touros entre homens, começaram a agitar a tropa hostil como Makaras agitando o oceano. De fato, eles fizeram teu exército tremer como uma tempestade poderosa sacudindo as árvores. Como o grande rio Ganges agitado por um vento hostil, a hoste Pandava, ó rei, mais uma vez ficou extremamente agitada. Fazendo aquela poderosa hoste tremer, os ilustres e poderosos guerreiros em carros (os Madrakas), todos gritaram ruidosamente, dizendo, 'Onde está aquele rei Yudhishthira? Por que seus bravos irmãos, os Pandavas, não são vistos aqui? O que aconteceu com os Pancalas de grande energia como também com o poderoso guerreiro em carro Shikhandi? Onde estão Dhrishtadyumna e o neto de Sini e aqueles grandes guerreiros em carros, os (cinco) filhos de Draupadi?' Nisto, aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Draupadi, começaram a massacrar os seguidores do rei Madra que estavam proferindo aquelas palavras e lutando vigorosamente. Naquela batalha, alguns entre tuas tropas eram vistos mortos por meio de seus estandartes altos. Vendo, no entanto, os heróicos Pandavas, os bravos guerreiros do teu exército, ó Bharata, embora proibidos por teu filho, ainda avançaram contra eles. Duryodhana, falando gentilmente, procurou impedir aqueles guerreiros de lutar com o inimigo. Nenhum grande guerreiro em carro, no entanto, entre eles obedeceu a sua ordem. Então Shakuni, o filho do rei Gandhara, possuidor de eloquência, ó monarca, disse para Duryodhana estas palavras, 'Como é que nós estamos parados aqui, enquanto a hoste Madraka está sendo massacrada diante de nossos olhos? Quando tu, ó Bharata, estás aqui, isto não parece certo! O acordo feito era que todos nós devíamos lutar juntos! Por que então, ó rei, tu toleras nossos inimigos quando eles estão massacrando nossas tropas dessa maneira?"

"Duryodhana disse, 'Embora proibidos por mim antes, eles não obedeceram minha ordem. Unidamente estes homens penetraram na hoste Pandava!"

"Shakuni disse, ‘Bravos guerreiros, quando excitados com raiva em batalha, não obedecem ao comando de seus líderes. Não cabe a ti ficar zangado com aqueles homens. Este não é o momento de permanecer indiferentemente. Nós iremos, portanto, todos nós, unidos junto com nossos carros e cavalos e elefantes, proceder para resgatar aqueles grandes arqueiros, os seguidores do rei Madra! Com grande cautela, ó rei, nós protegeremos uns aos outros.’ Pensando igual a Shakuni, todos os Kauravas então procederam para aquele local onde os Madras estavam. Duryodhana também, assim endereçado (por seu tio materno) procedeu, cercado por uma grande tropa, contra o inimigo, proferindo gritos leoninos e fazendo a Terra ressoar com aquele barulho. ‘Mate, fure, agarre, bata, corte!’ Esses eram os sons altos que eram ouvidos então, ó Bharata, entre aquelas tropas. Enquanto isso os Pandavas, vendo naquela batalha os seguidores do rei Madra os atacando conjuntamente, procederam contra eles, se organizando na forma chamada Madhyama. Lutando corpo a corpo, ó monarca, por um tempo curto aqueles guerreiros heróicos, os seguidores do rei Madra, foram vistos perecer. Então, enquanto nós estávamos procedendo, os Pandavas, reunidos e dotados de grande energia, completaram o massacre dos Madrakas, e, cheios de alegria, proferiram gritos alegres. Então formas sem cabeça foram vistas se erguerem por toda parte. Grandes meteoros pareciam cair do disco do sol. O solo ficou coberto com carros e cangas e eixos quebrados e guerreiros em carros mortos e cavalos sem vida. Corcéis velozes como o vento, ainda presos às cangas de carros (mas sem condutores para guiá-los) eram vistos arrastar guerreiros em carros, ó monarca, para lá e para cá no campo de batalha. Alguns cavalos eram vistos arrastar carros com rodas quebradas, enquanto alguns corriam para todos os lados, levando atrás deles partes de carros quebrados. Aqui e ali também eram vistos cavalos que estavam embaraçados em seus movimentos por causa de seus tirantes. Guerreiros em carros, enquanto caindo de seus carros, eram vistos cair como habitantes do céu no esgotamento de seus méritos. Quando os bravos seguidores do rei Madra tinham sido mortos, os poderosos guerreiros em carros dos Parthas, aqueles grandes batedores, vendo um grupo de cavalaria avançando em direção a eles, avançaram em direção a ele com velocidade pelo desejo de vitória. Fazendo suas flechas zunirem ruidosamente e fazendo diversos outros tipos de barulho misturado com o clangor de suas conchas, aqueles batedores eficazes possuidores de pontaria certeira, vibrando seus arcos, proferiram rugidos leoninos. Contemplando então aquela grande tropa do rei Madra exterminada e vendo também seu rei heróico morto em batalha, o exército inteiro de Duryodhana mais uma vez se desviou do campo. Atacado, ó monarca, por aqueles arqueiros firmes, os Pandavas, o exército Kuru fugiu para todos os lados, cheio de medo.'"

19

"Sanjaya disse, 'Após a queda daquele grande rei e poderoso guerreiro em carro, aquele herói invencível (Shalya) em batalha, tuas tropas como também teus filhos quase todos se dirigiram para longe da luta. De fato, após a morte daquele herói pelo ilustre Yudhishthira, tuas tropas eram como comerciantes naufragados

no vasto oceano sem uma balsa para cruzá-lo. Depois da queda do rei Madra, ó monarca, tuas tropas, tomadas pelo medo e mutiladas com flechas, eram como homens sem mestre desejosos de um protetor ou um bando de veados afligido por um leão. Como touros privados de seus chifres ou elefantes cujas presas foram quebradas, tuas tropas, derrotadas por Ajatasatru, fugiram ao meio-dia. Depois da queda de Shalya, ó rei, ninguém entre tuas tropas colocou seu coração em reagrupar o exército ou expor sua destreza. Aquele temor, ó rei, e aquela dor, os quais tinham sido nossos após a queda de Bhishma, de Drona, e do filho do Suta, ó Bharata, agora se tornaram nossos mais uma vez, ó monarca. Sem esperança de sucesso após a queda do poderoso guerreiro em carro Shalya, o exército Kuru, com seus heróis mortos e extremamente confusos, começou a ser derrubado com flechas afiadas. Após a morte do rei Madra, ó monarca, teus guerreiros todos fugiram amedrontados. Alguns no dorso de cavalos, alguns em elefantes, alguns em carros, grandes guerreiros em carros com grande velocidade, e soldados de infantaria também fugiram com medo. 2.000 elefantes, parecendo com colinas, e hábeis em atacar fugiram, depois da queda de Shalya, instigados adiante com ganchos e dedos dos pés. De fato, ó chefe dos Bharatas, teus soldados fugiram para todos os lados. Afligidos por flechas, eles foram vistos correr, respirando com dificuldade. Vendo eles derrotados e divididos e fugindo em desânimo, os Pancalas e os Pandavas, inspirados com desejo de vitória, os perseguiram então ardentemente. O zunido de flechas e outros barulhos, os rugidos leoninos altos, e o clangor de conchas de guerreiros heróicos tornaram-se tremendos. Contemplando a hoste Kaurava agitada com medo e fugindo, os Pancalas e os Pandavas se dirigiram uns aos outros, dizendo, 'Hoje o rei Yudhishthira, firme em verdade, derrotou seus inimigos. Hoje Duryodhana foi privado de seu esplendor e prosperidade reais. Hoje, sabendo da morte de seus filhos, que Dhritarashtra, aquele rei de homens, estupefato e prostrado no chão, sinta a angústia mais pungente. Que ele saiba hoje que o filho de Kunti é possuidor de grande poder entre todos os arqueiros. Hoje aquele rei pecaminoso e de coração perverso censurará a si mesmo. Que ele lembre hoje as palavras oportunas e benéficas de Vidura. Que ele a partir de hoje sirva os Parthas como seu escravo. Que aquele rei hoje sinta a aflição que foi sentida pelos filhos de Pandu. Que aquele rei conheça hoje a grandeza de Krishna. Que ele conheça hoje a vibração terrível do arco de Arjuna em batalha, como também a força de todas as suas armas, e o poder de seus braços em luta. Hoje ele conhecerá o poder aterrador de Bhima de grande alma quando Duryodhana for morto em batalha assim como o Asura Vali foi morto por Indra. Salvo Bhima de força imensa, não há ninguém mais neste mundo que possa realizar o que foi realizado pelo próprio Bhima na morte de Duhshasana. Sabendo da morte do soberano dos Madras que não podia ser derrotado pelos próprios deuses, aquele rei conhecerá a bravura do filho mais velho de Pandu. Depois da morte do filho heróico de Subala e de todos os Gandharas ele conhecerá a força, em batalha, dos dois filhos de Madri com Pandu. Por que a vitória não será deles que tem Dhananjaya como seu guerreiro, como também Satyaki, e Bhimasena, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, e os cinco filhos de Draupadi, e os dois filhos de Madri, e o poderoso arqueiro Shikhandi, e o rei Yudhishthira? Por que a vitória não será deles que tem como seu protetor Krishna, também chamado Janardana, aquele protetor do universo?

Por que a vitória não será deles que tem a virtude como seu refúgio? Quem mais além de Yudhishthira o filho de Pritha, que tem Hrishikesa, o refúgio da justiça e fama, como seu protetor, é competente para derrotar em batalha Bhishma e Drona e Karna e o soberano dos Madras e os outros reis às centenas e milhares?' Dizendo estas palavras e cheios de alegria, os Srinjayas perseguiram tuas tropas que tinham sido muito mutiladas por flechas naquela batalha. Então Dhananjaya de grande bravura procedeu contra a divisão de carros do inimigo. Os dois filhos de Madri e o poderoso guerreiro em carro Satyaki procederam contra Shakuni. Vendo eles todos fugindo rapidamente com medo de Bhimasena, Duryodhana como se sorrindo dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Partha, posicionado lá com seu arco, está me ultrapassando. Leve meus corcéis para a retaguarda do exército inteiro. Como o oceano que não pode ultrapassar seus continentes, o filho de Kunti Dhananjaya nunca se arriscará a me ultrapassar, se eu tomar minha posição na retaguarda. Veja, ó motorista, esta hoste vasta que é perseguida pelos Pandavas. Veja essa nuvem de pó que se ergueu em todos os lados por causa do movimento das tropas. Ouça aqueles diversos rugidos leoninos que são tão terríveis e altos! Portanto, ó motorista, proceda lentamente e tome tua posição na retaguarda. Se eu permanecer em combate e lutar com os Pandavas, meu exército, ó motorista, se reunirá e voltará com vigor para a batalha.' Ouvindo estas palavras do teu filho que eram adequadas a um herói e homem de honra, o motorista incitou lentamente aqueles corcéis em arreios de ouro. 21.000 soldados de infantaria, desprovidos de elefantes e corcéis e guerreiros em carros, e que estavam preparados para sacrificar suas vidas, ainda ficaram para lutar. Nascidos em diversos países e vindos de diversas cidades, aqueles guerreiros mantiveram seu terreno, desejosos de ganhar grande fama. O estrépito daqueles guerreiros avançando cheios de alegria tornou-se alto e extremamente terrível. Então Bhimasena, ó rei, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata resistiram a eles com quatro tipos de tropas. Outros soldados de infantaria procederam contra Bhima, proferindo gritos altos e golpeando seus peitos, todos influenciados pelo desejo de ir para o céu. Aqueles combatentes Dhartarashtra, cheios de ira e invencíveis em batalha, tendo se aproximado de Bhimasena, proferiram gritos furiosos. Eles então não falavam uns com os outros. Cercando Bhima naquela batalha, eles começaram a atacá-lo de todos os lados. Cercado por aquele grande grupo de guerreiros a pé e atacado por eles naquela batalha, Bhima não se moveu de onde ele estava fixo como a montanha Mainaka. Seus atacantes, enquanto isso, cheios de raiva, ó monarca, se esforçaram para afligir aquele poderoso guerreiro em carro dos Pandavas e deter outros combatentes (que tentavam resgatá-lo). Combatido por aqueles guerreiros, Bhima ficou cheio de fúria. Descendo rapidamente de seu carro, ele procedeu a pé contra eles. Pegando sua maça massiva adornada com ouro, ele começou a massacrar tuas tropas como o próprio Destruidor armado com sua clava. O poderoso Bhima, com sua maça, esmagou aqueles 21.000 soldados de infantaria que estavam sem carros e cavalos e elefantes. Tendo matado aquela divisão forte, Bhima, de destreza incapaz de ser frustrada, mostrou-se com Dhrishtadyumna em sua frente. Os soldados de infantaria Dhartarashtra, mortos dessa maneira, jaziam sobre o solo, banhados em sangue, como Karnikaras com suas cargas floridas derrubadas por uma tempestade. Enfeitados com guirlandas feitas de diversas espécies de flores, e

decorados com diversos tipos de brincos, aqueles combatentes de diversas raças, que tinham vindo de diversos reinos, jaziam no campo, privados de vida. Coberta com bandeiras e estandartes, aquela grande hoste de soldados de infantaria, assim derrubada, parecia feroz e terrível e horrível quando ela jazia no campo. Os poderosos guerreiros em carros, com seus seguidores, que lutavam sob o comando de Yudhishthira, todos perseguiram teu filho ilustre Duryodhana. Aqueles grandes arqueiros, vendo tuas tropas se desviarem da batalha, procederam contra Duryodhana, mas eles não podiam ultrapassá-lo assim como o oceano não pode ultrapassar seus continentes. A destreza que nós então vimos do teu filho foi muito admirável, já que todos os Parthas, unidos, não puderam ultrapassar ele sozinho. Então Duryodhana, se dirigindo ao seu próprio exército que não tinha fugido para longe, mas que, mutilado com flechas, tinha colocado seu coração na fuga, disse estas palavras, 'Eu não vejo o local em planície ou montanha, onde, se vocês fugirem, os Pandavas não perseguirão e matarão vocês! De que adianta fugir então? O exército dos Pandavas foi reduzido em números. Os dois Krishnas estão extremamente mutilados. Se todos nós resistirmos, a vitória certamente será nossa! Se vocês fugirem, perdendo toda a ordem, os pecaminosos Pandavas, os perseguindo irão matar vocês todos! Se, por outro lado, nós resistimos, benefício irá resultar para nós! Escutem, todos vocês Kshatriyas que são atacados aqui! Quando o Destruidor sempre mata heróis e covardes, que homem há tão estúpido que, chamando a si mesmo de Kshatriya, não lutará? Resultará em benefício para nós se nós permanecermos na frente do enfurecido Bhimasena! Morte em batalha, enquanto lutando segundo as práticas Kshatriya, é repleta de felicidade! Obtendo a vitória, uma pessoa obtem felicidade nesse mundo. Se morta, ela obtem grandes resultados no outro mundo! Vocês Kauravas, não há melhor caminho para o céu do que aquele oferecido pela batalha! Mortos em batalha, vocês podem, sem demora, alcançar todas aquelas regiões de bem aventurança.' Ouvindo estas palavras dele, e as aplaudindo muito, os reis (Kuru) mais uma vez avançaram contra os Pandavas para lutar com eles. Vendo-os avançando com velocidade, os Parthas, organizados em formação de combate, hábeis em atacar, excitados com raiva, e inspirados com desejo de vitória, avançaram contra eles. O valente Dhananjaya, esticando seu arco Gandiva célebre pelos três mundos, procedeu em seu carro contra o inimigo. Os dois filhos de Madri e Satyaki avançaram contra Shakuni, e os outros heróis (Pandava), sorrindo, avançaram impetuosamente contra tuas tropas.'"

20

"Sanjaya disse, 'Depois que o exército (Kuru) tinha sido reagrupado, Shalva, o governante dos Mlecchas, cheio de raiva, avançou contra a grande tropa dos Pandavas, montado em um elefante gigantesco, com secreções emanando dos membros usuais, parecendo com uma colina, cheio de orgulho, parecendo o próprio Airavata, e capaz de esmagar grandes grupos de inimigos. O animal de Shalva nasceu de uma raça superior e nobre. Ele era sempre venerado pelo filho de Dhritarashtra. Ele estava devidamente equipado e devidamente treinado para a batalha, ó rei, por pessoas bem conhecedoras do treinamento de elefantes.

Montado sobre aquele elefante, aquele principal dos reis parecia com o sol da manhã no fim do verão. Montando naquele principal dos elefantes, ó monarca, ele procedeu contra os Pandavas e começou a perfurá-los por todos os lados com flechas afiadas e terríveis que pareciam o trovão de Indra em força. Enquanto ele disparava suas flechas naquela batalha e despachava guerreiros hostis para a residência de Yama, nem os Kauravas nem os Pandavas podiam notar quaisquer lapsos nele, assim como os Daityas, ó rei, não podiam notar algum em Vasava, o manejador do trovão, nos tempos antigos, enquanto o último estava empenhado em subjugar suas divisões. Os Pandavas, os Somakas, e os Srinjayas, viram aquele elefante parecendo com 1.000 elefantes se movendo rapidamente em volta deles, assim como os inimigos dos deuses tinham nos tempos passados contemplado o elefante de Indra em batalha. Agitado (por aquele animal), o exército hostil parecia por todos os lados como se privado de vida. Incapazes de permanecer em batalha, eles então fugiram apavorados, esmagando uns aos outros enquanto eles corriam. Então a vasta hoste dos Pandavas, rompida pelo rei Salwa, fugiu subitamente para todos os lados, incapaz de resistir à impetuosidade daquele elefante. Vendo a hoste Pandava dividida e fugindo em velocidade, todos os principais dos guerreiros do teu exército reverenciaram o rei Salwa e sopraram suas conchas brancas como a lua. Ouvindo os gritos dos Kauravas proferidos em alegria e o clangor de suas conchas, o comandante das tropas Pandava e Srinjaya, o príncipe Pancala (Dhrishtadyumna), não pode, de raiva, suportar isso. O ilustre Dhrishtadyumna então, com grande velocidade, procedeu para subjugar o elefante, assim como o Asura Jambha tinha procedido contra Airavata, o príncipe dos elefantes que Indra montou no decorrer de seu combate com Vritra. Vendo o soberano dos Pandavas avançando impetuosamente contra ele, Salwa, aquele leão entre reis, rapidamente instigou seu elefante, ó rei, para a destruição do filho de Drupada. O último, vendo o animal se aproximando com precipitação, perfurou-o com três das flechas principais, polidas pelas mãos do ferreiro, afiadas, brilhantes, dotadas de energia feroz, e parecendo o próprio fogo em esplendor e força. Então aquele herói ilustre atingiu o animal nos globos frontais com cinco outras flechas afiadas e principais. Perfurado com isso, aquele príncipe dos elefantes, se desviando da batalha, correu com grande velocidade. Salwa, no entanto, controlando subitamente aquele principal dos elefantes que tinha sido extremamente mutilado e forçado a se retirar, o fez retroceder, e com ganchos e lanças afiadas instigou-o adiante contra o carro do rei Pancala, o indicando para o animal enfurecido. Vendo o animal avançando impetuosamente nele, o heróico Dhrishtadyumna, pegando uma maça, saltou rapidamente de seu carro no chão, seus membros entorpecidos pelo medo. Aquele elefante gigantesco, enquanto isso, esmagando subitamente aquele carro enfeitado com ouro com seus cavalos e motorista, o ergueu no ar com sua tromba e então o arremessou no chão. Vendo o motorista do rei Pancala esmagado dessa maneira por aquele mais notável dos elefantes, Bhima e Shikhandi e o neto de Sini avançaram com grande velocidade contra aquele animal. Com suas flechas eles detiveram rapidamente a impetuosidade do animal que avançava. Assim recebido por aqueles guerreiros em carros e detido por eles em batalha, o elefante começou a vacilar. Enquanto isso, o rei Salwa começou a disparar suas flechas como o sol derramando seus raios para todos os lados. Atingidos por aquelas flechas, os guerreiros em carros

(Pandava) começaram a fugir. Vendo aquela façanha de Salwa, os Pancalas, os Srinjayas, e os Matsyas, ó rei, proferiram altos gritos de 'Oh!' e 'Ai!' naquela batalha. Todos aqueles principais dos homens, no entanto, cercaram o animal por todos os lados. O bravo rei Pancala então, pegando sua maça que parecia o topo alto de uma montanha, apareceu lá. Destemidamente, ó rei, aquele herói, aquele batedor de inimigos, avançou com velocidade contra o elefante. Dotado de grande agilidade, o príncipe dos Pancalas se aproximou e começou a golpear com sua maça aquele animal que era enorme como uma colina e que derramava suas secreções como uma massa imensa de nuvens torrenciais. Seus globos frontais subitamente partidos, ele proferiu um grito alto; e vomitando uma quantidade abundante de sangue, o animal, enorme como uma colina, caiu de repente, assim como uma montanha caindo durante um terremoto. Enquanto aquele príncipe dos elefantes estava caindo, e enquanto as tropas do teu filho estavam proferindo lamentos de pesar à visão, aquele principal dos guerreiros entre os Sinis cortou a cabeça do rei Salwa com uma flecha afiada e de cabeça larga. Sua cabeça tendo sido cortada pelo herói Satwata, Salwa caiu no chão junto com seu príncipe de elefantes, assim como um topo de montanha partido subitamente pelo raio arremessado pelo chefe dos celestiais.'"

21

"Sanjaya disse, 'Depois que o heróico Salwa, aquele ornamento de assembléias, tinha sido morto, teu exército se rompeu depressa como uma árvore imensa quebrada pela força da tempestade. Vendo o exército dividido, o poderoso guerreiro em carro Kritavarma, possuidor de heroísmo e grande força, resistiu ao exército hostil naquela batalha. Vendo o herói Satwata, ó rei, permanecendo em batalha como uma colina perfurada com flechas (pelos inimigos), os heróis Kuru, que tinham fugido, se reagruparam e voltaram. Então, ó monarca, ocorreu uma batalha entre os Pandavas e os Kurus que voltaram fazendo da própria morte sua meta. Extraordinário foi o combate feroz que ocorreu entre o herói Satwata e seus inimigos, já que ele resistiu ao exército invencível dos Pandavas. Quando amigos eram vistos realizar as façanhas mais difíceis, amigos, cheios de alegria, proferiam gritos leoninos que pareciam alcançar os próprios céus. Por causa daqueles sons os Pancalas, ó touro da raça Bharata, ficaram com medo. Então Satyaki, o neto de Sini, se aproximou daquele local. Aproximando-se do rei Kshemakirti de grande força, Satyaki despachou-o para a residência de Yama com sete flechas afiadas. Então o filho de Hridika, de grande inteligência, avançou com velocidade contra aquele touro da raça Sini, aquele guerreiro poderosamente armado, quando o último se aproximou, disparando suas flechas afiadas. Aqueles dois arqueiros, aqueles dois principais dos guerreiros em carros, rugiram como leões e combateram um ao outro com grande força, ambos estando armados com as mais notáveis das armas. Os Pandavas, os Pancalas, e os outros guerreiros se tornaram espectadores daquele encontro terrível entre os dois heróis. Aqueles dois heróis da linhagem Vrishni-Andhaka, como dois elefantes cheios de deleite, atacaram um ao outro com flechas longas e equipadas com cabeças de dente de

bezerro. Movendo-se rapidamente em diversos tipos de caminhos, o filho de Hridika e aquele touro da raça Sini logo afligiram um ao outro com chuvas de flechas. As flechas disparadas com grande força dos arcos dos dois leões Vrishni eram vistas por nós no céu parecer enxames de insetos voando rapidamente. Então o filho de Hridika, se aproximando de Satyaki de destreza verdadeira, perfurou os quatro corcéis do último com quatro flechas afiadas. Satyaki de braços longos, enfurecido com isto, como um elefante atingido com uma lança, perfurou Kritavarma com oito das flechas principais. Então Kritavarma perfurou Satyaki com três flechas afiadas em pedra e disparadas de seu arco totalmente esticado e então cortou seu arco com outra flecha. Colocando de lado seu arco quebrado, aquele touro da raça Sini rapidamente pegou outro com flecha fixada nele. Tendo pegado aquele principal dos arcos e o encordoado, aquele principal de todos os arqueiros, aquele Atiratha de energia poderosa e grande inteligência e grande força, incapaz de tolerar o corte de seu arco por Kritavarma, e cheio de fúria, avançou rapidamente contra o último. Com dez flechas afiadas aquele touro da raça Sini então atingiu o motorista, os cavalos, e a bandeira de Kritavarma. Nisto, ó rei, o grande arqueiro e poderoso guerreiro em carro Kritavarma, vendo seu carro enfeitado com ouro sem motorista e sem cavalos, ficou cheio de raiva. Erguendo uma lança pontuda, ó majestade, ele arremessou-a com toda a força de seu braço naquele touro da raça Sini, desejoso de matá-lo. Satyaki, no entanto, da tribo Satwata, atingindo aquela lança com muitas flechas afiadas cortou-a em fragmentos e a fez cair, deixando estupefato Kritavarma da linhagem de Madhu (com sua energia e destreza). Com outra flecha de cabeça larga ele então atingiu Kritavarma no peito. Feito sem cavalos e sem motorista naquela batalha por Yuyudhana, habilidoso com armas, Kritavarma desceu no chão. O heróico Kritavarma tendo sido privado de seu carro por Satyaki naquele duelo, todas as tropas (Kaurava) ficaram cheias de grande temor. Uma grande tristeza afligiu o coração de teus filhos quando Kritavarma foi assim feito sem cavalos e sem motorista e sem carro. Vendo aquele castigador de inimigos sem cavalos e sem motorista, Kripa, ó rei, avançou naquele touro da raça Sini, desejoso de despachá-lo para a residência de Yama. Recebendo Kritavarma em seu carro na própria vista de todos os arqueiros, o poderosamente armado Kripa o levou para longe da pressão da batalha. Depois que Kritavarma tinha ficado sem carro e o neto de Sini tinha se tornado poderoso no campo, todo o exército de Duryodhana mais uma vez se desviou do combate. O inimigo, no entanto, não viu isso, pois o exército (Kuru) estava então coberto por uma nuvem de poeira. Todos os teus guerreiros fugiram, ó monarca, exceto o rei Duryodhana. O último, vendo de um ponto próximo que seu exército tinha sido desbaratado, avançando rapidamente, atacou o inimigo vitorioso, resistindo sozinho a eles todos. Destemidamente aquele guerreiro invencível, cheio de raiva, atacou com flechas afiadas todos os Pandus, e Dhrishtadyumna o filho de Prishta, e Shikhandi, e os filhos de Draupadi, e os grandes grupos dos Pancalas, e os Kaikeyas, ó senhor, e os Somakas! Com firme determinação teu filho poderoso permaneceu em batalha, assim como um fogo ardente e poderoso na plataforma sacrifical, santificado com mantras. Assim mesmo o rei Duryodhana se movia rapidamente por todo o campo, naquela batalha. Seus inimigos não podiam se aproximar dele então, como criaturas vivas

incapazes de se aproximar do Destruidor. Então o filho de Hridika chegou lá, sendo conduzido em outro carro.'"

22

"Sanjaya disse, 'Aquele principal dos guerreiros em carros, ó monarca, teu filho, sobre seu carro e cheio da coragem do desespero, parecia resplandecente naquela batalha como o próprio Rudra de grande bravura. Com os milhares de flechas disparadas por ele, o solo ficou completamente coberto. De fato, ele encharcou seus inimigos com chuvas de flechas como as nuvens derramando chuva em leitos de montanha. Não havia então um homem entre os Pandavas naquela grande batalha, ou um corcel, ou um elefante, ou um carro, que não tivesse sido atingido pelas flechas de Duryodhana. Sobre todos os guerreiros que eu então lançava meus olhos, ó monarca, eu via que cada um, ó Bharata, tinha sido atingido por teu filho com suas flechas. O exército Pandava estava então coberto com as flechas daquele guerreiro ilustre, assim como uma hoste é coberta com o pó que ela ergue enquanto marchando ou avançando para a batalha. O solo então, ó senhor da Terra, me pareceu ter sido feito uma extensão inteira de flechas por teu filho Duryodhana, aquele arqueiro possuidor de grande agilidade de mãos. Entre aqueles milhares sobre milhares de guerreiros no campo, pertencentes ao teu lado ou àquele do inimigo, me parecia que Duryodhana era então o único homem. A destreza que nós vimos de teu filho naquelas circunstâncias parecia ser muito extraordinária, já que os Parthas, mesmo unidos, não podiam se aproximar dele sozinho. Ele perfurou Yudhishthira, ó touro da raça Bharata, com cem flechas, e Bhimasena com setenta, e Sahadeva com sete. E ele perfurou Nakula com sessenta e quatro, e Dhrishtadyumna com cinco, e os filhos de Draupadi com sete, e Satyaki com três flechas. Com uma flecha de cabeça larga ele então, ó majestade, cortou o arco de Sahadeva. Jogando de lado aquele arco quebrado, o filho valente de Madri pegou outro arco formidável, e avançando contra o rei Duryodhana, perfurou-o com dez flechas naquela batalha. O grande arqueiro Nakula, possuidor de coragem, então perfurou o rei com nove flechas terríveis e proferiu um rugido alto. Satyaki atingiu o rei com uma única flecha reta; os filhos de Draupadi o atingiram com setenta e três e o rei Yudhishthira o atingiu com cinco. E Bhimasena afligiu o rei com oitenta flechas. Embora perfurado assim de todos os lados com numerosas flechas por estes guerreiros ilustres, Duryodhana ainda, ó monarca, não vacilou, na presença de todas as tropas que permaneciam lá como espectadoras. A rapidez, a habilidade, e a coragem daquele guerreiro ilustre foram vistas por todos os homens lá excederem àquelas de todas as criaturas. Enquanto isso os Dhartarashtras, ó monarca, que não tinham fugido para longe daquele local, observando o rei, se reagruparam e voltaram para lá, vestidos em armadura. O barulho feito por eles quando eles voltaram se tornou muito impressionante, como o rugido do oceano agitado na estação das chuvas. Aproximando-se de seu rei invicto naquela batalha, aqueles grandes arqueiros procederam contra os Pandavas para lutar. O filho de Drona resistiu naquela batalha ao enfurecido Bhimasena. Com as flechas, ó monarca, que foram disparadas naquela batalha, todos os pontos do horizonte ficaram completamente

encobertos, pelo que os bravos combatentes não podiam distinguir os pontos cardeais dos secundários do horizonte. Em relação a Ashvatthama e Bhimasena, ó Bharata, ambos eram realizadores de feitos cruéis. Ambos eram irresistíveis em batalha. Os braços de ambos continham muitas cicatrizes por ambos terem repetidamente puxado a corda do arco. Neutralizando as façanhas um do outro, eles continuaram a lutar um com o outro, amedrontando o Universo inteiro. O heróico Shakuni atacou Yudhishthira naquela batalha. O filho poderoso de Subala, tendo matado os quatro corcéis do rei, proferiu um rugido alto, fazendo todas as tropas tremerem de medo. Enquanto isso, o valente Sahadeva levou para longe daquela luta o rei heróico e derrotado. Então o rei Yudhishthira o justo, sobre outro carro (voltou para a batalha), e tendo perfurado Shakuni inicialmente com nove flechas perfurou-o novamente com cinco. E aquele principal de todos os arqueiros então proferiu um rugido alto. Aquele combate, ó senhor, terrível como ele era, tornou-se maravilhoso de se contemplar. Ele encheu os espectadores de deleite e foi aplaudido pelos Siddhas e os Charanas. Uluka de alma incomensurável avançou contra o poderoso arqueiro Nakula, naquela batalha, disparando chuvas de flechas de todos os lados. O heróico Nakula, no entanto, naquela batalha resistiu ao filho de Shakuni com uma chuva grossa de flechas de todos os lados. Ambos aqueles heróis eram bem-nascidos e ambos eram poderosos guerreiros em carros. Eles foram vistos lutar um com o outro, muito enfurecidos um com o outro. Similarmente Kritavarma, ó rei, lutando com o neto de Sini, aquele opressor de inimigos, parecia resplandecente, como Shakra lutando com o Asura Vala. Duryodhana, tendo cortado o arco de Dhrishtadyumna naquela batalha, perfurou seu antagonista sem arco com flechas afiadas. Dhrishtadyumna então, naquele combate, tendo pegado um arco formidável, lutou com o rei diante de todos os arqueiros. A batalha entre aqueles dois heróis se tornou extremamente violenta, ó touro da raça Bharata, como o combate entre dois elefantes selvagens e enfurecidos com secreções suculentas escorrendo por seus membros. O heróico Gautama, excitado com raiva naquela batalha, perfurou os filhos poderosos de Draupadi com muitas flechas retas. A batalha que teve lugar entre ele e aqueles cinco pareceu aquela que ocorre entre um ser incorporado e seus (cinco) sentidos. Ela foi impressionante e extremamente feroz, e nem um lado mostrou qualquer consideração pelo outro. Os (cinco) filhos de Draupadi afligiram Kripa como os (cinco) sentidos afligindo um homem tolo. Ele, por outro lado, lutando com eles, controlou-os com vigor. Assim mesmo e muito extraordinária, ó Bharata, foi aquela luta entre ele e eles. Ela parecia com os repetidos combates, ó senhor, entre as criaturas incorporadas e seus sentidos. Homens lutavam com homens, elefantes com elefantes, corcéis com corcéis e guerreiros em carros com guerreiros em carros. Mais uma vez, ó monarca, aquela batalha se tornou geral e terrível. Aqui um combate era belo, lá outro era horrível, e lá outro era extremamente feroz, ó senhor! Muitos e impressionantes, ó monarca, foram os combates que ocorreram no decorrer daquela batalha. Aqueles castigadores de inimigos (pertencentes a ambos os exércitos), enfrentando uns aos outros, perfuravam e matavam uns aos outros naquele combate espantoso. Uma densa nuvem de poeira foi então vista lá, erguida pelos veículos e os animais dos guerreiros. Espesso também, ó rei, foi o pó erguido pelos corcéis correndo, um pó que era carregado de um lugar para outro pelo vento. Erguida pelas rodas de carros e as respirações dos elefantes, a

poeira, densa como uma nuvem noturna, se elevou ao céu. Aquela poeira tendo sido erguida e o próprio sol tendo sido escurecido com isso, a terra ficou encoberta, e os heróicos e poderosos guerreiros em carros não podiam ser vistos. Logo ela desapareceu e tudo ficou claro quando o solo, ó melhor dos Bharatas, ficou encharcado com o sangue de heróis. De fato, aquela densa e terrível nuvem de poeira foi diminuída. Então, ó Bharata, eu pude ver mais uma vez os diversos duelos que os combatentes lutavam ao meio-dia, cada um de acordo com sua força e seu posto, todos os quais eram extremamente violentos. O esplendor ardente daqueles feitos, ó monarca, apareceu inteiro à vista. Alto se tornou o barulho de flechas caindo naquela batalha, parecendo aquele feito por uma vasta floresta de bambus enquanto queimando em toda parte.'"

23

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha terrível e impressionante, o exército do teu filho foi dividido pelos Pandavas. Reunindo seus grandes guerreiros em carros, no entanto, com esforços vigorosos, teus filhos continuaram a lutar com o exército Pandava. Os guerreiros (Kuru), desejosos do bem-estar do teu filho, voltaram de repente. Após seu retorno, a batalha mais uma vez se tornou muito violenta entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, parecendo aquela entre os deuses e os Asuras nos tempos passados. Nem entre os inimigos nem entre os teus houve um único combatente que se desviou daquela batalha. Os guerreiros lutaram ajudados por suposições e pelos nomes que eles proferiam. Grande foi a destruição que ocorreu quando eles lutaram dessa maneira uns com os outros. Então o rei Yudhishthira, cheio de grande ira e ficando desejoso de vencer os Dhartarashtras e seu rei naquela batalha, perfurou o filho de Saradwat com três flechas aladas com ouro e afiadas em pedra, e em seguida matou com quatro outras os quatro corcéis de Kritavarma. Então Ashvatthama levou para longe o filho célebre de Hridika. O filho de Saradwat perfurou Yudhishthira em retorno com oito flechas. Então o rei Duryodhana despachou setecentos carros para o local onde o rei Yudhishthira estava lutando. Aqueles carros ocupados por excelentes guerreiros e dotados da velocidade do vento ou do pensamento, avançaram naquela batalha contra o carro do filho de Kunti. Cercando Yudhishthira por todos os lados, eles o fizeram invisível com suas flechas como nuvens escondendo o sol da visão. Então os heróis Pandava encabeçados por Shikhandi, vendo o rei Yudhishthira o justo atacado daquela maneira pelos Kauravas, ficaram cheios de raiva e não puderam tolerar isso. Desejosos de salvar Yudhishthira o filho de Kunti, eles chegaram àquele local em seus carros possuidores de grande velocidade e enfeitados com fileiras de sinos. Então começou uma batalha terrível, na qual sangue fluiu como água, entre os Pandavas e os Kurus, que aumentou a população dos domínios de Yama. Matando aqueles setecentos guerreiros em carros hostis do exército Kuru, os Pandavas e os Pancalas resistiram novamente (ao exército Kuru inteiro). Lá uma batalha feroz foi lutada entre teu filho e os Pandavas. Nós nunca antes tínhamos visto ou ouvido falar de algo semelhante. Durante a continuação daquela batalha na qual

nenhuma consideração era mostrada por alguém para alguém, e enquanto os guerreiros do teu exército e aqueles do inimigo estavam caindo rápido, e os combatentes estavam todos gritando e soprando suas conchas, e os arqueiros estavam rugindo e proferindo barulhos altos de diversos tipos, enquanto, de fato, a batalha estava sendo travada ferozmente e os próprios órgãos vitais dos combatentes estavam sendo atingidos, e as tropas, ó majestade, desejosas de vitória, estavam avançando com velocidade, enquanto, realmente, tudo na Terra parecia estar sofrendo uma destruição calamitosa, durante aquele tempo quando inúmeras senhoras de nascimento e beleza estavam sendo tornadas viúvas, durante, de fato, a continuação daquele combate violento no qual os guerreiros se comportavam sem qualquer consideração por amigos e inimigos, presságios terríveis apareceram, pressagiando a destruição de tudo. A Terra, com suas montanhas e florestas, tremeu, fazendo um barulho alto. Meteoros como tições ardentes providos de cauda caíram do céu, ó rei, por toda a Terra como se do disco solar. Um furacão surgiu, soprando em todos os lados, e trazendo seixos duros ao longo de seu curso mais baixo. Os elefantes derramaram lágrimas copiosas e tremeram muito. Desconsiderando todos esses presságios terríveis e impressionantes, os Kshatriyas, se aconselhando uns com os outros, permaneceram alegremente no campo para batalha novamente, no campo belo e sagrado chamado pelo nome de Kuru, desejosos de alcançar o céu. Então Shakuni, o filho do rei Gandhara, disse, 'Lutem todos vocês na frente! Eu, no entanto, irei matar os Pandavas de trás.' Então os guerreiros Madraka, dotados de grande energia, entre aqueles no nosso lado que estavam avançando, ficaram cheios de alegria e proferiram diversos sons de deleite. Outros também fizeram o mesmo. Os invencíveis Pandavas, no entanto, possuidores de pontaria certeira, vindo mais uma vez contra nós, vibraram seus arcos e nos cobriram com chuvas de flechas. As forças armadas dos Madrakas então foram mortas pelo inimigo. Vendo isso, as tropas de Duryodhana se desviaram novamente da batalha. O rei poderoso dos Gandharvas, no entanto, mais uma vez disse estas palavras, 'Parem, ó pecaminosos! Lutem (com o inimigo)! De que adianta fugir?' Nesse momento, ó touro da raça Bharata, o rei dos Gandharas tinha 10.000 cavaleiros capazes de lutar com lanças brilhantes. Durante a continuação daquela grande carnificina, Shakuni, ajudado por aquela tropa, empregou seu heroísmo e atacou o exército Pandava na retaguarda, massacrando-o com suas flechas afiadas. A vasta tropa dos Pandus então, ó monarca, se dividiu assim como uma massa de nuvens é dispersa para todos os lados por um vento poderoso. Então Yudhishthira, vendo de um ponto próximo seu próprio exército desbaratado, instigou friamente o poderoso Sahadeva, dizendo, 'Lá está o filho de Subala, afligindo nossa retaguarda, vestido em armadura! Ele massacra nossas tropas! Veja aquele indivíduo perverso, ó filho de Pandu! Ajudado pelo filho de Draupadi, proceda em direção a ele e mate Shakuni, o filho de Subala! Protegido pelos Pancalas, ó impecável, eu enquanto isso destruirei a tropa de carros do inimigo! Que todos os elefantes e toda a cavalaria e 3.000 soldados a pé procedam contigo! Protegido por estes, mate Shakuni!' Nisto, 700 elefantes montados por combatentes armados com o arco, e 5.000 cavaleiros, e o valente Sahadeva, e 3.000 soldados de infantaria, e os filhos de Draupadi todos avançaram contra Shakuni difícil de ser derrotado em batalha. O filho de Subala, no entanto, de

grande coragem, ó rei, prevalecendo sobre os Pandavas e ansiando por vitória, começou a matar suas tropas a partir da retaguarda. Os cavaleiros enfurecidos pertencentes aos Pandavas, dotados de grande energia, penetraram na divisão do filho de Subala, prevalecendo sobre os guerreiros em carros do último. Aqueles cavaleiros heróicos, permanecendo no meio de seus próprios elefantes, cobriram a grande hoste do filho de Subala com chuvas de flechas. Por causa dos teus maus conselhos, ó rei, terrível foi a batalha que então se seguiu na qual maças e lanças foram usadas e na qual somente heróis tomaram parte. O som da corda do arco não era mais ouvido lá, pois todos os guerreiros em carros permaneceram como espectadores daquela luta. Naquela hora nenhuma diferença podia ser vista entre os partidos opostos. Ambos, os Kurus e os Pandavas, ó touro da raça Bharata, viram os dardos arremessados de braços heróicos correrem como meteoros pelo céu. O céu inteiro, ó monarca, coberto com espadas caindo de grande brilho, pareceu ficar muito belo. O aspecto apresentado, ó chefe dos Bharatas, pelas lanças arremessadas por toda parte, se tornou como aquele de bandos gafanhotos no céu. Cavalos, com membros banhados em sangue por causa de ferimentos infligidos por cavaleiros eles mesmos feridos com flechas, caíam por todos os lados às centenas e milhares. Combatendo uns aos outros e amontoados juntos, muitos deles eram vistos serem mutilados e muitos vomitavam sangue de suas bocas. Uma densa escuridão chegou lá quando as tropas foram cobertas com uma nuvem de poeira. Quando aquela escuridão cobriu tudo, ó rei, nós vimos aqueles bravos combatentes, corcéis e homens, se afastarem daquele local. Outros eram vistos caírem sobre o solo, vomitando sangue em profusão. Muitos combatentes, emaranhados uns com os outros por seus cabelos, não podiam se mexer. Muitos, dotados de grande força, arrastavam uns aos outros das costas de seus cavalos, e combatendo uns aos outros dessa maneira, matavam uns aos outros como combatentes em uma competição de luta. Muitos privados de vida eram levados para longe nas costas dos corcéis. Muitos homens, orgulhosos de seu heroísmo e inspirados com desejo de vitória, eram vistos caindo sobre a terra. O solo ficou coberto com centenas e milhares de combatentes banhados em sangue, privados de membros e de cabelo. Pela superfície da terra estar coberta com condutores de elefantes e cavaleiros e cavalos mortos e combatentes com armaduras manchadas de sangue e outros armados com armas e outros que tinham procurado matar uns aos outros com diversos tipos de armas terríveis, todos jazendo amontoados compactamente naquela batalha repleta de carnificina medonha, nenhum guerreiro podia proceder longe em seu cavalo. Tendo lutado um pouco, Shakuni, o filho de Subala, ó monarca, foi embora daquele local com o restante de sua cavalaria numerando 6.000. Similarmente, a tropa Pandava, coberta com sangue, e seus animais fatigados, se afastou daquele local com seu resto consistindo em 6.000 cavalos. Os cavaleiros manchados de sangue do exército Pandava então, com corações concentrados na batalha e preparados para sacrificar suas vidas, disseram, 'Não é mais possível lutar aqui em carros; quanto mais difícil então lutar aqui em elefantes! Que carros procedam contra carros, e elefantes contra elefantes! Tendo se retirado, Shakuni está agora dentro da sua própria divisão. O filho nobre de Subala não virá novamente para a batalha.' Então os filhos de Draupadi e aqueles elefantes enfurecidos procederam para o lugar onde o príncipe Pancala

Dhrishtadyumna, aquele grande guerreiro em carro, estava. Sahadeva também, quando aquela nuvem de poeira se ergueu, procedeu sozinho para onde o rei Yudhishthira estava. Depois que todos aqueles tinham se afastado, Shakuni, o filho de Subala, excitado com fúria, mais uma vez caiu sobre a divisão Dhrishtadyumna e começou a atacá-la. Uma batalha terrível ocorreu novamente, na qual os combatentes estavam todos indiferentes às suas vidas, entre teus soldados e aqueles do inimigo, todos os quais estavam desejosos de matar uns aos outros. Naquele combate de heróis, os combatentes primeiro olhavam uns aos outros firmemente, e então avançavam, ó rei, e caíam uns sobre os outros às centenas e milhares. Naquela carnificina destrutiva, cabeças cortadas com espadas caíam com um barulho semelhante àquele de frutas de palmeira caindo. Alto também se tornou o barulho, fazendo os próprios cabelos se eriçarem, de corpos caindo no chão, privados de armadura e mutilados com armas e de armas caindo também, ó rei, e de braços e coxas cortados do tronco. Golpeando irmãos e filhos e até pais com armas afiadas, os combatentes eram vistos lutando como aves por causa de pedaços de carne. Excitados com raiva, milhares de guerreiros, caindo uns sobre os outros, golpeavam impacientemente uns aos outros naquela batalha. Centenas e milhares de combatentes, mortos pelo peso de cavaleiros mortos enquanto caindo de seus corcéis, caíam no campo. Alto se tornou o barulho de corcéis de grande rapidez relinchando, e de homens gritando vestidos em armadura, e dos dardos e espadas caindo, ó rei, de combatentes desejosos de perfurar os membros vitais uns dos outros por causa, ó monarca, da tua má política. Naquela hora, teus soldados, dominados pelo cansaço, consumidos pela raiva, seus animais fatigados, eles mesmos ressecados com sede e mutilados com armas afiadas, começaram a se desviar da batalha. Enlouquecidos com o cheiro de sangue, muitos ficaram tão insensatos que eles matavam amigos e inimigos igualmente, de fato, todos os que eles alcançavam. Grandes números de Kshatriyas, inspirados com desejo de vitória, eram derrubados com flechas, ó rei, e caíam prostrados no chão. Lobos e urubus e chacais começaram a uivar e gritar em alegria e a fazer um barulho alto. Na própria vista do teu filho, teu exército sofreu uma grande perda. O solo, ó monarca, ficou coberto com os corpos de homens e corcéis, e coberto com rios de sangue que enchiam os tímidos de terror. Atingidos e mutilados repetidamente com espadas e machados de batalha e lanças, teus guerreiros, como também os Pandavas, ó Bharata, pararam de se aproximar uns dos outros. Golpeando uns aos outros de acordo com a medida de sua força, e lutando até a última gota de seu sangue, os combatentes caíam vomitando sangue de seus ferimentos. Formas sem cabeça eram vistas, agarrando o cabelo de suas cabeças (com uma mão) e com espadas erguidas tingidas com sangue (na outra). Quando muitas formas sem cabeça, ó rei, tinham se erguido dessa maneira, quando o cheiro de sangue tinha feito os combatentes quase inconscientes, e quando o barulho alto tinha baixado um pouco, o filho de Subala (novamente) se aproximou da grande hoste dos Pandavas, com o pequeno resto de sua cavalaria. Nisto, os Pandavas, inspirados com desejos de vitória e dotados de soldados de infantaria e elefantes e cavalaria, todos com armas erguidas, desejosos de alcançar o fim das hostilidades, os Pandavas, formando uma parede, cercaram Shakuni por todos os lados e começaram a atacá-lo com diversos tipos de armas. Vendo aquelas tuas tropas atacadas de

todos os lados, os Kauravas, com cavaleiros, soldados de infantaria, elefantes, e carros, avançaram em direção aos Pandavas. Alguns soldados de infantaria de grande coragem, desprovidos de armas, atacavam seus inimigos naquela batalha com pés e punhos, e os derrubavam. Guerreiros em carros caíam de carros, e homens em elefantes de elefantes, como pessoas meritórias caindo de seus veículos celestiais após o esgotamento de seus méritos. Dessa maneira os combatentes, envolvidos em combate uns com os outros naquela grande batalha, mataram pais e amigos e filhos. Assim ocorreu aquela batalha, ó melhor dos Bharatas, na qual nenhuma consideração era mostrada por alguém para alguém, e na qual lanças e espadas e flechas caíam rápido em toda parte, e tornavam a cena muito terrível de se ver.'"

24

"Sanjaya disse, 'Quando o barulho alto da batalha tinha baixado um pouco e os Pandavas tinham matado grandes números de seus inimigos, o filho de Subala (uma vez mais) chegou para lutar com o resto de seus cavaleiros numerando setecentos. Aproximando-se rapidamente de seus próprios soldados e os incitando para a batalha, ele disse repetidamente, 'Vocês castigadores de inimigos, lutem alegremente!' E ele questionou os Kshatriyas presentes lá, dizendo, 'Onde está o rei, aquele grande guerreiro em carro?' Ouvindo estas palavras de Shakuni, ó touro da raça Bharata, eles responderam dizendo, 'Lá está aquele grande guerreiro em carro, o rei Kuru, lá onde aquele guarda-sol grande de esplendor igual àquele da lua cheia é visível, lá onde aqueles guerreiros em carros, vestidos em armadura, estão, lá onde aquele barulho alto, profundo como o ribombo de nuvens, está sendo ouvido! Proceda rapidamente para lá, ó rei, e tu verás então o monarca Kuru!' Assim endereçado por aqueles bravos guerreiros, o filho de Subala Shakuni, ó rei, procedeu para aquele local onde teu filho estava, cercado por todos os lados por heróis que não recuavam. Vendo Duryodhana posicionado no meio daquela tropa de carros, Shakuni, alegrando todos aqueles teus guerreiros em carros, ó rei, alegremente disse essas palavras para Duryodhana. De fato, ele disse as palavras seguintes de uma maneira que mostrou que ele considerava todos os seus propósitos como já tendo sido alcançados, 'Mate, ó rei, as divisões de carros (dos Pandavas)! Todos os cavalos deles foram subjugados por mim! Yudhishthira é incapaz de ser conquistado em batalha a menos que alguém esteja preparado para sacrificar sua vida! Quando aquela tropa de carros, protegida pelo filho de Pandu, tiver sido destruída, nós então mataremos todos aqueles elefantes e soldados de infantaria e outros!' Ouvindo estas palavras dele, teus guerreiros, inspirados com desejo de vitória, avançaram alegremente em direção ao exército Pandava. Com aljavas em suas costas e arcos em suas mãos, todos eles vibravam seus arcos e proferiam rugidos leoninos. Mais uma vez, ó rei, o som violento de arcos e a batida de palmas e o zunido de flechas disparadas com força foram ouvidos. Vendo aqueles combatentes Kuru se aproximarem do exército Pandava com arcos erguidos, o filho de Kunti Dhananjaya disse para o filho de Devaki estas palavras, 'Incite os

corcéis destemidamente e penetre neste mar de tropas! Com minhas flechas afiadas eu hoje alcançarei o fim dessas hostilidades! Hoje é o décimo oitavo dia, ó Janardana, desta grande batalha que está sendo travada entre os dois lados! O exército daqueles heróis de grande alma, que era literalmente inumerável, foi quase destruído! Veja o rumo do Destino! O exército do filho de Dhritarashtra, ó Madhava, o qual era vasto como o oceano, ó Achyuta, se tornou, depois de nos enfrentar, assim como o entalhe causado pelo casco de uma vaca! Se as pazes tivessem sido feitas depois da queda de Bhishma, ó Madhava, tudo estaria bem! O tolo Duryodhana de mente fraca, no entanto, não fez as pazes! As palavras que foram proferidas por Bhishma, ó Madhava, eram benéficas e dignas de adoção. Suyodhana, no entanto, que tinha perdido seu entendimento, não agiu em conformidade com elas. Depois de Bhishma ter sido atingido e derrubado no chão, eu não conheço a razão por que a batalha prosseguiu! Eu considero os Dhartarashtras como tolos e de discernimento fraco de todas as maneiras, já que eles continuaram a batalha mesmo depois da queda do filho de Santanu! Depois disso quando Drona, aquele principal de todos os reveladores de Brahma, caiu, como também o filho de Radha, e Vikarna, a carnificina ainda não cessou! Ai, quando só um pequeno resto do exército (Kaurava) permaneceu depois da queda daquele tigre entre homens, Karna, com seus filhos, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda até do heróico Srutayush, também de Jalasandha da linhagem de Puru, e do rei Srutayudha, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda de Bhurishrava, de Shalya, ó Janardana, e dos heróis Avanti, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda de Jayadratha, do Rakshasa Alayudha, de Bahlika, e de Somadatta, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda do heróico Bhagadatta, do chefe Kamboja Sadakshina, e de Duhshasana, a carnificina ainda não cessou! Mesmo vendo diversos reis heróicos e poderosos, cada um possuindo territórios extensos, mortos em batalha, a carnificina, ó Krishna, ainda não cessou! Vendo até um Akshauhini inteiro de tropas morto por Bhimasena em batalha, a carnificina ainda não cessou, em consequência ou da loucura ou da cobiça dos Dhartarashtras! Qual rei nascido em uma linhagem nobre, uma linhagem especialmente como aquela de Kuru, exceto é claro o tolo Duryodhana, travaria tão inutilmente tais hostilidades violentas? Quem, possuidor de bom senso e sabedoria e capaz de discriminar bem de mal, travaria guerra dessa maneira, sabendo que seus inimigos são superiores a ele em mérito, força, e coragem? Como ele poderia ouvir os conselhos de outro, quando, de fato, ele não pode decidir fazer as pazes com os Pandavas em obediência às palavras proferidas por ti? Qual remédio pode ser aceitável hoje para aquela pessoa que desconsiderou Bhishma o filho de Santanu, e Drona, e Vidura, enquanto eles lhe recomendavam com insistência que fizesse as pazes? Como pode aceitar bons conselhos ele que, por insensatez, ó Janardana, insolentemente desconsiderou seu próprio pai idoso como também sua própria mãe bem intencionada enquanto falando palavras benéficas para ele? É evidente, ó Janardana, que Duryodhana tomou seu nascimento para exterminar sua linhagem! Sua conduta e sua política, isto é visto, apontam para aquela linha, ó senhor! Ele ainda não nos dará nosso reino! Essa é minha opinião, ó Achyuta! Vidura de grande alma, ó senhor, me disse muitas vezes que enquanto a vida permanecesse no filho de Dhritarashtra ele nunca nos daria nossa parte do reino! Vidura me disse, além disso, 'Enquanto

também Dhritarashtra viver, ó concessor de honras, aquele indivíduo pecaminoso irá agir pecaminosamente em direção a vocês! Vocês nunca conseguirão vencer Duryodhana sem lutar!' Assim mesmo, ó Madhava, Vidura de previdência verdadeira me falou muitas vezes! Todos os atos daquele indivíduo de alma perversa eu agora descubro serem exatamente como Vidura de grande alma tinha dito! Aquela pessoa de mente má que, tendo escutado as palavras benéficas e apropriadas do filho de Jamadagni, as desconsiderou, deve sem dúvida ser considerado como estando diante da destruição. Muitas pessoas coroadas com êxito ascético disseram, logo que Duryodhana nasceu, que a classe Kshatriya inteira seria exterminada por causa desse canalha. Aquelas palavras dos sábios, ó Janardana, estão agora sendo realizadas, já que os Kshatriyas estão sofrendo quase total extermínio por causa dos atos de Duryodhana! Eu irei, ó Madhava, matar todos os guerreiros hoje! Depois que todos os Kshatriyas tiverem sido mortos e o acampamento (Kaurava) ficar vazio, Duryodhana então desejará lutar conosco para sua própria destruição. Isso terminará estas hostilidades! Exercitando minha razão, ó Madhava, e refletindo em minha própria mente, ó tu da tribo de Vrishni, pensando nas palavras de Vidura, e levando em conta as ações do próprio Duryodhana de mente má, eu cheguei a esta conclusão! Penetre no exército Bharata, ó herói, pois eu matarei Duryodhana de alma perversa e seu exército hoje com minhas flechas afiadas! Matando este exército fraco na própria vista do filho de Dhritarashtra, eu hoje farei o que é para o bem de Yudhishthira!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Savyasaci, ele da linhagem de Dasarha, rédeas nas mãos, penetrou destemidamente naquela vasta tropa hostil para lutar. Aquela era uma floresta terrível de arcos (na qual os dois heróis entraram). Dardos constituíam seus espinhos. Maças e clavas com pontas de ferro eram suas trilhas. Carros e elefantes eram suas árvores imensas. Cavalaria e infantaria eram suas trepadeiras. E o ilustre Keshava, quando ele entrou naquela floresta naquele carro enfeitado com muitas bandeiras e pendões, parecia muito resplandecente. Aqueles cavalos brancos, ó rei, levando Arjuna em batalha, eram vistos correndo a toda velocidade em todo lugar, incitados por ele da linhagem de Dasarha! Então aquele opressor de inimigos, Savyasaci, prosseguiu em seu carro, disparando centenas de flechas afiadas como uma nuvem derramando torrentes de chuva. Alto era o barulho produzido por aquelas flechas retas, como também por aqueles combatentes que eram cobertos com elas naquela batalha por Savyasaci. Chuvas de flechas, atravessando a armadura dos combatentes, caíam ao solo. Impelidas do Gandiva, aquelas flechas, cujo toque parecia aquele do raio de Indra, atingindo homens e elefantes e cavalos, ó rei, caíam naquela batalha com um barulho semelhante àquele de insetos alados. Tudo foi coberto com aquelas flechas disparadas do Gandiva. Naquela batalha, os pontos do horizonte, cardeais e secundários, não podiam ser distinguidos. O mundo inteiro parecia estar cheio com flechas aladas com ouro, embebidas em óleo, polidas pelas mãos do ferreiro, e marcadas com o nome de Partha. Atingidos por aquelas flechas afiadas, e queimados com isso por Partha assim como uma manada de elefantes é queimada com tições ardentes, os Kauravas ficaram lânguidos e perderam sua força. Armado com arco e flechas, Partha, parecendo o sol flamejante, queimou os combatentes hostis naquela batalha como um fogo ardente consumindo uma pilha

de grama seca. Como um fogo rugindo de chamas brilhantes e grande energia (se elevando de brasas) jogadas nos confins de uma floresta por seus habitantes, consome aquelas florestas cheias de árvores e pilhas de trepadeiras secas, assim mesmo aquele herói possuidor de grande força e energia feroz e dotado de perícia em armas, e tendo flechas como suas chamas, rapidamente queimou de raiva todas as tropas do teu filho. Suas flechas aladas de ouro, dotadas de força fatal e atiradas com atenção, não podiam ser detidas por qualquer armadura. Ele não tinha que disparar uma segunda flecha em homem, corcel, ou elefante de tamanho gigantesco. Como Indra manejador do trovão derrubando os Daityas, Arjuna, sozinho, entrando naquela divisão de poderosos guerreiros em carros, a destruiu com flechas de formas diversas.'"

25

"Sanjaya disse, 'Dhananjaya, com seu Gandiva, frustrou o propósito daqueles heróis que não recuavam lutando em batalha e atingindo seus inimigos. As flechas disparadas por Arjuna, irresistíveis e dotadas de grande força e cujo toque era como aquele do trovão, eram vistas parecerem com torrentes de chuva despejadas por uma nuvem. Aquele exército, ó chefe dos Bharatas, assim atacado por Kiritin, fugiu na própria vista do teu filho. Alguns abandonaram seus pais e irmãos, outros abandonaram seus companheiros. Alguns guerreiros em carros foram privados de seus animais. Outros perderam seus motoristas. Alguns tiveram seus postes ou cangas ou rodas quebradas, ó rei! As flechas de alguns estavam esgotadas. Alguns eram vistos afligidos com flechas. Alguns, embora ilesos, fugiam em conjunto, afligidos com medo. Alguns se esforçavam para salvar seus filhos, tendo perdido todos os seus parentes e animais. Alguns chamavam ruidosamente seus pais, alguns seus companheiros e seguidores. Alguns fugiam, abandonando seus parentes, ó tigre entre homens, e irmãos e outros parentes, ó monarca! Muitos poderosos guerreiros em carros, atingidos pelas flechas de Partha e profundamente perfurados com isso, eram vistos respirar com dificuldade, privados de seus sentidos. Outros, colocando-os sobre seus próprios carros e confortando-os por um tempo, e os descansando e dissipando sua sede por lhes oferecer bebida, mais uma vez procediam para a batalha. Alguns, incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, abandonando os feridos, avançavam para lutar, desejosos de obedecer as ordens do teu filho. Alguns, tendo matado sua sede ou tratado seus animais, e alguns, vestindo armadura (nova), ó chefe dos Bharatas, e alguns, tendo confortado seus irmãos e filhos e pais, e colocado eles no acampamento, iam novamente para a batalha. Alguns, organizando seus carros na ordem, ó rei, de superiores e inferiores, avançaram novamente contra os Pandavas para lutar. Aqueles heróis (em seus carros) cobertos com fileiras de sinos, pareciam resplandecentes como Daityas e Danavas aplicados na conquista dos três mundos. Alguns, avançando com precipitação em seus veículos enfeitados com ouro, lutaram com Dhrishtadyumna em meio às divisões Pandava. O príncipe Pancala Dhrishtadyumna, e o grande guerreiro em carro Shikhandi, e Satanika, o filho de Nakula, lutaram com a tropa

de carros do inimigo. O príncipe Pancala, então, cheio de raiva e protegido por um grande exército, avançou contra tuas tropas enfurecidas pelo desejo de matá-las. Então teu filho, ó soberano de homens, disparou muitas chuvas de flechas, ó Bharata, no príncipe Pancala assim avançando nele. Então, ó rei, Dhrishtadyumna foi rapidamente perfurado com muitas flechas em seus braços e peito por teu filho lutando com seu arco. Profundamente perfurado com isso como um elefante com lanças pontudas, aquele grande arqueiro então despachou com suas flechas os quatro corcéis de Duryodhana para as regiões da morte. Com outra flecha de cabeça larga ele cortou em seguida de seu tronco a cabeça do motorista de seu inimigo. Então aquele castigador de inimigos, o rei Duryodhana, tendo perdido seu carro dessa maneira, montou no dorso de um cavalo e se retirou para um local não distante. Vendo seu próprio exército desprovido de coragem, teu filho, o poderoso Duryodhana, ó rei, procedeu para o local onde o filho de Subala estava. Quando os carros Kaurava estavam quebrados, 3.000 elefantes gigantescos cercaram aqueles guerreiros em carros, os cinco Pandavas. Cercados por aquela tropa de elefantes, ó Bharata, os cinco irmãos pareciam belos, ó tigre entre homens, como os planetas cercados pelas nuvens. Então o poderosamente armado Arjuna de corcéis brancos, ó rei, de pontaria certeira e tendo Krishna como seu quadrigário, avançou em seu carro. Cercado por aqueles elefantes enormes como colinas, ele começou a destruir aqueles animais com suas flechas afiadas e polidas. Cada um morto com uma única flecha, nós vimos aqueles elefantes enormes caídos ou caindo, mutilados por Savyasaci. O poderoso Bhimasena, ele mesmo semelhante a um elefante enfurecido, vendo aqueles elefantes, pegou sua maça formidável e avançou neles, saltando rapidamente de seu carro, como o Destruidor armado com sua clava. Vendo aquele grande guerreiro em carro dos Pandavas com maça erguida, teus soldados ficaram cheios de pavor e expeliram urina e fezes. O exército inteiro ficou agitado ao ver Bhimasena armado com maça. Nós então vimos aqueles elefantes, enormes como colinas, correndo para lá e para cá, com seus globos frontais partidos por Bhima com sua maça e todos os seus membros banhados em sangue. Atingidos pela maça de Bhima, aqueles elefantes, correndo para longe dele, caíam com gritos de dor, como montanhas sem asas. Vendo aqueles elefantes, muitos em número, com seus globos frontais quebrados, correndo para lá e para cá ou caindo, teus soldados ficaram cheios de medo. Então Yudhishthira também, cheio de ira, e os dois filhos de Madri começaram a matar aqueles guerreiros em elefantes com flechas equipadas com asas de urubu. Dhrishtadyumna, depois da derrota do rei (Kuru) em batalha, e depois da fuga do último daquele local a cavalo, viu que os Pandavas tinham sido todos cercados pelos elefantes (Kaurava). Vendo isso, ó monarca, Dhrishtadyumna, o filho do rei Pancala, procedeu em direção àqueles elefantes, desejando massacrá-los. Enquanto isso, não vendo Duryodhana no meio da tropa de carros, Ashvatthama e Kripa, e Kritavarma da linhagem Satwata questionaram todos os Kshatriyas lá, dizendo, 'Onde foi Duryodhana?' Não vendo o rei naquela carnificina, todos aqueles teus grandes guerreiros em carros acharam que teu filho tinha sido morto. Por isso, com rostos tristes, eles perguntaram por ele. Algumas pessoas disseram a eles que depois da queda de seu motorista ele tinha ido até o filho de Subala. Outros Kshatriyas, presentes lá, que tinham sido extremamente mutilados com

ferimentos, disseram, ‘Que emergência há com Duryodhana? Vejam se ele ainda está vivo! Vocês todos lutam unidamente? O que o rei fará a vocês?’ Outros Kshatriyas, que estavam muito mutilados, que tinham perdido muitos de seus parentes, e que ainda estavam sendo atormentados pelas flechas do inimigo, disseram essas palavras em tons indistintos, ‘Vamos massacrar essas tropas pelas quais nós estamos cercados! Vejam, os Pandavas estão vindo para cá, depois de terem matado os elefantes!’ Ouvindo estas palavras deles, o poderoso Ashvatthama, atravessando aquela tropa irresistível do rei Pancala, procedeu com Kripa e Kritavarma para o local onde o filho de Subala estava. De fato, aqueles heróis, aqueles arqueiros firmes, deixando a tropa de carros, foram (à procura de Duryodhana). Depois que eles tinham ido para longe, os Pandavas, encabeçados por Dhrishtadyumna, avançaram, ó rei, e começaram a matar seus inimigos. Vendo aqueles valentes e heróicos e poderosos guerreiros em carros avançando alegremente em direção a eles, tuas tropas, entre as quais os rostos de muitos tinham empalidecido, ficaram sem esperança de suas vidas. Vendo aqueles nossos soldados quase privados de armas e cercados (pelo inimigo), eu mesmo, ó rei, tendo somente dois tipos de tropas, e ficando indiferente à vida, me juntei aos cinco líderes do nosso exército, e lutei com as forças armadas do príncipe Pancala, postando nossos homens naquele local onde o filho de Saradwat estava posicionado. Nós tínhamos sido afligidos pelas flechas de Kiritin. Todavia, uma batalha ocorreu entre nós e a divisão de Dhrishtadyumna. Finalmente, derrotados pela última, todos nós nos retiramos daquele combate. Eu então vi o poderoso guerreiro em carro Satyaki avançando contra nós. Com quatrocentos carros aquele herói me perseguiu em batalha. Tendo escapado com dificuldade de Dhrishtadyumna cujos cavalos estavam cansados, eu caí entre as forças armadas de Madhava assim como um pecador cai no inferno. Lá uma batalha violenta e terrível teve lugar por um tempo curto. O poderosamente armado Satyaki, tendo cortado minha armadura, ficou desejoso de me pegar vivo. Ele me capturou enquanto eu jazia no chão inconsciente. Então dentro de pouco tempo aquela tropa de elefantes foi destruída por Bhimasena com sua maça e Arjuna com suas flechas. Por causa daqueles elefantes poderosos, enormes como colinas, caindo por todos os lados com membros esmagados, os guerreiros Pandava encontraram seu caminho quase totalmente bloqueado. Então o poderoso Bhimasena, ó monarca, arrastando para longe aqueles elefantes enormes, fez um caminho para os Pandavas saírem. Enquanto isso, Ashvatthama e Kripa e Kritavarma da linhagem Satwata, não vendo aquele castigador de inimigos, Duryodhana, em meio à divisão de carros, procuraram por teu nobre filho. Abandonando o príncipe dos Pancalas, eles procederam para o local onde o filho de Subala estava ansioso para ter uma visão do rei durante aquela carnificina terrível.'"

26

"Sanjaya disse, 'Depois que aquela divisão de elefantes tinha sido destruída, ó Bharata, pelo filho de Pandu, e enquanto teu exército estava sendo massacrado dessa maneira por Bhimasena em batalha, vendo o último, aquele castigador de

inimigos, correndo a toda velocidade como o próprio Destruidor matador de todos enfurecido armado com sua clava, o resto não morto dos teus filhos, aqueles irmãos uterinos, ó rei, se uniram naquela hora quando ele da linhagem de Kuru, teu filho Duryodhana, não podia ser visto, e avançaram contra Bhimasena. Eles eram Durmarshana e Srutanta e Jaitra e Bhurivala e Ravi, e Jayatsena e Sujata e aquele matador de inimigos, Durvishaha, e ele chamado Durvimochana, e Dushpradharsha e o poderosamente armado Srutarvan. Todos eles eram habilidosos em batalha. Aqueles teus filhos, juntos, avançaram contra Bhimasena e o fecharam por todos os lados. Então Bhima, ó monarca, subindo mais uma vez em seu próprio carro, começou a disparar flechas afiadas nos membros vitais dos teus filhos. Aqueles teus filhos, cobertos com flechas por Bhimasena naquela batalha aterradora, começaram a arrastar aquele guerreiro como homens arrastando um elefante para fora de uma estrada. Excitado com raiva, Bhimasena, cortando rapidamente a cabeça de Durmarshana com uma flecha de cabeça de navalha, a derrubou no chão. Com outra flecha de cabeça larga capaz de atravessar toda armadura Bhima matou em seguida aquele poderoso guerreiro em carro, teu filho Srutanta. Então com a maior facilidade, perfurando Jayatsena com uma flecha do comprimento de uma jarda, aquele castigador de inimigos, o filho de Pandu, derrubou aquele descendente da linhagem de Kuru de seu carro. O príncipe, ó rei, caiu e morreu imediatamente. Nisto, teu filho Srutarvan, excitado com raiva, perfurou Bhima com cem flechas retas aladas com penas de urubu. Então Bhima, inflamado com raiva, perfurou Jaitra e Ravi e Bhurivala, aqueles três, com três flechas parecendo veneno ou fogo. Aqueles poderosos guerreiros em carros, assim atingidos, caíram de seus carros como Kinsukas matizadas com flores na primavera derrubadas (pelo lenhador). Então aquele opressor de inimigos, com outra flecha de cabeça larga de gume excelente, atingiu Durvimochana e despachou-o para a residência de Yama. Assim atingido, aquele principal dos guerreiros em carros caiu no chão de seu carro, como uma árvore crescendo no topo de uma montanha quando quebrada pelo vento. O filho de Pandu em seguida atingiu teus outros dois filhos na dianteira de suas tropas, Dushpradharsha e Sujata, cada um com um par de flechas naquela batalha. Aqueles dois principais dos guerreiros em carros, perfurados por aquelas flechas, caíram. Vendo em seguida outro filho teu, Durvishaha, avançando nele, Bhima o perfurou com uma flecha de cabeça larga naquele combate. Aquele príncipe caiu de seu carro na própria vista de todos os arqueiros. Vendo tantos de seus irmãos mortos por Bhima sozinho naquela luta, Srutarvan, sob a influência da ira, avançou em Bhima, esticando seu arco formidável enfeitado com ouro e disparando um grande número de flechas que pareciam veneno ou fogo em energia. Cortando o arco do filho de Pandu naquela batalha terrível, o príncipe Kuru perfurou Bhima sem arco com vinte flechas. Então Bhimasena, aquele poderoso guerreiro em carro, pegando outro arco, cobriu teu filho com flechas e se dirigindo a ele, disse, 'Espere, Espere!' A batalha que ocorreu entre os dois foi bela e feroz, como aquela que tinha ocorrido nos tempos antigos entre Vasava e o Asura Jambha, ó senhor! Com as flechas afiadas, parecendo as varas fatais de Yama, disparadas por aqueles dois guerreiros, a terra, o céu, e todos os pontos do horizonte ficaram encobertos. Então Srutarvan, cheio de raiva, pegou seu arco e atingiu Bhimasena naquela batalha, ó rei, com muitas flechas em seus braços e

peito. Profundamente perfurado, ó monarca, por teu filho armado com o arco, Bhima ficou extremamente agitado como o oceano na lua cheia ou nova. Cheio de cólera, Bhima então, ó majestade, despachou com suas flechas o motorista e os quatro corcéis do teu filho para a residência de Yama. Vendo ele sem carro, o filho de Pandu de alma incomensurável, mostrando a agilidade de suas mãos, o cobriu com flechas aladas. Srutarvan sem carro então, ó rei, pegou uma espada e escudo. Quando o príncipe, no entanto, corria a toda velocidade com sua espada e escudo brilhante enfeitado com cem luas, o filho de Pandu cortou sua cabeça de seu tronco com uma flecha de cabeça de navalha e derrubou-a no chão. O tronco daquele guerreiro ilustre, tornado sem cabeça por meio daquela flecha de cabeça de navalha, caiu de seu carro, enchendo a Terra com um barulho alto. Após a queda daquele herói, tuas tropas, embora apavoradas, avançaram naquela batalha contra Bhimasena pelo desejo de lutar com ele. O valente Bhimasena, vestido em armadura, recebeu aqueles guerreiros avançando rapidamente nele dentre o resto não morto daquele oceano de tropas. Aproximando-se dele, aqueles guerreiros cercaram aquele herói por todos os lados. Assim cercado por aqueles teus guerreiros, Bhima começou a afligir todos eles com flechas afiadas como ele de 1.000 olhos afligindo os Asuras. Tendo destruído quinhentos grandes carros com suas cercas, ele mais uma vez matou setecentos elefantes naquela batalha. Matando em seguida 10.000 soldados de infantaria com suas flechas poderosas, como também 800 cavalos, o filho de Pandu parecia resplandecente. De fato, Bhimasena, o filho de Kunti, tendo matado teus filhos em batalha, considerou seu objetivo alcançado, ó senhor, e o propósito de seu nascimento realizado. Tuas tropas, naquele momento, ó Bharata, não ousavam nem olhar para aquele guerreiro que estava lutando daquele modo e matando os teus homens daquela maneira. Derrotando todos os Kurus e matando aqueles seguidores deles, Bhima então bateu em seu peito, apavorando os elefantes enormes com o barulho que ele produziu. Então teu exército, ó monarca, que tinha perdido um número muito grande de homens, e que então consistia em muito poucos soldados, ficou muito desanimado, ó rei!'"

27

"Sanjaya disse, 'Duryodhana, ó rei, e teu filho Sudarsa, os únicos dois dos teus filhos ainda vivos, estavam naquele momento no meio da cavalaria (Kaurava). Vendo Duryodhana no meio da cavalaria, o filho de Devaki (Krishna) disse para Dhananjaya, o filho de Kunti, 'Um grande número de nossos inimigos, parentes que tinham recebido nossa proteção, foi morto. Lá, aquele touro da raça Sini está voltando, tendo capturado Sanjaya! Ambos Nakula e Sahadeva, ó Bharata, estão cansados, tendo lutado com os infames Dhartarashtras e seus seguidores! Aqueles três, Kripa e Kritavarma e o poderoso guerreiro em carro Ashvatthama deixaram o lado de Duryodhana e tomaram sua posição em outro lugar! Tendo matado as tropas de Duryodhana, o príncipe Pancala está lá, dotado de grande beleza, no meio dos Prabhadrakas. Lá, ó Partha, Duryodhana está no meio de sua cavalaria, com o guarda-sol suspenso sobre sua cabeça e ele mesmo lançando

seus olhares por toda parte! Tendo reagrupado (o resto de seu) exército, ele permanece no meio de sua tropa. Matando ele com tuas flechas afiadas, tu podes alcançar todos os teus objetivos! Contanto que essas tropas não fujam ao te ver em seu meio e testemunhando também a destruição da sua tropa de elefantes, ó castigador de inimigos, te esforce para matar Duryodhana! Que alguém vá até o príncipe Pancala e peça a ele para vir para cá. As tropas (Kaurava) estão todas fatigadas, ó senhor! O pecaminoso Duryodhana nunca conseguirá escapar! Tendo matado um grande número das tuas tropas em batalha, o filho de Dhritarashtra apresenta um aspecto orgulhoso como se ele acreditasse que os Pandavas foram derrotados! Vendo suas próprias tropas afligidas e mortas pelos Pandavas, o rei Kuru certamente virá lutar para sua própria destruição!' Assim endereçado por Krishna, Phalguna respondeu a ele, dizendo, 'Quase todos os filhos de Dhritarashtra, ó concessor de honras, foram mortos por Bhima! Somente esses dois ainda estão vivos! Eles, no entanto, ó Krishna, também encontrarão a destruição hoje! Bhishma foi morto, Drona foi morto, Karna, também chamado Vaikartana, foi morto! Shalya, o rei dos Madras, foi morto, e Jayadratha também, ó Krishna, foi morto! Só quinhentos cavalos formam o resto das tropas de Shakuni, o filho de Subala, e de carros, só duzentos ainda restam, ó Janardana! De elefantes restam somente cem que são formidáveis, e de infantaria só 3.000! Lá permanecem também Ashvatthama e Kripa e o soberano dos Trigartas e Uluka e Kritavarma da linhagem Satwata. Esses, ó Madhava, formam o resto do exército de Duryodhana! Realmente, não há escapatória da morte para alguém sobre a Terra! Embora tal carnificina tremenda tenha ocorrido, veja, Duryodhana ainda está vivo! Hoje o rei Yudhishthira, no entanto, será liberto de todos os seus inimigos! Ninguém entre o inimigo escapará de mim, eu acredito! Mesmo que eles sejam mais do que homens, ó Krishna, eu ainda matarei todos aqueles guerreiros hoje, de qualquer modo, furiosos em batalha, se somente eles não fugirem do campo! Cheio de ira na batalha de hoje eu irei, por matar o príncipe de Gandhara com minhas flechas afiadas, dissipar aquela insônia da qual o rei tem sofrido por um longo tempo! Eu obterei de volta todas aquelas posses valiosas as quais o filho de Subala, de má conduta, ganhou de nós no jogo na assembléia! Sabendo da morte de seus maridos e filhos nas mãos dos Pandavas em batalha, todas as senhoras da cidade chamada pelo nome de elefante irão proferir lamentos altos! Hoje, ó Krishna, nossa tarefa será terminada! Hoje Duryodhana abandonará toda a sua prosperidade resplandecente, como também seu ar vital. Tu podes considerar o tolo filho de Dhritarashtra como morto, ó tu da linhagem de Vrishni, se, ó Krishna, ele hoje não fugir da batalha que será travada por mim! Aqueles corcéis são incapazes de aguentar o som do meu arco e os tapas das minhas palmas! Proceda para lá, ó Krishna, pois eu os matarei!' Assim endereçado pelo filho de Pandu de grande força mental, ele da linhagem de Dasarha instigou seus corcéis, ó rei, em direção à divisão de Duryodhana. Vendo aquela tropa (dentro da qual Duryodhana estava), três poderosos guerreiros em carros se prepararam para atacá-la, pois Bhimasena e Arjuna e Sahadeva, ó senhor, procederam juntos contra ela com rugidos leoninos altos pelo desejo de matar Duryodhana. Vendo aqueles três guerreiros avançando rapidamente juntos com arcos erguidos, o filho de Subala procedeu em direção àquele local contra aqueles inimigos Pandava. Teu filho Sudarsana avançou contra Bhimasena. Susarman e Shakuni

enfrentaram Kiritin. Teu filho Duryodhana procedeu a cavalo contra Sahadeva. Então teu filho, ó soberano de homens, com grande velocidade e atenção, atingiu violentamente a cabeça de Sahadeva com uma lança. Assim atacado por teu filho, Sahadeva se sentou no terraço de seu carro, todos os seus membros banhados em sangue e ele mesmo suspirando como uma cobra. Recuperando seus sentidos então, ó rei, Sahadeva, cheio de raiva, cobriu Duryodhana com flechas afiadas. O filho de Kunti, Dhananjaya, também chamado Partha, empregando sua destreza, cortou as cabeças de muitos bravos combatentes a cavalo. De fato, Partha, com muitas flechas, destruiu aquela divisão (de cavalaria). Tendo derrubado todos os corcéis, ele então procedeu contra os carros dos Trigartas. Nisto, os grandes guerreiros em carros dos Trigartas, se unindo, cobriram Arjuna e Vasudeva com chuvas de flechas. Atacando Satyakarman com uma flecha de cabeça de navalha, o filho de Pandu, possuidor de grande fama, cortou os varais do carro de seu adversário. Com outra flecha de cabeça de navalha, ó senhor, afiada em pedra, aquele herói célebre, sorrindo, cortou a cabeça de seu antagonista enfeitada com ouro brilhante. Ele em seguida atacou Satyeshu diante de todos os guerreiros, como um leão faminto, ó rei, na floresta, atacando um veado. Tendo matado ele, Partha perfurou Susarman com três flechas e então matou todos aqueles guerreiros em carros enfeitados com ornamentos de ouro. Ele então procedeu contra Susarman, o governante de Prashthala, com grande velocidade, vomitando o veneno virulento de sua ira nutrida por muitos longos anos. Cobrindo ele primeiro, ó touro da raça Bharata, com cem flechas, Arjuna então matou todos os cavalos daquele arqueiro. Fixando então na corda de seu arco uma flecha poderosa que parecia a vara de Yama, Partha, sorrindo, disparou-a rapidamente em Susarman, mirando-a nele. Disparada por aquele arqueiro resplandecente com cólera, aquela flecha, alcançando Susarman, atravessou seu coração naquela batalha. Privado de vida, ó monarca, Susarman caiu na terra, alegrando todos os Pandavas e atormentando todos os teus guerreiros. Tendo matado Susarman naquela batalha, Partha então, com suas flechas, despachou os trinta e cinco filhos daquele rei, todos os quais eram grandes guerreiros em carros, para a residência de Yama. Matando em seguida todos os seguidores de Susarman com suas flechas afiadas, o poderoso guerreiro em carro Arjuna procedeu contra o restante da hoste Bharata. Bhima, naquela batalha, cheio de raiva, ó soberano de homens, fez teu filho Sudarsana invisível com suas flechas, e sorrindo cortou do tronco de seu oponente sua cabeça com uma flecha de cabeça de navalha de gume excelente. Carente de vida, o príncipe caiu no chão. Após a queda daquele herói (Kuru), seus seguidores cercaram Bhima naquela batalha, disparando chuvas de flechas afiadas nele. Vrikodara, no entanto, com suas flechas afiadas, cujo toque parecia aquele do raio de Indra, cobriu aquela tropa em volta dele. Dentro de um tempo muito curto Bhima matou eles todos, ó touro da raça Bharata! Enquanto eles estavam sendo exterminados dessa maneira, muitos líderes Kaurava de grande força, ó Bharata, se aproximaram de Bhima e começaram a lutar com ele. O filho de Pandu, ó rei, cobriu todos eles com suas flechas. Similarmente, teus guerreiros, ó monarca, cobriram os grandes guerreiros em carros dos Pandavas com chuvas densas de flechas de todos os lados. Todos os guerreiros então, de ambos os lados, assim empenhados em lutar uns com os outros, ficaram extremamente agitados. Atingidos uns pelos outros, os

combatentes de ambos os exércitos, ó rei, começaram a cair, lamentando alto por seus parentes (mortos).'"

28

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha que era tão destrutiva de homens e corcéis e elefantes, o filho de Subala, Shakuni, ó rei, avançou contra Sahadeva. O valente Sahadeva, quando Shakuni avançou rapidamente em direção a ele, disparou chuvas de flechas velozes naquele guerreiro tão numerosas quanto um enxame de insetos. Naquela hora, Uluka também enfrentou Bhima e o perfurou com dez flechas, Shakuni, enquanto isso, ó monarca, tendo perfurado Bhima com três flechas, cobriu Sahadeva com noventa. De fato, aqueles heróis, ó rei, enfrentando um ao outro naquela batalha, perfuraram um ao outro com muitas flechas afiadas equipadas com penas Kanka e de pavão, aladas com ouro, afiadas em pedra, e disparadas de cordas de arco esticadas até suas orelhas. Aquelas chuvas de flechas disparadas de seus arcos e braços, ó monarca, cobriram todos os pontos do horizonte como uma chuva grossa despejada das nuvens. Então Bhima, cheio de raiva, e Sahadeva de grande heroísmo, ambos dotados de grande força, se moveram rapidamente naquela batalha, fazendo uma carnificina imensa. Aquele exército, ó Bharata, foi coberto por centenas de flechas por aqueles dois guerreiros. Por causa disso, o céu em muitas partes do campo ficou encoberto pela escuridão. Por causa, ó monarca, de corcéis, cobertos por flechas, arrastando atrás deles, enquanto eles corriam, um grande número de combatentes mortos, os caminhos em muitas partes do campo ficaram totalmente bloqueados. Coberto com cavalos mortos com seus cavaleiros, com escudos e lanças quebrados, ó monarca, e com espadas e dardos e lanças por toda parte, o solo parecia matizado como se coberto com flores. Os combatentes, ó rei, enfrentando uns aos outros, se moviam rapidamente em batalha, cheios de ira e tirando a vida uns dos outros. Logo o campo ficou coberto com cabeças, belas como os filamentos do lótus, enfeitadas com brincos e agraciadas com faces adornadas com olhos revirados em fúria e lábios mordidos de raiva. Coberta também, ó monarca, com os braços cortados de guerreiros que pareciam as trombas de elefantes enormes, que estavam adornados com Angadas e envolvidos em proteções de couro, e que ainda seguravam espadas e lanças e machados de batalha, e com corpos sem cabeça erguidos em seus pés e sangrando e dançando no campo, e enxameando com criaturas carnívoras de diversas espécies, a terra, ó senhor, apresentava um aspecto pavoroso! Depois que o exército Bharata tinha sido reduzido a um pequeno resto, os Pandavas, cheios de deleite naquela batalha terrível começaram a despachar os Kauravas para a residência de Yama. Enquanto isso, o filho heróico e valente do filho de Subala atingiu muito violentamente Sahadeva na cabeça com uma lança. Extremamente agitado, ó monarca, por causa do golpe, Sahadeva sentou-se no terraço de seu carro. Vendo Sahadeva naquela situação, o bravo Bhima, cheio de raiva, ó Bharata, manteve o exército Kuru inteiro sob controle. Com suas flechas do comprimento de uma jarda ele perfurou centenas e milhares de guerreiros hostis, e tendo-os perfurado dessa maneira, aquele castigador de inimigos proferiu

um rugido leonino. Assustados por aquele rugido, todos os seguidores de Shakuni, com seus corcéis e elefantes, fugiram precipitadamente de medo. Vendo eles divididos, o rei Duryodhana disse a eles, 'Parem, ó Kshatriyas não familiarizados com moralidade! Lutem! De que serve a fuga? Aquele herói que sem mostrar suas costas abandona seu ar vital em batalha obtém fama neste mundo e desfruta de regiões de bem-aventurança após a morte!' Assim exortados pelo rei, os seguidores do filho de Subala avançaram mais uma vez contra os Pandavas, fazendo da morte sua meta. Impressionante, ó monarca, foi o barulho feito por aqueles guerreiros avançando, parecendo aquele do oceano agitado. Nisto, o campo de batalha ficou agitado por toda parte. Vendo aqueles seguidores do filho de Subala avançando dessa maneira em batalha, os Pandavas vitoriosos, ó monarca, procederam contra eles. Confortado um pouco, o invencível Sahadeva, ó monarca, perfurou Shakuni com dez flechas e seus corcéis com três. Com a maior facilidade ele então cortou o arco do filho de Subala com várias outras flechas. Invencível em batalha, Shakuni, no entanto, pegou outro arco e perfurou Nakula com sessenta flechas e então Bhimasena com sete. Uluka também, ó rei, desejoso de resgatar seu pai naquele combate, perfurou Bhima com sete flechas e Sahadeva com setenta. Bhimasena naquela batalha perfurou Uluka com muitas flechas afiadas e Shakuni com sessenta e quatro, e cada um dos outros guerreiros que lutavam em volta deles, com três flechas. Atingidos por Bhimasena com flechas embebidas em óleo, os Kauravas, cheios de raiva naquela batalha, cobriram Sahadeva com chuvas de flechas como nuvens carregadas de relâmpago despejando chuva em um leito de montanha. O heróico e valente Sahadeva então, ó monarca, cortou, com uma flecha de cabeça larga, a cabeça de Uluka quando o último avançou contra ele. Morto por Sahadeva, Uluka, alegrando os Pandavas naquela batalha, caiu de seu carro no chão, todos os seus membros banhados em sangue. Vendo seu filho morto, Shakuni, ó Bharata, com voz sufocada com lágrimas e puxando fôlegos profundos, se lembrou das palavras de Vidura. Tendo refletido por um momento com olhos lacrimosos, Shakuni, respirando pesadamente, se aproximou de Sahadeva e o perfurou com três flechas. Desviando aquelas flechas disparadas pelo filho de Subala com chuvas de flechas, o bravo Sahadeva, ó monarca, cortou o arco de seu adversário naquela luta. Vendo seu arco cortado, ó rei, Shakuni, o filho de Subala, pegou uma cimitarra formidável e arremessou-a em Sahadeva. O último, no entanto, com a maior facilidade, ó monarca, cortou em dois aquela cimitarra terrível do filho de Subala enquanto ela corria em direção a ele naquele combate. Vendo sua espada cortada em dois, Shakuni pegou uma maça enorme e lançou-a em Sahadeva. Aquela maça também, incapaz de alcançar seu objetivo, caiu no chão. Depois disto, o filho de Subala, cheio de raiva, lançou no filho de Pandu um dardo terrível que parecia uma iminente escuridão da morte. Com a maior facilidade Sahadeva, naquele combate, cortou, com suas flechas enfeitadas com ouro, em três fragmentos, aquele dardo enquanto ele corria rapidamente em direção a ele. Cortado em fragmentos, aquele dardo enfeitado com ouro caiu sobre a terra como um raio brilhante do firmamento, se dividindo em muitos relâmpagos. Vendo aquele dardo frustrado e o filho de Subala afligido com medo, todas as tuas tropas fugiram apavoradas. O próprio filho de Subala se juntou a elas. Os Pandavas então, ávidos pela vitória, proferiram gritos altos. Em relação aos Dhartarashtras,

quase todos eles fugiram da luta. Vendo eles tão desanimados, o valente filho de Madri, com muitos milhares de flechas, os deteve naquela batalha. Então Sahadeva atacou o filho de Subala quando o último, que ainda estava expectante de vitória, estava fugindo, protegido pela excelente cavalaria dos Gandharas. Lembrando, ó rei, que Shakuni, que tinha caído como sua parte, ainda estava vivo, Sahadeva, em seu carro enfeitado com ouro, perseguiu aquele guerreiro. Encordoando seu arco formidável e esticando-o com grande força, Sahadeva, cheio de fúria, perseguiu o filho de Subala e o atingiu vigorosamente com muitas flechas providas de penas de urubu e afiadas em pedra, assim como uma pessoa atingindo um elefante poderoso com lanças pontudas. Dotado de grande energia mental, Sahadeva, tendo afligido seu inimigo dessa maneira, se dirigiu a ele, como se para trazer à lembrança (seus crimes passados), nestas palavras, 'Aderindo aos deveres de um Kshatriya, lute (comigo) e seja um homem! Tu, ó tolo, te regozijaste muito no meio da assembléia, enquanto jogando com dados! Receba agora, ó tu mente perversa, o fruto daquele ato! Todos aqueles de alma má que nos ridicularizaram naquele tempo pereceram! Só aquele desgraçado de sua raça, Duryodhana, ainda está vivo, e tu mesmo, seu tio materno! Hoje eu te matarei, cortando tua cabeça com uma flecha de cabeça de navalha como uma pessoa colhendo uma fruta de uma árvore com um pau!' Dizendo estas palavras, ó monarca, Sahadeva de grande força, aquele tigre entre homens, cheio de raiva, avançou impetuosamente contra Shakuni. Aproximando-se de seu inimigo, o invencível Sahadeva, aquele principal dos guerreiros, puxando violentamente seu arco e como se queimando seu inimigo com cólera, perfurou Shakuni com dez flechas e seus corcéis com quatro. Então cortando seu guarda-sol e estandarte e arco, ele rugiu como um leão. Seu estandarte e arco e guarda-sol assim cortados por Sahadeva, o filho de Subala estava perfurado com muitas flechas em todos os seus membros vitais. Mais uma vez, ó monarca, o valente Sahadeva disparou em Shakuni uma chuva irresistível de flechas. Cheio de raiva, o filho de Subala então, sem ajuda, avançou com velocidade contra Sahadeva naquele combate, desejoso de matar o último com uma lança adornada com ouro. O filho de Madri, no entanto, com três flechas de cabeça larga cortou simultaneamente, sem perder um momento, aquela lança erguida como também os dois braços simétricos de seu inimigo na vanguarda da batalha, e então proferiu um rugido alto. Dotado de grande presteza, o heróico Sahadeva então, com uma flecha de cabeça larga, feita de ferro duro, equipada com asas de ouro, capaz de penetrar toda armadura, e disparada com grande força e cuidado, cortou de seu tronco a cabeça de seu inimigo. Privado de sua cabeça pelo filho de Pandu com aquela flecha enfeitada com ouro de gume excelente e esplendor como o do sol, o filho de Subala caiu ao solo naquela batalha. De fato, o filho de Pandu, cheio de raiva, cortou aquela cabeça a qual foi a origem da má política dos Kurus, com aquela flecha impetuosa alada com ouro e afiada em pedra. Vendo Shakuni jazendo sem cabeça no chão e todos os seus membros encharcados com sangue coagulado, teus guerreiros, tornados impotentes com medo, fugiram para todos os lados com armas em suas mãos. Naquela hora, teus filhos, com carros, elefantes, cavalaria e infantaria totalmente divididos, ouviram o som do Gandiva e fugiram com rostos sem cor, afligidos com medo e privados de sua razão. Tendo derrubado Shakuni de seu carro, os Pandavas, ó Bharata, ficaram cheios de alegria. Se regozijando com

Keshava entre eles, eles sopraram suas conchas naquela batalha, alegrando suas tropas. Todos eles, com corações contentes, reverenciaram Sahadeva, e disseram, ‘Por boa sorte, ó herói, Shakuni de alma perversa, aquele homem de má conduta, foi, com seu filho, morto por ti!'"

29

(Hrada-pravesa Parva)

"Sanjaya disse, 'Depois disso, os seguidores do filho de Subala, ó monarca, ficaram cheios de raiva. Preparados para sacrificar suas vidas naquela batalha terrível, eles começaram a resistir aos Pandavas. Decidido a ajudar Sahadeva em sua vitória, Arjuna, como também Bhimasena possuidor de grande energia e parecendo uma cobra enfurecida de veneno virulento em aspecto, receberam aqueles guerreiros. Com seu Gandiva, Dhananjaya frustrou o propósito daqueles guerreiros, que, armados com dardos e espadas e lanças, desejavam matar Sahadeva. Vibhatsu, com suas flechas de cabeça larga cortou os corcéis, as cabeças, e os braços com armas em punho daqueles combatentes que avançavam. Os corcéis daqueles principais dos heróis dotados de energia, atingidos por Savyasaci, caíam no chão, privados de suas vidas. O rei Duryodhana, vendo aquela carnificina de suas próprias tropas, ó senhor, ficou cheio de raiva. Reunindo o resto de seus carros os quais ainda numeravam muitas centenas, como também seus elefantes e cavalos e infantaria, ó opressor de inimigos, teu filho disse essas palavras para aqueles guerreiros, ‘Enfrentando todos os Pandavas com seus amigos e aliados, nesta batalha, e o príncipe de Pancala também com suas próprias tropas, e matando-os rapidamente, voltem da luta!’ Aceitando respeitosamente aquela ordem dele, aqueles guerreiros, difíceis de serem derrotados em batalha, procederam novamente contra os Parthas naquela batalha, por ordem do teu filho. Os Pandavas, no entanto, cobriram com suas flechas parecendo cobras de veneno virulento todos aqueles guerreiros, formando o resto do exército Kaurava, que assim avançaram rapidamente contra eles naquela batalha terrível. Aquele exército, ó chefe dos Bharatas, quando ele se aproximou para lutar, foi exterminado em um momento por aqueles guerreiros de grande alma, pois ele fracassou em obter um protetor. Por causa dos corcéis (Kaurava) correndo para lá e para cá que estavam todos cobertos com a poeira erguida pelo exército, os pontos cardeais e secundários do horizonte não podiam ser distinguidos. Muitos guerreiros, saindo da formação de combate Pandava, ó Bharata, mataram tuas tropas num momento naquela batalha. Onze Akshauhinis, ó Bharata, de tropas tinham sido reunidos por teu filho! Todos aqueles, ó senhor, foram mortos pelos Pandus e os Srinjayas! Entre aqueles milhares sobre milhares de reis de grande alma do teu lado, somente Duryodhana agora, ó monarca, extremamente ferido, era visto vivo, lançando seus olhos para todos os lados, e vendo a terra vazia, ele mesmo desprovido de todas as suas tropas enquanto os Pandavas, cheios de alegria naquela batalha, estavam rugindo alto por causa da realização de todos os seus objetivos. Duryodhana, ó monarca, incapaz de aguentar o zunido das flechas disparadas por aqueles heróis de grande alma,

ficou entorpecido! Desprovido de tropas e animais, ele colocou seu coração em se retirar do campo.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando minhas tropas tinham sido massacradas e nosso acampamento feito totalmente vazio, qual era a força, ó Suta, das tropas que ainda restavam para os Pandavas? Eu desejo saber isso. Portanto, diga-me, ó Sanjaya, pois tu és hábil (em narração). Conte-me também, ó Sanjaya, aquilo que foi feito por meu filho, o perverso Duryodhana, aquele senhor da terra, o único sobrevivente de tantos homens, quando ele viu seu exército exterminado.'"

"Sanjaya continuou, '2.000 carros, 700 elefantes, 5.000 cavalos, e 10.000 soldados de infantaria eram o restante, ó monarca, da hoste imensa dos Pandavas. Cuidando desta tropa, Dhrishtadyumna aguardou naquela batalha. Enquanto isso, ó chefe dos Bharatas, o rei Duryodhana, aquele principal dos guerreiros em carros, não viu naquela batalha um único guerreiro ao seu lado. Vendo seus inimigos rugindo alto e testemunhando o extermínio de seu próprio exército, aquele senhor da terra, Duryodhana, sem um companheiro, abandonou seu corcel morto e fugiu do campo com rosto virado para o leste. Aquele senhor de onze Akshauhinis, teu filho Duryodhana, de grande energia, pegando sua maça, fugiu a pé em direção a um lago. Antes de ele ter ido longe a pé, o rei lembrou-se das palavras do inteligente e virtuoso Vidura. Sem dúvida, isso foi previsto por Vidura de grande sabedoria, esta grande carnificina de Kshatriyas e de nós mesmos em batalha. Refletindo sobre isso, o rei, com coração queimando em angústia por ter testemunhado o extermínio de seu exército, desejou penetrar nas profundidades daquele lago. Os Pandavas, ó monarca, com Dhrishtadyumna em sua dianteira, cheios de raiva, avançaram contra (o pequeno resto do) teu exército. Com seu Gandiva, Dhananjaya frustrou o propósito das tropas (Kaurava), que, armadas com dardos e espadas e lanças, estavam proferindo rugidos altos. Tendo com suas flechas afiadas matado aquelas tropas com seus aliados e parentes, Arjuna, enquanto ele permanecia em seu carro tendo corcéis brancos unidos a ele, parecia extremamente belo. Após a queda do filho de Subala junto com cavalos, carros e elefantes, teu exército parecia com uma floresta grande colocada baixo (pelo vento). No exército de Duryodhana então, ó monarca, o qual tinha numerado muitas centenas e milhares de guerreiros, nenhum outro grande guerreiro em carro era visto vivo, exceto o filho heróico de Drona, e Kritavarma, e Kripa o filho de Gotama, ó monarca, e aquele senhor da terra, teu filho! Dhrishtadyumna, me vendo, gargalhando dirigiu-se a Satyaki, dizendo, 'Qual é a utilidade de capturar este? Nada será ganho por mantê-lo vivo.' Ouvindo essas palavras de Dhrishtadyumna, o neto de Sini, aquele grande guerreiro em carro, erguendo sua espada afiada, se preparou para me matar. Exatamente naquele momento crítico, Krishna Nascido na Ilha de grande sabedoria (Vyasa), chegando lá, disse, 'Que Sanjaya seja dispensado vivo! De nenhuma maneira ele deve ser morto!' Ouvindo essas palavras do Nascido na Ilha, o neto de Sini juntou suas mãos, e então me libertando disse para mim, 'Paz para ti, ó Sanjaya, tu podes ir embora!' Permitido por ele, eu então, tirando minha armadura e transferindo minhas armas, parti à noite na estrada que leva à cidade, meus membros banhados em sangue. Depois que eu tinha percorrido cerca de duas milhas, ó

monarca, eu vi Duryodhana, permanecendo sozinho, maça na mão, e extremamente mutilado. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e, portanto ele não podia me ver. Eu fiquei tristemente diante dele. Ele olhou para mim sem me reconhecer. Vendo ele sozinho no campo e se entregando à aflição, eu também, dominado pela tristeza, não consegui por um momento falar uma única palavra. Então eu disse a ele tudo sobre minha própria captura e minha liberação pela graça do Nascido na Ilha. Tendo refletido por um momento, e recuperado sua razão, ele me perguntou sobre seus irmãos e suas tropas. Eu tinha visto tudo com meus olhos e, portanto disse tudo a ele, que seus irmãos tinham sido todos mortos e que todas as suas tropas tinham sido exterminadas. Eu disse ao rei que nós tínhamos naquele momento somente três guerreiros em carros deixados vivos, pois o Nascido na Ilha me disse isso quando eu parti (do lugar onde os Pandavas estavam). Puxando fôlegos profundos e olhando repetidamente para mim, teu filho me tocou com sua mão e disse, 'Exceto tu, ó Sanjaya, não há ninguém mais que vive, entre aqueles engajados nessa batalha! Eu não vejo outro (ao meu lado), enquanto os Pandavas tem seus aliados vivos! Diga, ó Sanjaya, para aquele senhor, o rei cego Dhritarashtra, que seu filho Duryodhana entrou nas profundidades de um lago! Desprovido de amigos tais como aqueles (que eu tinha ultimamente), privado de filhos e irmãos, e vendo seu reino tirado pelos Pandavas, quem como eu desejaria viver? Diga tudo isso para o rei e diga a ele em seguida que eu escapei com vida daquela batalha terrível, e que, vivo, embora muito ferido, eu irei descansar dentro das profundidades deste lago.' Tendo dito essas palavras para mim, ó monarca, o rei entrou naquele lago. Aquele soberano de homens, por meio de seu poder de ilusão, então encantou as águas daquele lago, fazendo um espaço para ele dentro delas. Depois que ele tinha entrado naquele lago, eu mesmo, sem ninguém ao meu lado, vi aqueles três guerreiros em carros (do nosso exército) vindo juntos para aquele local com seus animais cansados. Eles eram Kripa, o filho de Saradwat, e o heróico Ashvatthama, aquele principal dos guerreiros em carros, e Kritavarma da linhagem de Bhoja. Mutilados com flechas, todos eles chegaram juntos àquele local. Vendo-me, eles todos incitaram seus corcéis à maior velocidade e me alcançando, disseram, 'Por boa sorte, ó Sanjaya, tu vives ainda!' Todos eles então perguntaram por teu filho, aquele soberano de homens, dizendo, 'Nosso rei Duryodhana ainda está vivo, ó Sanjaya?' Eu então disse a eles que o rei estava bem de corpo. Eu também disse a eles tudo o que Duryodhana tinha dito para mim. Eu também indiquei a eles o lago no qual o rei tinha entrado. Então Ashvatthama, ó rei, tendo ouvido aquelas palavras de mim, lançou seus olhos naquele lago extenso e começou a lamentar em aflição, dizendo, 'Ai, ai, o rei não sabe que nós ainda estamos vivos! Com ele entre nós, nós ainda somos muito capazes de lutar com nossos inimigos!' Aqueles poderosos guerreiros em carros, tendo chorado lá por um longo tempo, fugiram à visão dos filhos de Pandu. Aqueles três guerreiros em carros que formavam o resto do nosso exército me levaram no carro bem enfeitado de Kripa, e então procederam para o acampamento Kuru. O sol tinha se posto um pouco antes. As tropas que formavam os postos fronteiriços do acampamento, sabendo que todos os teus filhos tinham sido mortos, lamentaram alto. Então, ó monarca, os homens idosos que tinham sido designados para cuidar das senhoras da família real procederam em direção à cidade, levando as princesas atrás deles. Altos foram os

lamentos proferidos por aquelas senhoras chorando quando elas souberam da destruição do exército inteiro. As mulheres, ó rei, chorando sem parar, fizeram a terra ressoar com suas vozes como um bando de águias pescadoras. Elas feriram seus corpos com unhas e golpearam suas cabeças com suas mãos, e desataram suas tranças, todo o tempo dando gritos altos. Enchendo o ar com sons tais como 'Oh!' e 'Ai!' e batendo em seus peitos, elas lamentaram alto e choraram e proferiram gritos altos, ó monarca! Então os amigos de Duryodhana, profundamente afligidos e sem voz por causa de suas lágrimas, partiram para a cidade, levando as damas da família real com eles. Os guardas do acampamento fugiram rapidamente em direção à cidade, levando com eles muitas camas brancas cobertas com cobertores caros. Outros, colocando suas esposas em carros puxados por mulas, procederam em direção à cidade. Aquelas damas, ó monarca, que quando em suas casas não podiam ser vistas pelo próprio sol estavam agora, enquanto elas procediam em direção à cidade, expostas ao olhar das pessoas comuns. Aquelas mulheres, ó chefe da linhagem de Bharata, que eram muito delicadas, agora procediam com rapidez em direção à cidade, tendo perdido seus familiares e parentes. Os próprios vaqueiros e pastores e homens comuns, cheios de pânico e afligidos com medo de Bhimasena, fugiram em direção à cidade. Até eles estavam cheios de um grande medo dos Parthas. Olhando uns para os outros, todos eles fugiram para a cidade. Durante o progresso daquela fuga geral acompanhada por tais circunstâncias de medo, Yuyutsu, privado de seu juízo pela dor, pensou sobre o que ele devia fazer em vista da emergência que tinha vindo. 'Duryodhana foi derrotado em batalha pelos Pandavas de destreza terrível! Ele tinha onze Akshauhinis de tropas sob ele! Todos os seus irmãos foram mortos! Todos os Kauravas, encabeçados por Bhishma e Drona, pereceram! Pela influência do Destino, somente eu estou salvo! Todos aqueles que estavam no acampamento Kuru fugiram! Ai, eles estão fugindo para todos os lados, privados de energia e desprovidos de protetores! Visão semelhante eu nunca tinha visto antes! Afligido com tristeza, com olhos ansiosos com medo, eles estão fugindo para todos os lados como um bando de veados, olhando uns para os outros! Aqueles entre os conselheiros de Duryodhana que ainda estão vivos fugiram para a cidade, levando com eles as damas da família real! Eu acho, ó senhor, que chegou o momento quando eu também devo entrar na cidade com eles, depois de ter a permissão de Yudhishthira e Vasudeva!' Para este propósito aquele príncipe poderosamente armado se apresentou diante de ambos aqueles heróis. O rei Yudhishthira, que é sempre compassivo, ficou muito satisfeito com ele. O Pandava de braços fortes abraçou aquele filho de uma mãe Vaisya e dispensou-o carinhosamente. Sobre seu próprio carro, ele instigou seus corcéis à grande velocidade. Ele então supervisionou a remoção das senhoras da família real para a cidade. O sol estava se pondo. Com aquelas senhoras, Yuyutsu entrou na cidade de Hastinapura, com olhos lacrimosos e com voz sufocada em pesar. Ele então viu Vidura de grande sabedoria, sentado com olhos chorosos. Ele tinha se afastado de Dhritarashtra, seu coração estando cheio de grande tristeza. Reverenciando Vidura, ele ficou diante dele. Dedicado à verdade, Vidura se dirigiu a ele, dizendo, 'Por boa sorte, ó filho, tu vives em meio a esta destruição geral dos Kurus! Por que, no entanto, tu vieste vem sem o rei Duryodhana em tua companhia? Conte-me em detalhes o motivo disto!' Yuyutsu então disse, 'Depois

da queda de Shakuni, ó senhor, com todos os seus parentes e amigos, o rei Duryodhana, abandonando o corcel que ele montava, fugiu com medo em direção ao leste. Depois que o rei tinha fugido, todas as pessoas no acampamento (Kaurava), agitadas com medo, fugiram para a cidade. Então os protetores das damas, colocando as esposas do rei, como também aquelas de seus irmãos, em veículos, fugiram apavorados. Obtendo a permissão do rei Yudhishthira e Keshava, eu parti para Hastinapura, para proteger as pessoas que fugiam dessa maneira!' Ouvindo essas palavras faladas pelo filho da esposa Vaisya de Dhritarashtra, Vidura de alma incomensurável, conhecedor de todos os costumes e percebendo o que era apropriado naquela hora, elogiou o eloquente Yuyutsu. E ele disse, 'Tu agiste devidamente com relação ao que aconteceu, em vista dessa destruição de todos os Bharatas da qual tu estás falando! Tu também, por compaixão, mantiveste a honra da tua família! Por boa sorte, nós te vemos voltar com vida dessa batalha terrível que é tão destrutiva de heróis, como criaturas vendo o sol possuidor de glória resplandecente! Tu, ó filho, és agora de todas as maneiras o único esteio do monarca cego, desprovido de previdência, afligido com calamidade, golpeado pelo Destino, e que, embora repetidamente dissuadido, não pode se abster de seguir sua má política. Descanse aqui hoje! Amanhã tu podes voltar para Yudhishthira!' Tendo dito essas palavras, Vidura, com olhos chorosos, se despediu de Yuyutsu e entrou na residência do rei, que ressoava com gritos de 'Oh!' e 'Ai!' proferidos por cidadãos e aldeões afligidos pela dor. A mansão triste parecia ter perdido toda sua beleza; conforto e felicidade pareciam tê-la abandonado. Ela estava toda vazia e permeada pela desordem. Já cheio de tristeza, a dor de Vidura aumentou àquela visão. Conhecedor de todos os deveres, Vidura, com o coração triste, entrou no palácio, puxando fôlegos profundos. Em relação a Yuyutsu, ele passou aquela noite na sua própria residência. Afligido pela angústia, ele fracassou em obter qualquer alegria através dos panegíricos com os quais ele foi saudado. Ele passou o tempo pensando na destruição terrível dos Bharatas nas mãos uns dos outros.'"

30

"Dhritarashtra disse, 'Depois que todas as tropas Kaurava tinham sido mortas pelos filhos de Pandu no campo de batalha, o que aqueles sobreviventes do meu exército, Kritavarma e Kripa e o filho valente de Drona fizeram? O que também o rei Duryodhana de alma perversa fez então?'"

"Sanjaya disse, 'Depois da fuga das damas daqueles Kshatriyas de grande alma, e depois que o acampamento (Kaurava) tinha ficado totalmente vazio, os três guerreiros em carros (que tu mencionaste) ficaram cheios de ansiedade. Ouvindo os gritos dos filhos vitoriosos de Pandu, e vendo o acampamento abandonado perto da noite, aqueles três guerreiros do nosso lado, desejosos de resgatar o rei, e incapazes de ficar no campo foram em direção àquele lago. Yudhishthira, de alma virtuosa, com seus irmãos naquela batalha, sentiu grande alegria e vagou sobre o campo pelo desejo de matar Duryodhana. Cheios de ira, os Pandavas, desejosos de vitória, procuraram por teu filho. Embora, contudo,

eles procurassem muito cuidadosamente por ele, eles fracassaram em descobrir o rei (Kuru). Maça na mão, ele tinha fugido com grande pressa do campo de batalha e entrado naquele lago, tendo solidificado suas águas por meio da ajuda de seus poderes de ilusão. Quando finalmente os animais dos Pandavas ficaram muito cansados, os últimos procederam para seu acampamento e descansaram lá com seus soldados. Depois que os Parthas tinham se retirado para seu acampamento, Kripa e o filho de Drona e Kritavarma da linhagem de Satwata foram lentamente em direção àquele lago. Aproximando-se do lago dentro do qual se encontrava o rei, eles se dirigiram àquele soberano invencível de homens adormecido dentro da água, dizendo, 'Levante, ó rei, e lute conosco contra Yudhishthira! Ou obtendo vitória desfrute da terra, ou, morto, vá para o céu! As forças armadas dos Pandavas também, ó Duryodhana, foram todas massacradas por ti! Aqueles entre eles que ainda estão vivos estão extremamente mutilados! Eles não serão capazes, ó monarca, de suportar tua impetuosidade, especialmente porque tu serás protegido por nós! Levante, portanto, ó Bharata!'"

"Duryodhana disse, 'Por boa sorte, eu vejo vocês, ó touros entre homens, voltarem com vida desta batalha destrutiva entre os Pandavas e os Kauravas! Depois que nós tivermos descansado um pouco e dissipado nossa fadiga, nós combateremos o inimigo e o conquistaremos! Vocês também estão cansados e eu mesmo estou muito mutilado! O exército dos Pandavas está cheio de força! Por essas razões eu não quero lutar agora! Estas exortações de sua parte, ó heróis, não são surpreendentes em absoluto, pois seus corações são nobres! Sua dedicação também a mim é grande! Esta, no entanto, não é a hora para bravura! Descansando por essa noite, eu irei, amanhã, me juntar a vocês e lutar com o inimigo! Nisto não há dúvida!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, o filho de Drona respondeu para o rei, que era invencível em batalha, dizendo, 'Levante, ó rei, abençoado sejas tu, nós ainda venceremos o inimigo! Eu juro por todos os meus atos religiosos, por todas as doações que eu tenho feito, pela própria verdade, e minhas meditações silenciosas, ó rei, que eu hoje matarei os Somakas! Que eu não tenha o prazer resultante da realização de sacrifícios, aquele deleite que é sentido por todos os homens pios, se esta noite passar sem eu matar os Pandavas em batalha! Sem matar todos os Pancalas, ó senhor, eu não tirarei minha armadura! Eu te digo isso verdadeiramente. Acredite em mim, ó soberano de homens!' Enquanto eles estavam conversando dessa maneira, vários caçadores chegaram lá. Fatigados com o peso da carne que eles carregavam, eles chegaram lá, não por algum propósito determinado, para matar sua sede. Aqueles caçadores, ó senhor, costumavam todo dia obter, com grande consideração, uma cesta cheia de carne para Bhimasena, ó rei! Quando eles sentaram escondidos nas margens daquele lago, aqueles homens ouviram cada palavra daquela conversa entre Duryodhana e aqueles guerreiros. Encontrando o rei Kuru não desejoso de lutar, aqueles grandes arqueiros, eles mesmos desejosos de batalha, começaram a instigá-lo muito a seguir seus conselhos. Vendo aqueles guerreiros em carros do exército Kaurava, e compreendendo que o rei, não desejoso de lutar, estava dentro das águas, e ouvindo aquela conversa entre aqueles heróis e seu mestre estando

dentro das profundidades do lago, de fato, ó monarca, os caçadores, percebendo claramente que era Duryodhana que estava ficando dentro do lago, tomaram uma decisão. Pouco tempo antes, o filho de Pandu, enquanto procurando pelo rei, tinha encontrado aqueles homens e perguntado a eles sobre o paradeiro de Duryodhana. Lembrando das palavras que o filho de Pandu tinha dito, aqueles caçadores, ó rei, falaram em sussurros uns para os outros, 'Nós revelaremos Duryodhana (para os Pandavas). O filho de Pandu então nos dará riqueza! É evidente para nós que o célebre rei Duryodhana está aqui! Vamos então, todos nós, proceder para o lugar onde o rei Yudhishthira está, para dizer a ele que o vingativo Duryodhana está escondido dentro das águas deste lago! Vamos também, todos nós, informar aquele grande arqueiro, o inteligente Bhimasena, que o filho de Dhritarashtra está escondido aqui dentro das águas deste lago! Satisfeito conosco, ele nos dará muita riqueza! Que necessidade nós temos de nos cansar, dia após dia, para obter carne e nos enfraquecer com tal esforço?' Tendo dito estas palavras, aqueles caçadores, cheios de alegria e ansiando por riqueza, pegaram suas cestas de carne e procederam em direção ao acampamento (Pandava). Possuidores de pontaria certeira e hábeis em atacar, os Pandavas, ó monarca, não vendo Duryodhana em batalha, que estava então escondido, (estavam descansando em seu acampamento). Desejosos de alcançar o fim da má política daquele sujeito pecaminoso, eles tinham despachado espiões em todas as direções no campo de batalha. Todos os soldados, no entanto, que tinham sido despachados naquela missão voltaram juntos para o acampamento e informaram o rei Yudhishthira o justo que nenhum rastro do rei Duryodhana pode ser encontrado. Ouvindo aquelas palavras dos mensageiros que voltaram, ó touro da raça Bharata, o rei Yudhishthira ficou cheio de grande ansiedade e começou a respirar pesadamente. Enquanto os Pandavas, ó touro da raça Bharata, estavam em tal desânimo, aqueles caçadores, ó senhor, tendo vindo com grande rapidez das margens daquele lago, chegaram ao acampamento, cheios de alegria por terem descoberto Duryodhana. Embora proibidos, eles ainda entraram no acampamento, na própria vista de Bhimasena. Tendo se aproximado daquele poderoso filho de Pandu, Bhimasena, eles relataram para ele tudo sobre o que eles tinham visto e ouvido. Então Vrikodara, aquele opressor de inimigos, ó rei, dando a eles muita riqueza, relatou tudo para o rei Yudhishthira o justo, dizendo, 'Duryodhana, ó rei, foi descoberto pelos caçadores que me abastecem com carne! Ele, ó rei, por quem tu te afliges agora se encontra dentro de um lago cujas águas foram solidificadas por ele!' Ouvindo essas palavras agradáveis de Bhimasena, ó monarca, o filho de Kunti, Ajatasatru, ficou, com todos os seus irmãos, cheio de alegria. Sabendo que o poderoso arqueiro Duryodhana tinha entrado nas águas de um lago o rei foi para lá com grande velocidade, com Janardana em sua dianteira. Então um barulho tumultuado se ergueu, ó monarca, dentre os Pandavas e os Pancalas todos os quais estavam cheios de alegria. Os guerreiros proferiram rugidos leoninos, ó touro da raça Bharata, e gritaram ruidosamente. Todos os Kshatriyas, ó rei, foram rapidamente para aquele lago chamado Dvaipayana. Os regozijantes Somakas por toda parte exclamavam ruidosamente e repetidamente, 'O filho pecaminoso de Dhritarashtra foi encontrado!' O barulho feito pelos carros daqueles guerreiros impetuosos que procederam com grande velocidade se tornou muito alto, ó monarca, e tocou os céus. Embora seus

animais estivessem cansados, todos eles ainda procederam com velocidade atrás do rei Yudhishthira que estava empenhado em encontrar Duryodhana. Arjuna, e Bhimasena, e os dois filhos de Madri com Pandu, e o príncipe Pancala Dhrishtadyumna, e o invicto Shikhandi, e Uttamaujas, e Yudhamanyu, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e os (cinco) filhos de Draupadi, e aqueles entre os Pancalas, ó rei, que ainda estavam vivos, e todos os Pandavas, e todos os seus elefantes, e soldados de infantaria às centenas sobre centenas, foram todos com Yudhishthira. Possuidor de grande coragem, o rei Yudhishthira o justo, ó monarca, chegou ao lago conhecido pelo nome de Dvaipayana dentro do qual Duryodhana então estava. Amplo como o próprio oceano, seu aspecto era agradável e suas águas eram frias e transparentes. Solidificando as águas por meio de seu poder de ilusão, por, de fato, um método extraordinário, teu filho Duryodhana, ó Bharata, aconteceu de estar dentro daquele lago. De fato, dentro daquelas águas repousava, ó senhor, aquele rei, armado com sua maça, que, ó soberano de homens, não podia ser derrotado por qualquer homem! Permanecendo dentro das águas daquele lago, o rei Duryodhana ouviu aquele barulho tumultuado (do exército Pandava) que parecia o próprio ribombo das nuvens. Yudhishthira então, ó rei, com seus irmãos se dirigiu àquele lago pelo desejo de matar Duryodhana. Erguendo uma poeira grossa, o filho de Pandu fez a terra tremer com o som das rodas de seu carro e o alto clangor de sua concha. Ouvindo o barulho feito pelo exército de Yudhishthira, aqueles grandes guerreiros em carros, Kritavarma e Kripa e o filho de Drona disseram essas palavras para o rei Kuru, 'Cheios de alegria e ansiando pela vitória, os Pandavas estão vindo para cá! Nós iremos, portanto, deixar este lugar. Que isso seja sabido por ti!' Ouvindo aquelas palavras daqueles heróis dotados de grande energia, ele respondeu a eles, dizendo, 'Assim seja' e permaneceu (como antes) dentro das águas, tendo, ó senhor, solidificado elas por meio de seus poderes de ilusão. Aqueles guerreiros em carros encabeçados por Kripa, cheios de aflição, se despediram do rei, ó monarca, e foram para um lugar bem distante daquele local. Tendo ido longe, eles viram uma banyan, ó senhor, sob cuja sombra eles pararam, muito cansados, e extremamente ansiosos a respeito do rei e se entregando a pensamentos tais como este, 'O filho poderoso de Dhritarashtra, tendo solidificado as águas do lago, está esticado no fundo. Os Pandavas alcançaram aquele local, pelo desejo de batalha. Como a batalha se realizará? O que será do rei?' Pensando nessas coisas, ó rei, aqueles heróis, Kripa e os outros, liberaram seus cavalos de seus carros e se prepararam para descansar lá por algum tempo.'"

31

"Sanjaya disse, 'Depois que aqueles três guerreiros em carros tinham deixado aquele local, os Pandavas chegaram àquele lago dentro do qual Duryodhana estava descansando. Tendo alcançado as margens do lago Dvaipayana, ó chefe da linhagem de Kuru, eles viram aquele receptáculo de águas enfeitiçado por teu filho. Então Yudhishthira, se dirigindo a Vasudeva, disse, 'Veja, o filho de Dhritarashtra aplicou seu poder de ilusão nessas águas! Tendo enfeitiçado as

águas, ele está deitado dentro delas. Ele agora não pode temer (ser ferido por) homem! Tendo invocado uma ilusão celeste, ele está agora dentro das águas! Por meio de um ato de fraude, aquele indivíduo conhecedor de todo logro procurou esse refúgio! Ele, no entanto, não escapará de mim com vida! Mesmo que o próprio manejador do raio o ajude em batalha, o povo, ó Madhava, ainda o verá morto hoje!'"

"Vasudeva disse, 'Com teus próprios poderes de ilusão, ó Bharata, destrua essa ilusão de Duryodhana que é um perito nisso! Uma pessoa familiarizada com ilusão deve ser morta com ilusão! Essa é a verdade, ó Yudhishthira! Com ações e meios e aplicando teu poder de ilusão nessas águas, mate, ó chefe dos Bharatas, este Suyodhana, que é a própria alma da ilusão! Com ações e meios o próprio Indra matou os Daityas e os Danavas! O próprio Vali foi limitado por aquele de grande alma (Upendra), com a ajuda de muitos atos e meios! O grande Asura Hiranyaksha, como também aquele outro, Hiranyakasipu, foi morto por meio da ajuda de muitas ações e recursos. Sem dúvida, ó rei, Vritra também foi morto pela ajuda de ações! Similarmente o Rakshasa Ravana da linhagem de Pulastya, com seus parentes e seguidores, foi morto por Rama! Confiando em atos e artifícios, mostre tu também teus poderes! Aqueles dois Daityas antigos, Taraka e Viprachitti de grande energia, foram nos tempos passados, ó rei, mortos pela ajuda de ações e recursos! Similarmente, Vatapi e Ilwala, e Trisiras, ó senhor, e os Asuras Sunda e Upasunda, foram todos mortos pela ajuda de meios! O próprio Indra desfruta do céu pela ajuda de ações e meios! Ações são muito eficazes, ó rei, e nada mais, ó Yudhishthira! Daityas e Danavas e Rakshasas e reis foram mortos por meio de atos e recursos. Tome portanto, a ajuda da ação!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Vasudeva, o filho de Pandu de votos rígidos, sorrindo, se dirigiu, ó monarca, ao teu filho de grande poder, que, ó Bharata, estava então dentro das águas daquele lago, dizendo, ‘Por que, ó Suyodhana, tu entraste nessas águas, depois de ter feito todos os Kshatriyas perecerem e depois de ter, ó rei, feito tua própria família ser aniquilada? Por que tu entraste neste lago hoje, desejando salvar tua própria vida? Suba, ó rei, e lute conosco, ó Suyodhana! Onde, ó principal dos homens, estão agora aquele orgulho e aquele senso de honra os quais tu tinhas, já que, ó rei, tu encantaste essas águas e estás agora deitado dentro delas? Todos os homens falam de ti em assembléias como um herói. Tudo aquilo, no entanto, é totalmente falso, eu penso, já que tu estás agora escondido dentro dessas águas! Suba, ó rei, e lute, pois tu és um Kshatriya nascido de uma família nobre! Tu és Kauraveya particularmente! Lembre teu nascimento! Como tu podes te gabar do teu nascimento na linhagem de Kuru quando tu te escondeste dentro das profundidades deste lago, tendo fugido da batalha por medo? Esse não é o dever eterno de um Kshatriya, ficar longe da batalha! Fuga da batalha, ó rei, não é a prática daqueles que são honrados, nem leva ao céu! Como é que sem ter chegado ao fim desta guerra, embora cheio de desejo de vitória, tu permaneces agora dentro desse lago, depois de ter causado e testemunhado o massacre de teus filhos e irmãos e senhores e parentes e amigos e tios maternos e aparentados? Sempre vaidoso da tua coragem, tu, no entanto, não és um herói!

Falsamente tu te descreves, ó Bharata, quando tu dizes na audição de todos os homens que tu és um herói, ó tu de mente perversa! Aqueles que são heróis nunca fogem à visão de inimigos! Ou, nos fale, ó herói, a respeito (da natureza) daquela coragem pela qual tu fugiste da batalha! Levante, ó príncipe, e lute, rejeitando teus temores! Tendo feito todas as tuas tropas e teus irmãos serem mortos, ó Suyodhana, tu não deves, se tu estás inspirado com motivos honrados, pensar agora em salvar tua vida! Alguém como tu, ó Suyodhana, que adotou os deveres Kshatriya, não deve agir dessa maneira! Confiando em Karna, como também em Shakuni o filho de Subala, tu te consideraste imortal e, por tolice, fracassaste em compreender a ti mesmo! Tendo cometido tal pecado atroz, lute agora, ó Bharata! Como essa fuga da batalha se tornou atraente para alguém como tu? Certamente, tu te esqueceste de ti mesmo! Onde está aquela tua virilidade, ó senhor, e onde, ó Suyodhana, está aquele orgulho nutrido por ti? Onde foi agora aquela tua coragem, e onde também está aquela energia superior e formidável que tu tinhas? Onde está aquela tua habilidade com armas? Por que tu te encontras dentro desse lago agora? Levante, ó Bharata, e lute, cumprindo os deveres de um Kshatriya! Ou governe a terra extensa depois de nos derrotar, ou jaza, ó Bharata, no solo nu, morto por nós! Esse mesmo é o teu maior dever, como prescrito pelo próprio Criador! Aja como foi prescrito verdadeiramente nas escrituras, e seja um rei, ó grande guerreiro em carro!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, ó monarca, pelo filho inteligente de Dharma, teu filho respondeu a ele de dentro das águas nessas palavras.'"

"Duryodhana disse, 'Não é em absoluto uma questão de surpresa, ó rei, que o medo entre nos corações das criaturas vivas. Em relação a mim mesmo, no entanto, ó Bharata, eu não fugi do campo de batalha influenciado pelo medo de (perder a) vida! Meu carro foi destruído, minhas aljavas estavam esgotadas, e meus motoristas Parshni foram mortos! Eu estava sozinho, sem um único seguidor para me defender em batalha! Foi por isso que eu desejei um pouco de descanso! Não foi para salvar minha vida, não foi por medo, não foi por aflição, ó rei, que eu entrei nessas águas! Foi só por causa da fadiga que eu fiz isso! Ó filho de Kunti, descanse um pouco com aqueles que te seguem! Erguendo-me desse lago eu irei sem dúvida lutar com todos vocês em batalha!'"

"Yudhishthira disse, 'Todos nós descansamos suficientemente. Por um longo tempo nós estávamos empenhados em uma busca por ti! Suba então, agora mesmo, ó Suyodhana, e lute conosco! Ou matando os Parthas em batalha faça teu esse reino cheio de prosperidade, ou morto por nós em batalha vá para aquelas regiões que estão reservadas para heróis!'"

"Duryodhana disse, 'Aqueles entre os Kurus, ó filho da linhagem de Kuru, por cuja causa eu desejava a soberania, isto é, aqueles meus irmãos, ó rei, jazem todos mortos no campo! Eu, além disso, não quero mais desfrutar da terra que está agora privada de riqueza e desprovida de Kshatriyas superiores, e que, portanto, tornou-se como uma senhora viúva! Eu, no entanto, ainda espero te derrotar, ó Yudhishthira, depois de refrear o orgulho, ó touro da raça Bharata, dos Pancalas e dos Pandus! Não há, no entanto, mais qualquer necessidade de lutar

quando Drona e Karna foram aquietados e quando nosso avô Bhishma foi morto! Essa terra despovoada, ó rei, agora existe para ti! Que rei gostaria de governar um reino desprovido de amigos e aliados? Tendo feito amigos tais como eu tinha serem mortos e até filhos e irmãos e pais, e vendo meu reino tirado à força por vocês, quem há como eu mesmo que gostaria de viver? Vestido em peles de veado eu me retiraria para as florestas! Eu não desejo o reino, privado como eu estou de amigos e aliados, ó Bharata! Desprovida quase totalmente de amigos e aliados, de heróis e elefantes, essa terra existe para ti, ó rei! Desfrute dela agora alegremente! Quanto a mim, vestido em camurças eu irei para as florestas! Sem amigos como eu estou, eu não desejo, ó senhor, nem a vida! Vá, ó monarca, e governe a terra destituída de senhores, sem guerreiros, privada de riqueza, e sem cidadelas, como tu escolheres!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de angústia pungente o ilustre Yudhishthira se dirigiu ao teu filho Duryodhana que estava ainda dentro daquelas águas, dizendo, ‘Não profira tais delírios de tristeza, ó senhor, de dentro das águas! Eu não sinto, como Shakuni, qualquer compaixão por ti, ó rei, por palavras tais como essas! Tu podes agora, ó Suyodhana, querer fazer um presente da terra para mim. Eu, no entanto, não desejo governar a terra dada dessa maneira por ti! Eu não posso pecaminosamente aceitar essa terra de ti! Aceitação de uma doação, ó rei, não é o dever prescrito para um Kshatriya! Eu, portanto, não desejo ter a terra extensa dada dessa maneira por ti! Eu irei, por outro lado, desfrutar da terra depois de te vencer em batalha! Tu és agora o senhor da terra! Por que então tu desejar fazer um presente daquilo sobre o qual tu não tens domínio? Por que, ó rei, tu então não nos deste a terra quando nós, cumpridores das regras de virtude e desejosos do bem-estar da nossa família, te pedimos nossa parte? Tendo primeiro recusado o pedido do poderoso Krishna, por que tu agora desejas dar a terra? O que é essa tua loucura? Que rei há que, atacado por inimigos, desejaria entregar seu reino? Ó filho da linhagem de Kuru, hoje tu não és competente para doar a terra! Por que então tu desejas fazer um presente daquilo sobre o qual tu não tens poder? Me derrotando em batalha, governe essa terra! Tu antigamente não concordaste em me dar nem aquela quantidade da terra a qual seria coberta pela ponta de uma agulha! Como então, ó monarca, tu me fazes uma doação da terra inteira? Como é que tu, que não pudeste antigamente abandonar nem aquela quantidade de terra a qual a ponta de uma agulha cobriria, agora desejas abandonar a terra inteira? Que tolo iria, depois de ter obtido tal prosperidade e governado toda a terra, pensar em fazer um presente daquela terra para seus inimigos? Estupefato pela loucura, tu não vês a impropriedade disso! Embora tu desejes dar de presente a terra, tu ainda não escaparás de mim com vida! Ou governe a terra depois de ter nos vencido, ou vá para regiões de bem-aventurança depois de ser morto por nós! Se nós dois, isto é, tu mesmo e eu mesmo, estivermos vivos, então todas as criaturas permanecerão em dúvida sobre a quem a vitória pertence. Tua vida, ó tu de previdência limitada, agora depende de mim! Se eu quiser, eu posso te permitir viver, mas tu não és capaz de proteger tua própria vida! Tu tinhas uma vez te esforçado especialmente para nos matar queimados e tirar nossas vidas por meio de cobras e outros tipos de veneno e por nos afogar! Nós fomos também injustiçados por ti, ó rei, pela privação de

nosso reino, pelas palavras cruéis faladas por ti, e por teus maus-tratos a Draupadi! Por essas razões, ó canalha, tua vida deve ser tirada! Levante-se, levante-se, e lute conosco! Isso te beneficiará!'"

"Sanjaya continuou, 'Dessa maneira, ó rei, aqueles heróis, os Pandavas, entusiasmados com a vitória, repetidamente falaram lá (repreendendo e zombando de Duryodhana).'"

32

(Gada yuddha Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Assim admoestado (por seus inimigos), como, de fato, aquele opressor de inimigos, meu filho heróico e nobre, que era colérico por natureza, se comportou então? Ele nunca antes tinha escutado admoestações semelhantes a essas! Ele tinha, além disso, sido tratado por todos com o respeito devido a um rei! Ele, que antigamente se afligia em ficar à sombra de um guarda-sol, pensando que ele tinha aceitado a proteção de outro, ele, que não podia tolerar a própria refulgência do sol por causa de seu orgulho sensível, como ele poderia tolerar aquelas palavras de seus inimigos? Tu, com teus próprios olhos, ó Sanjaya, viste a terra inteira, até com seus Mlecchas e tribos nômades, depender de sua graça! Repreendido dessa maneira naquele local pelos filhos de Pandu especialmente, enquanto deitado escondido em tal lugar solitário depois de ter sido privado de seus seguidores e servidores, ai, que resposta ele deu aos Pandavas após ouvir tais insultos mordazes e repetidos de seus inimigos vitoriosos? Conte-me tudo, ó Sanjaya, sobre isso!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim repreendido, ó monarca, por Yudhishthira e seus irmãos, teu nobre filho, deitado dentro daquelas águas, ó rei de reis, ouviu aquelas palavras amargas e ficou muito miserável. Dando suspiros quentes e longos repetidamente, o rei agitou seus braços repetidas vezes, e colocando seu coração na batalha, respondeu dessa maneira, de dentro das águas, ao nobre filho de Pandu.'"

"Duryodhana disse, 'Ó Parthas, todos vocês possuem amigos, carros, e animais! Eu, no entanto, estou sozinho, desanimado, sem um carro, e sem um animal! Estando sozinho e desprovido de armas, como eu posso me arriscar a lutar a pé, contra inimigos numerosos todos bem armados e possuidores de carros? Vocês, no entanto, ó Yudhishthira, lutem comigo um de cada vez! Não é apropriado que um deva lutar em batalha com muitos dotados de coragem, especialmente quando aquele um está sem armadura, fatigado, afligido pela calamidade, extremamente mutilado em seus membros, e desprovido de animais e tropas! Eu não nutro o menor medo, ó monarca, de ti, ou de Vrikodara, do filho de Pritha, ou Phalguna, ou de Vasudeva, ou de todos os Pancalas, ou dos gêmeos, ou de Yuyudhana, ou de todas as outras tropas que tu tens! Permanecendo em batalha, sozinho como eu estou, eu resistirei a todos vocês! A fama, ó rei, de todos os homens justos tem a justiça como sua base! Eu digo tudo

isso a vocês, observadores de ambas: justiça e fama! Erguendo-me (desse lago), eu lutarei com todos vocês em batalha! Como o ano que gradualmente encontra todas as estações, eu encontrarei todos vocês em luta! Esperem, ó Pandavas! Como o sol destruindo com sua energia a luz de todas as estrelas na alvorada, eu irei hoje, embora sem armas e sem carro, destruir todos vocês possuidores de carros e corcéis! Hoje eu me livrarei da dívida que tenho com os muitos Kshatriyas ilustres (que morreram por mim), com Bahlika e Drona e Bhishma e Karna de grande alma, com os heróicos Jayadratha e Bhagadatta, com Shalya o soberano dos Madras e Bhurishrava, com meus filhos, ó chefe da linhagem de Bharata, e Shakuni o filho de Subala, com todos os meus amigos e benquerentes e parentes! Hoje eu me livrarei daquela dívida por matar a ti com teus irmãos!' Com essas palavras, o rei (Kuru) parou de falar.'"

"Yudhishthira disse, 'Por boa sorte, ó Suyodhana, tu conheces os deveres de um Kshatriya! Por boa sorte, ó tu de braços poderosos, teu coração se inclina para a batalha! Por boa sorte, tu és um herói, ó tu da família de Kuru, e, por boa sorte, tu estás familiarizado com a batalha, já que, sem ajuda, tu desejas enfrentar todos nós em batalha! Lute com qualquer um de nós, tomando qualquer arma que tu queiras! Todos nós permaneceremos como espectadores aqui! Eu te concedo também, ó herói, esse (outro) desejo do teu coração, que se tu matares um de nós, tu então te tornarás rei! De outra maneira, morto por nós, vá para o céu!'"

"Duryodhana disse, 'Um homem bravo como tu és, se tu me concedes a opção de lutar com somente um de vocês, essa maça que eu seguro em minha mão é a arma que eu escolho! Que qualquer um entre vocês que pensa que ele será meu páreo se adiante e lute comigo a pé, armado com maça! Muitos duelos extraordinários tem ocorrido em carros! Que esse combate extraordinário e formidável com a maça aconteça hoje! Homens (enquanto lutando) desejam trocar armas. Que o modo de luta seja mudado hoje, com tua permissão! Ó tu de armas poderosas, eu irei, com minha maça, derrotar a ti hoje com todos os teus irmãos mais novos, como também todos os Pancalas e os Srinjayas e todas as outras tropas que tu ainda tens! Eu não nutro o menor medo, ó Yudhishthira, nem do próprio Shakra!'"

"Yudhishthira disse, 'Levante-se, levante-se, ó filho de Gandhari, e lute comigo, Suyodhana! Sozinho como tu estás, lute conosco, enfrentando um de cada vez, tu de grande poder, armado com tua maça! Seja um homem, ó filho de Gandhari, e lute com bastante atenção! Hoje tu terás que sacrificar tua vida mesmo que Indra se torne teu aliado!'"

"Sanjaya continuou, 'Aquele tigre entre homens, teu filho, não pode suportar essas palavras de Yudhishthira. Ele deu suspiros longos e pesados de dentro da água como uma cobra poderosa de dentro de seu buraco. Atingido repetidamente com tais espinhos verbais, ele não pode tolerar isso em absoluto, como um cavalo de raça nobre que não pode tolerar o chicote. Agitando as águas com grande força, aquele guerreiro valente se ergueu como um príncipe de elefantes de dentro do lago, respirando pesadamente em fúria, e armado com sua maça que era dotada da força do diamante e decorada com ouro. Atravessando as águas

solidificadas, teu filho se ergueu, levando no ombro sua maça de ferro, como o próprio sol chamuscando tudo com seus raios. Dotado de grande força, teu filho, possuidor de grande inteligência, começou a manejar sua maça pesada feita de ferro e equipada com um gancho (com corda ou corrente). Vendo ele armado com maça e parecendo uma montanha coroada ou o próprio Rudra manejador do tridente lançando olhares enraivecidos em criaturas vivas, eles observaram aquele chefe Bharata derramando uma refulgência em volta como o próprio sol flamejante no céu. De fato, todas as criaturas então observaram atentamente aquele castigador de inimigos de braços fortes, quando ele ficou de pé levando nos ombros sua maça depois de se erguer das águas, parecendo com o próprio Destruidor armado com sua clava. De fato, todos os Pancalas então viram teu nobre filho parecer com Shakra o manejador do trovão ou o portador do tridente Hara. Vendo ele, no entanto, se erguer de dentro das águas, todos os Pancalas e os Pandavas começaram a se regozijar e pegar as mãos uns dos outros. Teu filho Duryodhana considerou aquela ação dos espectadores como um insulto dirigido a ele. Rolando seus olhos em fúria, e como se queimando os Pandavas com seus olhares, e contraindo sua fronte em três sulcos, e repetidamente mordendo seu lábio inferior, ele se dirigiu aos Pandavas com Keshava em seu meio, dizendo, ‘Vocês Pandavas, vocês terão que aguentar o fruto dessas zombarias! Mortos por mim hoje, vocês, com os Pancalas, terão que ir para a residência de Yama!'"

"Sanjaya continuou, 'Erguendo-se da água, teu filho Duryodhana ficou lá, armado com maça, e com membros banhados em sangue. Coberto com sangue e encharcado com água, seu corpo então parecia com uma montanha derramando água do interior. Quando ele ficou de pé armado com maça, os Pandavas o consideraram como o enfurecido filho do próprio Surya armado com a clava chamada Kinkara. Com voz profunda como aquela das nuvens ou de um touro rugindo em alegria, Duryodhana então, de grande coragem, armado com sua maça, convocou os Parthas para a batalha.'"

"Duryodhana disse, 'Vocês terão, ó Yudhishthira, que me enfrentar um de cada vez! Não é apropriado que um herói deva lutar com muitos ao mesmo tempo, especialmente quando aquele único guerreiro está privado de armadura, fatigado com esforço, coberto com água, extremamente mutilado em membros, e sem carros, animais e tropas! Que os deuses no céu me vejam lutar sozinho desprovido de todo equipamento e privado até de armadura e armas! Eu sem dúvida lutarei com todos vocês! Tu serás juiz, como tu tens as qualificações necessárias, da propriedade e impropriedade de tudo!'"

"Yudhishthira disse, 'Como é, ó Duryodhana, que tu não tinhas esse conhecimento quando muitos grandes guerreiros em carros, se unindo, mataram Abhimanyu em batalha? Os deveres Kshatriya são extremamente cruéis, sem consideração por todas as considerações, e sem a menor compaixão! De outra maneira, como vocês puderam matar Abhimanyu sob aquelas circunstâncias? Todos vocês conheciam a virtude! Todos vocês eram heróis! Todos vocês estavam preparados para sacrificar suas vidas em batalha! O fim sublime declarado para aqueles que lutam justamente é a obtenção das regiões de Shakra! Se esse é seu dever, que um nunca deve ser morto por muitos, por que é

então Abhimanyu foi morto por muitos, agindo de acordo com teus conselhos? Todas as criaturas, quando em dificuldade, esquecem considerações de virtude. Elas então visualizam os portões do outro mundo como estando fechados. Ponha armadura, ó herói, e amarre teus cabelos! Pegue tudo mais, ó Bharata, do que tu precisas! Esse outro desejo teu, ó herói, eu te concedo além do mais, que se tu puderes matar aquele entre os cinco Pandavas com quem tu desejas um combate, tu então serás rei! De outra maneira, morto (por ele), tu irás para o céu! Exceto tua vida, ó herói, nos diga que benefício nós podemos te conceder.'"

"Sanjaya continuou, 'Então teu filho, ó rei, envolveu seu corpo com armadura feita de ouro, e colocou uma bela proteção para a cabeça enfeitada com ouro puro. Vestido em armadura brilhante de ouro, ele pôs aquela proteção para a cabeça. De fato, ó rei, teu filho então parecia resplandecente como um rochedo dourado. Vestido em armadura, armado com maça, e equipado com outros equipamentos, teu filho Duryodhana então, ó rei, permanecendo no campo de batalha, se dirigiu a todos os Pandavas, dizendo, 'Entre vocês (cinco) irmãos, que qualquer um lute comigo, armado com maça! Em relação a mim mesmo, eu gostaria de lutar ou com Sahadeva, ou Bhima, ou Nakula, ou Phalguna, ou contigo hoje, ó touro da raça Bharata! Acordado um combate, eu lutarei com qualquer um entre vocês e sem dúvida obterei a vitória no campo! Hoje eu alcançarei o fim dessas hostilidades que é difícil de alcançar, com a ajuda, ó tigre entre homens, da minha maça envolvida com tecido de ouro. Eu penso que não há ninguém que seja páreo para mim em um combate com a maça! Com minha maça eu matarei todos vocês um depois do outro! Entre todos vocês não há ninguém que é qualificado para lutar de modo justo comigo! Não é apropriado para eu falar tais palavras de orgulho com relação a minha própria pessoa! Eu irei, no entanto, fazer essas minhas palavras verdadeiras na sua presença! Dentro dessa mesma hora, essas palavras se tornarão ou verdadeiras ou falsas! Que pegue a maça aquele entre vocês que lutará comigo!'"

33

"Sanjaya disse, 'Enquanto Duryodhana, ó rei, estava rugindo repetidamente dessa maneira, Vasudeva, cheio de ira, disse essas palavras para Yudhishthira, 'Que palavras irrefletidas tu falaste, ó rei, neste sentido, 'Matando um entre nós seja tu rei entre os Kurus.' Se, de fato, ó Yudhishthira, Duryodhana te escolher para lutar, ou Arjuna, ou Nakula, ou Sahadeva (qual será a consequência)? Pelo desejo de matar Bhimasena, ó rei, por esses treze anos Duryodhana tem praticado com a maça sobre uma estátua de ferro! Como então, ó touro da raça Bharata, nosso propósito será alcançado? Por compaixão, ó melhor dos reis, tu agiste com grande estouvamento! Eu nesse momento não vejo um páreo (para Duryodhana) exceto o filho de Pritha Vrikodara! Sua prática, além disso, com a maça, não é tão formidável! Tu, portanto, mais uma vez permitiste que um jogo baixo de acaso começasse como aquele nos tempos passados entre tu mesmo e Shakuni, ó monarca! Bhima é possuidor de força e bravura. O rei Suyodhana, no entanto, é possuidor de habilidade! Em uma competição entre força e habilidade,

aquele que é possuidor de habilidade, ó rei, sempre prevalece! Tal inimigo, ó rei, tu, com tuas palavras, colocaste em uma posição de facilidade e conforto! Tu te colocaste em uma posição de dificuldade. Nós, por causa disso, fomos colocados em grande perigo! Quem abandonaria a soberania dentro do alcance, depois de ter derrotado todos os seus inimigos e quando ele tem somente um inimigo para matar e aquele único mergulhado em dificuldades? Eu não vejo aquele homem no mundo hoje, seja ele um deus, que é qualificado para derrotar Duryodhana armado com maça em batalha! Nem tu nem Bhima, nem Nakula nem Sahadeva, nem Phalguna são capazes de vencer Duryodhana em luta justa! O rei Duryodhana é possuidor de grande habilidade! Como então, ó Bharata, tu podes dizer para semelhante inimigo palavras tais como essas, 'Lute, escolhendo a maça como tua arma, e se tu puderes matar um entre nós, tu então serás rei?' Se Duryodhana enfrentar Vrikodara entre nós desejando lutar de modo justo com ele, mesmo então nossa vitória será duvidosa. Duryodhana é possuidor de grande força e grande habilidade. Como tu pudeste dizer para ele, 'Matando somente um entre nós tu serás rei?' Sem dúvida, os filhos de Pandu e Kunti não estão destinados a desfrutar da soberania! Eles nasceram para passar suas vidas em contínuo exílio nas florestas ou em mendicância!'"

"Bhimasena disse, 'Ó matador de Madhu, ó encantador dos Yadus, não te entregue à tristeza! Embora difícil de realizar isso, eu hoje alcançarei o fim dessas hostilidades! Sem dúvida eu matarei Suyodhana em batalha! Parece, ó Krishna, que a vitória de Yudhishthira o justo é certa! Essa minha maça é uma vez e meia mais pesada do que a de Duryodhana! Ó Madhava, não te entregue à aflição! Eu ouso lutar com ele, escolhendo a maça como a arma! Que todos vocês, ó Janardana, permaneçam como espectadores do combate! O que você diz de Suyodhana, eu lutaria com os três mundos incluindo os próprios deuses, mesmo que eles estivessem armados com todos os tipos de armas!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Vrikodara tinha dito essas palavras, Vasudeva, cheio de alegria, elogiou-o muito e disse a ele, 'Confiando em ti, ó tu de braços fortes, o rei Yudhishthira o justo irá, sem dúvida, obter de volta sua prosperidade resplandecente depois do massacre de todos os seus inimigos! Tu mataste todos os filhos de Dhritarashtra em batalha! Nas tuas mãos muitos reis e príncipes e elefantes encontraram seu destino! Os Kalingas, os Magadhas, os Kauravas, os habitantes do Oeste, os Gandharas foram todos mortos em batalha aterradora, ó filho de Pandu! Matando Duryodhana então, ó filho de Kunti, entregue a terra com seus oceanos a Yudhishthira o justo, como Vishnu (conferindo a soberania dos três mundos) ao marido de Sachi! O infame filho de Dhritarashtra, te obtendo como um inimigo em batalha sem dúvida encontrará seu destino! Tu indubitavelmente cumprirás tua promessa por quebrar seus ossos! Tu deves, no entanto, ó filho de Pritha, sempre lutar com atenção com o filho de Dhritarashtra! Ele é possuidor de ambas, habilidade e força, e sempre tem prazer na batalha!' Então Satyaki, ó rei, aplaudiu o filho de Pandu. Os Pancalas e os Pandavas, também, encabeçados pelo rei Yudhishthira o justo, todos aplaudiram aquelas palavras de Bhimasena. Então Bhima de força terrível se dirigiu a Yudhishthira, que estava em meio aos Srinjayas como o próprio sol resplandecente, dizendo,

‘Enfrentando esse em batalha, eu me arrisco a lutar com ele! Esse canalha entre os homens não é capacitado para me vencer em combate! Hoje eu vomitarei aquela ira a qual foi mantida em meu peito sobre Suyodhana, o filho de Dhritarashtra, como Arjuna lançando fogo na floresta de Khandava! Eu hoje arrancarei o dardo, ó filho de Pandu, que se encontra fincado por tanto tempo no teu coração! Seja feliz, ó rei, depois de eu ter derrubado esse canalha com minha maça! Hoje eu recuperarei, ó impecável, tua coroa de glória! Hoje Suyodhana abandonará seu ar vital, sua prosperidade, e seu reino! Hoje o rei Dhritarashtra também, sabendo da morte de seu filho, se lembrará de todos aqueles males (que ele fez para nós) resultantes das sugestões de Shakuni!’ Tendo dito essas palavras aquele príncipe da linhagem de Bharata, possuidor de grande energia, se levantou para a batalha, como Shakra convocando Vritra (para uma luta). Incapaz de tolerar aquela convocação, teu filho, de grande energia, procedeu para o combate, como um elefante enfurecido indo atacar outro. Os Pandavas viram teu filho, quando ele se aproximou armado com maça, parecer com a montanha coroada de Kailasa. De fato, vendo aquele teu filho poderoso permanecendo sozinho como um príncipe de elefantes separado da manada, os Pandavas ficaram cheios de deleite. Firme em batalha como um verdadeiro leão, Duryodhana não tinha medo, nem alarma, nem dor, nem ansiedade. Vendo ele de pé lá com maça erguida como a montanha coroada de Kailasa, Bhimasena, ó monarca, se dirigiu a ele, dizendo, ‘Lembre de todos aqueles males que o rei Dhritarashtra e tu mesmo tem feito para nós! Lembre do que aconteceu em Varanavata! Lembre de como Draupadi, enquanto em seu período, foi maltratada no meio da assembléia e como o rei Yudhishthira foi derrotado no jogo de dados por causa da sugestão de Shakuni! Veja agora, ó tu de alma perversa, a consequência terrível daqueles atos como também das outras injustiças que tu fizeste aos Parthas inocentes! É por tua causa que aquele chefe ilustre dos Bharatas, o filho de Ganga, o avô de todos nós, jaz agora em um leito de flechas, derrubado (por nós)! Drona também foi morto! Karna foi morto! Shalya de grande coragem foi morto! Lá Shakuni também, a causa dessas hostilidades, foi morto em batalha! Teus irmãos heróicos, como também teus filhos, com todas as tuas tropas, estão mortos! Outros reis também, possuidores de heroísmo, e nunca recuando da batalha, foram mortos. Esses e muitos outros touros entre os Kshatriyas, como também o Pratikamin, aquele patife que agarrou os cabelos de Draupadi, foram mortos! Só tu ainda estás vivo, tu exterminador da tua classe, tu patife entre os homens! A ti também eu matarei hoje com minha maça! Disso não há dúvida! Hoje, ó rei, eu irei, em batalha, abrandar todo o teu orgulho! Eu destruirei também tua esperança de soberania, ó rei, e me vingarei de todos os teus crimes contra os filhos de Pandu!'"

"Duryodhana disse, 'Qual a utilidade de muitas palavras? Lute comigo agora! Hoje, ó Vrikodara, eu abaterei teu desejo por batalha! Por que tu não olhas para mim, ó canalha, de pé aqui para um combate com a maça? Eu não estou armado com uma maça formidável que parece com um rochedo de Himavat? Que inimigo, ó patife, se arriscaria a me derrotar armado com essa arma? Se essa for uma luta justa, o próprio Purandara, entre os deuses, não é qualificado para esse fim! Por todos aqueles maus atos meus aos quais tu te referiste, tu não pudesses (até

agora) me causar o menor dano! Por exercer meu poder, eu fiz vocês morarem nas florestas, servirem na residência de outro, se esconderem em disfarces! Seus amigos e aliados também foram mortos. Nossa perda foi igual! Se então minha queda ocorrer nessa batalha isso será altamente louvável. Ou, talvez, o Tempo será a causa! Até esse dia eu nunca fui vencido em luta justa no campo de batalha! Se você me vencer por meio de fraude, sua infâmia certamente durará para sempre! Aquele ato seu, sem dúvida, será injusto e infame! Ó filho de Kunti, não ruja inutilmente dessa maneira como nuvens outonais não carregadas com água! Mostre toda a força que tu tens em combate agora!' Ouvindo essas palavras dele, os Pandavas com os Srinjayas, todos inspirados com desejo de vitória, as aplaudiram muito. Como homens excitando como um elefante enfurecido com palmas, todos eles então alegraram o rei Duryodhana (com aqueles louvores e aplausos). Os elefantes que estavam lá começaram a grunhir e os corcéis a relinchar repetidamente. As armas dos Pandavas, que estavam inspiradas com desejo de vitória flamejaram por iniciativa própria.'"

34

"Sanjaya disse, 'Quando aquela batalha violenta, ó monarca, estava prestes a começar, e quando todos os Pandavas de grande alma tinham tomado seus assentos, de fato, sabendo que aquela batalha entre aqueles dois heróis, ambos os quais eram seus discípulos, estava prestes a começar, Rama, cuja bandeira portava o emblema da palmeira, e que possui o arado como sua arma, chegou àquele local. Vendo ele, os Pandavas, com Keshava, avançaram cheios de alegria em sua direção, e recebendo-o, o adoraram com ritos devidos. Sua adoração terminada, eles então, ó rei, disseram a ele essas palavras, 'Testemunhe, ó Rama, a habilidade, em batalha, dos teus dois discípulos!' Rama então lançou seus olhos em Krishna e nos Pandavas, e olhando para Duryodhana também da linhagem de Kuru que estava em pé lá armado com maça, disse, 'Quarenta e dois dias se passaram desde que eu deixei o lar. Eu parti sob a constelação Pushya e voltei sob Sravana. Eu estou desejoso, ó Madhava, de ver esse combate com a maça entre esses dois discípulos meus!' Naquele momento os dois heróis, Duryodhana e Vrikodara, pareciam resplandecentes enquanto eles permaneciam no campo, ambos armados com maças. O rei Yudhishthira, abraçando ele que possui o arado como sua arma, devidamente perguntou sobre seu bem-estar e lhe deu as boas-vindas. Aqueles dois grandes arqueiros, os dois Krishnas ilustres, cheios de alegria, saudaram alegremente o herói tendo o arado como sua arma e o abraçaram. Similarmente, os dois filhos de Madri e os cinco filhos de Draupadi saudaram o filho de Rohini de grande força e permaneceram (a uma distância respeitosa). Bhimasena de grande força e teu filho, ó monarca, ambos com maças erguidas (em seus braços), reverenciaram Valadeva. Os outros reis o honraram por lhes darem as boas vindas, e então todos eles disseram para Rama, 'Testemunhe este combate, ó tu de braços poderosos!' Assim mesmo aqueles poderosos guerreiros em carros falaram para o filho de grande alma de Rohini. Dotado de energia incomensurável, Rama, tendo abraçado os Pandavas e os

Srinjayas, perguntou sobre o bem-estar de todos os (outros) reis. Da mesma maneira, todos eles, se aproximando, perguntaram a respeito do bem-estar dele. O herói do arado, tendo em retorno saudado todos os Kshatriyas de grande alma, e tendo feito perguntas corteses acerca de cada um de acordo com suas idades, abraçou carinhosamente Janardana e Satyaki. Cheirando suas cabeças, ele perguntou sobre seu bem-estar. Aqueles dois, em retorno, ó rei, devidamente reverenciaram ele, seu superior, alegremente, como Indra e Upendra reverenciando Brahman, o senhor dos celestiais. Então o filho de Dharma, ó Bharata, disse essas palavras para aquele castigador de inimigos, o filho de Rohini, 'Veja, ó Rama, esse combate formidável entre os dois irmãos!' Assim adorado por aqueles grandes guerreiros em carros, o irmão mais velho de Keshava, de braços poderosos e grande beleza, tomou seu assento entre eles. Vestido em mantos azuis e possuidor de uma aparência formosa, Rama, quando ele sentou em meio àqueles reis, parecia resplandecente como a lua no firmamento, cercada por miríades de estrelas. Então aquele combate aterrador, de arrepiar os cabelos, aconteceu entre aqueles dois filhos teus, ó rei, para terminar a disputa (que tinha sido travada por muitos anos).'"

35

Janamejaya disse, "Na véspera da grande batalha (entre os Kurus e os Pandus), o senhor Rama, com a permissão de Keshava, tinha partido (de Dwaraka) acompanhado por muitos dos Vrishnis. Ele disse para Keshava, 'Eu não prestarei ajuda nem ao filho de Dhritarashtra nem aos filhos de Pandu, mas irei para onde quer que eu queira!' Tendo dito essas palavras, Rama, aquele que resiste a inimigos, tinha partido. Cabe a ti, ó Brahmana, me dizer tudo sobre seu retorno! Conte-me em detalhes como Rama chegou àquele local, como ele testemunhou a batalha. Na minha opinião tu és bem hábil em narração!"

Vaishampayana disse, "Depois que os Pandavas de grande alma tinham tomado seu posto em Upaplavya, eles despacharam o matador de Madhu à presença de Dhritarashtra, pelo objetivo da paz, ó de braços fortes, e para o bem de todas as criaturas. Tendo ido para Hastinapura e encontrado Dhritarashtra, Keshava falou palavras de significado verdadeiro e especialmente benéfico. O rei, no entanto, como eu te disse antes, não escutou aqueles conselhos. Incapaz de obter a paz, o poderosamente armado Krishna, aquele mais notável dos homens, voltou, ó monarca, para Upaplavya. Dispensado pelo filho de Dhritarashtra, Krishna voltou (ao acampamento Pandava), e após o fracasso de sua missão, ó tigre entre reis, disse essas palavras para os Pandavas, 'Incitados pelo Destino, os Kauravas são a favor de desconsiderar minhas palavras! Venham, ó filhos de Pandu, comigo (para o campo de batalha), partindo sob a constelação Pushya!' Depois disso, enquanto as tropas estavam sendo reunidas e colocadas em formação, o filho de grande alma de Rohini, aquela principal de todas as pessoas dotadas de força, se dirigiu a seu irmão Krishna, dizendo, 'Ó de braços fortes, ó matador de Madhu, vamos prestar assistência aos Kurus!' Krishna, no entanto, não escutou aquelas palavras dele. Com coração cheio de raiva (por causa disso),

aquele filho ilustre da linhagem de Yadu, o manejador do arado então partiu em uma peregrinação ao Sarasvati. Acompanhado por todos os Yadavas, ele partiu sob a conjunção do asterismo chamado Maitra. O chefe Bhoja (Kritavarma), no entanto, adotou o lado de Duryodhana. Acompanhado por Yuyudhana, Vasudeva adotou aquele dos Pandavas. Depois que o filho heróico de Rohini tinha partido sob a constelação Pushya, o matador de Madhu, colocando os Pandavas em sua dianteira, procedeu contra os Kurus. Enquanto prosseguia, Rama ordenou seus empregados no caminho, dizendo, 'Tragam todas as coisas que são necessárias para uma peregrinação, isto é, todo artigo de utilidade! Tragam o fogo (sagrado) que está em Dwaraka, e nossos sacerdotes. Tragam ouro, prata, gado, mantos, cavalos, elefantes, carros, mulas, camelos, e outros gados de carga! Tragam todos esses artigos necessários para uma viagem às águas sagradas, e procedam com grande velocidade em direção ao Sarasvati! Tragam também alguns sacerdotes para serem especialmente empregados, e centenas dos principais dos Brahmanas!' Tendo dado essas ordens aos empregados, o poderoso Valadeva partiu em uma peregrinação naquela época de grande calamidade para os Kurus. Partindo em direção ao Sarasvati, ele visitou todos os lugares sagrados em seu curso, acompanhado por sacerdotes, amigos, e muitos principais dos Brahmanas, como também com carros e elefantes e cavalos e empregados, ó touro da raça Bharata, e com muitos veículos puxados por gado e mulas e camelos. Diversos tipos de coisas necessárias para a vida foram doados em grande quantidade e em diversos países para os fatigados e emaciados, crianças e idosos, em resposta, ó rei, a solicitações. Em todos os lugares, ó rei, Brahmanas eram prontamente gratificados com quaisquer iguarias que eles desejassem. Por ordem do filho de Rohini, homens em diferentes estágios da jornada armazenavam alimento e bebida em grandes quantidades. Artigos caros de vestuário e armações de cama e cobertores eram dados para a satisfação de Brahmanas desejosos de tranquilidade e conforto. Qualquer Brahmana ou Kshatriya que solicitasse qualquer coisa, ó Bharata, aquilo era visto ser dado de bom grado a ele. Todos os que formavam o grupo prosseguiam com grande felicidade e viviam alegremente. As pessoas (da comitiva de Valarama) doavam veículos para pessoas desejosas de fazer viagens, bebidas para aqueles que estavam com sede, e iguarias saborosas para aqueles que estavam com fome, como também mantos e ornamentos, ó touro da raça Bharata, para muitos! A estrada, ó rei, pela qual o grupo procedia, parecia resplandecente, ó herói, e era muito confortável para todos e parecia o próprio céu. Havia júbilo em todos os lugares perto dela, e iguarias saborosas eram obteníveis em todo lugar. Havia lojas e tendas e objetos diversos expostos para venda. O caminho inteiro estava, além disso, apinhado com seres humanos. E ele era adornado com várias espécies de árvores e criaturas, e vários tipos de pedras preciosas. Valadeva de grande alma, cumpridor de votos rígidos, doou para os Brahmanas muita riqueza e abundantes presentes sacrificais, ó rei, em diversos lugares sagrados. Aquele chefe da linhagem de Yadu também doou milhares de vacas leiteiras cobertas com tecidos excelentes e tendo seus chifres envolvidos em ouro, muitos corcéis pertencentes a países diferentes, muitos veículos, e muitos escravos belos. Assim mesmo Rama de grande alma deu riqueza em diversos tirthas excelentes no Sarasvati. No decorrer

de suas vagueações, aquele herói de poder inigualável e conduta magnânima finalmente chegou a Kurukshetra."

Janamejaya disse, "Diga-me, ó principal dos homens, as características, a origem, e os méritos dos vários tirthas no Sarasvati e as ordenanças a serem cumpridas enquanto permanecendo lá! Diga-me isto, em sua ordem, ó ilustre! Minha curiosidade é irreprimível, ó mais notável de todas as pessoas conhecedoras de Brahma!"

Vaishampayana disse, "O tópico das características e origem de todos esses tirthas, ó rei, é muito amplo. Eu irei, no entanto, descrevê-los para ti. Ouça esta descrição sagrada em sua totalidade, ó rei! Acompanhado por seus sacerdotes e amigos, Valadeva primeiro procedeu ao tirtha chamado Prabhasa. Lá, o Senhor das constelações (Soma), que tinha sido afetado com tísica, ficou livre de sua maldição. Recuperando energia lá, ó rei, ele agora ilumina o universo. E porque aquele principal dos tirthas na terra antigamente contribuiu para investir Soma com esplendor (depois que ele o tinha perdido), ele é, portanto, chamado Prabhasa."

Janamejaya disse, "Por qual razão o adorável Soma foi afligido com tísica? Como também ele se banhou naquele tirtha? Como ele, tendo se banhado naquela água sagrada, recuperou sua energia? Conte-me tudo isso em detalhes, ó grande Muni!"

Vaishampayana disse, "Daksha teve vinte e sete filhas, ó rei! Essas ele entregou (em casamento) para Soma. Conectadas com as várias constelações, aquelas esposas, ó rei, de Soma de feitos auspiciosos, serviam para ajudar os homens a calcular o tempo. Possuidoras de olhos grandes, todas elas eram inigualáveis em beleza no mundo. Em abundância de beleza, no entanto, Rohini era a principal delas todas. O adorável Soma se deleitou muito com ela. Ela se tornou muito agradável para ele, e portanto, ele desfrutava dos prazeres de sua companhia (exclusivamente). Naqueles tempos passados, ó monarca, Soma viveu muito tempo com Rohini (unicamente). Por isso, aquelas outras esposas dele, aquelas que eram chamadas de constelações, ficaram descontentes com aquele de grande alma. Dirigindo-se rapidamente a seu pai (Daksha), aquele Senhor da criação, elas disseram a ele, 'Soma não vive conosco! Todas nós portanto, ó senhor das criaturas, moraremos ao teu lado, em alimentação regulada e cumpridoras de penitências rígidas!' Ouvindo essas palavras delas, Daksha (viu Soma e) disse a ele, 'Te comporte igualmente para com todas as suas esposas! Não deixe um grande pecado te macular!' E Daksha então disse para aquelas filhas dele, 'Vão, todas vocês, à presença de Sasin. Por minha ordem, ele, (também chamado) Candramas, se comportará igualmente com todas vocês!' Dispensadas por ele, elas então procederam para a residência dele que tem raios frios. Contudo o adorável Soma, ó senhor da terra, continuou a agir como antes, pois satisfeito somente com Rohini, ele continuou a viver com ela exclusivamente. Suas outras esposas então mais uma vez foram juntas ao pai delas e disseram para ele, 'Empenhadas em te servir, nós moraremos no teu retiro! Soma não vive conosco e não tem consideração por tuas ordens!' Ouvindo essas palavras delas, Daksha disse novamente para Soma, 'Te comporte igualmente para com todas as

tuas esposas! Não me deixe, ó Virochana, te amaldiçoar!' Desconsiderando, no entanto, essas palavras de Daksha, o adorável Soma continuou a viver somente com Rohini. Nisso, suas outras esposas ficaram zangadas mais uma vez. Se dirigindo a seu pai, elas o reverenciaram por abaixarem suas cabeças, e disseram, 'Soma não vive conosco! Nos dê tua proteção! O adorável Candramas sempre vive com Rohini exclusivamente! Ele não dá importância às tuas palavras, e não deseja nos mostrar qualquer afeição! Portanto, salve-nos para que Soma possa aceitar todas nós!' Ouvindo essas palavras, o adorável Daksha, ó rei, ficou furioso e por causa disso lançou a maldição de tísica sobre Soma. Dessa maneira aquela doença tomou conta do Senhor das estrelas. Afligido com tísica, Sasin começou a definhar dia a dia. Ele fez muitos esforços para se livrar daquela doença por realizar diversos sacrifícios, ó monarca! O fazedor da noite, no entanto, não pode se livrar daquela maldição. Por outro lado, ele continuou a enfraquecer e sofrer emaciação. Por causa, no entanto, do enfraquecimento de Soma, as ervas decíduas fracassaram em crescer. Seus sucos secaram e ficaram insípidos, e todas elas ficaram privadas de suas virtudes. E, por causa dessa decadência das ervas decíduas as criaturas vivas também começaram a decair. De fato, devido ao enfraquecimento de Soma, todas as criaturas começaram a ficar emaciadas. Então os celestiais, indo até Soma, ó rei, o questionaram, dizendo, 'Por que é que tua forma não é tão bela e brilhante (como antes)? Diga-nos o motivo pelo qual ocorreu essa grande calamidade! Ouvindo tua resposta, nós faremos o que é necessário para dissipar o teu temor!' Assim endereçado, o deus tendo a lebre como seu símbolo respondeu a eles e os informou da causa da maldição e da física com a qual ele era afligido. Os deuses então, tendo ouvido aquelas palavras, se dirigiram a Daksha e disseram, 'Fique satisfeito, ó adorável, com Soma! Que essa tua maldição seja retirada! Candramas está muito emaciado! Somente uma pequena parte dele pode ser vista! Por causa do enfraquecimento dele, ó Senhor dos celestiais, todas as criaturas também estão enfraquecendo! Trepadeiras e ervas de diversas espécies também estão definhando! Por seu enfraquecimento nós mesmos também estamos sofrendo emaciação! Sem nós, o que será esse universo? Sabendo disso, ó mestre do universo, cabe a ti ficar satisfeito (com Soma)!' Assim endereçado (Daksha), aquele Senhor das criaturas disse essas palavras para os celestiais, 'É impossível fazer minhas palavras se tornarem diferentes! Por meio de algum artifício, no entanto, ó abençoados, minhas palavras podem ser retiradas! Que Sasin sempre se comporte igualmente com todas as suas esposas! Tendo se banhado também naquele principal dos tirthas no Sarasvati, o deus que tem a lebre como seu símbolo irá, ó deuses, crescer novamente! Essas minhas palavras são verdadeiras! Por metade do mês Soma minguará todo dia, e por metade do mês (seguinte) ele crescerá todo dia! Essas minhas palavras são verdadeiras! Procedendo para o oceano ocidental no lugar onde o Sarasvati se mistura com o oceano, aquele vasto receptáculo de águas, que ele adore aquele deus dos deuses (Mahadeva) lá! Ele então recuperará sua forma e beleza!' Por essa ordem do Rishi (celeste Daksha), Soma então foi para o Sarasvati. Ele chegou àquele principal dos tirthas chamado Prabhasa pertencente ao Sarasvati. Banhando-se lá no dia da lua nova, aquele deus de grande energia e grande refulgência obteve de volta seus raios frios e continuou mais uma vez a iluminar os mundos. Todas as criaturas também, ó monarca, tendo ido para

Prabhasa, voltaram com Soma entre eles para o lugar onde Daksha estava. (Recebendo-os devidamente) aquele Senhor das criaturas então as dispensou. Satisfeito com Soma, o adorável Daksha dirigiu-se novamente a ele dizendo, ‘Ó filho, não desrespeite as mulheres, e nunca desrespeite Brahmanas! Vá e obedeça minhas ordens atenciosamente!’ Dispensado por ele, Soma voltou para sua própria residência. Todas as criaturas, cheias de alegria, continuaram a viver como antes. Eu assim te disse tudo sobre como o fazedor da noite foi amaldiçoado, e, como também Prabhasa se tornou o principal de todos os tirthas. Em todo dia recorrente da lua nova, ó monarca, o deus que tem a lebre como seu símbolo se banha no tirtha excelente de Prabhasa e recupera sua forma e beleza. É por esta razão, ó senhor da terra, que aquele tirtha é conhecido pelo nome de Prabhasa, já que se banhando lá Chandramas recuperou sua grande (Prabha) refulgência. Depois disso, o poderoso Baladeva de glória imperecível procedeu para Chamasodbheda, isto é, para aquele tirtha que é chamado por aquele nome. Dando muitos presentes caros naquele local, o herói que tem o arado como sua arma passou uma noite lá e realizou suas abluções devidamente. O irmão mais velho de Keshava então procedeu rapidamente para Udapana. Embora o Sarasvati pareça estar perdido lá, ainda assim pessoas coroadas com êxito ascético, por elas terem obtido grandes méritos e grande bem-aventurança naquele local, e devido também ao frescor das ervas e da terra lá, saiba que o rio tem uma correnteza invisível, ó monarca, através das entranhas da terra lá.

36

Vaishampayana disse, "Baladeva (como já dito), procedeu em seguida para o tirtha chamado Udapana no Sarasvati, que antigamente era a residência, ó rei, do ilustre (asceta) Trita. Tendo doado muita riqueza e adorado os Brahmanas, o herói tendo o arado como sua arma banhou-se lá e ficou cheio de alegria. Devotado à justiça, o grande asceta Trita tinha vivido lá. Enquanto em um buraco, aquele de grande alma bebeu o suco Soma. Seus dois irmãos, jogando-o naquela cova, tinham voltado para sua casa. Aquele principal dos Brahmanas, Trita, então amaldiçoou ambos."

Janamejaya disse, "Qual é a origem de Udapana? Como o grande asceta (Trita) caiu em uma cova lá? Por que aquele principal dos Brahmanas foi jogado naquela cova por seus irmãos? Como seus irmãos, depois de jogá-lo naquele buraco, voltaram para casa? Como Trita realizou seu sacrifício e como ele bebeu Soma? Diga-me tudo isso, ó Brahmana, se tu achares que eu posso escutar a isto sem impropriedade!"

Vaishampayana continuou, "Em um Yuga antigo, ó rei, havia três irmãos que eram ascetas. Eles eram chamados Ekata, Dwita, e Trita, e todos os três eram dotados de refulgência semelhante àquela do sol. Eles eram como Senhores da criação e eram abençoados com filhos. Anunciadores de Brahma, eles tinham por meio de suas penitências obtido o privilégio de alcançar as regiões de Brahman (depois da morte). Com suas penitências, votos, e autodomínio, seu pai Gautama,

que era sempre devotado à virtude, ficava sempre muito satisfeito com eles. Tendo obtido grande alegria por causa de seus filhos, o adorável Gautama, depois de passar uma vida longa lá, foi finalmente para a região (do outro mundo) que estava preparada para ele. Aqueles reis, no entanto, ó monarca, que tinham sido os Yajamanas de Gautama, continuaram a reverenciar os filhos de Gautama depois que o pai tinha ido para o céu. Entre eles, no entanto, Trita, por suas ações e estudo (dos Vedas), ó rei, se tornou o mais notável, assim como seu pai Gautama. Então todos os ascetas altamente abençoados, caracterizados por retidão, começaram a adorar Trita como eles tinham adorado seu pai Gautama antes dele. Uma vez, os dois irmãos Ekata e Dwita pensaram em realizar um sacrifício e ficaram ansiosos por riqueza. O plano que eles formaram, ó opressor de inimigos, era levar Trita com eles, e chamando todos os seus Yajamanas e reunindo o número necessário de animais, eles beberiam alegremente o suco Soma e obteriam os grandes méritos do sacrifício. Os três irmãos então, ó monarca, fizeram como decidido. Chamando todos os seus Yajamanas para (obter) animais, e ajudá-los em seus sacrifícios e recebendo um grande número de animais deles, e tendo-os devidamente aceitado em doação por aqueles serviços sacerdotais os quais eles prestavam, aqueles grandes Rishis de grande alma foram para o leste. Trita, ó rei, com o coração alegre estava caminhando diante deles. Ekata e Dwita estavam em sua retaguarda, trazendo os animais. Vendo aquele grande rebanho de animais, eles começaram a refletir quanto a como eles dois podiam se apropriar daquela propriedade sem dar uma parte para Trita. Ouça, ó rei, o que aqueles dois canalhas pecaminosos, Ekata e Dwita, disseram enquanto conversando entre si! Eles disseram, 'Trita é hábil em ajudar em sacrifícios. Trita é devotado aos Vedas. Trita é capaz de ganhar muitos outros gados. Que nós dois, portanto, vamos embora, levando os gados conosco! Que Trita vá para onde quer que ele escolha, sem estar em nossa companhia!' Enquanto eles prosseguiam, a noite os alcançou no caminho. Eles então viram um lobo diante deles. Não longe daquele lugar havia um buraco profundo na margem do Sarasvati. Trita, que estava na frente de seus irmãos, vendo o lobo, correu apavorado e caiu naquele buraco. Aquele buraco era insondável e terrível e capaz de encher todas as criaturas de medo. Então Trita, ó rei, aquele melhor dos ascetas, de dentro daquele buraco, começou a proferir lamentos de angústia. Seus dois irmãos ouviram seus gritos. Compreendendo que ele tinha caído em uma cova, seus irmãos Ekata e Dwita, movidos por medo do lobo como também por tentação, foram em frente, abandonando seu irmão. Assim abandonado por seus dois irmãos, que eram movidos pela tentação de se apropriar daqueles animais, o grande asceta Trita, ó rei, enquanto dentro daquele poço solitário coberto com poeira e ervas e trepadeiras se considerou mergulhado, ó chefe dos Bharatas, no próprio inferno como um infeliz pecaminoso. Ele teve medo de morrer visto que ele não tinha ganhado o mérito de beber suco Soma. Possuidor de grande sabedoria, ele começou a refletir com a ajuda de sua inteligência a respeito de como ele poderia conseguir beber Soma mesmo lá. Enquanto pensando naquele assunto, o grande asceta, permanecendo naquela cova, viu uma trepadeira pendurada dentro dela no decorrer de seu crescimento. Embora o buraco estivesse seco, o sábio imaginou a existência de água e de fogos sacrificais lá. Nomeando-se o Hotri (em imaginação), o grande asceta imaginou

que a trepadeira que ele via era a planta Soma. Ele então proferiu mentalmente os Richs, os Yayushes e os Samans (que eram necessários para a realização de um sacrifício). Os seixos (jazendo no fundo do poço) Trita converteu em grãos de açúcar (em imaginação). Ele então, ó rei, (mentalmente) realizou suas abluções. Ele concebeu a água (que ele tinha imaginado) como manteiga clarificada. Ele designou aos celestiais suas respectivas partes (daquelas oferendas sacrificais). Tendo em seguida bebido (mentalmente) Soma, ele começou a proferir um barulho alto. Aqueles sons, ó rei, primeiro proferidos pelo Rishi sacrificante, penetraram no céu, e Trita completou aquele sacrifício da mesma maneira prescrita pelos pronunciadores de Brahma. Durante a continuação daquele sacrifício de Trita de grande alma, toda a região dos celestiais ficou agitada. Ninguém sabia, no entanto, a causa. Brihaspati (o preceptor dos deuses) ouviu aquele barulho alto (feito por Trita). Os sacerdotes dos celestiais disseram para os últimos, 'Trita está realizando um sacrifício. Nós devemos ir lá, ó deuses! Dotado de mérito ascético extraordinário, se zangado, ele é competente para criar outros deuses!' Ouvindo essas palavras de Brihaspati, todos os deuses, juntos, foram àquele local onde o sacrifício de Trita estava sendo realizado. Tendo procedido para aquele local, os deuses viram Trita de grande alma instalado na realização de seu sacrifício. Vendo aquele de grande alma resplandecente com beleza, os deuses se dirigiram a ele, dizendo, 'Nós viemos para cá em busca de nossas partes (em tuas oferendas)!' O Rishi disse a eles, 'Vejam-me, ó habitantes do céu, caído nesse poço terrível, quase privado de meu juízo!' Então, Trita, ó monarca, deu devidamente para eles suas partes com mantras apropriados. Os deuses as receberam e ficaram muito contentes. Tendo obtido devidamente suas partes designadas, os habitantes do céu, satisfeitos com ele, lhe deram benefícios como ele desejava. O benefício, no entanto, que ele pediu foi que os deuses o livrassem de sua situação angustiante (no poço). Ele também disse, 'Que aquele que se banhar nesse poço tenha o fim que é alcançado por pessoas que beberam Soma!' A essas palavras, ó rei, a Sarasvati com suas ondas apareceu dentro daquele poço. Erguido para cima por ela, Trita subiu e adorou os habitantes do céu. Os deuses então disseram a ele, ' Que seja como tu desejas!'Todos eles, então, ó rei, voltaram para o lugar de onde eles tinham vindo, e Trita, cheio de alegria, procedeu para sua própria residência. Encontrando aqueles dois Rishis, seus irmãos, ele ficou furioso com eles. Possuidor de grande mérito ascético, ele disse certas palavras duras para eles e os amaldiçoou, dizendo, 'Já que, movidos por cobiça, vocês fugiram, me abandonando, portanto, vocês se tornarão lobos ferozes com dentes afiados e percorrerão a floresta, amaldiçoados por mim por causa daquele seu ato pecaminoso! A prole também que vocês terão consistirá em leopardos, e ursos e macacos!' Depois que Trita tinha dito essas palavras, ó monarca, seus dois irmãos foram vistos serem logo transformados naquela formas por causa das palavras daquele sábio verdadeiro. De destreza incomensurável, Valadeva tocou as águas de Udapana. E ele doou diversos tipos de riqueza lá e adorou muitos Brahmanas. Contemplando Udapana e louvando-o repetidamente, Valadeva foi em seguida para Vinasana o qual também era no Sarasvati."

37

Vaishampayana disse, "Então Valadeva, ó rei, procedeu para Vinasana onde a Sarasvati fica invisível por causa de seu desprezo por Sudras e Abhiras. E já que a Sarasvati, por causa de tal desprezo, é perdida naquele local, os Rishis, por esse motivo, ó chefe dos Bharatas, sempre chamam o lugar como Vinasana. Tendo se banhado naquele tirtha do Sarasvati, o poderoso Baladeva então procedeu para Subhumika, situado na margem excelente do mesmo rio. Lá muitas Apsaras, de aparência formosa, de belos rostos, estão sempre ocupadas em esportes de um caráter puro sem qualquer intervalo. Os deuses e os Gandharvas, todo mês, ó soberano de homens, vão para aquele tirtha sagrado que é o recanto do próprio Brahman. Os Gandharvas e diversas tribos de Apsaras são vistos lá, ó rei, reunidos e passando o tempo tão alegremente quanto eles desejam. Lá os deuses e os Pitris se divertem em alegria, com flores sagradas e auspiciosas repetidamente derramadas sobre eles, e todas as trepadeiras também eram enfeitadas com cargas floridas. E porque, ó rei, aquele lugar é a bela área de diversão daquelas Apsaras, portanto aquele tirtha na margem excelente do Sarasvati é chamado de Subhumika. Baladeva da linhagem de Madhu, tendo se banhado naquele tirtha e doado muita riqueza para os Brahmanas, ouviu o som daquelas canções e instrumentos musicais celestes. Ele também viu lá muitas sombras de deuses, Gandharvas, e Rakshasas. O filho de Rohini então procedeu para o tirtha dos Gandharvas. Lá muitos Gandharvas encabeçados por Viswavasu e possuidores de mérito ascético passam seu tempo em dança e canto do tipo mais encantador. Dando diversos tipos de riqueza para os Brahmanas, como também cabras e ovelhas e vacas e mulas e camelos e ouro e prata, e alimentando muitos Brahmanas e gratificando-os com muitos presentes caros que eram desejados por eles, Baladeva da linhagem de Madhu prosseguiu de lá, acompanhado por muitos Brahmanas e elogiado por eles. Deixando aquele tirtha frequentado por Gandharvas aquele poderosamente armado castigador de inimigos, tendo somente um brinco, então procedeu para o famoso tirtha chamado Gargasrota. Lá, naquele tirtha sagrado do Sarasvati, o ilustre Garga de idade venerável e alma purificada por penitências ascéticas, ó Janamejaya, adquiriu o conhecimento do Tempo e seu curso, dos desvios dos corpos luminosos (no firmamento), e de todos os presságios auspiciosos e inauspiciosos. Aquele tirtha, por essa razão, vem a ser chamado por seu nome como Gargasrota. Lá, ó rei, Rishis altamente abençoados de votos excelentes sempre serviam Garga, ó senhor, para obter um conhecimento do Tempo. Coberto com pasta de sândalo branca, ó rei, Baladeva, dirigindo-se àquele tirtha, doou devidamente riqueza para muitos ascetas de almas purificadas. Tendo dado também muitas espécies de iguarias caras para os Brahmanas, aquela pessoa ilustre vestida em mantos azuis então procedeu para o tirtha chamado Sankha. Lá, na margem de Sarasvati, aquele herói poderoso tendo a palmeira em seu estandarte viu uma árvore gigantesca, chamada Mohasankha, alta como Meru, parecendo com a Montanha-branca, e frequentada por Rishis. Lá moram Yakshas, e Vidyadharas, e Rakshasas de energia incomensurável e Pisachas de poder imensurável, e Siddhas, aos milhares. Todos eles, abandonando outros tipos de alimento,

cumprem votos e regulamentos, e recebem nas épocas devidas os frutos daquele senhor da floresta para seu sustento e vagam em grupos separados, não vistos por homens, ó principal dos seres humanos! Aquele monarca da floresta, ó rei, é conhecido por isso por todo o mundo! Aquela árvore é a origem daquele tirtha célebre e sagrado no Sarasvati. Tendo doado naquele tirtha muitas vacas leiteiras, e recipientes de cobre e ferro, e diversos outros tipos de vasos, aquele tigre da raça Yadu, Baladeva, tendo o arado como sua arma, reverenciou os Brahmanas e foi reverenciado por eles em retorno. Ele então, ó rei, procedeu para o lago de Dwaita. Chegando lá, Vala viu diversos tipos de ascetas em diversos tipos de trajes. Banhando-se em suas águas, ele adorou os Brahmanas. Tendo dado para os Brahmanas diversos artigos de divertimento em profusão, Baladeva então, ó rei, procedeu pela margem sul do Sarasvati. O poderosamente armado e ilustre Rama de alma virtuosa e glória imperecível então procedeu para o tirtha chamado Nagadhanwana. Fervilhando com cobras numerosas, ó monarca, ele era a residência de Vasuki de grande esplendor, o rei das cobras. Lá 14.000 Rishis também tinham seu lar permanente. Os celestiais, tendo chegado lá (nos tempos passados), tinham de acordo com os ritos devidos instalado a excelente cobra Vasuki como rei de todas as cobras. Não há medo de cobras naquele local, ó tu da linhagem de Kuru! Doando devidamente muitos objetos de valor lá para os Brahmanas, Baladeva então partiu com face em direção ao leste e alcançou, um após outro, centenas e milhares de tirthas famosos que se encontravam a cada passo. Banhando-se em todos aqueles tirthas, e observando jejuns e outros votos como instruído pelos Rishis, e dando riqueza em profusão, e saudando todos os ascetas que tinham sua residência lá, Baladeva partiu mais uma vez, pelo caminho que aqueles ascetas indicaram para ele, para alcançar aquele local onde o Sarasvati vira em uma direção leste, como torrentes de chuva inclinadas pela ação do vento. O rio tomava aquele rumo para contemplar os Rishis de grande alma morando na floresta de Naimisha. Sempre coberto com pasta de sândalo branca, Vala, tendo o arado como sua arma, vendo aquele principal dos rios mudar seu curso, ficou, ó rei, cheio de admiração."

Janamejaya disse, "Por que, ó Brahmana, o Sarasvati inclinou seu curso lá na direção leste? Ó melhor dos Adharyus, cabe a ti me dizer tudo relativo a isto! Por que razão aquele filho dos Yadus ficou cheio de admiração? Por que, de fato, aquele principal dos rios alterou seu curso dessa maneira?"

Vaishampayana disse, "Antigamente, na era Krita, ó rei, os ascetas residindo em Naimisha estavam empenhados em um grandioso sacrifício que se estendeu por doze anos. Muitos foram os Rishis, ó rei, que foram àquele sacrifício. Passando seus dias, segundo ritos devidos, na realização daquele sacrifício, aqueles altamente abençoados, depois do término daquele sacrifício de doze anos em Naimisha, partiram em grande número para visitar os tirthas. Por causa do número de Rishis, ó rei, os tirthas nas margens sul do Sarasvati todos pareciam com cidades e municípios. Aqueles principais dos Brahmanas, ó tigre entre homens, por sua avidez para desfrutar dos méritos de tirthas, tomaram suas residências na margem do rio próximo a Samantapanchaka. A região inteira parecia ressoar com as altas recitações védicas daqueles Rishis de almas

purificadas, todos empenhados em despejar libações em fogos sacrificais. Aquele principal dos rios parecia muito belo com aqueles fogos homa brilhantes por toda parte, sobre o qual aqueles ascetas derramavam libações de manteiga clarificada. Valkhilyas e Asmakuttas, Dantolakhalinas, Samprakshanas e outros ascetas, como também aqueles que subsistiam de ar, e aqueles que viviam de água, e aqueles que viviam de folhas secas de árvores, e diversos outros que eram cumpridores de diversos tipos de votos, e aqueles que renegaram camas pela terra nua e dura, todos foram para aquele local na vizinhança do Sarasvati. E eles fizeram aquele principal dos rios extremamente belo, como os celestiais embelezando (com sua presença) a corrente celestial chamada Mandakini. Centenas e centenas de Rishis, todos dados a observância de sacrifícios, foram para lá. Aqueles praticantes de votos elevados, no entanto, fracassaram em encontrar espaço suficiente nas margens do Sarasvati. Medindo pequenos pedaços de terra com seus fios sagrados, eles realizavam seus Agnihotras e diversos outros ritos. O rio Sarasvati contemplou, ó monarca, aquele grande grupo de Rishis tomado pelo desespero e mergulhado em ansiedade por falta de um tirtha amplo no qual realizar seus ritos. Por causa deles, aquele principal dos rios chegou lá, tendo feito muitas residências para ela mesma naquele local, por bondade para com aqueles Rishis de penitências sagradas, ó Janamejaya! Tendo dessa maneira, ó monarca, desviado seu curso por causa deles, o Sarasvati, aquele principal dos rios, mais uma vez fluiu na direção oeste, como se ela dissesse, ‘Eu devo prosseguir daqui, tendo impedido que a chegada daqueles Rishis se tornasse inútil!’ Essa façanha extraordinária, ó rei, foi realizada lá por aquele grande rio. Assim mesmo aqueles receptáculos de água, ó rei, foram formados em Naimisha. Lá, em Kurukshetra, ó principal da linhagem de Kuru, realize sacrifícios e ritos grandiosos! Quando ele viu aqueles muitos receptáculos de água e vendo aquele principal dos rios virar seu curso, a admiração encheu o coração de Rama de grande alma. Banhando-se naqueles tirthas devidamente e doando riqueza e diversos artigos de diversão para os Brahmanas, aquele encantador da linhagem de Yadu também distribuiu diversos tipos de alimento e diversos artigos desejáveis para eles. Reverenciado por aqueles regenerados, Vala, ó rei, então partiu daquele principal de todos os tirthas no Sarasvati (Sapta-Saraswat). Numerosas criaturas aladas tem seu lar lá. E ele abunda com Vadari, Inguda, Ksamarya, Plaksha, Aswattha, Vibhitaka, Kakkola, Palasa, Karira, Pilu, e diversas outras espécies de árvores que crescem nas margens do Sarasvati. E ele era adornado com bosques de Karushakas, Vilwas, e Amratakas, e Atimuktas e Kashandas e Parijatas. Agradável para a visão e muito encantador, ele estava cheio de bosques de bananeiras. E ele era visitado por diversas tribos de ascetas, alguns que viviam de ar, alguns de água, alguns de frutas, alguns de folhas, alguns de grãos crus que eles descascavam com a ajuda somente de pedras, e alguns que eram chamados Vaneyas. E ele ressoava com o canto dos Vedas, e estava cheio de diversas espécies de animais. E ele era a residência favorita de homens sem malícia e dedicados à virtude. Valadeva, tendo o arado como sua arma, chegou naquele tirtha chamado Sapta-Saraswat, onde o grande asceta Mankanaka tinha realizado suas penitências e se tornado coroado com êxito."

38

Janamejaya disse, "Por que aquele tirtha se chamava Sapta-Saraswat? Quem era o asceta Mankanaka? Como aquele adorável se tornou coroado de êxito? Quais eram seus votos e observâncias? Na linhagem de quem ele nasceu? Quais livros aquele melhor dos regenerados estudou? Eu desejo saber tudo isso, ó principal dos regenerados!"

Vaishampayana disse, "Ó rei, os sete Sarasvatis cobrem este universo! Para onde quer que Sarasvati fosse chamada por pessoas de grande energia, lá ela fazia seu aparecimento. Essas são as sete formas de Sarasvati: Suprava, Kanchanakshi, Visala, Manorama, Oghavati, Surenu, e Vimalodaka. O Avô Supremo uma vez realizou um sacrifício grandioso. Enquanto aquele sacrifício estava sendo realizado no terreno escolhido, muitos regenerados coroados com êxito ascético foram lá. O lugar ressoava com a recitação de hinos sagrados e o canto dos Vedas. Na questão daqueles ritos sacrificais, os próprios deuses perderam sua frieza (tão grandiosos eram os preparativos). Lá, ó monarca, enquanto o Avô estava instalado no sacrifício e estava realizando a formidável cerimônia capaz de conceder prosperidade e todo desejo, muitas pessoas notáveis familiarizadas com virtude e lucro estavam presentes. Logo que eles pensavam nos artigos dos quais eles precisavam, esses, ó monarca, imediatamente apareciam diante dos regenerados (entre os convidados) que foram lá. Os Gandharvas cantavam e as diversas tribos de Apsaras dançavam. E eles tocavam muitos instrumentos celestes todo o tempo. A abundância de provisões obtida naquele sacrifício satisfez os próprios deuses. O que eu direi então dos seres humanos? Os próprios celestiais ficaram cheios de admiração! Durante a continuação daquele sacrifício em Pushkara e na presença do Avô, os Rishis, ó rei, disseram; 'Esse sacrifício não pode ser considerado como possuidor dos maiores atributos, já que aquele principal dos rios, Sarasvati, não é visto aqui!' Ouvindo essas palavras, o divino Brahman alegremente pensou em Sarasvati. Convocada em Pushkara pelo Avô dedicado à realização de um sacrifício, Sarasvati, ó rei, apareceu lá, sob o nome de Suprava. Vendo Sarasvati prestar rapidamente aquele respeito ao Avô , os Munis estimaram muito aquele sacrifício. Assim mesmo aquele principal dos rios, Sarasvati, fez seu aparecimento em Pushkara por causa do Avô e para satisfazer os Munis. (Em outra época), ó rei, muitos Munis, se reunindo em Naimisha, tomaram sua residência lá. Indagação agradável ocorreu entre eles, ó rei, acerca dos Vedas. Lá onde aqueles Munis, conhecedores de diversas escrituras, tomaram sua residência, lá eles pensaram em Sarasvati. Assim pensada, ó monarca, por Rishis realizando um sacrifício, a altamente abençoada e sagrada Sarasvati, para prestar assistência, ó rei, àqueles Munis de grande alma reunidos, fez seu aparecimento em Naimisha e veio a ser chamada de Kanchanakshi. Aquele principal dos rios, reverenciado por todos, chegou lá dessa maneira, ó Bharata! Enquanto (o rei) Gaya estava ocupado na realização de um sacrifício grandioso em Gaya, o principal dos rios, Sarasvati, convocada no sacrifício de Gaya (fez seu aparecimento lá). Os Rishis de votos rígidos que estavam lá chamaram essa forma dela em Gaya como Visala. Aquele rio de correnteza rápida flui dos lados do Himavat. Auddalaka também, ó Bharata,

realizou um sacrifício. Uma grande multidão de Munis tinha sido reunida lá. Foi naquela região sagrada, a parte norte de Kosala, ó rei, que o sacrifício de Auddalaka de grande alma foi realizado. Antes de Auddalaka começar seu sacrifício, ele pensou em Sarasvati. Aquele principal dos rios chegou naquela região por causa daqueles Rishis. Adorada por todos aqueles Munis vestidos em cascas de árvores e peles de veado ela veio a ser conhecida pelo nome de Manorama, como aqueles Rishis mentalmente a chamavam. Enquanto, além disso, Kuru de grande alma estava empenhado em um sacrifício em Kurukshetra, aquele principal dos rios, a altamente abençoada Sarasvati, fez seu aparecimento lá. Chamada, ó monarca, por Vasishtha de grande alma (que ajudou Kuru em seu sacrifício), a Sarasvati, cheia de água celeste apareceu em Kurukshetra sob o nome de Oghavati. Daksha uma vez realizou um sacrifício na fonte do Ganga. Sarasvati apareceu lá sob o nome de Surenu de corrente rápida. Outra vez, enquanto Brahman estava engajado em um sacrifício na floresta sagrada das montanhas Himavat, a adorável Sarasvati, convocada (por ele), apareceu lá. Todas essas sete formas então vieram e se uniram naquele tirtha aonde Baladeva chegou. E porque as sete se misturaram naquele local, portanto aquele tirtha é conhecido na Terra pelo nome de Sapta Sarasvati. Assim eu te falei dos sete Sarasvatis, segundo seus nomes. Eu também te falei do tirtha sagrado chamado Sapta Saraswat. Escute agora um grande feito de Mankanaka, que tinha desde sua mocidade levado a vida de um brahmacari. Enquanto empenhado em realizar suas abluções no rio, ele viu (um dia), ó Bharata, uma mulher de membros impecáveis e fisionomia formosa, se banhando no rio à vontade, seu corpo descoberto. A essa visão, ó monarca, a semente vital do Rishi caiu no Sarasvati. O grande asceta pegou-a e colocou-a dentro de seu pote de terra. Mantido dentro daquele recipiente, o fluido veio a se dividir em sete partes. Daquelas sete porções nasceram sete Rishis dos quais surgiram (os quarenta e nove) Maruts. Os sete Rishis eram chamados Vayuvega, Vayuhan, Vayumandala, Vayujata, Vayuretas, e Vayuchakra de grande energia. Assim nasceram estes progenitores dos diversos Maruts. Ouça agora uma mais coisa extraordinária, ó rei, um fato extremamente notável sobre a Terra, acerca da conduta do grande Rishi, a qual é bem conhecida nos três mundos. Nos tempos antigos, depois que Mankanaka tinha se tornado coroado com êxito, ó rei, sua mão, em uma ocasião, veio a ser perfurada por uma folha Kusa. Nisso, um suco vegetal saiu do ferimento (e não sangue vermelho). Vendo aquele suco vegetal, o Rishi ficou cheio de alegria e dançou em volta no lugar. Vendo-o dançar, todas as criaturas móveis e imóveis, ó herói, estupefatas por sua energia, começaram a dançar. Então os deuses com Brahman em sua chefia, e os Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, ó rei, todos foram até Mahadeva e o informaram do ato do Rishi (Mankanaka). E eles falaram para ele, 'Cabe a ti, ó deus, fazer aquilo que possa impedir o Rishi de dançar!' Então Mahadeva, vendo o Rishi cheio de grande alegria, e movido pelo desejo de fazer bem para os deuses, se dirigiu a ele, dizendo, 'Por que, ó Brahmana, tu danças dessa maneira, conhecedor como tu és dos teus deveres? Que motivo importante há para tal alegria tua, ó sábio, que, um asceta como tu és, ó melhor dos Brahmanas, e andando como tu andas pelo caminho da virtude, tu ages dessa forma?'

"O Rishi disse, ‘Por que, tu não vês, ó Brahmana, que um suco vegetal está fluindo deste meu ferimento? Vendo isso, ó senhor, eu estou dançando em grande alegria!’ Dando risada do Rishi que estava estupefato pela emoção, o deus disse, ‘Eu, ó Brahmana, não me admiro em absoluto por isso! Observe-me!’ Tendo dito isso para aquele principal dos Rishis, Mahadeva de grande inteligência golpeou seu polegar com a ponta de um de seus dedos. Nisso, ó rei, cinzas, brancas como neve, saíram daquele ferimento. Vendo isso, o Rishi ficou envergonhado, ó monarca, e caiu aos pés do deus. Ele compreendeu que o deus era ninguém mais do que Mahadeva. Cheio de admiração, ele disse, ‘Eu não penso que tu és alguém mais do que Rudra, aquele Ser grandioso e supremo! Ó manejador do tridente, tu és o refúgio desse universo consistindo nos deuses e Asuras! Os sábios dizem que esse universo foi criado por ti! Na destruição universal, tudo mais uma vez entra em ti! Tu não podes ser conhecido pelos deuses, como então tu podes ser conhecido por mim? Todas as formas de existência que há no universo são vistas em ti! Os deuses com Brahman em sua dianteira adoram tua pessoa concessora de bênçãos, ó impecável! Tu és tudo! Tu és o criador dos deuses e foste tu quem fizeste com que eles fossem criados! Pela tua graça, os deuses passam seu tempo em alegria e perfeito destemor!’ Tendo louvado Mahadeva dessa maneira, o Rishi se curvou a ele, ‘Não deixe que essa ausência de seriedade, ridícula ao extremo, que eu mostrei, ó deus, destrua meu mérito ascético! Eu te rogo por isso!’ O deus, com o coração alegre, falou novamente a ele ‘Que o teu ascetismo aumente mil vezes, ó Brahmana, pela minha graça! Eu também sempre habitarei contigo nesse retiro! Para o homem que me adorar no tirtha Sapta-Saraswat nada será inatingível nesse mundo ou no outro. Sem dúvida, tal pessoa irá para a região chamada Saraswat (no céu) depois da morte!’ Essa é a história de Mankanaka de energia abundante. Ele era um filho gerado pelo deus do vento na (dama) Sukanya."

39

Vaishampayana disse, "Tendo passado mais uma noite, Rama, tendo o arado como sua arma, reverenciou os habitantes daquele tirtha e mostrou seu respeito por Mankanaka. Tendo dado riqueza para os Brahmanas, e passado a noite lá, o herói tendo o arado como sua arma foi reverenciado pelos Munis. Levantando-se de manhã, ele se despediu de todos os ascetas, e tendo tocado a água sagrada, ó Bharata, partiu rapidamente para outros tirthas. Baladeva então foi para o tirtha conhecido pelo nome de Usanas. Ele também é chamado de Kapalamochana. Antigamente, Rama (o filho de Dasaratha) matou um Rakshasa e lançou sua cabeça a uma grande distância. Aquela cabeça, ó rei, caiu sobre a coxa de um grande sábio chamado Mahodara e se fixou nela. Banhando-se nesse tirtha, o grande Rishi ficou livre da carga. Kavi de grande alma (Sukra) realizou suas penitências ascéticas lá. Foi lá que toda a ciência de política e comportamento (que leva o nome de Sukra) apareceu a ele por iluminação interior. Enquanto residindo lá, Sukra meditou sobre a guerra dos Daityas e os Danavas (com os

deuses). Chegando naquele principal dos tirthas, Baladeva, ó rei, devidamente fez presentes para os Brahmanas de grande alma."

Janamejaya disse, "Por que é chamado de Kapalamochana onde o grande Muni ficou livre (da cabeça do Rakshasa)? Por que razão e como aquela cabeça se grudou a ele?"

Vaishampayana disse, "Antigamente, ó tigre entre reis, Rama de grande alma (o filho de Dasaratha) viveu (por algum tempo) na floresta de Dandaka, pelo desejo de matar os Rakshasas. Em Janasthana ele cortou a cabeça de um Rakshasa de alma perversa com uma flecha de cabeça de navalha de gume excelente. Aquela cabeça caiu na floresta profunda. Aquela cabeça, vagando livremente (pelo céu) caiu sobre a coxa de Mahodara enquanto o último estava vagando pelas florestas. Perfurando sua coxa, ó rei, (a cabeça) se fincou nela e permaneceu lá. Por causa daquela cabeça assim grudada em sua coxa, o Brahmana (Mahodara) de grande sabedoria não podia (com facilidade) ir a tirthas e outros lugares sagrados. Afligido com grande dor e com matéria pútrida fluindo de sua coxa, ele foi para todos os tirthas da Terra (um após outro), como ouvido por nós. Ele foi para todos os rios e para o oceano também. (Não encontrando qualquer alívio) o grande asceta falou de seus sofrimentos para muitos Rishis de almas purificadas sobre ele ter se banhado em todos os tirthas sem ter encontrado o alívio que ele procurava. Aquele principal dos Brahmanas então ouviu daqueles sábios palavras de grande importância a respeito desse principal dos tirthas situado no Sarasvati, e conhecido pelo nome de Usanasa, o qual era descrito como competente para limpar de todos os pecados e como um excelente lugar para alcançar êxito (ascético). Aquele Brahmana, então, se dirigindo àquele tirtha Usanasa, banhou-se em suas águas. Após isso, a cabeça do Rakshasa, deixando a coxa, caiu na água. Livre daquela cabeça (morta), o Rishi sentiu grande felicidade. Em relação à própria cabeça, ela foi perdida nas águas. Mahodara então, ó rei, livre da cabeça do Rakshasa, voltou alegremente, com alma limpa e todos os seus pecados purificados, para seu retiro depois de obter êxito. O grande asceta assim libertado, depois de voltar para seu retiro sagrado, falou do que tinha acontecido para aqueles Rishis de almas purificadas. Os Rishis reunidos, tendo ouvido as palavras dele, deram o nome de Kapalamochana ao tirtha. O grande Rishi Mahodara, indo mais uma vez àquele principal dos tirthas, bebeu sua água e alcançou grande êxito ascético. Ele da linhagem de Madhu, tendo doado muita riqueza para os Brahmanas e os reverenciado, então procedeu para o retiro de Rushangu. Lá, ó Bharata, Arshtishena nos tempos passados praticou as mais austeras das penitências. Lá o grande Muni Vishvamitra (que antes tinha sido um Kshatriya) tornou-se um Brahmana. Aquele grande retiro é capaz de conceder a realização de todo desejo. Ele é sempre, ó senhor, a residência de Munis e Brahmanas. Baladeva de grande beleza, cercado por Brahmanas, então foi para aquele local, ó monarca, onde Rushangu, nos tempos passados, abandonou seu corpo. Rushangu, ó Bharata, era um Brahmana idoso, que era sempre dedicado a penitências ascéticas. Resolvido a abandonar seu corpo, ele refletiu por um longo tempo. Dotado de grande mérito ascético, ele então convocou todos os seus filhos e disse a eles para o levarem para um local onde água fosse abundante. Aqueles

ascetas, sabendo que seu pai tinha ficado muito idoso, levaram aquele asceta para um tirtha no Sarasvati. Levado por seus filhos ao Sarasvati sagrado contendo centenas de tirthas e em cujas margens moravam Rishis não relacionados com o mundo, aquele asceta inteligente de penitências austeras se banhou naquele tirtha de acordo com os ritos devidos, e aquele principal dos Rishis conhecedor dos méritos de tirthas então disse alegremente, ó tigre entre homens, para todos os seus filhos, que estavam servindo-o respeitosamente, essas palavras, 'Aquele que abandonar seu corpo na margem norte do Sarasvati contendo muita água, enquanto empenhado em recitar mentalmente mantras sagrados, nunca mais será afligido pela morte!' Baladeva de alma virtuosa, tocando a água daquele tirtha e se banhando nela, deu riqueza considerável para os Brahmanas, sendo devotado a eles. Possuidor de poder formidável e grande destreza Baladeva então foi para aquele tirtha onde o adorável Avô criou as montanhas chamadas Lokaloka, onde aquele principal dos Rishis, Arshtishena de votos rígidos, ó tu da linhagem de Kuru, por meio de penitências austeras obteve a posição de Brahmana, onde o nobre sábio Sindhudwipa, e o grande asceta Devapi, e o adorável e ilustre Muni Vishvamitra de penitências rígidas e energia ardente todos obtiveram uma posição similar."

40

Janamejaya disse, "Por que o adorável Arshtishena praticou as mais austeras das penitências? Como também Sindhudwipa adquiriu a posição de um Brahmana? Como também Devapi, ó Brahmana, e como Vishvamitra, ó melhor dos homens, obtiveram a mesma posição? Conte-me tudo isso, ó adorável! Grande é minha curiosidade para escutar tudo isso."

Vaishampayana disse, "Antigamente, na era Krita, ó rei, havia uma principal das pessoas regeneradas chamado Arshtishena. Residindo na casa de seu preceptor, ele prestava atenção em suas lições todo dia. Embora, ó rei, ele residisse por muito tempo na residência de seu preceptor, ele ainda assim não pode obter o domínio de algum ramo de conhecimento ou dos Vedas, ó monarca! Em grande desapontamento, ó rei, o grande asceta realizou muitas penitências rígidas. Por meio de suas penitências ele então obteve o domínio dos Vedas, aos quais não há nada superior. Adquirindo grande erudição e o domínio dos Vedas, aquele principal dos Rishis veio a ser coroado com êxito naquele tirtha. Ele então concedeu três bênçãos naquele local. (Ele disse), 'A partir desse dia, uma pessoa, por se banhar nesse tirtha do grande rio (Sarasvati), obterá o grandioso fruto de um sacrifício de cavalo! Desse dia em diante, não haverá medo neste tirtha de cobras e animais selvagens! Por meio de poucos esforços, além disso, um pessoa obterá grande resultado aqui!' Tendo dito essas palavras, aquele Muni de grande energia procedeu para céu. Assim mesmo o adorável Arshtishena de grande energia veio a ser coroado com êxito. Naquele mesmo tirtha na era Krita, Sindhudwipa de grande energia, e Devapi também, ó monarca, obtiveram a elevada posição Brahmana. Similarmente o filho de Kusika, dedicado a penitências ascéticas e com seus sentidos sob controle, adquiriu a posição de

Brahmana por praticar austeridades bem direcionadas. Havia um grande Kshatriya, célebre pelo mundo, conhecido pelo nome de Gadhi. Ele teve um filho nascido para ele, de nome Vishvamitra de grande destreza. O rei Kausika tornou-se um asceta formidável. Possuidor de grande mérito ascético, ele desejou instalar seu filho Vishvamitra em seu trono, ele mesmo tendo resolvido abandonar seu corpo. Seus súditos, se curvando a ele, disseram, 'Tu não deves partir, ó tu de grande sabedoria, mas nos proteja de um grande medo!' Assim endereçado, Gadhi respondeu para seus súditos, dizendo, 'Meu filho se tornará o protetor do amplo universo.' Tendo dito estas palavras, e colocado Vishvamitra (no trono), Gadhi, ó rei, foi para o céu, e Vishvamitra se tornou rei. Ele não podia, no entanto, proteger a terra nem com seus melhores esforços. O rei então soube da existência de um grande medo de Rakshasas (em seu reino). Com seus quatro tipos de tropas, ele saiu de sua capital. Tendo ido longe em seu caminho, ele alcançou o retiro de Vasishtha. Suas tropas, ó rei, causaram muito prejuízo lá. O adorável Brahmana Vasishtha, quando ele chegou ao seu retiro, viu os bosques extensos sendo destruídos. Aquele melhor dos Rishis, Vasishtha, ó rei, ficou furioso, ó monarca, com Vishvamitra. Ele ordenou sua própria vaca (homa), dizendo, 'Crie vários Savaras terríveis!' Assim endereçada, a vaca criou uma multidão de homens de aparências apavorantes. Esses enfrentaram o exército de Vishvamitra e começaram a causar uma imensa carnificina em todos os lugares. Vendo isso, suas tropas fugiram. Vishvamitra, o filho de Gadhi, no entanto, considerando austeridades ascéticas altamente eficazes, colocou seu coração nelas. Naquele principal dos tirthas do Sarasvati, ó rei, ele começou a emaciar seu próprio corpo por meio de votos e jejuns com resolução fixa. Ele fez água e ar e folhas caídas de árvores seu alimento. Ele dormia no solo nu, e observava outros votos (prescritos para ascetas). Os deuses fizeram repetidas tentativas de impedi-lo na observância de seus votos. Seu coração, no entanto, nunca se desviou dos votos (que ele tinha proposto a si mesmo). Então, tendo praticado diversos tipos de austeridades com grande devoção, o filho de Gadhi tornou-se como o próprio sol em refulgência. O Avô concessor de bênçãos, de grande energia, resolveu conceder a Vishvamitra, quando ele tinha se tornado dotado de mérito ascético, o benefício que o último desejava. O benefício que Vishvamitra solicitou foi que ele devia ser permitido se tornar um Brahmana. Brahma o Avô de todos os mundos, disse a ele, 'Assim seja'. Tendo por meio de suas penitências rígidas adquirido a posição de Brahmana, o ilustre Vishvamitra, depois da obtenção de seu desejo, vagou pela Terra inteira como um celestial. Doando diversos tipos de riqueza naquele principal dos tirthas, Rama também doou alegremente vacas leiteiras e veículos e camas, ornamentos, e comida e bebida dos melhores tipos, ó rei, para muitos principais dos Brahmanas, depois de ter reverenciado eles devidamente. Então, ó rei, Rama procedeu para o retiro de Vaka o qual não era muito distante de onde ele estava, aquele retiro no qual, como ouvido por nós, Dalvya Vaka praticou as mais austeras das penitências."

41

Vaishampayana disse, "O alegrador dos Yadus então procedeu para o retiro de Vaka que ressoava com o canto dos Vedas. Lá o grande asceta, ó rei, chamado Dalvyavaka despejou o reino de Dhritarashtra, o filho de Vichitravirya, como uma libação (no fogo sacrifical). Por praticar muitas penitências rígidas ele emaciou seu próprio corpo. Dotado de grande energia, o Rishi virtuoso, cheio de grande ira, (fez aquele ato). Nos tempos antigos, os Rishis que residiam na floresta Naimisha tinham realizado um sacrifício que se estendeu por doze anos. No decorrer daquele sacrifício, depois que um específico chamado Viswajit estava completado, os Rishis partiram para o país dos Pancalas. Chegando lá, eles pediram ao rei para dar a eles vinte e um bezerros fortes e saudáveis para serem dados como Dakshina (no sacrifício que eles tinham terminado). Dalvya Vaka, no entanto, (chamando aqueles Rishis), disse a eles, 'Dividam aqueles meus animais entre vocês! Dando esses (para vocês), eu pedirei um grande rei (por alguns).' Tendo dito isso para todos aqueles Rishis, Vaka de grande energia, aquele melhor dos Brahmanas, então procedeu para a residência de Dhritarashtra. Chegando na presença do rei Dhritarashtra, Dalvya pediu alguns animais dele. Aquele melhor dos reis, no entanto, vendo que algumas de suas vacas morreram sem qualquer causa, disse com raiva a ele, 'Patife de um Brahmana, pegue, se tu quiseres, estes animais que (estão mortos)!' Ouvindo essas palavras, o Rishi, conhecedor dos deveres, pensou, 'Ai, cruéis são as palavras que foram endereçadas a mim na assembléia!' Tendo refletido nessa maneira, aquele melhor dos Brahmanas, cheio de ira, colocou seu coração na destruição do rei Dhritarashtra. Cortando a carne daqueles animais mortos, aquele melhor dos sábios, tendo acendido um fogo (sacrifical) no tirtha do Sarasvati, despejou aqueles pedaços como libações para a destruição do reino do rei Dhritarashtra. Observador de votos rígidos, o grande Dalvya Vaka, ó monarca, despejou o reino de Dhritarashtra como uma libação no fogo, com a ajuda daqueles pedaços de carne. Após o começo daquele sacrifício feroz de acordo com os ritos devidos, o reino de Dhritarashtra, ó monarca, começou a decair. De fato, ó senhor, o reino daquele monarca começou a definhar, assim como uma grande floresta começa a desaparecer quando os homens começam a derrubá-la com o machado. Surpreendido por calamidades, o reino começou a perder sua prosperidade e vida. Vendo seu reino assim afligido, o pujante monarca, ó rei, ficou muito triste e pensativo. Consultando com os Brahmanas, ele começou a fazer grandes esforços para livrar seus territórios (da aflição). Nenhum bem, no entanto, veio de seus esforços, pois o reino continuou a definhar. O rei ficou muito triste. Os Brahmanas também, ó impecável, ficaram cheios de angústia. Quando finalmente o rei fracassou em salvar seu reino, ele questionou seus conselheiros, ó Janamejaya, (acerca do remédio). Os conselheiros o lembraram do mal que ele tinha feito em relação às vacas mortas. E eles disseram, 'O sábio Vaka está despejando teu reino como uma libação no fogo com a ajuda da carne (daqueles animais). Por essa razão, há este grande estrago no teu reino! Essa é a consequência de ritos ascéticos. Por isso há essa grande calamidade! Vá, ó rei, e gratifique aquele Rishi ao lado de um receptáculo de água na margem do Sarasvati!' Dirigindo-se à margem do Sarasvati, o rei

caindo aos pés dele e tocando-os com sua cabeça, uniu suas mãos e disse, ó tu da linhagem de Bharata, essas palavras, ‘Eu te gratifico, ó adorável, perdoe minha ofensa. Eu sou um tolo insensato, um canalha inspirado pela avareza. Tu és meu refúgio, tu és meu protetor, cabe a ti me mostrar tua graça!’ Vendo ele tão dominado pela aflição e lamentando dessa maneira, Vaka sentiu compaixão por ele e libertou seu reino. O Rishi ficou satisfeito com ele, tendo posto de lado seus sentimentos irados. Para libertar seu reino, o sábio novamente despejou libações no fogo. Tendo livrado o reino (de calamidades) e levado muitos animais em aflição, ele ficou profundamente satisfeito e mais uma vez procedeu às florestas Naimisha. O rei Dhritarashtra de mente generosa também, de alma virtuosa, com o coração alegre, voltou para sua própria capital cheia de prosperidade.”

"Naquele tirtha, Brihaspati também, de grande inteligência, para a destruição dos Asuras e a prosperidade dos habitantes do céu, despejou libações no fogo sacrifical, com a ajuda de carne. Após isso, os Asuras começaram a definhar e foram destruídos pelos deuses, inspirados por desejo de vitória em batalha. Tendo com ritos devidos dado para os Brahmanas cavalos e elefantes e veículos com mulas unidas a eles e jóias de grande valor e muita riqueza, e muitos grãos, o ilustre e poderosamente armado Rama então procedeu, ó rei, ao tirtha chamado Yayata. Lá, ó monarca, no sacrifício de Yayati de grande alma, o filho de Nahusha, o Sarasvati produziu leite e manteiga clarificada. Aquele tigre entre homens, o rei Yayati, tendo realizado um sacrifício lá, foi alegremente para o céu e alcançou muitas regiões de bem-aventurança. Outra vez, ó senhor, o rei Yayati realizou um sacrifício lá. Vendo sua grande magnanimidade de alma e sua imutável devoção a ela mesma, o rio Sarasvati deu para os Brahmanas tudo pelo qual cada um deles nutria somente um desejo em seu coração. Aquele mais notável dos rios deu para cada um onde ele estava, entre aqueles que foram convidados para o sacrifício, casas e camas e alimento dos seis diferentes tipos de sabor, e diversas outras espécies de coisas. Os Brahmanas consideraram aqueles presentes de valor como feitos a eles pelo rei. Alegremente eles louvaram o monarca e deram suas bênçãos auspiciosas a ele. Os deuses e os Gandharvas estavam todos satisfeitos com a profusão de artigos naquele sacrifício. Em relação aos seres humanos, eles estavam cheios de admiração à visão daquela profusão. O ilustre Baladeva, de alma subjugada e reprimida e purificada, tendo a palmeira em sua bandeira, distinguido por grande honradez, e sempre doando as coisas mais valiosas, então procedeu para aquele tirtha de corrente violenta chamado Vasishthapavaha."

42

Janamejaya disse, "Por que a correnteza (do tirtha conhecido pelo nome de) Vasishthapavaha é tão rápida? Por que razão o principal dos rios levou Vasishtha para longe? Qual, ó senhor, foi a causa da disputa entre Vasishtha e Vishvamitra? Questionado por mim, ó tu de grande sabedoria, diga-me tudo isso! Eu nunca fico saciado ao te ouvir!"

Vaishampayana disse, "Uma grande inimizade surgiu entre Vishvamitra e Vasishtha, ó Bharata, devido à sua rivalidade em relação a austeridades ascéticas. A grande residência de Vasishtha era no tirtha chamado Sthanu na margem leste do Sarasvati. Na margem oposta era o retiro do inteligente Vishvamitra. Lá, naquele tirtha, ó monarca, Sthanu (Mahadeva) praticou as penitências mais rígidas. Os sábios ainda falam daquelas façanhas ferozes. Tendo realizado um sacrifício lá e adorado o rio Sarasvati, Sthanu estabeleceu aquele tirtha lá. Por isso ele é conhecido pelo nome Sthanu-tirtha, ó senhor. Naquele tirtha, os celestiais tinham, nos tempos antigos, ó rei, instalado Skanda, aquele matador de inimigos dos deuses, no comando supremo de seu exército. Para aquele tirtha do Sarasvati, o grande Rishi Vishvamitra, por meio da ajuda de suas penitências austeras, levou Vasishtha. Escute essa história. Os dois ascetas Vishvamitra e Vasishtha, ó Bharata, todo dia desafiavam um ao outro muito seriamente em relação à superioridade de suas penitências. O grande Muni Vishvamitra, queimando (com ciúme) à visão da energia de Vasishtha, começou a refletir sobre o assunto. Embora dedicado à realização de seus deveres, essa, no entanto, foi a decisão, ó Bharata, que ele tomou: 'Essa Sarasvati trará rapidamente, pela força de sua correnteza, aquele principal dos ascetas, Vasishtha, à minha presença. Depois que ele tiver sido trazido para cá, eu irei, sem dúvida, matar aquele principal dos regenerados.' Tendo decidido isso, o ilustre e grande Rishi Vishvamitra com olhos vermelhos de raiva pensou naquele principal dos rios. Assim lembrada pelo asceta, ela ficou extremamente agitada. A dama formosa, no entanto, foi até aquele Rishi de grande energia e grande cólera. Pálida e tremendo, Sarasvati, com mãos unidas apareceu diante daquele principal dos sábios. De fato, a dama estava muito afligida pela angústia, assim como uma mulher que perdeu seu marido poderoso. E ela disse para aquele melhor dos sábios, 'Diga-me o que é que eu farei por ti.' Cheio de raiva, o asceta disse a ela, 'Traga para cá Vasishtha sem demora, para que eu possa matá-lo.' Ouvindo essas palavras o rio ficou agitado. Com mãos unidas a dama de olhos de lótus começou a tremer muito de medo como uma trepadeira sacudida pelo vento. Vendo o grande rio naquela situação, o grande asceta disse a ela, 'Sem qualquer escrúpulo, traga Vasishtha à minha presença!' Ouvindo essas palavras dele, e sabendo o mal que ele pretendia fazer, e conhecedora também da bravura de Vasishtha que era inigualável sobre a terra, ela foi até Vasishtha e o informou do que o inteligente Vishvamitra tinha dito a ela. Temendo a maldição de ambos, ela tremia repetidamente. De fato, seu coração estava na maldição atroz (que um ou outro podia pronunciar sobre ela). Ela sentia terror de ambos. Vendo ela pálida e mergulhada em ansiedade, Vasishtha de alma justa, aquele mais notável dos homens, ó rei, disse essas palavras a ela."

"Vasishtha disse, 'Ó principal dos rios, salve a ti mesma! Ó tu de correnteza rápida, leve-me embora, de outra maneira Vishvamitra irá te amaldiçoar. Não sinta qualquer escrúpulo.' Ouvindo essas palavras daquele Rishi compassivo, o rio começou a pensar, ó Kauravya, qual conduta seria melhor para ela seguir. Esses mesmos foram os pensamentos que surgiram em sua mente: 'Vasishtha mostra grande compaixão por mim. É correto que eu sirva a ele.' Vendo então aquele melhor dos Rishis, (Vasishtha) dedicado à recitação silenciosa (de mantras) em

sua margem, e vendo o filho de Kusika (Vishvamitra) também dedicado ao homa, Sarasvati pensou, 'Essa é minha oportunidade.' Então aquele principal dos rios, por meio de sua correnteza, arrastou uma de suas margens. Ao arrastar aquela margem ela carregou Vasishtha para longe. Enquanto estava sendo levado, ó rei, Vasishtha louvou o rio nessas palavras: 'Do lago do Avô (manasa) tu tiveste tua origem, ó Sarasvati! Todo esse universo está cheio com tuas águas excelentes! Viajando pelo firmamento, ó deusa, tu concedes tuas águas às nuvens! Todas as águas são tu! Por ti nós exercemos nossas faculdades de pensamento! Tu és Pushti e Dyuti, Kirti, e Siddhi e Uma! Tu és Palavra, e tu és Svaha! Todo esse universo é dependente de ti! És tu que moras em todas as criaturas, em quatro formas!' Assim louvada por aquele Rishi formidável, Sarasvati, ó rei, levou depressa aquele Brahmana em direção ao retiro de Vishvamitra e repetidamente relatou para o último a chegada do primeiro. Vendo Vasishtha assim levado diante dele por Sarasvati, Vishvamitra, cheio de raiva, começou a procurar por uma arma com a qual matar aquele brahmana. Vendo-o cheio de ira, o rio por medo de (testemunhar e ajudar no) assassinato de um Brahmana, rapidamente levou Vasishtha para sua margem leste mais uma vez. Ela assim obedeceu as palavras de ambos, embora ela tivesse enganado o filho de Gadhi com seu ato. Vendo aquele melhor dos Rishis, Vasishtha, levado para longe, o vingativo Vishvamitra, cheio de cólera, se dirigiu a Sarasvati, dizendo, 'Já que, ó principal dos rios, tu foste embora, tendo me enganado, que a tua correnteza seja transformada no sangue que é aceitável para Rakshasas.' Então, amaldiçoada pelo inteligente Vishvamitra, Sarasvati fluiu por um ano inteiro portando sangue misturado com água. Os deuses, os Gandharvas, e as Apsaras, vendo o Sarasvati reduzido àquela situação, ficaram cheios de grande tristeza. Por essa razão, ó rei, o tirtha veio a ser chamado Vasishthapravaha na terra. O mais notável dos rios, no entanto, obteve de volta sua própria condição."

43

Vaishampayana disse, "Amaldiçoada pelo inteligente Vishvamitra enraivecido, Sarasvati, naquele auspicioso e melhor dos tirthas, fluiu, levando sangue em sua correnteza. Então, ó rei, muitos Rakshasas vieram, ó Bharata, e viveram alegremente lá, bebendo o sangue que fluía. Muito satisfeitos com aquele sangue, alegremente e sem ansiedade de qualquer tipo, eles dançavam e davam risada lá como pessoas que alcançaram o céu (por mérito). Depois que algum tempo tinha passado, uns Rishis, possuidores de riqueza de ascetismo, foram ao Sarasvati, ó rei, em uma estada em seus tirthas. Aqueles principais dos Munis, tendo se banhado em todos os tirthas e obtido grande felicidade, ficaram desejosos de adquirir mais mérito. Aquelas pessoas eruditas chegaram finalmente, ó rei, naquele tirtha onde o Sarasvati corria uma correnteza sangrenta. Aqueles altamente abençoados, chegando àquele tirtha terrível, viram a água do Sarasvati misturada com sangue e aqueles inúmeros Rakshasas, ó monarca, que a estavam bebendo. Vendo aqueles Rakshasas, ó rei, aqueles ascetas de votos rígidos fizeram grandes esforços para resgatar o Sarasvati daquela situação difícil.

Aqueles abençoados de votos elevados, chegados lá, invocaram aquele principal dos rios e disseram essas palavras a ela, 'Nos diga a razão, ó dama auspiciosa, por que esse lago em ti foi afligido por tal infortúnio. Sabendo isso, nós nos esforçaremos (para restaurá-lo à sua condição apropriada).' Assim questionada, Sarasvati, tremendo enquanto falava, informou-os de tudo o que tinha ocorrido. Vendo-a atormentada pela dor, aqueles ascetas disseram, 'Nós ouvimos o motivo. Nós ouvimos a respeito da tua maldição, ó dama impecável! Todos nós nos esforçaremos!' Tendo dito essas palavras para aquele mais notável dos rios, eles então consultaram uns aos outros dessa maneira, 'Todos nós libertaremos Sarasvati de sua maldição.' Então todos aqueles Brahmanas, ó rei, reverenciando Mahadeva, aquele senhor do universo e protetor de todas as criaturas, com penitências e votos e jejuns e diversos tipos de abstinências e observâncias dolorosas, emanciparam aquele principal dos rios, a divina Sarasvati. Vendo a água de Sarasvati purificada pelos Munis, os Rakshasas (que tinham tomado sua residência lá), afligidos pela fome, procuraram a proteção daqueles mesmos Munis. Afligidos com fome, os Rakshasas, com mãos unidas, repetidamente disseram para aqueles ascetas cheios de compaixão, essas palavras, 'Todos nós estamos famintos! Nós nos desviamos da virtude eterna! Que nós sejamos pecaminosos em comportamento não é de nosso livre arbítrio! Pela ausência da sua graça e por causa das nossas próprias más ações, como também através dos pecados sexuais de nossas mulheres, nossos deméritos aumentam e nós nos tornamos Brahma-Rakshasas! Assim entre Vaisyas e Sudras, e Kshatriyas, aqueles que odeiam e ferem Brahmanas se tornaram Rakshasas. Ó melhores dos Brahmanas, façam arranjos para nos ajudar! Vocês são competentes para ajudar todos os mundos!' Ouvindo essas palavras deles, aqueles ascetas louvaram o grande rio. Para a salvação daqueles Rakshasas, com mentes absortas aqueles ascetas disseram, 'O alimento sobre o qual uma pessoa espirrou, aquele no qual há vermes e insetos, aquele que pode estar misturado com quaisquer restos de pratos, aquele que está misturado com cabelo, aquele que está misturado com lágrimas, aquele que foi pisado formará a porção desses Rakshasas! O homem erudito, sabendo tudo isso, evitará cuidadosamente esses tipos de comida. Aquele que comer tal alimento será considerado como comendo a comida de Rakshasas!' Tendo purificado o tirtha dessa maneira, aqueles ascetas assim pediram àquele rio pelo alívio daqueles Rakshasas. Compreendendo os pontos de vista daqueles grandes Rishis, aquele principal dos rios fez seu corpo, ó touro entre homens, assumir uma nova forma chamada Aruna. Banhando-se naquele novo rio (um ramo do Sarasvati) os Rakshasas abandonaram seus corpos e foram para o céu. Averiguando tudo isso, o chefe dos celestiais, (Indra de cem sacrifícios), se banhou naquele principal dos tirthas e foi purificado de um pecado atroz."

Janamejaya disse, "Por que razão Indra foi maculado pelo pecado de Brahmanicídio? Como também ele foi purificado por se banhar naquele tirtha?"

Vaishampayana disse, "Escute essa história, ó soberano de homens! Conheça aquelas ocorrências como elas aconteceram! Ouça como Vasava, nos tempos passados, rompeu seu tratado com Namuchi! O Asura Namuchi, por medo de Vasava, entrou em um raio do sol. Indra então fez amizade com Namuchi e fez um

pacto com ele, dizendo, ‘Ó principal dos Asuras, Eu não te matarei, ó amigo, com qualquer coisa que seja úmida ou com qualquer coisa que seja seca! Eu não te matarei durante a noite ou de dia! Eu te juro isso pela verdade.’ Tendo feito esse pacto, o senhor Indra um dia viu um nevoeiro. Ele então, ó rei, cortou a cabeça de Namuchi, usando a espuma da água (como sua arma). A cabeça cortada de Namuchi então perseguiu Indra, dizendo a ele de um ponto próximo essas palavras, ‘Ó assassino de um amigo, ó desgraçado!’ Instigado adiante incessantemente por aquela cabeça, Indra foi até o Avô e o informou, em aflição, do que tinha ocorrido. O Senhor Supremo do universo disse a ele, ‘Realizando um sacrifício, te banhe com ritos devidos, ó chefe dos celestiais, em Aruna, aquele tirtha que salva do medo do pecado! A água daquele rio, ó Shakra, foi feita sagrada pelos Munis! Antigamente a presença daquele rio em seu terreno estava oculta. O divino Sarasvati se dirigiu ao Aruna, e o inundou com suas águas. Essa confluência de Sarasvati e Aruna é altamente sagrada! Lá, ó chefe dos celestiais, realize um sacrifício! Dê presentes em profusão! Realizando tuas abluções lá, tu serás liberto do teu pecado.’ Assim endereçado, Shakra, por causa dessas palavras de Brahma, ó Janamejaya, realizou naquela residência de Sarasvati diversos sacrifícios. Dando muitos presentes e se banhando naquele tirtha, ele de cem sacrifícios, o perfurador de Vala, realizou devidamente certos sacrifícios e então mergulhou no Aruna. Ele ficou livre do pecado resultante do assassinato de um Brahmana. O senhor do céu então voltou para o céu com o coração alegre. A cabeça de Namuchi também caiu naquela correnteza, ó Bharata, e o Asura alcançou muitas regiões eternas, ó melhor dos reis, que concediam todos os desejos."

Vaishampayana continuou, "Baladeva de grande alma tendo se banhado naquele tirtha e dado muitos tipos de presentes obteve grande mérito. De atos justos, ele então procedeu para o grande tirtha de Soma. Lá, nos tempos antigos, o próprio Soma, ó rei de reis, tinha realizado o sacrifício Rajasuya. Atri de grande alma, aquele principal dos Brahmanas, dotado de grande inteligência tornou-se o Hotri naquele sacrifício grandioso. Após o término daquele sacrifício, uma grande batalha ocorreu entre os deuses (em um lado) e os Danavas, os Daityas, e os Rakshasas (no outro). Aquela batalha violenta é conhecida pelo nome (do Asura) Taraka. Naquele combate Skanda matou Taraka. Lá, naquela ocasião, Mahasena (Skanda), aquele destruidor de Daityas, obteve o comando das forças celestes. Naquele tirtha há uma gigantesca árvore Aswattha. Sob sua sombra, Kartikeya, também chamado Kumara, sempre reside em pessoa."

44

Janamejaya disse, "Tu descreveste os méritos do Sarasvati, ó melhor dos Brahmanas! Cabe a ti, ó regenerado, descrever para mim a investidura de Kumara (pelos deuses). Grande é a curiosidade que eu sinto. Conte-me tudo, portanto, sobre a época e o lugar e a maneira na qual o encantador e pujante senhor Skanda foi investido (com o comando das forças celestes). Diga-me também, ó principal dos oradores, quem foram aqueles que o investiram e que realizaram os

ritos reais, e como o generalíssimo celeste fez uma grande carnificina dos Daityas!"

Vaishampayana disse, "Essa curiosidade que tu sentes é digna do teu nascimento na linhagem de Kuru. As palavras que eu falarei serão, ó Janamejaya, conducentes à tua satisfação. Eu narrarei para ti a história da investidura de Kumara e a destreza daquele de grande alma, já que, ó soberano de homens, tu desejas ouvir isso! Nos tempos antigos a semente vital de Maheshvara, saindo, caiu em um fogo ardente. O consumidor de tudo, o adorável Agni, não pode queimar aquela semente indestrutível. Por outro lado, o portador de libações sacrificais, por causa daquela semente, tornou-se possuidor de energia e esplendor formidáveis. Ele não pode manter dentro de si aquela semente de energia poderosa. Por ordem de Brahman, o senhor Agni, se aproximando (do rio) Ganga, jogou nele aquela semente divina possuidora da refulgência do sol. Ganga também, incapaz de segurá-la, jogou-a no belo leito de Himavat que é reverenciado pelos celestiais. Nisso o filho de Agni começou a crescer lá, subjugando todos os mundos com sua energia. Enquanto isso (as seis) Krittikas viram aquela criança de esplendor ígneo. Vendo aquele senhor pujante, aquele filho de grande alma de Agni, deitado em uma moita de urzes, todas as seis Krittikas, que desejavam um filho, gritaram alto, dizendo, 'Essa criança é minha, essa criança é minha!' Compreendendo o estado de espírito daquelas seis mães, o adorável senhor Skanda chupou os peitos de todas tendo assumido seis bocas. Vendo aquele poder da criança, as Krittikas, aquelas deusas de formas belas, ficaram cheias de admiração. E já que a criança encantadora tinha sido lançada pelo rio Ganga sobre o topo de Himavat, aquela montanha parecia bela, tendo, ó encantador dos Kurus, sido transformada em ouro! Com aquela criança crescendo a Terra inteira ficou bela, e por essa razão aquelas montanhas (desde aquela época) vieram a ser produtoras de ouro. Possuidora de grande energia, a criança veio a ser chamada pelo nome de Kartikeya. A princípio ele foi chamado pelo nome de Gangeya. Ele se tornou possuidor de poderes ascéticos superiores. Dotado de autodomínio e ascetismo e energia estupenda, a criança cresceu, ó monarca, para uma pessoa de feições muito agradáveis como o próprio Soma. Possuidora de grande beleza, a criança deitava naquela excelente e dourada moita de urzes, adorada e louvada por Gandharvas e ascetas. Moças celestes, às milhares, conhecedoras de música e dança celestes, e de feições muito belas, o louvavam e dançavam diante dele. O principal de todos os rios, Ganga, serviu aquele deus. A Terra também, assumindo grande beleza, segurou a criança (em seu colo). O sacerdote celeste Brihaspati realizou os ritos usuais depois do nascimento, em relação àquela criança. Os Vedas assumindo uma forma quádrupla se aproximaram da criança com mãos unidas. A Ciência de armas, com suas quatro divisões, e todas as armas como também todas as espécies de flechas, foram a ele. Um dia, a criança, de grande energia, viu aquele deus dos deuses, o marido de Uma, sentado com a filha de Himavat, em meio a uma multidão de criaturas fantasmais. Aquelas criaturas fantasmais, de corpos emaciados, tinham aspectos notáveis. Eles eram feios e de feições feias, e usavam ornamentos e marcas deselegantes. Seus rostos eram semelhantes àqueles de tigres e leões e ursos e gatos e makaras. Outros eram de rostos como

aqueles de escorpiões; outros de rostos como aqueles de elefantes e camelos e corujas. E alguns tinham rostos como aqueles de urubus e chacais. E havia alguns que tinham rostos como aqueles de garças e pombos e Kurus. E muitos entre eles tinham corpos semelhantes àqueles de cachorros e porcos-espinhos e iguanas e cabras e ovelhas e vacas. E alguns pareciam com montanhas e alguns oceanos, e alguns permaneciam com discos e maças erguidos como suas armas. E alguns pareciam com massas de antimônio e alguns com montanhas brancas. Os sete Matris também estavam presentes lá, ó monarca, e os Sadhyas, os Viswedevas, os Maruts, os Vasus, os Rudras, os Adityas, os Siddhas, os Danavas, as aves, o Nascido por Si mesmo e adorável Brahman com seus filhos, e Vishnu, e Shakra, todos foram lá para ver aquela criança de glória imorredoura. E muitos dos principais dos celestiais e Gandharvas, encabeçados por Narada e muitos Rishis celestes e Siddhas encabeçados por Brihaspati, e os pais do universo, aqueles principais, aqueles que são considerados como deuses dos deuses, e os Yamas e os Dharmas, todos foram lá. Dotada de grande força, a criança possuidora de grande poder ascético procedeu à presença daquele Senhor dos deuses, (Mahadeva), armado com tridente e Pinaka. Vendo a criança se aproximando, o pensamento entrou na mente de Siva, assim como na (mente da) filha de Himavat e naquela de Ganga e de Agni, a respeito de quem entre os quatro a criança iria se aproximar primeiro para honrar a ele ou ela. Cada um deles pensou, 'Ele virá a mim.' Compreendendo que aquela era a expectativa nutrida por cada um daqueles quatro, ele recorreu a seus poderes de Yoga e assumiu ao mesmo tempo quatro formas diferentes. De fato o adorável e pujante senhor assumiu aquelas quatro formas em um instante. As três formas que ficaram atrás eram Sakha e Visakha e Naigameya. O adorável e pujante, tendo dividido seu corpo em quatro formas, (foi em direção aos quatro que estavam sentados esperando-o). A forma chamada Skanda de aparência extraordinária procedeu ao lugar onde Rudra estava sentado. Visakha foi para o lugar onde a filha divina de Himavat estava. O adorável Sakha, que é a forma Vayu de Kartikeya foi em direção a Agni. Naigameya, aquela criança de esplendor flamejante, procedeu à presença de Ganga. Todas aquelas formas, de aparência semelhante, eram dotadas de grande refulgência. As quatro formas foram calmamente até os quatro deuses e deusas (já mencionados). Tudo isso parecia muito extraordinário. Os deuses, os Danavas, e os Rakshasas fizeram um barulho alto à visão daquele incidente estupendo de arrepiar os cabelos. Então Rudra e a deusa Uma e Agni, e Ganga, todos reverenciaram o Avô, aquele Senhor do Universo. Tendo devidamente se curvado a ele, ó touro entre reis, eles lhe disseram essas palavras, ó monarca, pelo desejo de beneficiar Kartikeya. 'Cabe a ti, ó Senhor dos deuses, conceder a esse jovem, para nossa felicidade, algum tipo de soberania que possa ser adequada para ele e que ele possa desejar.' Nisto, o adorável Avô de todos os mundos, possuidor de grande inteligência, começou a pensar dentro de sua mente a respeito do que ele deveria dar àquele jovem. Ele antigamente tinha entregado para os (deuses) informes todos os tipos de riqueza sobre os quais os celestiais de grande alma, os Gandharvas, os Rakshasas, fantasmas, Yakshas, aves, e cobras tem domínio. Brahma, portanto, considerava aquele jovem como totalmente habilitado para aquele domínio (que tinha sido concedido aos deuses). Tendo refletido por um momento, o Avô, sempre atento ao bem-estar dos deuses, deu a ele a posição de

um generalíssimo entre todas as criaturas, ó Bharata! E o Avô em seguida mandou todos aqueles deuses que eram considerados como os principais dos celestiais e outros seres informes o servirem. Então os deuses encabeçados por Brahman, levando aquele jovem com eles, foram juntos ao Himavat. O local que eles escolheram era a margem da divina e sagrada Sarasvati, aquele principal dos rios, tendo sua nascente no Himavat, aquela Sarasvati que, em Samanta-panchaka, é célebre pelos três mundos. Lá, na margem sagrada, possuindo todos os méritos, do Sarasvati, os deuses e os Gandharvas tomaram seus assentos com corações bem satisfeitos pela satisfação de todos os seus desejos."

45

Vaishampayana disse, "Reunindo todos os artigos como prescritos nas escrituras para a cerimônia de investidura, Brihaspati despejou libações no fogo ardente devidamente. Himavat deu um assento que era enfeitado com muitas pedras preciosas valiosas. Kartikeya foi feito sentar naquele auspicioso e melhor dos assentos adornado com jóias excelentes. Os deuses levaram para lá todos os tipos de artigos auspiciosos, com ritos e mantras devidos, que eram necessários para uma cerimônia do tipo. Os diversos deuses - Indra e Vishnu, ambos de grande energia, e Surya e Candramas, e Dhatri, e Vidhatri, e Vayu, e Agni, e Pushan, e Bhaga, e Aryaman, e Ansa, e Vivaswat, e Rudra de grande inteligência, e Mitra, e os (onze) Rudras, os (oito) Vasus, os (doze) Adityas, os (gêmeos) Ashvinis, os Viswedevas, os Maruts, os Saddhyas, os Pitris, os Gandharvas, as Apsaras, os Yakshas, os Rakshasas, os Pannagas, inúmeros Rishis celestes, os Vaikhanasas, os Valakhilyas, aqueles outros que subsistem somente de ar e aqueles que subsistem dos raios do Sol, os descendentes de Bhrigu e Angiras, muitos Yatis de grande alma, todos os Vidyadharas, todos aqueles que eram coroados com êxito ascético, o Avô, Pulastya, Pulaha de grandiosos méritos ascéticos, Angiras, Kasyapa, Atri, Marichi, Bhrigu, Kratu, Hara, Prachetas, Manu, Daksha, as Estações, os Planetas, e todos os corpos luminosos; ó monarca, todos os rios em suas formas incorporadas, os Vedas eternos, os Mares, os diversos tirthas, a Terra, o Céu, os pontos Cardeais e Secundários do horizonte, e todas as Árvores, ó rei, Aditi a mãe dos deuses, Hri, Sri, Swaha, Sarasvati, Uma, Sachi, Sinivali, Anumati, Kuhu, o Dia da lua nova, o Dia da lua cheia, as esposas dos habitantes do céu, Himavat, Vindhya, Meru de muitos topos, Airavat com todos os seus seguidores, as Divisões de tempo chamadas Kala, Kashtha, Quinzena, as Estações, Noite, e Dia, ó rei, o príncipe dos corcéis, Ucchaisravas, Vasuki o rei das Cobras, Aruna, Garuda, as Árvores, as ervas decíduas, e o adorável deus Dharma – todos foram lá juntos. E foram lá também Kala, Yama, Mrityu, e os seguidores de Yama. Por medo de aumentar a lista eu não menciono os diversos outros deuses que foram lá. Todos eles foram àquela cerimônia para investir Kartikeya com a posição de generalíssimo. Todos os habitantes do céu, ó rei, levaram lá tudo o que era necessário para a cerimônia e todos os artigos propícios. Cheios de alegria, os habitantes do céu fizeram aquele jovem de alma elevada, aquele terror dos Asuras, o generalíssimo das forças armadas celestiais,

depois de despejarem sobre sua cabeça a água sagrada e excelente do Sarasvati de jarros dourados que continham outros artigos sagrados necessários para o propósito. O Avô dos mundos, Brahman, e Kasyapa de grande energia, e os outros (mencionados e) não mencionados, todos despejaram água sobre Skanda assim como, ó monarca, os deuses tinham despejado água sobre a cabeça de Varuna, o senhor das águas, para investi-lo com domínio. O senhor Brahman então, com o coração satisfeito, deu a Skanda quatro companheiros, possuidores de poder estupendo, dotados de velocidade como aquela do vento, coroados com êxito ascético, e dotados de energia a qual eles podiam aumentar à vontade. Eles eram chamados Nandisena e Lohitaksha e Ghantakarna e Kumudamalin. O senhor Sthanu, ó monarca, deu a Skanda um companheiro possuidor de grande impetuosidade, capaz de produzir cem ilusões, e dotado de poder e energia que ele podia aumentar à vontade. E ele foi o grande destruidor de Asuras. Na grande batalha entre os deuses e os Asuras, esse companheiro que Sthanu deu, cheio de ira, matou, somente com suas mãos, catorze milhões de Daityas de atos violentos. Os deuses então transferiram para Skanda a hoste celestial, invencível, abundando com tropas celestes, capaz de destruir os inimigos dos deuses, e de formas como aquela de Vishnu. Os deuses então, com Vasava em sua dianteira, e os Gandharvas, os Yakshas, os Rakshasas, os Munis, e os Pitris, todos gritaram, 'Vitória (para Skanda)!' Então Yama deu a ele dois companheiros, ambos os quais pareciam a Morte, Unmatha e Pramatha, possuidores de grande energia e grande esplendor. Dotado de grande destreza, Surya, com o coração satisfeito, deu para Kartikeya dois de seus seguidores chamdos Subhraja e Bhaswara. Soma também deu a ele dois companheiros, Mani e Sumani, ambos os quais pareciam com topos da montanha Kailasa e sempre usavam guirlandas brancas e unguentos brancos. Agni deu a ele dois companheiros heróicos, subjugadores de exércitos hostis, que eram chamados Jwalajihbha e Jyoti. Ansa deu para Skanda de grande inteligência cinco companheiros, Parigha, e Vata, e Bhima de força terrível, e Dahati e Dahana, ambos os quais eram extremamente ferozes e possuidores de energia fenomenal. Vasava aquele matador de heróis hostis deu para o filho de Agni dois companheiros, Utkrosa e Panchaka, que estavam armados respectivamente com raio e clava. Esses tinham matado em batalha inúmeros inimigos de Shakra. O ilustre Vishnu deu a Skanda três companheiros, Chakra e Vikrama e Sankrama de grande poder. Os Ashvinis, ó touro da raça Bharata, com corações satisfeitos, deram a Skanda dois companheiros Vardhana e Nandana, que tinham dominado todas as ciências. O ilustre Dhatri deu a ele cinco companheiros de grande alma, Kunda, Kusuma, Kumuda, Damvara e Adamvara. Tvashtri deu a Skanda dois companheiros chamados Chakra e Anuchakra, ambos os quais eram dotados de grande força. O senhor Mitra deu para Kumara de grande alma dois companheiros ilustres chamados Suvrata e Satyasandha, ambos os quais eram dotados de grande erudição e mérito ascético, possuidores de feições agradáveis, capazes de conceder benefícios e célebres pelos três mundos. Vidhatri deu a Kartikeya dois companheiros de grande celebridade, Suprabha de grande alma e Subhakarman. Pushan deu a ele, ó Bharata, dois companheiros, Panitraka e Kalika, ambos dotados de grandes poderes de ilusão. Vayu deu a ele, ó melhor dos Bharatas, dois companheiros, Vala e Ativala, dotados de grande poder e bocas muito largas. Varuna, aderindo firmemente à

verdade, deu a ele Ghasa e Atighasa de poder grandioso e possuidores de bocas como aquelas de baleias. Himavat deu para o filho de Agni dois companheiros, ó rei, Suvarchas e Ativarchas. Meru, ó Bharata, lhe deu dois companheiros chamados Kanchana e Meghamalin. Manu também deu para o filho de Agni dois outros dotados de grande força e destreza, Sthira e Atisthira. Vindhya deu ao filho de Agni filho dois companheiros chamados Uschrita e Agnisringa ambos os quais lutavam com pedras grandes. O oceano deu a ele dois poderosos companheiros chamados Sangraha e Vigraha, ambos armados com maças. Parvati de belas feições deu ao filho de Agni Unmada e Pushpadanta e Sankukarna. Vasuki, o rei das cobras, ó tigre entre homens, deu para o filho de Agni duas cobras chamadas Jaya e Mahajaya. Similarmente os Saddhyas, os Rudras, os Vasus, os Pitris, os Mares, os Rios, e as Montanhas, todos dotados de grande força, deram comandantes de tropas, armados com lanças e machados de batalha e enfeitados com diversas espécies de ornamentos. Escute agora os nomes daqueles outros combatentes armados com diversas armas e vestidos em diversos tipos de trajes e ornamentos, que Skanda obteve. Eles eram Sankukarna, Nilkumbha, Padmai, Kumud, Ananta, Dwadasabhuja, Krishna, Upakrishnaka, Ghranasravas, Kapiskandha, Kanchanaksha, Jalandhama, Akshasantarjana, Kunadika, Tamobhrakrit, Ekaksha, Dwadasaksha, Ekajata, Sahasravahu, Vikata, Vyaghraksha, Kshitikampana, Punyanaman, Sunaman, Suvaktra, Priyadarsana, Parisruta, Kokonada, Priyamalyanulepana, Ajodara, Gajasiras, Skandhaksha, Satalochana, Jwalajibha, Karala, Sitakesa, Jati, Hari, Krishnakesa, Jatadhara, Chaturdanshtra, Ashtajihva, Meghananda, Prithusravas, Vidyutaksha, Dhanurvaktra, Jathara, Marutasana, Udaraksha, Rathaksha, Vajranabha, Vasurprabha, Samudravega, Sailakampin, Vrisha, Meshapravaha, Nanda, Upadanka, Dhumra, Sweta, Kalinga, Siddhartha, Varada, Priyaka, Nanda, Gonanda, Ananda, Pramoda, Swastica, Dhruvaka, Kshemavaha, Subala, Siddhapatra, Govraja, Kanakapida, Gayana, Hasana, Vana, Khadga, Vaitali, Atitali, Kathaka, Vatika, Hansaja, Pakshadigdhanga, Samudronmadana, Ranotkata, Prashasa, Swetasiddha, Nandaka, Kalakantha, Prabhasa, Kumbhandaka, Kalakaksha, Sita, Bhutalonmathana, Yajnavaha, Pravaha, Devajali, Somapa, Majjala, Kratha Tuhara Chitradeva, Madhura, Suprasada, Kiritin, Vatsala, Madhuvarna, Kalasodara, Dharmada, Manma, Thakara, Suchivaktra, Swetavaktra, Suvaktra, Charuvaktra, Pandura, Dandavahu, Suvahu, Rajas, Kokilaka, Achala, Kanakaksha, Valakarakshaka, Sancharaka, Kokanada, Gridhrapatra, Jamvuka, Lohajvaktra, Javana, Kumbhavaktra, Kumbhaka, Mundagriva, Krishnaujas, Hansavaktra, Candrabha, Panikurchas, Samvuka, Panchavaktra, Sikshaka, Chasavaktra, Jamvuka, Kharvaktra, e Kunchaka. Além desses muitos outros companheiros de grande alma e poderosos, dedicados a austeridades ascéticas e respeitosos aos Brahmanas, foram dados a ele pelo Avô. Alguns deles estavam na juventude; alguns eram velhos e alguns, ó Janamejaya, eram muito jovens em idade. Milhares e milhares de tais seres foram até Kartikeya. Eles eram possuidores de diversos tipos de rostos. Ouça-me, ó Janamejaya, enquanto eu os descrevo! Alguns tinham rostos como aqueles de tartarugas, e alguns como aqueles de galos. Os rostos de alguns eram muito compridos, ó Bharata. Alguns, além disso, tinham rostos como aqueles de cachorros, e lobos, e lebres, e corujas, e jumentos, e camelos, e porcos. Alguns tinham faces humanas e alguns tinham

rostos como aqueles de ovelhas e chacais. Alguns eram terríveis e tinham rostos como aqueles de makaras e golfinhos. Alguns tinham rostos como aqueles de gatos e alguns como aqueles de moscas mordentes; e os rostos de alguns eram muito longos. Alguns tinham rostos como aqueles do mangusto, da coruja, e do corvo. Alguns tinham rostos como aqueles de ratos e pavões e peixes e cabras e ovelhas e búfalos. Os rostos de alguns pareciam aqueles de ursos e tigres e leopardos e leões. Alguns tinham rostos como aqueles de elefantes e crocodilos. Os rostos de alguns pareciam aqueles de Garuda e do rinoceronte e do lobo. Alguns tinham rostos como aqueles de vacas e mulas e camelos e gatos. Possuidores de estômagos largos e pernas e membros grandes, alguns tinham olhos como estrelas. Os rostos de alguns pareciam aqueles de pombos e touros. Outros tinham rostos como aqueles de kokilas e falcões e tittiras e lagartos. Alguns estavam vestidos em mantos brancos. Alguns tinham rostos como aqueles de cobras. Os rostos de alguns pareciam aqueles de porcos-espinhos. De fato, alguns tinham rostos apavorantes e alguns tinham rostos muito agradáveis; alguns tinham cobras como suas roupas. Os rostos como também os narizes de alguns pareciam com aqueles de vacas. Alguns tinham membros grandes e estômagos protuberantes, mas outros membros muito magros; alguns tinham membros grandes, mas estômagos magros. Os pescoços de alguns eram muito curtos e as orelhas de alguns eram muito grandes. Alguns tinham diversas espécies de cobras como seus ornamentos. Alguns estavam vestidos em peles de elefantes grandes, e alguns de peles pretas de veado. As bocas de alguns eram em seus ombros. Alguns tinham bocas em seus estômagos, alguns em suas costas, alguns em suas bochechas, alguns em suas panturrilhas, e alguns em seus flancos, e as bocas de muitos estavam colocadas em outras partes de seus corpos. Os rostos de muitos entre aqueles líderes de tropas eram como aqueles de insetos e vermes. As bocas de muitos entre eles eram como aquelas de diversos animais predadores. Alguns tinham muitos braços e alguns muitas cabeças. Os braços de alguns pareciam árvores, e as cabeças de alguns eram em seus quadris. Os rostos de alguns eram cônicos como os corpos de cobras. Muitos entre eles tinham suas residências em diversas espécies de plantas e ervas. Alguns estavam vestidos em trapos, alguns em diversos tipos de ossos, alguns estavam diversamente vestidos, e alguns estavam adornados em diversos tipos de guirlandas e diversos tipos de unguentos. Vestidos diferentemente, alguns tinham peles como seus mantos. Alguns tinham proteções para a cabeça; as frontes de alguns estavam enrugadas em linhas; os pescoços de alguns portavam marcas como aquelas em conchas, alguns eram possuidores de grande refulgência. Alguns tinham diademas, alguns tinham cinco tufos de cabelo em suas cabeças, e o cabelo de alguns era muito duro. Alguns tinham dois tufos, alguns três, e alguns sete. Alguns tinham penas em suas cabeças, alguns tinham coroas, alguns tinham cabeças que eram totalmente calvas, e alguns tinham madeixas emaranhadas. Alguns estavam enfeitados com guirlandas belas, e os rostos de alguns eram muito peludos. A batalha era a única coisa na qual eles tinham grande prazer, e todos eles eram invencíveis mesmo pelos principais entre os deuses. Muitos entre eles estavam vestidos em diversas espécies de mantos celestes. Todos eles gostavam muito da batalha. Alguns eram de cor escura, e os rostos de alguns não tinham carne neles. Alguns tinham costas muito longas, e alguns não tinham

estômago. As costas de alguns eram muito largas enquanto aquelas de alguns eram muito curtas. Alguns tinham estômagos longos e os membros de alguns eram compridos. Os braços de alguns eram longos enquanto aqueles de alguns eram curtos. Alguns eram anões de membros curtos. Alguns eram corcundas. Alguns tinham quadris curtos. As orelhas e cabeças de alguns eram como aqueles de elefantes. Alguns tinham narizes como aqueles de tartarugas, alguns como aqueles de lobos. Alguns tinham lábios compridos, alguns tinham quadris compridos, e alguns eram medonhos, tendo seus rostos para baixo. Alguns tinham dentes muito grandes, alguns tinham muitos dentes curtos, e alguns tinham somente quatro dentes. Milhares entre eles, ó rei, eram extremamente terríveis, parecendo com elefantes enfurecidos de tamanho gigantesco. Alguns eram de membros simétricos, possuidores de grande esplendor, e enfeitados com ornamentos. Alguns tinham olhos amarelos, alguns tinham orelhas como flechas, alguns tinham narizes como crocodilos. Ó Bharata! Alguns tinham dentes largos, alguns tinham lábios largos, e alguns tinham cabelo verde. Possuidores de diversos tipos de pés e lábios e dentes, eles tinham diversas espécies de braços e cabeças. Vestidos em diversos tipos de peles, eles falavam diversas espécies de línguas, ó Bharata! Hábeis em todos os dialetos provinciais, aqueles pujantes conversavam uns com os outros. Aqueles companheiros poderosos, cheios de alegria, davam saltos lá, cambalhotando (em volta de Kartikeya). Alguns tinham nariz comprido, alguns unhas longas, alguns pernas compridas. Alguns entre eles tinham cabeça grande e alguns braços grandes. Os olhos de alguns eram amarelos. As gargantas de alguns eram azuis, e as orelhas de alguns eram compridas, ó Bharata. Os estômagos de alguns eram parecidos com massas de antimônio. Os olhos de alguns eram brancos, os pescoços de alguns eram vermelhos, e alguns tinham olhos de uma cor castanha. Muitos eram de cor escura e muitos, ó rei, eram de diversas cores, ó Bharata. Muitos tinham ornamentos em seus corpos que pareciam com rabos de iaque. Alguns tinham listras brancas em seus corpos, e alguns tinham listras vermelhas. Alguns eram de cores diversificadas e alguns tinham cores douradas, e alguns eram dotados de esplendores como aqueles do pavão. Eu descreverei para ti as armas que eram levadas por aqueles que chegaram por último a Kartikeya. Ouça-me. Alguns tinham laços em seus braços erguidos. Seus rostos eram como aqueles de tigres e jumentos. Seus olhos eram em suas costas, suas gargantas eram azuis, e seus braços pareciam clavas com pontas de ferro. Alguns estavam armados com Sataghnis e discos, e alguns tinham clavas pesadas e curtas. Alguns tinham espadas e malhos e alguns estavam armados com cassetetes, ó Bharata. Alguns, possuidores de tamanhos gigantescos e grande força, estavam armados com lanças e cimitarras. Alguns estavam armados com maças e Bhusundis e alguns tinham arpões em suas mãos. Possuidores de almas superiores e grande força e dotados de grande velocidade e grande impetuosidade, aqueles poderosos companheiros tinham diversas espécies de armas terríveis em seus braços. Contemplando a instalação de Kartikeya, aqueles seres de energia poderosa, se deleitando em batalha e usando em seus corpos fileiras de sinos tilintantes, dançaram em volta dele em alegria. Esses e muitos outros companheiros poderosos, ó rei, foram ao ilustre Kartikeya de grande alma. Alguns pertenciam às regiões celestes, alguns à aérea, e alguns às regiões da Terra. Todos eles eram

dotados de velocidade semelhante àquela do vento. Mandados pelos deuses, aqueles seres bravos e poderosos se tornaram os companheiros de Kartikeya. Milhares e milhares, milhões e milhões de tais seres foram lá na instalação de Kartikeya de grande alma e permaneceram circundando-o."

46

Vaishampayana disse, "Ouça agora os grandes grupos das mães, aquelas matadoras de inimigos, ó herói, que se tornaram as companheiras de Kumara, enquanto eu menciono seus nomes. Escute, ó Bharata, os nomes daquelas mães ilustres. O universo móvel e imóvel é permeado por aquelas auspiciosas. Elas são Prabhavati, Vishalakshi, Palita, Gonasi, Shrimati, Bahula, Bahuputrika, Apsujata, Gopali, Brihadambalika, Jayavati, Malatika, Dhruvaratna, Bhayankari, Vasudama, Sudama, Vishoka, Nandini, Ekacuda, Mahacuda, Cakranemi, Uttejani, Jayatsena, Kamalakshi, Shobhana, Shatrunjaya, Shalabhi, Khari, Madhavi, Shubhavaktra, Tirthanemi, Gitapriya, Kalyani, Kadrula, Amitashana, Meghasvana, Bhogavati, Subhru, Kanakavati, Alatakshi, Viryavati, Vidyujjihva, Padmavati, Sunakshatra, Kandara, Bahuyojana, Santanika, Kamala, Mahabala, Sudama, Bahudama, Suprabha, Yashasvini, Nrityapriya, Shatolukhalamekhala, Shataghanta, Shatananda, Bhagananda, Bhamini, Vapushmati, Candrashita, Bhadrakali, Samkarika, Nishkutika, Bhrama, Catvaravasini, Sumangala, Svastimati, Vriddhikama, Jayapriya, Dhanada, Suprasada, Bhavada, Jaleshvari, Edi, Bhedi, Samedi, Vetalajanani, Kanduti, Kalika, Devamitra, Lambasi, Ketaki, Citrasena, Bala, Kukkutika, Shankhanika, Jarjarika, Kundarika, Kokalika, Kandara, Shatodari, Utkrathini, Jarena, Mahavega, Kankana, Manojava, Kantakini, Praghasa, Putana, Khashaya, Curvyuti, Vama, Kroshanatha, Taditprabha, Mandodari, Tunda, Kotara, Meghavasini, Subhaga, Lambini, Lamba, Vasucuda, Vikatthani, Urdhvavenidhara, Pingakshi, Lohamekhala, Prithuvaktra, Madhurika, Madhukumbha, Pakshalika, Manthanika, Jarayu, Jarjaranana, Khyata, Dahadaha, Dhamadhama, Khandakhanda, Pushana, Manikundala, Amogha, Lambapayodhara, Venuvinadhara, Pingakshi, Lohamekhala, Shasholukamukhi, Krishna, Kharajangha, Mahajava, Shishumaramukhi, Shveta, Lohitakshi, Vibhishana, Jatalika, Kamacari, Dirghajihva, Balotkata, Kaledika, Vamanika, Mukuta, Lohitakshi, Mahakaya, Haripindi, Ekakshara, Sukusuma, Krishnakarni, Kshurakarni, Catushkarni, Karnapravarana, Catushpathaniketa, Gokarni, Mahishanana, Kharakarni, Mahakarni, Bherisvanamahasvana, Shankhakumbhasvana, Bhangada, Gana, Sugana, Bhiti, Kamada, Catushpatharata, Bhutirtha, Anyagocara, Pashuda, Vittada, Sukhada, Mahayasha, Payoda, Gomahishada, Suvishana, Pratishtha, Supratishtha, Rocamana, Surocana, Naukarni, Mukhakarni, Sasira, Stherika, Ekacakra, Megharava, Meghamala, e Virocana.

Estas e muitas outras mães, ó touro da raça Bharata, numerando por milhares, de formas diversas, se tornaram as seguidoras de Kartikeya. Suas unhas eram longas, seus dentes eram grandes e seus lábios também, ó Bharata, eram protuberantes. De formas retas e feições doces, todas elas, dotadas de juventude,

estavam enfeitadas com ornamentos. Possuidoras de mérito ascético, elas eram capazes de assumir qualquer forma à vontade. Não tendo muita carne em seus membros, elas eram de aparência formosa e dotadas de esplendor como aquele de ouro. Algumas entre elas eram escuras e pareciam com nuvens em cor e algumas eram da cor de fumaça, ó touro da raça Bharata. E algumas eram dotadas do esplendor do sol da manhã e eram muito abençoadas. Possuidoras de cabelos longos, elas estavam vestidas em mantos brancos. As tranças de algumas estavam amarradas para cima, e os olhos de algumas eram castanhos, e algumas tinham cintos que eram muito compridos. Algumas tinham abdomens longos, algumas tinham longas orelhas, e longos peitos. Algumas tinham olhos cor de cobre, e tez cor de cobre, e os olhos de algumas eram verdes.

Capazes de conceder benefícios e de viajar à vontade, elas estavam sempre alegres. Possuidoras de grande força, algumas entre elas partilhavam da natureza de Yama, algumas de Rudra, algumas de Soma, algumas de Kuvera, algumas de Varuna, algumas de Indra, e algumas de Agni, ó opressor de inimigos. E algumas partilhavam da natureza de Vayu, algumas de Kumara, algumas de Brahma, ó touro da raça Bharata, e algumas de Vishnu e algumas de Surya, e algumas de Varaha.

De feições encantadoras e agradáveis, elas eram belas como os asuras. Em voz elas pareciam o kokila e em prosperidade elas pareciam o Senhor dos Tesouros. Em batalha, sua energia parecia aquela de Shakra. Em esplendor elas pareciam fogo. Em batalha elas sempre enchiam seus inimigos de terror. Capazes de assumir qualquer forma à vontade, em velocidade elas pareciam o próprio vento. De poder e energia inconcebíveis, sua destreza também era inconcebível.

Elas tem suas residências em árvores e locais abertos e em cruzamentos de quatro estradas. Elas vivem também em cavernas e crematórios, montanhas e fontes. Adornadas com diversos tipos de ornamentos, elas usam diversos tipos de trajes, e falam diversas línguas. Estas e muitas outras tribos (das mães), todas capazes de encher inimigos de pavor, seguiram Kartikeya de grande alma no comando dos principais dos celestiais.

O adorável castigador de Paka, ó tigre entre reis, deu para Guha (Kartikeya) um dardo para a destruição dos inimigos dos deuses. Aquele dardo produz um zumbido alto e é adornado com muitos sinos grandes. Possuidor de grande esplendor, ele parece flamejar com luz. E Indra também deu a ele um estandarte refulgente como o sol da manhã. Shiva deu a ele um grande exército, extremamente feroz e armado com diversas espécies de armas, e dotado de grande energia gerada de penitências ascéticas. Invencível e possuindo todas as qualidades de um bom exército, aquela força era conhecida pelo nome de dhananjaya. Ela era protegida por 30.000 guerreiros cada um dos quais era possuidor de força igual àquela do próprio Rudra. Aquela força não sabia como fugir da batalha. Vishnu deu a ele uma guirlanda triunfal que aumenta o poder daquele que a usa. Uma deu a ele dois pedaços de tecido de refulgência como aquela do sol. Com grande prazer Ganga deu para Kumara um vaso de água celeste, gerado de amrita, e Brihaspati deu a ele um bastão sagrado. Garuda deu

a ele seu filho favorito, um pavão de penas belas. Aruna deu a ele um galo de esporas afiadas. O nobre Varuna deu a ele uma cobra de grande energia e poder. O senhor Brahma deu para aquele deus devotado a Brahman uma camurça preta. E o Criador de todos os mundos também deu a ele vitória em todas as batalhas.

Tendo obtido o comando das forças celestes, Skanda parecia resplandecente como um fogo flamejante de chamas brilhantes. Acompanhado por aqueles companheiros e as mães, ele procedeu para a destruição dos daityas, alegrando todos os principais dos deuses. A hoste terrível dos celestiais, equipada com estandartes enfeitados com sinos, e provida de baterias e conchas e pratos, e armada com armas, e enfeitada com muitas bandeiras, parecia bela como o firmamento outonal coberto com planetas e estrelas.

Então aquela vasta multidão de celestiais e diversas espécies de criaturas começaram alegremente a bater em suas baterias e soprar suas conchas numerando milhares. E eles também tocaram seus patahas e jharjharas e krikacas e chifres de vaca e adambaras e gomukhas e dindimas de som alto. Todos os deuses, com Vasava em sua dianteira, louvaram Kumara. Os celestiais e os gandharvas cantaram e as apsaras dançaram.

Bem satisfeito (como essas atenções) Skanda concedeu um benefício a todos os deuses, dizendo, ‘Eu matarei todos os seus inimigos, aqueles, isto é, que desejam matar vocês.’ Tendo obtido esse benefício daquele melhor dos deuses, os celestiais ilustres consideraram seus inimigos como já mortos. Depois que Skanda tinha concedido aquele benefício, um som alto elevou-se de todas aquelas criaturas cheias de alegria, enchendo os três mundos.

Acompanhado por aquela vasta hoste, Skanda então partiu para a destruição dos daityas e a proteção dos habitantes do céu. Esforço, e Vitória, e Justiça, e Sucesso, e Prosperidade, e Coragem, e as Escrituras (em suas formas incorporadas) seguiam na dianteira do exército de Kartikeya, ó rei! Com aquela força terrível, que estava armada com lanças, malhos, tições ardentes, maças, clavas pesadas, flechas, dardos e arpões, e que estava enfeitada com ornamentos e armaduras belas, e que proferia rugidos como aqueles de um leão orgulhoso, o divino Guha partiu.

Vendo ele, todos os daityas, rakshasas e danavas, ansiosos com medo, fugiram para todos os lados. Armados com diversas armas os celestiais os perseguiram. Vendo (o inimigo fugindo), Skanda, dotado de energia e poder, ficou inflamado com ira. Ele repetidamente arremessou sua arma terrível, o dardo (que ele tinha recebido de Agni). A energia que ele então mostrou parecia um fogo alimentado com libações de manteiga clarificada. Enquanto o dardo era repetidamente arremessado por Skanda de energia incomensurável, lampejos meteóricos, ó rei, caíram sobre a Terra. Raios também, com barulho tremendo, caíram sobre a Terra. Tudo se tornou apavorante, ó rei, como se torna no dia da destruição universal. Quando aquele dardo terrível era uma vez arremessado pelo filho de Agni, milhões de dardos saíam dele, ó touro da raça Bharata.

O pujante a adorável Skanda, cheio de alegria, finalmente matou Taraka, o chefe dos daityas, dotado de grande poder e destreza, e cercado (naquela batalha) por 100.000 daityas heróicos e poderosos. Ele então, naquela batalha, matou Mahisha que estava cercado por oito padmas de daityas. Ele em seguida matou Tripada que estava cercado por 1.000 ajutas de daityas. O pujante Skanda então matou Hradodara, que estava cercado por dez nikharvas de daityas, com todos os seus seguidores armados com diversas armas. Enchendo os dez pontos do horizonte, os seguidores de Kumara, ó rei, fizeram um barulho alto enquanto aqueles daityas estavam sendo mortos, e dançaram e pularam e deram risada em alegria.

Milhares de daityas, ó rei, foram queimados com as chamas que saíam do dardo de Skanda, enquanto outros davam seu último suspiro, terrificados pelos rugidos de Skanda. Os três mundos estavam apavorados pelo clamor dos soldados de Skanda. Os inimigos eram consumidos por chamas produzidas por Skanda. Muitos foram mortos somente por seus rugidos. Alguns entre os inimigos dos deuses, atingidos com bandeiras, eram mortos. Alguns, assustados pelos sons dos sinos, caíam pela superfície da Terra. Alguns, mutilados com armas, caíam privados de vida. Dessa maneira o heróico e poderoso Kartikeya matou inúmeros inimigos dos deuses possuidores de grande força que foram lutar com ele.

Então o filho de Bali Vana de grande poder, chegando à montanha Kraunca, lutou com a hoste celeste. Possuidor de grande inteligência, o grandioso generalíssimo Skanda avançou contra aquele inimigo dos deuses. Por medo de Kartikeya, ele se abrigou dentro da montanha Kraunca. Inflamado com raiva, o adorável Kartikeya então perfurou aquela montanha com aquele dardo dado a ele por Agni. A montanha era chamada Kraunca (grou) porque o som que ela sempre produzia parecia o grito de um grou. Aquela montanha era matizada com árvores shala. Os macacos e elefantes nela estavam apavorados. As aves que tinham sua residência nela se ergueram e se moveram em círculos no céu. As cobras começaram a dardejar para baixo por seus lados. Ela ressoava também com os gritos de leopardos e ursos em grandes números que corriam assustados para lá e para cá. Outras florestas sobre ela retumbavam com os gritos de centenas e centenas de animais. Sharabhas e leões saíram correndo de repente. Por causa de tudo isso aquela montanha, embora estivesse reduzida a uma situação muito deplorável, ainda assumiu um aspecto muito belo. Os vidyadharas morando em seus topos se elevaram no ar. Os kinnaras também ficaram muito ansiosos, distraídos pelo medo causado pela queda do dardo de Skanda. Os daityas então, às centenas e milhares, saíram daquela montanha ardente, todos vestidos em ornamentos e guirlandas belos.

Os seguidores de Kumara, prevalecendo sobre eles em batalha, mataram todos eles. O adorável Skanda, cheio de raiva, matou rapidamente o filho do chefe daitya (Bali) junto com seu irmão mais novo, assim como Indra matou Vritra (nos tempos passados). O matador de heróis hostis, o filho de Agni, perfurou com seu dardo a montanha Kraunca, dividindo a si mesmo às vezes em muitas e às vezes unindo todas as suas porções em uma. Repetidamente arremessado de sua mão,

o dardo repetidamente voltava a ele. Tal era o poder e glória do adorável filho de Agni. Com heroísmo redobrado, e energia e fama e sucesso, o deus perfurou a montanha e matou centenas de daityas. O adorável deus, tendo assim matado os inimigos dos celestiais, foi reverenciado e honrado pelos últimos e obteve grande alegria.

Depois que a montanha Kraunca tinha sido perfurada e depois que o filho de Canda tinha sido morto, baterias foram batidas, ó rei, e conchas foram sopradas. As damas celestes derramaram chuvas florais em sucessão sobre aquele senhor divino de yogis. Brisas auspiciosas começaram a soprar, portando perfumes celestiais. Os gandharvas cantaram seus louvores, como também grandes rishis sempre empenhados na realização de sacrifícios. Alguns falavam dele como o pujante filho do Avô, Sanat-kumara, o mais velho de todos os filhos de Brahma. Alguns falavam dele como o filho de Maheshvara, e alguns como aquele de Agni. Alguns, além disso, o descreviam como o filho de Uma ou das Krittikas ou de Ganga. Centenas e milhares de pessoas falam daquele Senhor de yogis de forma resplandecente e grande poder como o filho de um desses, ou de um ou outro de dois desses, ou de qualquer um desses quatro.

Eu assim te disse, ó rei, tudo sobre a instalação de Kartikeya. Escute agora a história da santidade daquele principal dos tirthas no Sarasvati. Aquele principal dos tirthas, ó monarca, depois que os inimigos dos deuses estavam mortos, tornou-se um segundo céu. O pujante filho de Agni deu para cada um dos principais entre os celestiais diversos tipos de domínio e riqueza e finalmente a soberania dos três mundos. Assim mesmo, ó monarca, o adorável exterminador dos daityas foi instalado pelos deuses como seu generalíssimo. Aquele outro tirtha, ó touro da raça Bharata, onde nos tempos passados Varuna o senhor das águas foi instalado pelos celestiais, é conhecido pelo nome de Taijasa. Tendo se banhado naquele tirtha e reverenciado Skanda, Rama deu para os brahmanas ouro e roupas e ornamentos e outras coisas. Passando uma noite lá, aquele matador de heróis hostis, Madhava, louvando aquele principal dos tirthas e tocando sua água, ficou alegre e feliz. Eu agora te contei tudo sobre o que tu perguntaste, como o divino Skanda foi instalado pelos deuses reunidos!"

47

Janamejaya disse, "Essa história, ó regenerado, que eu ouvi de ti é muito extraordinária, essa narração, em detalhes, da instalação, segundo ritos devidos, de Skanda, ó tu possuidor de riqueza de ascetismo, eu me considero purificado por ter ouvido esse relato. Meu cabelo se arrepia e minha mente ficou alegre. Tendo ouvido a história da instalação de Kumara e a destruição dos Daityas, grande foi minha alegria. Eu sinto uma curiosidade, no entanto, em relação a outro assunto. Como o Senhor das águas foi instalado pelos celestiais naquele tirtha nos tempos antigos? Ó melhor dos homens, me conte isso, pois tu és possuidor de grande sabedoria e és hábil em narração!"

Vaishampayana disse, "Escute, ó rei, essa história magnífica do que ocorreu realmente em um Kalpa anterior! Nos tempos passados, na era Krita, ó rei, todos os celestiais, devidamente se aproximando de Varuna, disseram a ele essas palavras, 'Como Shakra, o Senhor dos celestiais, sempre nos protege de todo o medo, similarmente sejas tu o Senhor de todos os rios! Tu sempre residiste, ó deus, no Oceano, aquele lar de makaras! Esse Oceano, o senhor dos rios, então estará sob teu domínio! Tu então aumentarás e diminuirás com Soma!' (Assim endereçado) Varuna respondeu eles, dizendo, 'Assim seja!' Todos os celestiais então, se reunindo, fizeram Varuna tendo sua residência no oceano o Senhor de todas as águas, de acordo com os ritos prescritos nas escrituras. Tendo instalado Varuna como o Senhor de todas as criaturas aquáticas e reverenciando-o devidamente, os celestiais voltaram para suas respectivas residências. Instalado pelos celestiais, o ilustre Varuna começou a devidamente proteger mares e lagos e rios e outros reservatórios de água como Shakra protege os deuses. Banhando-se naquele tirtha também e dando diversos tipos de presentes, Baladeva, o matador de Pralamva, possuidor de grande sabedoria, então foi para Agnitirtha, aquele local onde o comedor de manteiga clarificada, desaparecendo de vista, ficou escondido dentro das entranhas da madeira Sami. Quando a luz de todos os mundos desapareceu dessa maneira, ó impecável, os deuses então foram ao Avô do universo. E eles disseram, 'O adorável Agni desapareceu. Nós não sabemos a razão. Não deixe que todas as criaturas sejam destruídas. Crie fogo, ó pujante Senhor!'"

Janamejaya disse, "Por que razão Agni, o Criador de todos os mundos, desapareceu? Como também ele foi descoberto pelos deuses? Conte-me tudo isso em detalhes."

Vaishampayana disse, "Agni de grande energia ficou muito assustado pela maldição de Bhrigu. Se escondendo dentro das entranhas da madeira Sami, aquele deus adorável desapareceu de vista. Após o desaparecimento de Agni, todos os deuses, com Vasava em sua dianteira, em grande aflição, procuraram pelo deus perdido. Achando Agni então, eles viram aquele deus jazendo dentro das entranhas da madeira Sami. Os celestiais, ó tigre entre reis, com Brihaspati em sua chefia, tendo conseguido encontrar o deus, ficaram muito contentes com Vasava entre eles. Eles então voltaram para os lugares de onde eles tinham vindo. Agni também, a partir da maldição de Bhrigu, tornou-se um comedor de tudo, como Bhrigu, aquele pronunciador de Brahma, tinha dito. O inteligente Balarama, tendo se banhado lá, então procedeu para Brahmayoni onde o adorável Avô de todos os mundos tinha exercido suas funções de criações. Nos tempos antigos, o Senhor Brahman, junto com todos os deuses, banhou-se naquele tirtha, de acordo com ritos devidos pelos celestiais. Banhando-se lá e dando diversos tipos de presentes, Valadeva então procedeu para o tirtha chamado Kauvera onde o pujante Ailavila, tendo praticado austeridades severas, obteve, ó rei, o Domínio sobre todos os tesouros. Enquanto ele morou lá (engajado em austeridades), todas as espécies de riqueza, e todas as pedras preciosas foram a ele por sua própria vontade. Baladeva tendo se dirigido àquele tirtha e se banhado em suas águas deu devidamente muita riqueza para os Brahmanas. Rama viu naquele

local os excelentes bosques de Kuvera. Nos tempos passados, Kuvera de grande alma, o chefe dos Yakshas, tendo praticado as mais rígidas austeridades lá, obteve muitos benefícios. Estes foram o domínio de todos os tesouros, a amizade de Rudra possuidor de energia imensurável, a posição de um deus, a regência sobre um ponto específico do horizonte (o Norte), e um filho chamado Nakakuvera. Estes o chefe dos Yakshas obteve rapidamente lá, ó tu de braços fortes. Os Maruts, chegando lá, o instalaram devidamente (em sua soberania). Ele também obteve como um veículo um carro celestial e bem equipado, rápido como pensamento, como também a riqueza de um deus. Banhando-se naquele tirtha e dando muita riqueza, Vala usando unguentos brancos de lá procedeu rapidamente para outro tirtha. Populoso com todas as espécies de criaturas, aquele tirtha é conhecido pelo nome Vadarapachana. Lá os frutos de todas as estações são sempre encontrados e flores e frutas de todas as espécies são sempre abundantes."

48

Vaishampayana disse, "Rama (como já dito) então procedeu ao tirtha chamado Vadarapachana onde moravam muitos ascetas e Siddhas. Lá a filha de Bharadwaja, incomparável sobre a terra em beleza, chamada Sruvavati, praticou austeridades. Ela era uma donzela que levava a vida de uma Brahmacharini. Aquela donzela bela, observando diversas espécies de votos, praticou as mais rígidas das penitências, movida pelo desejo de obter o Senhor dos celestiais como seu marido. Muitos anos se passaram, ó perpetuador da linhagem de Kuru, durante os quais aquela donzela cumpriu constantemente aqueles diversos votos extremamente difíceis de serem praticados por mulheres. O adorável castigador de Paka finalmente ficou satisfeito com ela por causa daquela conduta e daquelas penitências dela e aquele elevado respeito que ela mostrou por ele. O pujante Senhor dos celestiais então chegou àquele eremitério, tendo assumido a forma do Rishi Vasishtha regenerado e de grande alma. Vendo aquele principal dos ascetas, Vasishtha, das penitências mais austeras, ela o reverenciou, ó Bharata de acordo com os ritos observados pelos ascetas. Familiarizada com votos, a donzela auspiciosa e de voz doce se dirigiu a ele, dizendo, ‘Ó adorável, ó tigre entre os ascetas, me fale tuas ordens, ó senhor! Ó tu de votos excelentes, eu te servirei segundo a medida de meu poder! Eu não irei, no entanto, te dar minha mão, por minha consideração por Shakra! Eu estou procurando agradar Shakra, o senhor dos três mundos, com votos e observâncias rígidas e penitências ascéticas!’ Assim endereçado por ela, o ilustre deus, sorrindo enquanto lançava seus olhos sobre ela, e conhecendo suas observâncias, se dirigiu a ela gentilmente, ó Bharata, dizendo, ‘Tu praticaste penitências do tipo mais rígido! Isso é sabido por mim, ó tu de votos excelentes! Aquele objetivo também, nutrido em teu coração, pela obtenção do que tu te esforças, ó tu de rosto belo, será alcançado por ti! Tudo é alcançável por meio de penitências. Tudo depende de penitências. Todas aquelas regiões de bem-aventurança, ó tu de rosto belo, que pertencem aos deuses podem ser alcançadas por penitências. Penitências são a causa de grande felicidade. Aqueles homens que abandonam seus corpos depois

de terem praticado penitências austeras obtem a posição de deuses, ó auspiciosa! Mantenha em mente essas minhas palavras! Agora, ó donzela abençoada, ferva essas cinco jujubas, ó tu de votos excelentes!' Tendo dito essas palavras, o adorável matador de Vala foi embora, se despedindo para recitar mentalmente certos mantras em um tirtha excelente não longe daquele eremitério. Aquele tirtha veio a ser conhecido nos três mundos pelo nome de Indra, ó concessor de honras! De fato, foi pelo propósito de testar a devoção da donzela que o Senhor dos celestiais agiu daquela maneira para obstruir a fervura das jujubas. A donzela, ó rei, tendo se purificado, começou sua tarefa; reprimindo a fala e com atenção fixada nisso, ela sentou-se para sua tarefa sem sentir qualquer fadiga. Assim mesmo aquela donzela de votos elevados, ó tigre entre reis, começou a ferver aquelas jujubas. Enquanto ela estava sentada ocupada em sua tarefa, ó touro entre homens, o dia estava prestes a acabar, mas ainda aquelas jujubas não mostravam sinais de que estavam amolecidas. O combustível que ela tinha lá foi todo consumido. Vendo o fogo prestes a se extinguir devido à falta de combustível, ela começou a queimar seus próprios membros. A bela donzela primeiro jogou seus pés no fogo. A donzela impecável ficou sentada imóvel enquanto seus pés começavam a ser consumidos. A moça irrepreensível não se importou em absoluto com seus pés queimando. Difícil de ser feito, ela fez isso pelo desejo de fazer bem para o Rishi (que era seu convidado). Seu rosto não mudou em absoluto sob aquele processo doloroso, nem ela sentiu qualquer tristeza por causa disso. Tendo jogado seus membros no fogo, ela sentiu tanta alegria como se ela os tivesse mergulhado em água fresca. As palavras do Rishi, 'Cozinhe bem essas jujubas' foram mantidas em sua mente, ó Bharata! A donzela auspiciosa, mantendo aquelas palavras do grande Rishi em sua mente, começou a cozinhar aquelas jujubas embora as últimas, ó rei, não mostrassem sinais de amolecer. O próprio adorável Agni consumiu seus pés. Por isto, no entanto, a moça não sentiu a menor dor. Vendo aquele ato dela, o Senhor dos três mundos ficou muito satisfeito. Ele então se mostrou em sua própria forma para a donzela. O chefe dos celestiais então se dirigiu àquela donzela de votos muito austeros, dizendo, 'Eu estou satisfeito por tua devoção, tuas penitências, e teus votos! O desejo, portanto, ó auspiciosa, que tu nutres será realizado! Abandonando teu corpo, ó abençoada, tu viverás no céu comigo! Esse eremitério, além disso, se tornará o principal dos tirthas no mundo, capaz de purificar de todo pecado, ó tu de sobrancelhas formosas, e será conhecido pelo nome de Vadarapachana. Ele será famoso nos três mundos e será louvado por grandes Rishis. Nesse mesmo tirtha, ó auspiciosa, impecável e altamente abençoada, os sete Rishis, em uma ocasião, deixaram Arundhati, (a esposa de um eles), quando eles foram para Himavat. Aqueles altamente abençoados de votos muito rígidos tinham ido lá para colher frutas e raízes para seu sustento. Enquanto eles viviam dessa maneira em uma floresta de Himavat para obter seu sustento, ocorreu uma seca que se estendeu por doze anos. Aqueles ascetas, tendo feito um retiro para si mesmos, continuaram a viver lá. Enquanto a própria Arundhati se devotava a penitências ascéticas (no local onde ela foi deixada). Vendo Arundhati dedicada aos mais rígidos dos votos, a divindade concessora de benefícios e de três olhos (Mahadeva) muito satisfeita, chegou lá. O grande Mahadeva, assumindo a forma de um Brahmana, se aproximou dela e disse, 'Eu desejo esmolas, ó auspiciosa!' A

bela Arundhati disse a ele, ‘Nosso estoque de alimento está esgotado, ó Brahmana! Coma jujubas!’ Mahadeva respondeu, ‘Cozinhe essas jujubas, ó tu de votos excelentes!’ Depois dessas palavras, ela começou a cozinhar aquelas jujubas para fazer o que ser agradável para aquele Brahmana. Colocando aquelas jujubas no fogo, a célebre Arundhati escutou diversos discursos excelentes e encantadores e sagrados (dos lábios de Mahadeva). Aqueles doze anos de seca então passaram (como se fossem um único dia). Sem comida, e empenhada em cozinhar e escutar àqueles discursos auspiciosos, aquele período terrível passou, como se fosse um único dia para ela. Então os sete Rishis, tendo obtido frutas da montanha, voltaram para aquele local. O adorável Mahadeva, muito satisfeito com Arundhati, disse a ela, ‘Aproxime-te, como antigamente, destes Rishis, ó virtuosa! Eu estou satisfeito com tuas penitências e votos!’ O adorável Hara então se manifestou em sua própria forma. Satisfeito, ele falou a eles acerca da conduta nobre de Arundhati, ‘O mérito ascético, ó regenerados, que essa senhora ganhou, é, eu penso, muito maior do que aquele que vocês ganharam no leito de Himavat! As penitências praticadas por essa senhora foram extremamente rígidas, pois ela passou doze anos cozinhando, ela mesma jejuando todo o tempo!’ O divino Mahadeva então, se dirigindo a Arundhati, disse a ela, ‘Solicite a bênção, ó dama auspiciosa, que está no teu coração!’ Então aquela senhora de olhos grandes que eram de uma cor avermelhada se dirigiu àquele deus no meio dos sete Rishis, dizendo, ‘Se, ó divino, tu estás satisfeito comigo, então que esse local seja um tirtha excelente! Que ele seja conhecido pelo nome de Vadarapachana e que ele seja o recanto favorito de Siddhas e Rishis celestes. Assim também, ó deus dos deuses, que aquele que observar um jejum aqui e residir por três noites depois de ter se purificado, obtenha o fruto de um jejum de doze anos!’ O deus respondeu a ela, dizendo, ‘Assim seja!’ Louvado pelos sete Rishis, o deus então foi para o céu. De fato os Rishis ficaram cheios de admiração à visão do deus e ao verem a própria casta Arundhati não consumida e ainda possuidora da cor da saúde e assim capaz de aguentar fome e sede. Assim mesmo Arundhati de alma pura, nos tempos antigos, alcançou o maior êxito, como tu, ó dama altamente abençoada, por minha causa, ó donzela de votos rígidos! Tu, no entanto, ó moça amável, praticaste penitências mais rígidas! Satisfeito com teus votos, eu também te concederei este benefício especial, ó auspiciosa, um benefício que é superior àquele que foi concedido para Arundhati. Pelo poder do deus de grande alma que concedeu aquela bênção para Arundhati e pela tua própria energia, ó amável, eu devidamente te concederei outro benefício agora, que a pessoa que residir nesse tirtha por uma única noite e se banhar aqui com alma fixa (em meditação), irá, depois de abandonar seu corpo, alcançar muitas regiões de bem-aventurança que são difíceis de ser alcançadas (por outros meios)!’ Tendo dito essas palavras para a purificada Sruvavati, Shakra de mil olhos de grande energia então voltou para o céu. Depois que o manejador do raio, ó rei, tinha partido, uma chuva de flores celestes de fragrância doce caiu lá, ó chefe da linhagem de Bharata! Timbales celestes também, de som alto, foram tocados lá. Brisas auspiciosas e perfumadas também sopraram lá, ó monarca! A auspiciosa Sruvavati então, abandonando seu corpo, tornou-se a cônjuge de Indra. Obtendo a posição por meio de penitências austeras, ela começou a passar seu tempo, se divertindo com ele eternamente."

Janamejaya disse, "Quem era a mãe de Sruvavati, e como aquela donzela formosa foi criada? Eu desejo saber isso, ó Brahmana, pois a curiosidade que eu sinto é grande."

Vaishampayana disse, "A semente vital do Rishi regenerado e de grande alma Bharadwaja caiu, ao ver a Apsara Ghritachi de olhos grandes quando a última estava passando em um momento. Aquele principal dos ascetas então a segurou em sua mão. Ela foi então mantida em uma xícara feita das folhas de uma árvore. Naquela xícara nasceu a menina Sruvavati. Tendo realizado os ritos usuais depois do nascimento, o grande asceta Bharadwaja, dotado de riqueza de penitências, deu a ela um nome. O nome que o Rishi de alma justa deu a ela na presença dos deuses e Rishis foi Sruvavati. Mantendo a menina em seu eremitério, Bharadwaja foi para as florestas de Himavat. Aquele principal entre os Yadus, Baladeva de grande dignidade, tendo se banhado naquele tirtha e dado muito riqueza para muitos principais dos Brahmanas, então procedeu, com alma bem fixa meditação, ao tirtha de Sakta."

49

Vaishampayana disse, "O chefe poderoso dos Yadus, tendo ido ao tirtha de Indra, banhou-se lá segundo os ritos devidos e doou riqueza e pedras preciosas para os Brahmanas. Lá o chefe dos celestiais realizou cem sacrifícios de cavalo e deu riqueza enorme para Brihaspati. De fato, pela ajuda de Brahmanas conhecedores dos Vedas, Shakra realizou todos aqueles sacrifícios lá, segundo os ritos ordenados (nas escrituras). Aqueles sacrifícios foram de tal maneira que tudo neles era ilimitado. Cavalos de todas as espécies foram levados lá. Os presentes para Brahmanas foram abundantes. Tendo terminado devidamente aqueles cem sacrifícios, ó chefe dos Bharatas, Shakra de esplendor grandioso veio a ser chamado pelo nome de Satakratu. Aquele tirtha auspicioso e sagrado, capaz de purificar de todo pecado, desde então veio a ser chamado pelo seu nome como Indra-tirtha. Tendo devidamente se banhado lá, Baladeva adorou os Brahmanas com presentes de alimentos e mantos excelentes. Ele então procedeu àquele auspicioso e principal dos tirthas chamado pelo nome de Rama. O altamente abençoado Rama da linhagem de Bhrigu dotado de grande mérito ascético repetidamente subjugou a Terra e matou todos os principais dos Kshatriyas. (Depois de realizar tais façanhas) Rama realizou naquele tirtha um sacrifício Vajapeya e cem sacrifícios de cavalo com a ajuda de seu preceptor Kasyapa, aquele melhor dos Munis. Lá, como taxa sacrifical, Rama deu para seu preceptor a terra inteira com seus oceanos. O grande Rama, tendo devidamente se banhado lá, deu presentes para os Brahmanas, ó Janamejaya, e reverenciou-os dessa maneira. Tendo feito diversos presentes consistindo em diversas espécies de pedras preciosas como também vacas e elefantes e mulheres escravas e ovelhas e cabras, ele então se retirou para as florestas. Tendo se banhado naquele sagrado e principal dos tirthas que era o recanto de deuses e Rishis regenerados, Baladeva devidamente adorou os ascetas lá, e então procedeu para o tirtha chamado Yamuna. Dotado de grande refulgência, Varuna, o filho altamente

abençoado de Aditi, nos tempos passados realizou naquele tirtha o sacrifício Rajasuya, ó senhor da Terra! Tendo em batalha subjugado homens e celestiais e Gandharvas e Rakshasas, Varuna, ó rei, aquele matador de heróis hostis, realizou seu grandioso sacrifício naquele tirtha. Após o começo daquele principal dos sacrifícios, um combate se seguiu entre os deuses e os Danavas que encheu os três mundos de terror. Depois da conclusão daquele principal dos sacrifícios, o Rajasuya (de Varuna), uma batalha terrível, ó Janamejaya, aconteceu entre os Kshatriyas. O sempre generoso e pujante Baladeva tendo adorado os Rishis lá, fez muitos presentes para aqueles que os desejavam. Cheio de alegria e elogiado pelos grandes Rishis, Baladeva, aquele herói sempre enfeitado com guirlandas de flores selvagens e possuidor de olhos como folhas de lótus, então procedeu para o tirtha chamado Aditya. Lá, ó melhor dos reis, o adorável Surya de grande esplendor, tendo realizado um sacrifício, obteve a soberania de todos os corpos luminosos (no universo) e adquiriu também sua energia fenomenal. Lá, naquele tirtha situado na margem daquele rio, todos os deuses com Vasava em sua chefia, os Viswedevas, os Maruts, os Gandharvas, as Apsaras, o Nascido na Ilha (Vyasa), Suka, Krishna o matador de Madhu, os Yakshas, os Rakshasas, e os Pisachas, ó rei, e diversos outros, contados aos milhares, todos coroados com êxito ascético, sempre residem. De fato naquele tirtha auspicioso e sagrado do Sarasvati, o próprio Vishnu, tendo nos tempos antigos matado os Asuras Madhu e Kaitabha, tinha, ó chefe dos Bharatas, realizado suas abluções. O Nascido na Ilha (Vyasa) também, de alma virtuosa, ó Bharata, tendo se banhado naquele tirtha, obteve grandes poderes de Yoga e alcançou o maior êxito. Dotado de grande mérito ascético o Rishi Asita-Devala também, tendo se banhado naquele mesmo tirtha com alma absorta em elevada meditação de Yoga, obteve grandes poderes de Yoga."

50

Vaishampayana disse, "Naquele tirtha vivia nos tempos passados um Rishi de alma virtuosa, chamado Asita-Devala, cumpridor dos deveres de vida familiar. Devotado à virtude, ele levava uma vida de pureza e autodomínio. Possuidor de grande mérito ascético, ele era compassivo para todas as criaturas e nunca feria ninguém. Em palavras, atos e pensamentos, ele mantinha um comportamento igual com todas as criaturas. Sem cólera, ó monarca, crítica e elogio eram iguais para ele. De atitude igual para com o agradável e o desagradável, ele era, como o próprio Yama, completamente imparcial. O grande asceta olhava da mesma maneira ouro e uma pilha de seixos. Ele diariamente venerava os deuses e convidados, e Brahmanas (que iam a ele). Sempre dedicado à retidão, ele sempre praticava o voto de brahmacarya. Uma vez, um asceta inteligente, ó monarca, de nome Jaigishavya, dedicado ao Yoga e absorto em meditação e levando a vida de um mendicante, chegou ao retiro de Devala. Possuidor de grande esplendor, aquele grande asceta, sempre devotado ao Yoga, ó monarca, enquanto residindo no retiro de Devala, veio a ser coroado com êxito ascético. De fato, enquanto o esplêndido Muni Jaigishavya residiu lá, Devala manteve seus olhos nele, nunca o negligenciando em qualquer momento. Assim, ó monarca, um longo tempo foi

passado pelos dois nos tempos antigos. Em uma ocasião, Devala perdeu de vista Jaigishavya, aquele principal dos ascetas. Na hora, no entanto, de jantar, ó Janamejaya, o inteligente e justo asceta, levando uma vida de mendicância, se aproximou de Devala para pedir esmolas. Vendo aquele grande asceta reaparecer na aparência de um mendicante, Devala lhe mostrou grande honra e expressou muita satisfação. E Devala adorou seu convidado, ó Bharata, de acordo com a medida de suas habilidades, seguindo os ritos prescritos pelos Rishis e com grande atenção por muitos anos. Um dia, no entanto, ó rei, à visão daquele grande Muni, uma ansiedade profunda inquietou o coração de Devala de grande alma. O último pensou consigo mesmo, 'Muitos anos eu tenho passado em venerar esse asceta. Esse mendicante indolente, no entanto, ainda não me falou uma única palavra!' Tendo pensado isso, o abençoado Devala foi para as margens do oceano, viajando pelo firmamento e levando seu jarro de terra consigo. Chegando à costa do Oceano, aquele senhor dos rios, ó Bharata, Devala de alma justa viu Jaigishavya chegado lá antes dele. O senhor Asita, a essa visão, ficou muito surpreso e pensou consigo mesmo, 'Como pode o mendicante chegar ao oceano e realizar suas abluções antes mesmo da minha chegada?' Assim pensou o grande Rishi Asita. Devidamente realizando suas abluções lá e se purificando por meio disso, ele então começou a recitar silenciosamente os mantras sagrados. Tendo terminado suas abluções e orações silenciosas, o abençoado Devala voltou para seu retiro, ó Janamejaya, levando com ele seu vaso de terra cheio com água. Quando o asceta, no entanto, entrou no seu próprio retiro, ele viu Jaigishavya sentado lá. O grande asceta Jaigishavya nunca falava uma palavra para Devala, mas vivia no retiro do último como se ele fosse um pedaço de madeira. Tendo visto aquele asceta, que era um oceano de austeridades, mergulhado nas águas do mar (antes da sua própria chegada lá), Asita agora o viu voltar para seu eremitério antes do seu próprio retorno. Testemunhando esse poder, derivado através de Yoga, das penitências de Jaigishavya, Asita Devala, ó rei, dotado de grande inteligência, começou a refletir sobre a questão. De fato aquele melhor dos ascetas, ó monarca, admirou-se muito, dizendo, 'Como ele pode ser visto no oceano e novamente em meu eremitério?' Enquanto absorto em tais pensamentos, o asceta Devala, conhecedor de mantras, então se elevou, ó monarca, de seu eremitério para o céu, para averiguar quem Jaigishavya, dedicado a uma vida de mendicância, realmente era. Devala viu multidões de Siddhas percorredores do céu absortos em meditação, e ele viu Jaigishavya adorado com reverência por aqueles Siddhas. Firme na observância de seus votos e perseverante (em seus esforços), Devala ficou cheio de raiva à visão. Ele então viu Jaigishavya partir para o céu. Ele em seguida o viu ir à região dos Pitris. Devala o viu então ir à região de Yama. Da região de Yama o grande asceta Jaigishavya foi então visto se elevar alto e ir para a residência de Soma. Ele foi então visto ir para as regiões abençoadas (uma após outra) dos realizadores de certos sacrifícios rígidos. De lá ele foi às regiões dos Agnihotris e de lá à região daqueles ascetas que realizam os sacrifícios Darsa e Paurnamasa. O inteligente Devala então o viu proceder daquelas regiões de pessoas realizadoras de sacrifícios por meio da morte de animais para aquela região pura a qual é adorada pelos próprios deuses. Devala em seguida viu o mendicante ir ao lugar daqueles ascetas que realizam o sacrifício chamado Chaturmasya e diversos outros da

mesma espécie. De lá ele procedeu para a região pertencente aos realizadores do sacrifício Agnishtoma. Devala então viu seu convidado ir ao lugar daqueles ascetas que realizam o sacrifício chamado Agnishutta. De fato, Devala em seguida o viu nas regiões daqueles homens muito sábios que realizam o principal dos sacrifícios, Vajapeya, e aquele outro sacrifício no qual uma profusão de ouro é necessária. Então ele viu Jaigishavya na região daqueles que realizam o Rajasuya e o Pundarika. Ele então o viu nas regiões daqueles principais dos homens que realizam o sacrifício de cavalo e o sacrifício no qual seres humanos são mortos. De fato, Devala viu Jaigishavya nas regiões também daqueles que realizam o sacrifício chamado Sautramani e aquele outro no qual a carne, tão difícil de obter, de todos os animais vivos, é requerida. Jaigishavya foi então visto nas regiões daqueles que realizam o sacrifício chamado Dadasaha e diversos outros de caráter similar. Asita em seguida viu seu convidado permanecendo na região de Mitravaruna e então naquela dos Adityas. Asita então viu seu convidado passar pelas regiões dos Rudras, dos Vasus e de Brihaspati. Tendo se elevado em seguida à região abençoada chamada Goloka, Jaigishavya foi visto em seguida ir para aquelas dos Brahmasatris. Tendo por meio de sua energia passado por três outras regiões, ele foi visto ir àquelas regiões que são reservadas para mulheres que são castas e devotadas aos seus maridos. Asita, no entanto, neste ponto, ó castigador de inimigos, perdeu de vista Jaigishavya, aquele principal dos ascetas, que, absorto em Yoga, desapareceu de sua visão. O altamente abençoado Devala então refletiu sobre o poder de Jaigishavya e a excelência de seus votos como também sobre o sucesso inigualável de seu Yoga. Então o autocontrolado Asita, com mãos unidas e em um espírito reverente, questionou aqueles principais dos Siddhas nas regiões dos Brahmasatris, dizendo, 'Eu não vejo Jaigishavya! Digam-me onde aquele asceta de grande energia está. Eu desejo saber isso, pois grande é minha curiosidade.'"

"Os Siddhis disseram, 'Ouça, ó Devala de votos rígidos, enquanto nós te falamos a verdade. Jaigishavya foi para a região eterna de Brahman.'"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo estas palavras daqueles Siddhas residindo nas regiões dos Brahmasatris, Asita se esforçou para se elevar, mas ele logo caiu. Os Siddhas então, mais uma vez se dirigindo a Devala, disseram a ele, 'Tu, ó Devala, não és competente para ir para lá, para a residência de Brahman, para onde Jaigishavya foi!'"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo aquelas palavras dos Siddhas, Devala desceu, baixando de uma região para outra na devida ordem. De fato, ele foi para seu próprio retiro sagrado muito rapidamente, como um inseto alado. Logo que ele entrou em sua residência ele viu Jaigishavya sentado lá. Então Devala, vendo o poder derivado através de Yoga das penitências de Jaigishavya, refletiu sobre isso com sua mente justa e se aproximando daquele grande asceta, ó rei, com humildade, se dirigiu a Jaigishavya de grande alma, dizendo, 'Eu desejo, ó adorável, adotar a religião de Moksha (Emancipação)!' Ouvindo essas palavras dele, Jaigishavya deu aulas a ele. E ele também lhe ensinou as ordenanças de Yoga e os deveres supremos e eternos e seu oposto. O grande asceta, vendo ele firmemente decidido, realizou todos os atos (para sua admissão naquela religião)

segundo os ritos ordenados para aquele fim. Então todas as criaturas, com os Pitris, vendo Devala resolvido a seguir a religião de Moksha, começaram a lamentar, dizendo, ‘Ai, quem de agora em diante nos dará alimento?’ Ouvindo esses lamentos de todas as criaturas que ressoavam pelos dez pontos, Devala colocou seu coração em renunciar à religião de Moksha. Então todas as espécies de frutas e raízes sagradas, ó Bharata, e flores e ervas decíduas, às milhares, começaram a lamentar, dizendo, ‘Devala vil e de coração perverso, sem dúvida, irá mais uma vez nos colher e nos cortar! Ai, tendo uma vez assegurado todas as criaturas de sua perfeita inofensividade, ele não vê o mal que ele pensa em fazer!’ Nisto, aquele melhor dos ascetas começou a refletir com a ajuda de sua compreensão, dizendo, ‘Qual entre essas duas, a religião de Moksha ou aquela de vida familiar, será a melhor para mim?’ Refletindo sobre isso, Devala, ó melhor dos reis, abandonou a religião de vida familiar e adotou aquela de Moksha. Tendo refletido dessa maneira, Devala, por consequência daquela decisão alcançou o maior êxito, ó Bharata, e o Yoga mais sublime. Os celestiais então, encabeçados por Brihaspati, louvaram Jaigishavya e as penitências daquele asceta. Então aquele principal dos ascetas, Narada, se dirigindo aos deuses, disse, ‘Não há penitência ascética em Jaigishavya já que ele encheu Asita de admiração!’ Os habitantes do céu então, se dirigindo a Narada que falou tais palavras terríveis, disseram, ‘Não fale dessa maneira sobre o grande asceta Jaigishavya! Não há ninguém superior ou mesmo igual a ele de grande alma em força de energia e penitência e Yoga!’ Tal era o poder de Jaigishavya como também de Asita. Esse é o lugar daqueles dois, e esse o tirtha daquelas duas pessoas de grande alma. Banhando-se lá e dando riqueza para os Brahmanas, o manejador de grande alma do arado, de feitos nobres, ganhou grande mérito e então foi para o tirtha de Soma."

51

Vaishampayana disse, "Lá, naquele tirtha, ó Bharata, onde o Senhor das estrelas tinha nos tempos passados realizado o sacrifício rajasuya, uma grande batalha foi lutada na qual Taraka foi a raiz do mal. Banhando-se naquele tirtha e fazendo muitos presentes, o virtuoso Bala de alma purificada procedeu ao tirtha do muni chamado Sarasvata. Lá, durante uma seca que se estendeu por doze anos, o sábio Sarasvata, antigamente, ensinou os Vedas para muitos principais dos brahmanas."

Janamejaya disse, "Por que o sábio Sarasvata, ó tu de mérito ascético, ensinou os Vedas para os Rishis durante uma seca de doze anos?"

Vaishampayana continuou, "Nos tempos antigos, ó monarca, havia um sábio inteligente de grande mérito ascético. Ele era célebre pelo nome de Dadhica. Possuindo um controle completo sobre seus sentidos, ele levava a vida de um brahmacari. Por causa de suas austeridades ascéticas excessivas Shakra foi afligido por um grande temor. O sábio não podia ser desviado (de sua penitência) nem pela oferta de diversas espécies de recompensas. Finalmente o castigador de Paka, para tentar o sábio, despachou para ele a apsara extremamente bela e

celestial, de nome Alambusa. Lá onde nas margens do Sarasvati o sábio de grande alma estava engajado no ato de gratificar os deuses, a donzela celestial citada acima, ó monarca, fez seu aparecimento. Vendo aquela donzela de membros belos, a semente vital daquele asceta de alma purificada saiu. Ela caiu no Sarasvati, e o último a segurou com cuidado. De fato, ó touro entre homens, o Rio, contemplando aquela semente, a manteve em seu útero. Com o tempo a semente se desenvolveu em um feto e o grande rio o manteve para que ele pudesse ser inspirado com vida como uma criança. Quando chegou a hora, o principal dos rios deu à luz àquela criança e então foi, ó senhor, levando-a com ela, até aquele Rishi.

Vendo aquele melhor dos rishis em um conclave, Sarasvati, ó monarca, enquanto transferindo a criança, disse essas palavras, 'Ó rishi regenerado, esse é teu filho que eu mantive por devoção por ti! Aquela tua semente que saiu à visão da apsara Alambusa foi mantida por mim em meu útero, ó rishi regenerado, por devoção por ti, sabendo bem que aquela tua energia nunca sofreria destruição! Dado por mim, aceite esse teu próprio filho impecável!' Assim endereçado por ela, o rishi aceitou a criança e sentiu grande alegria. Por afeição, aquele principal dos brahmanas então cheirou a cabeça de seu filho e o segurou em um abraço apertado, ó principal da linhagem de Bharata, por algum tempo. Satisfeito com o Rio, o grande asceta Dadhica então deu uma bênção a ela, dizendo, 'Os Vishvadevas, os Rishis, e todas as tribos dos Gandharvas e as Apsaras, de agora em diante, ó abençoada, derivarão grande felicidade quando oblações de tua água forem oferecidas a eles!'

Tendo dito isso para o grande rio, o sábio, satisfeito e cheio de alegria, então a louvou nestas palavras. Ouça-as devidamente, ó rei! 'Tu tiveste tua origem, ó altamente abençoada, do lago de Brahman nos tempos passados. Todos os ascetas de votos rígidos te conhecem, ó principal dos rios! Sempre de feições agradáveis, tu me fizeste grande bem! Esse teu esplêndido filho, ó tu da aparência mais formosa, será conhecido pelo nome de Sarasvata! Esse teu filho, capaz de criar novos mundos, se tornará conhecido pelo teu nome! De fato, aquele grande asceta será conhecido pelo nome de Sarasvata! Durante uma seca que se estenderá por doze anos, este Sarasvata, ó abençoada, ensinará os Vedas para muitos principais dos brahmanas! Ó abençoada Sarasvati, pela minha graça, tu sempre serás, ó bela, o principal de todos os rios sagrados!' Assim mesmo o grande Rio foi elogiado pelo sábio depois que o último tinha concedido bênçãos a ela. O Rio então, em grande alegria, partiu, ó touro da raça Bharata, levando com ela aquela criança.

Enquanto isso, na ocasião de uma guerra entre os deuses e os danavas, Shakra vagou pelos três mundos à procura de armas. O grande deus, no entanto, fracassou em achar armas que fossem boas para matar os inimigos dos celestiais. Shakra então disse para os deuses, 'Eu não posso lidar com os grandes asuras! De fato, sem os ossos de Dadhica, nossos inimigos não podem ser mortos! Ó melhores dos celestiais, vão, portanto, àquele principal dos rishis e o solicitem, dizendo, 'Conceda-nos, ó Dadhica, teus ossos! Com eles nós mataremos nossos inimigos!'

Suplicado por eles por causa de seus ossos, aquele principal dos rishis, ó chefe da linhagem de Kuru, abandonou sem hesitação sua vida. Tendo feito o que era agradável para os deuses, o sábio alcançou muitas regiões de mérito inesgotável. Com seus ossos, enquanto isso, Shakra alegremente fez serem feitas muitas espécies de armas, tais como raios, discos, maças pesadas, e muitos tipos de cassetetes e clavas. Igual ao próprio Criador, Dadhica tinha sido gerado pelo grandioso rishi Bhrigu, o filho do Senhor de todas as criaturas, com a ajuda de suas penitências austeras. De membros vigorosos e possuidor de grande energia, Dadhica tinha sido feito a mais forte das criaturas no mundo. O pujante Dadhica, célebre por sua glória, tornou-se alto como o rei das montanhas. O castigador de Paka tinha estado sempre ansioso por conta de sua energia. Com o raio nascido da energia Brahma, e inspirado com mantras, ó Bharata, Indra fez um barulho alto quando ele o arremessou, e matou noventa e nove heróis entre os Daityas. Depois que um tempo longo e terrível tinha decorrido desde então, ocorreu uma seca, ó rei, que se estendeu por doze anos. Durante aquela seca de doze anos, os grandes Rishis, em busca de sustento, fugiram, ó monarca, para todos os lados. Vendo-os espalhados em todas as direções, o sábio Sarasvata também colocou seu coração na fuga. O rio Sarasvati então disse a ele, 'Tu não precisas, ó filho, partir daqui, pois eu sempre te abastecerei com comida aqui mesmo por te dar peixes grandes! Fique, portanto, aqui mesmo!' Assim endereçado (pelo rio), o sábio continuou a viver lá e oferecer oblações de alimento para os rishis e os deuses. Ele obtinha também seu alimento diário e assim continuava a sustentar a si mesmo e aos deuses. Depois que aqueles doze anos de seca tinham passado, os grandes rishis pediram uns aos outros por preleções sobre os Vedas. Enquanto vagando com estômagos famintos, os rishis tinham perdido o conhecimento dos Vedas. Não havia, de fato, algum entre eles que pudesse entender as escrituras. Aconteceu que alguém entre eles encontrou Sarasvata, aquele principal dos rishis, enquanto o último estava lendo os Vedas com atenção concentrada. Voltando ao conclave de rishis, ele falou a eles de Sarasvata de esplendor inigualável e aparência divina engajado em ler os Vedas em um bosque solitário. Então todos os grandes rishis foram àquele local, e conjuntamente falaram para Sarasvata, aquele melhor dos ascetas, essas palavras, 'Nos ensine, ó sábio!' Para eles o asceta respondeu, dizendo, 'Tornem-se meus discípulos devidamente!' O conclave de ascetas respondeu, 'Ó filho, tu és jovem demais em idade!' Após o que ele respondeu aos ascetas, 'Eu devo agir de maneira que meu mérito religioso não possa sofrer uma diminuição! Aquele que ensina impropriamente, e aquele que aprende impropriamente, estão ambos perdidos num piscar de olhos e vem a odiar um ao outro! Não é em idade, ou decrepitude, ou riqueza, ou no número de parentes que rishis encontram seu direito a mérito! É notável aquele entre nós que é capaz de ler e compreender os Vedas!'

Ouvindo essas palavras dele, aqueles munis devidamente se tornaram seus discípulos e obtendo dele seus Vedas, começaram novamente a louvar seus ritos. 60.000 munis se tornaram discípulos do rishi regenerado Sarasvata para adquirir seus Vedas dele. Tendo obediência àquele rishi agradável, embora um menino, cada um dos munis levou um punhado de grama e o ofereceu a ele para seu

assento. O filho poderoso de Rohini, e o irmão mais velho de Keshava, tendo doado riqueza naquele tirtha, então procedeu alegremente para outro lugar onde vivia (nos tempos antigos) uma velha senhora sem ter passado pela cerimônia de casamento."

52

Janamejaya disse, "Por que, ó regenerado, aquela moça se dirigiu a penitências ascéticas, nos tempos passados? Por que razão ela praticou penitências, e qual era seu voto? Inigualável e repleto de mistério é o discurso que eu já ouvi de ti! Diga-me (agora) todos os detalhes com relação a como aquela donzela se engajou em penitências."

Vaishampayana disse, “Havia um rishi de energia abundante e grande fama, chamado Kuni-Garga. Aquele principal dos ascetas, tendo praticado as mais rígidas das penitências, ó rei, criou uma filha de fisionomia formosa por meio de um decreto de sua vontade. Contemplando-a, o célebre asceta Kuni-Garga ficava cheio de alegria. Ele abandonou seu corpo, ó rei, e então foi para o céu. Aquela moça impecável e amável de fisionomia formosa, enquanto isso, de olhos como pétalas de lótus continuou a praticar penitências severas e muito rígidas. Ela adorava os pitris e os deuses com jejuns. Na prática de tais penitências severas um longo período decorreu. Embora seu pai tivesse estado para entregá-la para um marido, ela ainda não desejou casar, pois ela não viu um marido que pudesse ser digno dela.

Continuando a emaciar seu corpo com penitências austeras, ela se dedicou ao culto dos pitris e dos deuses naquela floresta solitária. Embora engajada em tal esforço, ó monarca, e embora ela se emaciasse pela idade e austeridade, ela ainda se considerava feliz. Finalmente quando ela (ficou muito velha tanto que) não podia mais se mover nem um único passo sem ser ajudada por alguém, ela colocou seu coração em ir para o outro mundo.

Vendo ela prestes a abandonar seu corpo, Narada disse a ela, ‘Ó impecável, tu não tens regiões de bem-aventurança a alcançar por não teres te purificado por meio do rito de casamento! Ó tu de grandes votos, nós ouvimos isso no céu! Grandiosas foram tuas austeridades ascéticas, mas tu não tens direito a regiões de bem-aventurança!’

Ouvindo essas palavras de Narada, a senhora idosa foi a uma assembléia de rishis e disse, ‘Eu darei metade das minhas penitências para aquele que aceitar minha mão em casamento!’ Depois que ela tinha dito aquelas palavras, o filho de Galava, um rishi, conhecido pelo nome de Sringavat, aceitou sua mão, tendo proposto esse pacto a ela, ‘Com esse pacto, ó senhora bela, eu aceitarei tua mão, que tu vivas comigo por somente uma noite!’ Tendo concordado com aquele pacto, ela lhe deu sua mão.

De fato, o filho de Galava, de acordo com as ordenanças prescritas e tendo devidamente despejado libações no fogo, aceitou sua mão e casou-se com ela. Naquela noite ela se tornou uma dama da aparência mais formosa, vestida em traje celeste e enfeitada com ornamentos e guirlandas celestes e coberta com unguentos e perfumes celestes. Vendo-a resplandecente com beleza, o filho de Galava ficou muito feliz e passou uma noite em sua companhia.

No dia seguinte ela disse a ele, ‘O pacto, ó brahmana, que eu fiz contigo, foi cumprido, ó principal dos ascetas! Abençoado sejas tu, eu agora te deixarei!’ Depois de obter sua permissão, ela mais uma vez disse, ‘Aquele que, com atenção absorta, passar uma noite nesse tirtha depois de ter gratificado os habitantes do céu com oblações de água, obterá aquele mérito que é daquele que cumpre o voto de brahmacarya por cinquenta e oito anos!’ Tendo dito essas palavras, aquela senhora casta foi para o céu.

O Rishi, seu marido, ficou muito triste, por viver da memória da beleza dela. Por causa do pacto que ele tinha feito, ele aceitou com dificuldade metade das penitências dela. Abandonando seu corpo ele logo a seguiu, movido pela tristeza, ó chefe da linhagem de Bharata, e forçado a isso por sua beleza.

Essa é a história gloriosa da donzela idosa que eu te contei! Esse mesmo é o relato de seu brahmacarya e de sua partida auspiciosa para o céu. Enquanto lá Baladeva ouviu a respeito da morte de Shalya. Tendo feito presentes para os Brahmanas lá, ele cedeu à angústia, ó opressor de seus inimigos, por Shalya que tinha sido morto pelos Pandavas em batalha. Então ele da linhagem de Madhu, tendo saído dos arredores de Samantapanchaka, questionou os rishis acerca dos resultados da batalha em Kurukshetra. Perguntados por aquele leão da raça Yadu sobre os resultados da batalha em Kurukshetra, aqueles de grande alma lhe contaram como tudo tinha acontecido."

53

"O Rishis disseram, ‘Ó Rama, este Samantapanchaka é citado como o eterno altar norte de Brahman, o Senhor de todas as criaturas. Lá os habitantes do céu, aqueles concessores de benefícios grandiosos, realizaram nos tempos antigos um grande sacrifício. Aquele principal dos sábios nobres, Kuru de grande alma, de grande inteligência e energia imensurável, cultivou este campo por muitos anos. Por isso ele veio a ser Kurukshetra (o campo de Kuru)!’

"Rama disse, ‘Por que razão Kuru de grande alma cultivou este campo? Eu desejo ter isso narrado por vocês, ó Rishis possuidores de abundância de penitências!’

"Os Rishis disseram, ‘Nos tempos antigos, ó Rama, Kuru estava empenhado em arar perseverantemente o solo deste campo. Shakra, descendo do céu, lhe perguntou o motivo, dizendo, ‘Por que ó rei, tu estás empenhado (nessa tarefa) com tal perseverança? Qual é teu propósito, ó nobre sábio, para a realização do

qual tu estás arando o solo?’ Kuru então respondeu, dizendo, ‘Ó tu de cem sacrifícios, aqueles que morrerem nessa planície irão para regiões de bem-aventurança depois de serem purificados de seus pecados!’ O senhor Shakra, ridicularizando isso, voltou para o céu. O nobre sábio Kuru, no entanto, sem ficar deprimido em absoluto, continuou a arar o solo. Shakra repetidamente ia até ele e repetidamente recebendo a mesma resposta partia ridicularizando-o. Kuru, no entanto, por conta disso, não se sentiu deprimido. Vendo o rei arar a terra com perseverança incansável, Shakra convocou os celestiais e os informou da ocupação do monarca. Ouvindo as palavras de Indra, os celestiais disseram ao seu chefe de 1.000 olhos, ‘Pare o sábio nobre, ó Shakra, por lhe conceder um benefício, se tu puderes! Se homens, somente por morrerem vierem para o céu, sem terem realizado sacrifícios para nós, nossa própria existência será posta em perigo!’ Assim exortado, Shakra então voltou àquele sábio nobre e disse, ‘Não labute mais! Aja de acordo com minhas palavras! Aqueles homens que morrerem aqui, tendo se abstido de alimento com todos os seus sentidos despertos, e aqueles que perecerem aqui em batalha, ó rei, virão para o céu! Eles, ó tu de grande alma, desfrutarão das bênçãos do céu, ó monarca!’ Assim endereçado, o rei Kuru respondeu a Shakra, dizendo, ‘Assim seja!’ Despedindo-se de Kuru, o matador de Vala, Shakra, então, com o coração alegre, voltou rapidamente para o céu. Assim mesmo, ó principal da linhagem de Yadu, aquele sábio nobre, nos tempos antigos, arou essa planície e Shakra prometeu grande mérito para aqueles que abandonassem seus corpos aqui. De fato, foi sancionado por todos os principais entre os deuses, encabeçados por Brahman, e pelos Rishis santos, que na terra não haveria lugar mais sagrado do que este! Os homens que realizam penitências rígidas aqui irão todos depois de abandonarem seus corpos para a residência de Brahman. Aqueles homens meritórios, além disso, que doarem sua riqueza aqui logo terão sua riqueza dobrada. Aqueles, além disso, que, na expectativa de benefícios, residirem constantemente aqui, nunca terão que visitar a região de Yama. Aqueles reis que realizarem sacrifícios grandiosos aqui residirão tanto tempo no céu quanto a própria Terra durar. O chefe dos celestiais, o próprio Shakra compôs um verso aqui e o cantou. Ouça-o, ó Baladeva! ‘O próprio pó de Kurukshetra, carregado pelo vento, purificará pessoas de más ações e as levará para o céu!’ Os principais entre os deuses, como também aqueles entre os Brahmanas, e muitos principais entre os reis da Terra tais como Nriga e outros, tendo realizado sacrifícios suntuosos aqui, depois de abandonarem seus corpos foram para o céu. O espaço entre os lagos Tarantuka e Arantuka e de Rama e Shamachakra é conhecido como Kurukshetra. Samantapanchaka é chamado de altar (sacrifical) norte de Brahman, o Senhor de todas as criaturas. Auspicioso altamente sagrado e muito considerado pelos habitantes do céu é esse lugar que possui todos os atributos. É por isso que Kshatriyas mortos em batalha aqui alcançam regiões sagradas de bem-aventurança eterna. Isso mesmo foi dito pelo próprio Shakra sobre a bem-aventurança sublime de Kurukshetra. Tudo o que Shakra disse foi, além disso, aprovado e sancionado por Brahman, por Vishnu, e por Maheshvara.’"

54

Vaishampayana disse, "Tendo visitado Kurukshetra e doado riqueza lá, ele da linhagem de Satwata então procedeu, ó Janamejaya, para um eremitério amplo e extremamente belo. Aquele eremitério era coberto com árvores Madhuka e mangueiras, e cheio de Plakshas e Nyagrodhas. E ele continha muitas árvores Vilwas e Arjuna e jaqueiras excelentes. Contemplando aquele retiro vistoso com muitas marcas de sacralidade, Baladeva perguntou aos Rishis de quem ele era. Aqueles de grande alma, ó rei, disseram para Baladeva, 'Escute em detalhes, ó Rama, de quem foi esse retiro nos tempos passados! Aqui o deus Vishnu antigamente realizou penitências austeras. Aqui ele realizou devidamente todos os sacrifícios eternos. Aqui uma moça Brahmani, levando desde a juventude o voto de Brahmacharya, veio a ser coroada com êxito ascético. Enfim, na posse de poderes de Yoga, aquela dama de penitências ascéticas foi para o céu. Sandilya de grande alma, ó rei, teve uma filha bela que era casta, dedicada a votos severos, autocontrolada, e observadora de Brahmacharya. Tendo realizado as mais severas das penitências tais como são incapazes de ser realizadas por mulheres, a dama abençoada finalmente foi para o céu, adorada pelos deuses e Brahmanas!' Tendo ouvido essas palavras dos Rishis, Baladeva entrou naquele retiro. Se despedindo dos Rishis, Baladeva de glória imorredoura passou pela realização de todos os ritos e cerimônias do crepúsculo noturno no lado de Himavat e então começou sua subida da montanha. O poderoso Balarama tendo o emblema da palmeira em seu estandarte não tinha ido longe em sua subida quando ele viu um tirtha sagrado e agradável e admirável à vista. Contemplando a glória do Sarasvati, como também o tirtha chamado Plakshaprasravana, Vala em seguida alcançou outro excelente e principal dos tirthas chamado Karavapana. O herói do arado, de grande força, tendo feito muitos presentes lá, banhou-se na água fria, clara, sagrada, e purificadora de pecados (daquele tirtha). Passando uma noite lá com os ascetas e os Brahmanas, Rama então procedeu ao retiro sagrado dos Mitra-Varunas. De Karavapana ele procedeu para aquele local no Yamuna onde nos tempos antigos Indra e Agni e Aryaman tinham obtido grande felicidade. Banhando-se lá, aquele touro da raça Yadu, de alma virtuosa, obteve grande felicidade. O herói então se sentou com os Rishis e os Siddhas lá para escutar sua conversa excelente. Lá onde Rama se sentou no meio daquele conclave, o adorável Rishi Narada chegou (no decorrer de sua perambulação). Coberto com cabelos emaranhados e vestido em raios dourados ele levava em suas mãos, ó rei, um bastão feito de ouro e um jarro de água feito do mesmo metal precioso. Habilidoso em cantar e dançar e adorado por deuses e Brahmanas, ele tinha com ele um belo Vina de notas melodiosas, feito de casco de tartaruga. Um provocador de brigas e sempre afeito a disputas, o Rishi celeste chegou àquele local onde o belo Rama estava descansando. Se levantando e honrando suficientemente o Rishi celeste de votos regulados, Rama perguntou a ele sobre tudo o que tinha acontecido aos Kurus. Familiarizado com todos os deveres e costumes, Narada então, ó rei, lhe disse tudo, como tinha acontecido, sobre o horrível extermínio dos Kurus. O filho de Rohini então, em palavras tristes, questionou o Rishi, dizendo, 'Qual é o estado do campo? Como estão agora

aqueles reis que se reuniram lá? Eu ouvi tudo anteriormente, ó tu que és possuidor da riqueza de penitências, mas minha curiosidade é grande para ouvir isso em detalhes!'

"Narada disse, 'Bhishma e Drona e o senhor dos Sindhus já caíram! O filho de Vikartana Karna também caiu, com seus filhos, aqueles grandiosos guerreiros em carros! Bhurishrava também, ó filho de Rohini, e o valente chefe dos Madras caíram! Estes e muitos outros heróis poderosos que estavam reunidos lá, preparados para sacrificar suas vidas pela vitória de Duryodhana, aqueles reis e príncipes que não recuavam da batalha, todos morreram! Ouça-me agora, ó Madhava, a respeito daqueles que ainda estão vivos! No exército do filho de Dhritarashtra somente três subjugadores de hostes ainda estão vivos! Eles são Kripa e Kritavarma e o valente filho de Drona! Estes também, ó Rama, fugiram por medo para os dez pontos do horizonte! Depois da queda de Shalya e da fuga de Kripa e dos outros, Duryodhana, em grande aflição, entrou nas profundidades do lago Dvaipayana. Enquanto deitado esticado para descansar no fundo do lago depois de encantar suas águas, Duryodhana foi aproximado pelos Pandavas com Krishna e perfurado por eles com suas palavras cruéis. Perfurado com dardos verbais, ó Rama, de todos os lados, o poderoso e heróico Duryodhana se elevou do lago armado com sua maça pesada. Ele se adiantou para lutar com Bhima por ora. Seu combate terrível, ó Rama, se realizará hoje! Se tu sentes alguma curiosidade, então te apresse, ó Madhava, sem te demorares aqui! Vá, se tu desejares, e testemunhe aquela batalha terrível entre teus dois discípulos!'"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo essas palavras de Narada, Rama se despediu respeitosamente daqueles principais dos Brahmanas e dispensou todos aqueles que o tinham acompanhado (em sua peregrinação). De fato, ele ordenou seus servidores, dizendo, 'Voltem para Dwaraka!' Ele então desceu daquele príncipe das montanhas e daquele eremitério formoso chamado Plakshaprasravana. Tendo escutado ao discurso dos sábios acerca dos grandes méritos de tirthas, Rama de glória imorredoura cantou esse verso no meio dos Brahmanas, 'Onde mais há tal felicidade como aquela em uma residência perto do Sarasvati? Onde também tais méritos como aqueles em uma residência perto do Sarasvati? Homens tem ido para céu, tendo se aproximado do Sarasvati! Todos devem sempre se lembrar do Sarasvati! Sarasvati é o mais sagrado dos rios! Sarasvati sempre concede a maior felicidade para os homens! Os homens, depois de se aproximarem do Sarasvati, não terão que se afligir por seus pecados nesse mundo ou no outro!' Repetidamente lançando seus olhos com alegria no Sarasvati, aquele opressor de inimigos então subiu em um carro excelente ao qual estavam unidos corcéis vistosos. Viajando então naquele carro de grande velocidade, Baladeva, aquele touro da raça Yadu, desejoso de ver de perto o combate de seus dois discípulos chegou no campo."

55

Vaishampayana disse, “Assim mesmo, ó Janamejaya, aquele combate terrível se realizou. O rei Dhritarashtra, em grande tristeza, disse essas palavras com referência a isso”:

“Dhritarashtra disse, ‘Vendo Rama se aproximar daquele local quando a luta com maça estava prestes a acontecer, como, ó Sanjaya, meu filho lutou com Bhima?’”

"Sanjaya disse, ‘Vendo a presença de Rama, teu filho valente, Duryodhana de braços poderosos, desejoso de lutar, ficou cheio de alegria. Vendo o herói do arado, o rei Yudhishthira, ó Bharata, se levantou e honrou-o devidamente, sentindo grande alegria. Ele lhe deu um assento e perguntou sobre seu bem-estar. Rama então respondeu a Yudhishthira nessas palavras gentis e justas que eram muito benéficas para heróis, ‘Eu soube pelos Rishis, ó melhor dos reis, que Kurukshetra é um local altamente sagrado e purificador de pecados, igual ao próprio céu, adorado por deuses e Rishis e Brahmanas de grande alma! Aqueles homens que abandonam seus corpos enquanto envolvidos em batalha naquele campo sem dúvida residirão, ó senhor, no céu com o próprio Shakra! Eu irei, por isso, ó rei, rapidamente para Samantapanchaka. No mundo os deuses aquele local é conhecido como o altar (sacrifical) norte de Brahman, o Senhor de todas as criaturas! Aquele que morre em batalha naquele eterno e mais sagrado dos locais dos três mundos é certo de alcançar o céu!’ Dizendo, ‘Assim seja!’ ó monarca, o bravo filho de Kunti, o senhor Yudhishthira, procedeu em direção a Samantapanchaka. O rei Duryodhana também, pegando sua maça gigantesca, colericamente procedeu a pé com os Pandavas. Enquanto procedendo dessa maneira, armado com maça e vestido em armadura, os celestiais no céu o elogiaram, dizendo, ‘Excelente, Excelente!’ Os Charanas rápidos como ar, vendo o rei Kuru, ficaram cheios de deleite. Cercado pelos Pandavas, teu filho, o rei Kuru, prosseguiu, assumindo o andar de um elefante enfurecido. Todos os pontos do horizonte estavam cheios com o clangor de conchas e os repiques altos de baterias e os rugidos leoninos de heróis. Procedendo com face para o oeste para o lugar designado, com teu filho (em seu meio), eles se espalharam para todos os lados quando eles o alcançaram. Aquele era um excelente tirtha no lado sul do Sarasvati. O terreno lá não era arenoso e foi, portanto, escolhido para o combate. Vestido em armadura, e armado com sua maça de espessura gigantesca, Bhima, ó monarca, assumiu a forma do poderoso Garuda. Com proteção para a cabeça firmada em sua cabeça, e usando uma armadura feita de ouro, lambendo os cantos de sua boca, ó monarca, com olhos vermelhos de raiva, e respirando pesadamente, teu filho, naquele campo, ó rei, parecia resplandecente como o dourado Sumeru. Erguendo sua maça, o rei Duryodhana de grande energia, lançando seus olhares em Bhimasena, desafiou-o para o combate como um elefante desafiando um elefante rival. Da mesma maneira, o valente Bhima, pegando sua maça adamantina, desafiou o rei como um leão desafiando um leão. Duryodhana e Bhima, com maças erguidas, pareciam naquela batalha com duas montanhas com topos altos. Ambos estavam extremamente zangados; ambos

eram possuidores de destreza tremenda; em combates com a maça ambos eram discípulos do filho inteligente de Rohini, ambos pareciam um com o outro em suas façanhas e pareciam com Maya e Vasava. Ambos eram dotados de grande força, ambos pareciam Varuna em realizações. Cada um parecendo Vasudeva, ou Rama, ou o filho de Visravana (Ravana), eles pareciam, ó monarca, com Madhu e Kaitabha. Um semelhante ao outro em feitos, eles pareciam com Sunda e Upasunda, ou Rama e Ravana, ou Vali e Sugriva. Aqueles dois opressores de inimigos pareciam com Kala e Mrityu. Eles então correram em direção um ao outro como dois elefantes enfurecidos cheios de orgulho e loucos com furor no outono e ansiando pela companhia de uma elefanta em sua época. Cada um parecia vomitar sobre o outro o veneno de sua ira como duas cobras coléricas. Aqueles dois castigadores de inimigos lançaram os olhares mais raivosos um sobre o outro. Ambos eram tigres da raça Bharata, e possuidores de heroísmo formidável. Em combates com a maça, aqueles dois opressores de inimigos eram invencíveis como leões. De fato, ó touro da raça Bharata, inspirados com desejo de vitória, eles pareciam com dois elefantes furiosos. Aqueles heróis eram insuportáveis, como dois tigres providos de dentes e unhas afiadas. Eles eram como dois oceanos intransponíveis agitados à fúria e empenhados na destruição de criaturas, ou como dois Sóis enfurecidos nascidos para consumir tudo. Aqueles dois poderosos guerreiros em carros pareciam com uma nuvem do Leste e uma nuvem do Oeste agitadas pelo vento, ribombando terrivelmente e despejando torrentes de chuva na estação chuvosa. Aqueles dois heróis poderosos e de grande alma, ambos possuidores de grande esplendor e refulgência, pareciam com dois Sóis surgidos na hora da dissolução universal. Parecendo com dois tigres enraivecidos ou com duas massas de nuvens ribombando, eles ficaram tão contentes como dois leões de juba. Como dois elefantes zangados ou dois fogos ardentes, aqueles dois de grande alma pareciam com duas montanhas com topos altos. Com lábios inchados de raiva e lançando olhares sagazes um sobre o outro, aqueles dois de grande alma e melhores dos homens, armados com maças, enfrentaram um ao outro. Ambos estavam cheios de alegria, e cada um considerava o outro como um oponente digno. Duryodhana e Vrikodara então pareciam dois cavalos vistosos relinchando um para o outro, ou dois elefantes barrindo um para o outro. Aqueles dois principais dos homens então pareciam resplandecentes como um par de Daityas cheios de poder. Então Duryodhana, ó monarca, disse essas palavras orgulhosas para Yudhishthira no meio de seus irmãos e de Krishna de grande alma e Rama de energia incomensurável, 'Protegidos pelos Kaikeyas e os Srinjayas e os Pancalas de grande alma, vejam vocês com todos esses principais dos reis, sentados juntos, essa luta que está prestes a ocorrer entre Bhima e eu!' Ouvindo essas palavras de Duryodhana, eles fizeram como pedido. Então aquela grande multidão de reis se sentou e foi vista parecer radiante como um conclave de celestiais no céu. No meio daquela multidão o poderosamente armado e belo irmão mais velho de Keshava, ó monarca, quando ele se sentou, foi reverenciado por todos em volta dele. No meio daqueles reis, Valadeva vestido em mantos azuis e possuidor de uma cor clara parecia belo como a lua cheia circundada à noite por milhares de estrelas. Enquanto isso aqueles dois heróis, ó monarca, ambos armados com maças e ambos insuportáveis por inimigos permaneceram lá, aguilhoando um ao outro com

palavras ferozes. Tendo se dirigido um ao outro em palavras desagradáveis e amargas, aqueles dois principais dos heróis da linhagem de Kuru se posicionaram, lançando olhares furiosos um sobre o outro, como Shakra e Vritra em luta."

56

Vaishampayana disse, "No início, ó Janamejaya, um violento combate verbal teve lugar entre os dois heróis. Com relação a isso, o rei Dhritarashtra, cheio de angústia, disse isso, 'Oh, que vergonha para o homem que tem semelhante fim! Meu filho, ó impecável, era o senhor de onze chamus de tropas. Ele tinha todos os reis sob seu comando e desfrutava da soberania da terra inteira! Ai, ele que tinha sido assim era agora um guerreiro procedendo para a batalha a pé, colocando sua maça nos ombros! Meu pobre filho, que antes era o protetor do universo, estava agora ele mesmo sem proteção! Ai, ele, naquela ocasião, teve que proceder a pé, com sua maça no ombro! O que isso pode ser exceto Destino? Ai, ó Sanjaya, grande foi a aflição que foi sentida por meu filho nessas circunstâncias!' Tendo proferido essas palavras, aquele soberano de homens, afligido com grande dor, ficou silencioso."

"Sanjaya disse, 'De voz profunda como uma nuvem, Duryodhana então rugiu de alegria como um touro. Possuidor de grande energia, ele desafiou o filho de Pritha para a batalha. Quando o rei de grande alma dos Kurus assim convocou Bhima para o combate, diversos presságios de um tipo terrível se tornaram visíveis. Ventos violentos começaram a soprar com barulhos altos a intervalos, e uma chuva de pó caiu. Todos os pontos do horizonte ficaram envolvidos em uma escuridão densa. Raios de ribombo alto caíram por todos os lados, causando uma grande confusão e fazendo os próprios cabelos se arrepiarem. Centenas de meteoros caíram, irrompendo com um barulho alto do céu. Rahu engoliu o Sol muito inoportunamente, ó monarca! A Terra com suas florestas e árvores tremeu muito. Ventos quentes sopraram, carregando chuvas de seixos ao longo do solo. Os topos de montanhas caíram na superfície da terra. Animais de diversas formas foram vistos correr em todas as direções. Chacais terríveis e ferozes, com bocas flamejantes, uivavam em todos os lugares. Estrondos altos e terrificantes eram ouvidos por todos os lados, fazendo os cabelos se arrepiarem. Os quatro quadrantes pareciam estar em chamas e muitos eram os animais de mau presságio que ficaram visíveis. A água nos poços por toda parte se elevou por iniciativa própria. Sons altos vieram de todos os lados, sem, ó rei, criaturas visíveis para proferi-los. Vendo esses e outros presságios, Vrikodara disse para seu irmão mais velho, o rei Yudhishthira o justo, 'Esse Suyodhana de alma perversa não é competente para me vencer em batalha! Eu hoje vomitarei aquela ira que eu venho nutrindo por um longo tempo nos recessos secretos do meu coração, sobre esse soberano dos Kurus como Arjuna jogando fogo sobre a floresta de Khandava! Hoje, ó filho de Pandu, eu extrairei o dardo que se encontra fincado no teu coração! Matando com minha maça esse canalha pecaminoso da família de Kuru, eu hoje colocarei em volta do teu pescoço a guirlanda da Fama! Matando esse indivíduo de feitos pecaminosos com minha maça no campo de batalha, eu

irei hoje, com essa minha maça mesmo, quebrar seu corpo em cem fragmentos! Ele não terá que entrar novamente na cidade que recebeu o nome de elefante. A colocação de cobras em nós enquanto nós estávamos dormindo, o ato de dar veneno a nós enquanto nós comíamos, o lançamento de nosso corpo à água em Pramanakoti, a tentativa de nos queimar na casa de laca, o insulto feito a nós na assembléia, o roubo de todas as nossas posses, o ano inteiro vivendo escondidos, nosso exílio nas florestas, ó impecável, de todos esses infortúnios, ó melhor da linhagem de Bharata, eu irei hoje alcançar o fim, ó touro da linha de Bharata! Matando esse canalha, eu irei, em um único dia, saldar todas as dívidas que eu tenho com ele! Hoje, o período de vida desse filho perverso de Dhritarashtra, de alma impura, alcançou seu fim, ó chefe dos Bharatas! Depois desse dia ele não verá outra vez seu pai e mãe! Hoje, ó monarca, a felicidade desse rei pecaminoso dos Kurus acaba! Depois desse dia, ó monarca, ele não lançará outra vez seus olhos na beleza feminina! Hoje essa desgraça da linha de Santanu dormirá no solo nu, abandonando seu ar vital, sua prosperidade, e seu reino! Hoje o rei Dhritarashtra também, sabendo da queda de seu filho, se lembrará de todos aqueles maus atos que nasceram do cérebro de Shakuni!' Com essas palavras, ó tigre entre reis, Vrikodara de grande energia, armado com maça, se posicionou para a luta, como Shakra desafiando o asura Vritra. Vendo Duryodhana também posicionado com maça erguida como o monte Kailasa agraciado com seu topo, Bhimasena, cheio de raiva, mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Lembre daquela má ação tua e do rei Dhritarashtra que aconteceu em Varanavata! Lembre de Draupadi que foi maltratada, enquanto em seu período, no meio da assembléia! Lembre da privação do rei por meio dos dados por tu mesmo e o filho de Subala! Lembre daquele grande infortúnio sofrido por nós, por tua causa, na floresta, como também na cidade de Virata como se nós tivéssemos entrado no útero mais uma vez! Eu me vingarei deles todos hoje! Por boa sorte, ó tu de alma má, eu te vejo hoje! É por tua causa que aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Ganga, de grande destreza, derrubado pelo filho de Yajnasena, dorme em uma cama de flechas! Drona também foi morto, e Karna, e Shalya de grande heroísmo! O filho de Subala Shakuni, também, aquela raiz dessas hostilidades, foi morto! O vil Pratikamin, que tinha agarrado os cabelos de Draupadi, foi morto! Todos os teus bravos irmãos também, que lutaram com grande coragem, estão mortos! Esses e muitos outros reis estão mortos por tua falha! A ti também eu matarei hoje com minha maça! Não há a menor dúvida nisto.' Enquanto Vrikodara, ó monarca, estava proferindo essas palavras em voz alta, teu filho destemido de destreza verdadeira respondeu a ele, dizendo, 'Qual a utilidade de tal jactância elaborada? Lute comigo, ó Vrikodara! Ó patife da tua raça, hoje eu destruirei teu desejo de batalha! Vil como tu és, saiba que Duryodhana não pode, como uma pessoa ordinária, ser assustado por uma pessoa como tu! Por muito tempo eu tenho nutrido esse desejo! Por muito tempo esse desejo esteve em meu coração! Por boa sorte os deuses finalmente o realizaram, um combate de maças contigo! Qual a necessidade de longos discursos e jactância vazia, ó tu alma perversa? Realize essas tuas palavras em ações. Não demore em absoluto!' Ouvindo essas palavras dele, os Somakas e os outros reis que estavam presentes lá todos as aplaudiram muito. Aplaudido por todos, o cabelo de Duryodhana se arrepiou de alegria e ele colocou firmemente

seu coração na batalha. Os reis presentes animaram novamente teu filho colérico com aplausos, como pessoas excitando um elefante enfurecido para um combate. Vrikodara de grande alma, o filho de Pandu, então, erguendo sua maça, avançou furiosamente no teu filho de grande alma. Os elefantes presentes lá barriram alto e os corcéis relincharam repetidamente. As armas dos Pandavas que ansiavam pela vitória resplandeceram por iniciativa própria.'"

57

"Sanjaya disse, 'Duryodhana, com coração não deprimido, vendo Bhimasena naquele estado, avançou com fúria contra ele, proferindo um rugido alto. Eles enfrentaram um ao outro como dois touros se enfrentando com seus chifres. Os golpes de suas maças produziam sons altos como aqueles de raios. Ambos ansiando pela vitória, a batalha que ocorreu entre eles foi terrível, de arrepiar os cabelos, como aquela entre Indra e Prahlada. Todos os seus membros banhados em sangue, os dois guerreiros de grande alma de energia formidável, ambos armados com maças, pareciam com duas Kinsukas decoradas com flores. Durante a continuação daquele confronto grandioso e tremendo o céu parecia belo como se cheio com pirilampos. Depois que aquela batalha violenta e terrível tinha durado por algum tempo, ambos aqueles castigadores de inimigos ficaram fatigados. Tendo descansado por pouco tempo, aqueles dois opressores de inimigos, pegando suas belas maças, começaram novamente a se desviar dos ataques um do outro. De fato, quando aqueles dois guerreiros de grande energia, aqueles dois principais dos homens, ambos possuidores de poder notável, combateram um ao outro depois de terem descansado um pouco, eles pareciam com dois elefantes enfurecidos com excitação e atacando um ao outro para obter a companhia de uma elefanta no cio. Vendo aqueles dois heróis, ambos armados com maças e um igual ao outro em energia, os deuses e Gandharvas e homens ficaram cheios de admiração. Contemplando Duryodhana e Vrikodara ambos armados com maça, todas as criaturas ficaram duvidosas quanto a quem entre eles seria vitorioso. Aqueles dois primos, aqueles dois principais dos homens poderosos, avançando novamente um no outro e desejando tirar vantagem dos lapsos um do outro, esperaram observando um ao outro. Os espectadores, ó rei, viram cada um armado com sua maça erguida, que era pesada, ameaçadora, e mortífera, e que parecia a clava de Yama ou o raio de Indra. Quando Bhimasena girava sua arma, alto e terrificante era o som que ela produzia. Vendo seu inimigo, o filho de Pandu, girando dessa maneira sua maça dotada de impetuosidade inigualável, Duryodhana ficou cheio de assombro. De fato, o heróico Vrikodara, ó Bharata, enquanto ele se movia rapidamente em diversas direções, apresentava um espetáculo muito belo. Ambos concentrados em proteger cuidadosamente a si mesmos, quando eles se aproximavam, eles repetidamente mutilavam um ao outro como dois gatos lutando por um pedaço de carne. Bhimasena realizou diversos tipos de evoluções. Ele corria em círculos belos, avançava, e recuava. Ele dava golpes e desviava aqueles de seu adversário com agilidade extraordinária. Ele tomava vários tipos de posições (para ataque e defesa). Ele

desferia ataques e evitava aqueles de seu oponente. Ele avançava em seu inimigo, ora se virando para a direita e ora para a esquerda. Ele avançava diretamente contra o inimigo. Ele fazia avanços para afastar seu inimigo. Ele permanecia imóvel, preparado para atacar seu inimigo logo que o último se expusesse para atacar. Ele circungirava seu inimigo, e impedia seu inimigo de circungirá-lo. Ele evitava os golpes de seu inimigo por se afastar em posturas inclinadas ou pulando para o alto. Ele golpeava, se aproximando de seu inimigo face a face, ou desferia golpes de costas enquanto se movendo para longe dele. Ambos habilidosos em combates com a maça, Bhima e Duryodhana assim se moviam rapidamente e lutavam, e batiam um no outro. Aqueles dois principais da linhagem de Kuru se movimentavam depressa dessa maneira, um evitando os golpes do outro. De fato, aqueles dois guerreiros poderosos se moviam em círculos e pareciam se divertir um com o outro. Mostrando naquele combate sua habilidade em batalha, aqueles dois castigadores de inimigos às vezes atacavam de repente um ao outro com suas armas, como dois elefantes se aproximando e atacando um ao outro com suas presas. Cobertos com sangue, eles pareciam muito belos, ó monarca, no campo. Assim mesmo ocorreu aquela luta, terrivelmente e diante do olhar fixo de uma grande multidão, perto do fim do dia, como a batalha entre Vritra e Vasava. Armados com maças, ambos começaram a se movimentar em círculos. Duryodhana, ó monarca, adotou o mandala direito, enquanto Bhimasena adotou o mandala esquerdo. Enquanto Bhima estava se movendo assim em círculos no campo de batalha, Duryodhana, ó monarca, de repente atingiu nele um golpe violento em um de seus flancos. Atingido por teu filho, ó majestade, Bhima começou a girar sua maça pesada para devolver aquele golpe. Os espectadores, ó monarca, viram aquela maça de Bhimasena parecer tão terrível quanto o raio de Indra ou a clava erguida de Yama. Vendo Bhima girar sua maça, teu filho, erguendo sua própria arma terrível, o atingiu novamente. Alto foi o som, ó Bharata, produzido pela descida da maça do teu filho. Tão rápida foi aquela descida que ela gerou uma chama de fogo no céu. Movimentando-se em diversos tipos de círculos, adotando cada movimento na hora apropriada, Suyodhana, possuidor de grande energia, mais uma vez parecia levar a melhor sobre Bhima. A maça massiva de Bhimasena enquanto isso, girada com toda sua força, produziu um som alto como também fumaça e faíscas e chamas de fogo. Vendo Bhimasena girando sua maça, Suyodhana também girou sua arma pesada e adamantina e apresentou um aspecto muito belo. Notando a violência do vento produzido pelo giro da maça de Duryodhana, um grande temor entrou nos corações de todos os Pandus e dos Somakas. Enquanto isso aqueles dois castigadores de inimigos, expondo por toda parte sua habilidade em batalha, continuaram a golpear um ao outro com suas maças, como dois elefantes se aproximando e atacando um ao outro com suas presas. Ambos, ó monarca, cobertos com sangue, pareciam muito belos. Assim mesmo progrediu aquele combate terrível diante do olhar fixo de milhares de espectadores no fim do dia, como a batalha feroz que teve lugar entre Vritra e Vasava. Vendo Bhima firmemente posicionado no campo, teu filho poderoso, se movendo em mais movimentos belos, avançou em direção àquele filho de Kunti. Cheio de cólera, Bhima atingiu a maça, dotada de grande impetuosidade e adornada com ouro, do enfurecido Duryodhana. Um som alto com faíscas de fogo foi produzido por aquele

choque das duas maças que pareceu com o choque de dois raios de direções opostas. Arremessada por Bhimasena, sua maça impetuosa, quando caiu, fez a própria terra tremer. O príncipe Kuru não pode tolerar ver sua própria maça frustrada dessa maneira naquele ataque. De fato, ele ficou cheio de raiva como um elefante enfurecido à visão de um elefante rival. Adotando o mandala esquerdo, ó monarca, e girando sua maça, Suyodhana então, firmemente decidido, atingiu o filho de Kunti na cabeça com sua arma de força terrível. Assim atingido por teu filho, Bhima, o filho de Pandu, não tremeu, ó monarca, no que todos os espectadores se admiraram muito. Aquela perseverança surpreendente, ó rei, de Bhimasena, que não se moveu uma polegada embora atingido tão violentamente, foi aplaudida por todos os guerreiros presentes lá. Então Bhima de destreza terrível arremessou em Duryodhana sua própria maça pesada e brilhante adornada com ouro. Aquele golpe o poderoso e destemido Duryodhana desviou por meio de sua agilidade. Vendo isso, grande foi a admiração que os espectadores sentiram. Aquela maça, arremessada por Bhima, ó rei, quando ela caiu frustrada de efeito, produziu um som alto parecendo aquele do raio e fez a própria terra tremer. Adotando a manobra chamada Kausika, e saltando repetidamente, Duryodhana, notando devidamente a descida da maça de Bhima, desviou da última. Frustrando Bhimasena dessa maneira, o rei Kuru, dotado de grande força, finalmente atingiu em fúria o último no peito. Atingido muito violentamente por teu filho naquela batalha terrível, Bhimasena ficou entorpecido e por um tempo não soube o que fazer. Naquela hora, ó rei, os Somakas e os Pandavas ficaram imensamente desapontados e muito desanimados. Cheio de raiva por causa daquele golpe, Bhima então avançou no teu filho como um elefante avançando contra um elefante. De fato, com maça erguida, Bhima avançou furiosamente em Duryodhana como um leão avançando contra um elefante selvagem. Aproximando-se do rei Kuru, o filho de Pandu, ó monarca, hábil no uso da maça, começou a girar sua arma, visando teu filho. Bhimasena então atingiu Duryodhana em um de seus flancos. Entorpecido por aquele golpe, o último caiu no chão, se sustentando em seus joelhos. Quando aquele principal da linhagem de Kuru caiu sobre seus joelhos, um grito alto se elevou dentre os Srinjayas, ó soberano do mundo! Ouvindo aquele tumulto alto dos Srinjayas, ó touro entre homens, teu filho ficou cheio de raiva. O herói de braços fortes, se levantando, começou a respirar como uma cobra poderosa, e pareceu queimar Bhimasena por lançar seus olhares sobre ele. Aquele principal da linhagem de Bharata então avançou em Bhimasena, como se ele naquele momento fosse esmagar a cabeça de seu oponente naquela luta. Duryodhana de grande alma e destreza terrível então atingiu Bhimasena de grande alma na testa. O último, no entanto, não se moveu uma polegada, mas ficou imóvel como uma montanha. Assim atingido naquela batalha, o filho de Pritha, ó monarca, parecia belo, enquanto ele sangrava profusamente, como um elefante de têmporas fendidas com secreções suculentas escorrendo. O irmão mais velho de Dhananjaya, então, aquele subjugador de inimigos, pegando sua maça matadora de heróis feita de ferro e produzindo um som alto como aquele do raio, golpeou seu adversário com grande força. Atingido por Bhimasena, teu filho caiu, seu corpo tremendo completamente, como uma gigantesca (árvore) Sala na floresta, enfeitada com flores, arrancada pela violência da tempestade. Vendo teu filho prostrado no chão,

os Pandavas ficaram muito contentes e proferiram gritos altos. Recuperando sua consciência, teu filho então se levantou, como um elefante de um lago. Aquele monarca sempre colérico e grande guerreiro em carro então se movendo rapidamente com grande habilidade, atingiu Bhimasena que estava em pé diante dele. Nisto, o filho de Pandu, com membros enfraquecidos, caiu no chão.

Tendo por meio de sua energia prostrado Bhimasena no chão, o príncipe Kuru proferiu um rugido leonino. Pela descida de sua maça, cuja violência parecia aquela do trovão, ele tinha partido a cota de malha de Bhima. Um tumulto alto foi então ouvido no céu, feito pelos habitantes do céu e as Apsaras. Uma chuva floral, emitindo notável fragrância, caiu, derramada pelos celestiais. Vendo Bhima prostrado no chão e enfraquecido, e vendo sua cota de malha aberta, um grande medo entrou nos corações de nossos inimigos. Recuperando seus sentidos num momento, e limpando seu rosto que estava tingido com sangue, e reunindo grande paciência, Vrikodara ficou de pé, com olhos rolando se firmando com grande esforço."

58

"Sanjaya disse, 'Vendo aquela luta assim travada entre aqueles dois principais heróis da linhagem de Kuru, Arjuna disse para Vasudeva, 'Entre esses dois, quem, na tua opinião, é superior? Quem entre eles tem qual mérito? Diga-me isso, ó Janardana.'"

"'Vasudeva disse, 'A instrução recebida por eles é igual. Bhima, no entanto, é possuidor de maior força, enquanto o filho de Dhritarashtra é possuidor de maior habilidade e tem trabalhado mais. Se ele for lutar justamente, Bhimasena nunca conseguirá obter a vitória. Se, no entanto, ele lutar desonestamente ele será capaz sem dúvida de matar Duryodhana. Os Asuras foram derrotados pelos deuses com a ajuda de fraude. Nós temos ouvido isso. Virochana foi vencido por Shakra com a ajuda de fraude. O matador de Vala privou Vritra de sua energia por um ato de fraude. Portanto, que Bhimasena aplique sua destreza, ajudado pela fraude! No momento do jogo, ó Dhananjaya, Bhima jurou quebrar as coxas de Suyodhana com sua maça em batalha. Que esse subjugador de inimigos, portanto, cumpra aquela promessa dele. Que ele com fraude mate o rei Kuru que é cheio de fraude. Se Bhima, dependendo só de sua força lutar honestamente, o rei Yudhishthira terá que incorrer em grande perigo. Eu te digo outra vez, ó filho de Pandu, ouça-me. É só por causa do erro do rei Yudhishthira que este perigo nos surpreende novamente! Tendo realizado grandes feitos pela morte de Bhishma e dos outros Kurus, o rei tinha ganhado vitória e fama e quase tinha alcançado o fim das hostilidades. Tendo assim obtido a vitória, ele se colocou mais uma vez em uma situação de dúvida e perigo. Essa foi uma ação de grande tolice da parte de Yudhishthira, ó Pandava, já que ele fez o resultado da batalha depender da vitória ou da derrota de um único guerreiro! Suyodhana é hábil, ele é um herói; ele está, além disso, firmemente resolvido. Esse verso antigo proferido por Usanas foi ouvido por nós. Ouça-me enquanto eu o recito para ti com seu sentido e

significado verdadeiros! ‘Aqueles entre o restante de um exército hostil dividido fugindo pela vida, que se reagrupam e voltam para a luta devem sempre ser temidos, pois eles estão firmemente resolvidos e tem somente um propósito!’ O próprio Shakra, ó Dhananjaya, não pode resistir diante daqueles que avançam em fúria, tendo abandonado toda esperança de vida. Esse Suyodhana tinha desanimado e fugido. Todas suas tropas foram mortas. Ele tinha entrado nas profundidades de um lago. Ele estava derrotado e, portanto, ele desejava se retirar para as florestas, tendo ficado sem esperanças de reter seu reino. Que homem, possuidor de alguma sabedoria, desafiaria tal pessoa para um duelo? Eu não sei se Duryodhana pode não conseguir arrebatar o reino que já tinha se tornado nosso! Por treze anos inteiros ele praticou com a maça com grande resolução. Agora mesmo, para matar Bhimasena, ele salta e pula transversalmente! Se Bhima de braços fortes não matá-lo injustamente, o filho de Dhritarashtra certamente permanecerá rei!’ Tendo ouvido aquelas palavras de Keshava de grande alma, Dhananjaya golpeou sua própria coxa esquerda diante dos olhos de Bhimasena. Compreendendo aquele sinal, Bhima começou a se movimentar rapidamente com sua maça erguida, fazendo muitos círculos belos e muitos Yomakas e outros tipos de manobras. Às vezes adotando o mandala direito, às vezes o mandala esquerdo, e às vezes o movimento chamado Gomutraka, o filho de Pandu começou a se mover rápido, ó rei, deixando estupefato seu inimigo. Similarmente, teu filho, ó monarca, que era bem familiarizado com combates com a maça, se movimentava belamente e com grande presteza, para matar Bhimasena. Girando suas maças terríveis que estavam cobertas com pasta de sândalo e outros unguentos perfumados, os dois heróis, desejosos de alcançar o fim de suas hostilidades, corriam a toda velocidade naquela batalha como dois Yamas furiosos. Desejosos de matar um ao outro, aqueles dois mais notáveis dos homens, possuidores de heroísmo esplêndido, lutavam como dois Garudas desejosos de apanhar a mesma cobra. Enquanto o rei e Bhima se moviam em círculos belos, suas maças se chocavam, e faíscas de fogo eram geradas por repetidos choques. Aqueles dois heróicos e poderosos guerreiros atingiram um ao outro igualmente naquela batalha. Eles então pareciam, ó monarca, dois oceanos agitados pela tempestade. Golpeando um ao outro igualmente como dois elefantes enfurecidos, suas maças se chocando produziam ribombos de trovão. Durante a continuação daquela batalha formidável e feroz muito perto, ambos aqueles castigadores de inimigos, enquanto lutando, ficaram cansados. Tendo descansado por um tempo, aqueles dois opressores de inimigos, cheios de raiva e erguendo suas maças, começaram novamente a lutar um com o outro. Quando pelas descidas repetidas de suas maças, ó monarca, eles mutilavam um ao outro, a batalha que eles lutavam se tornou extremamente terrível e totalmente incontida. Avançando um no outro naquele combate, aqueles dois heróis, possuidores de olhos como aqueles de touros e dotados de grande energia, atingiam um ao outro ferozmente como dois búfalos no lodo. Todos os seus membros mutilados e machucados, e cobertos com sangue da cabeça aos pés, eles pareciam com um par de Kinsukas no leito de Himavat. Durante o progresso do combate, quando Vrikodara (como um ardil) pareceu dar a Duryodhana uma oportunidade, o último, sorrindo um pouco, avançou para frente. Bem habilidoso em batalha, o poderoso Vrikodara, vendo seu adversário se adiantar, subitamente arremessou sua maça

nele. Vendo a maça arremessada nele, teu filho, ó monarca, se afastou daquele lugar no qual a arma caiu frustrada no chão. Tendo desviado daquele golpe, teu filho, aquele principal da linhagem de Kuru, rapidamente golpeou Bhimasena com sua arma. Por causa da grande quantidade de sangue tirada por aquele golpe, como também devido à própria violência do golpe, Bhimasena de energia imensurável pareceu estar entorpecido. Duryodhana, no entanto, não soube que o filho de Pandu estava tão aflito naquele momento. Embora profundamente afligido, Bhima se sustentou, convocando toda sua perseverança. Duryodhana, portanto, o considerou como impassível e pronto para retornar o golpe. Foi por isso que teu filho então não o golpeou novamente. Tendo descansado para um momento curto, o valente Bhimasena avançou com fúria, ó rei, em Duryodhana que se encontrava perto. Vendo Bhimasena de energia incomensurável cheio de raiva e avançando em direção a ele, teu filho de grande alma, ó touro da raça Bharata, desejando desviar de seu golpe, colocou sua atenção na manobra chamada Avasthana. Ele, portanto, desejou saltar para cima, ó monarca, para enganar Vrikodara. Bhimasena percebeu totalmente as intenções de seu adversário. Avançando, portanto, nele, com um alto rugido leonino, ele ferozmente arremessou sua maça nas coxas do rei Kuru quando o último tinha saltado para frustrar a primeira intenção. Aquela maça, dotada da força do trovão e arremessada por Bhima de façanhas terríveis fraturou as duas belas coxas de Duryodhana. Aquele tigre entre homens, teu filho, depois que suas coxas tinham sido quebradas por Bhimasena, caiu, fazendo a terra ecoar com sua queda. Ventos violentos começaram a soprar, com sons altos em intervalos repetidos. Chuvas de pó caíram. A terra, com suas árvores e plantas e montanhas começou a tremer. Após a queda daquele herói que era o líder de todos monarcas sobre a terra, ventos violentos e ardentes sopraram com um barulho alto e com raios caindo frequentemente. De fato, quando aquele senhor de terra caiu, meteoros grandes foram vistos relampejar pelo céu. Chuvas sangrentas, como também chuvas de pó, caíram, ó Bharata! Essas foram despejadas por Maghavat, após a queda do teu filho! Um barulho alto foi ouvido, ó touro da raça Bharata, no céu, feito pelos Yakshas, e os Rakshasas e os Pisachas. Àquele som terrível, animais e aves, aos milhares, começaram a fazer mais barulho aterrador por toda parte. Aqueles cavalos e elefantes e seres humanos que formavam o resto (vivo) da hoste (Pandava) proferiram gritos altos quando teu filho caiu. Alto também se tornou o clangor de conchas e o ribombo de baterias e pratos. Um barulho terrificante pareceu vir de dentro das entranhas da terra. Após a queda do teu filho, ó monarca, seres sem cabeça de formas pavorosas, possuidores de muitas pernas e muitos braços, e enchendo todas as criaturas com terror, começaram a dançar e cobrir a terra por todos os lados. Guerreiros, ó rei, que estavam com bandeiras ou armas em seus braços, começaram a tremer, ó rei, quando teu filho caiu. Lagos e poços, ó melhor dos reis, vomitaram sangue. Rios de correntes rápidas fluíram em direções opostas. Mulheres pareciam se assemelhar com homens, e homens pareciam se assemelhar com mulheres naquela hora, ó rei, quando teu filho Duryodhana caiu! Vendo esses presságios extraordinários, os Pancalas e os Pandavas, ó touro da raça Bharata, ficaram cheios de ansiedade. Os deuses e os Gandharvas partiram para as regiões que eles desejavam, falando, enquanto eles procediam, daquela batalha fenomenal entre teus filhos. Similarmente os Siddhas, e os Charanas do

movimento mais rápido foram para aqueles locais dos quais eles tinham vindo, elogiando aqueles dois leões entre homens."

59

"Sanjaya disse, 'Vendo Duryodhana caído sobre o solo como uma gigantesca Sala arrancada (pela tempestade) os Pandavas ficaram cheios de alegria. Os Somakas também contemplaram, com cabelos arrepiados, o rei Kuru caído sobre a terra como um elefante enfurecido derrubado por um leão. Tendo derrubado Duryodhana, o bravo Bhimasena, aproximando-se do chefe Kuru, se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó canalha, dando risada antigamente da despida Draupadi no meio da assembléia, tu, ó tolo, te dirigiste a nós como 'Gado, gado!' Aguente agora o resultado daquele insulto!' Tendo dito essas palavras, ele tocou a cabeça de seu inimigo caído com seu pé esquerdo. De fato, ele bateu na cabeça daquele leão entre reis com seu pé. Com olhos vermelhos de raiva, Bhimasena, aquele subjugador de exércitos hostis, mais uma vez disse essas palavras. Escute-as, ó monarca! 'Aqueles que dançaram para nós de modo insultante, dizendo, 'Gado, gado!' nós agora dançaremos para eles, proferindo as mesmas palavras, 'Gado, gado!' Nós não temos fraude, nem fogo, nem jogo de dados, nem logro! Dependendo da força de nossas próprias armas nós resistimos e detivemos nossos inimigos!' Tendo alcançado as outras margens daquelas hostilidades violentas, Vrikodara dando risada disse novamente essas palavras lentamente para Yudhishthira e Keshava e Srinjaya e Dhananjaya e os dois filhos de Madri, 'Eles que tinham arrastado Draupadi, enquanto indisposta, para a assembléia e que a despiram lá, vejam aqueles Dhartarashtras mortos em batalha pelos Pandavas através das penitências ascéticas da filha de Yajnasena! Aqueles filhos de coração perverso do rei Dhritarashtra que tinham nos chamado de 'sementes de gergelim sem núcleo' foram todos mortos por nós com seus parentes e seguidores! Pouco importa se (como uma consequência daqueles feitos) nós formos para o céu ou cairmos no inferno!' Mais uma vez, erguendo a maça que se encontrava em seus ombros, ele bateu com seu pé esquerdo na cabeça do monarca que estava prostrado no chão, e se dirigindo ao enganador Duryodhana, disse aquelas palavras. Muitos dos principais guerreiros entre os Somakas, que eram todos de almas honradas, vendo o pé do regozijante Bhimasena de coração mesquinho colocado sobre a cabeça daquele principal da linhagem de Kuru, não aprovaram isso em absoluto. Enquanto Vrikodara, depois de ter derrubado teu filho, estava se gabando dessa maneira e dançando loucamente, o rei Yudhishthira se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu pagaste tua hostilidade (para com Duryodhana) e cumpriste teu voto por meio de um ato justo ou injusto! Pare agora, ó Bhima! Não esmague a cabeça dele com teu pé! Não aja pecaminosamente! Duryodhana é um rei! Ele é, além disso, teu parente! Ele está caído! Esse teu comportamento, ó impecável, não é apropriado. Duryodhana foi o senhor de onze Akshauhinis de tropas. Ele foi o rei dos Kurus. Ó Bhima, não toque um rei e um parente com teu pé. Os parentes dele estão mortos. Seus amigos e conselheiros se foram. Suas tropas foram exterminadas. Ele foi derrubado em batalha. É para

se ter pena dele em todos os aspectos. Ele não merece ser insultado, pois lembre que ele é um rei. Ele está arruinado. Seus amigos e parentes estão mortos. Seus irmãos foram mortos. Seus filhos também estão mortos. Seu bolo fúnebre foi tirado. Ele é nosso irmão. Isso que tu fazes a ele não é adequado. 'Bhimasena é um homem de comportamento justo': as pessoas costumavam dizer isso antes de ti! Por que então, ó Bhimasena, tu insultas o rei dessa maneira?' Tendo dito essas palavras para Bhimasena, Yudhishthira, com voz sufocada em lágrimas, e afligido pela angústia, se aproximou de Duryodhana, aquele castigador de inimigos, e disse a ele, 'Ó senhor, tu não deves ceder à raiva nem te afligir por ti mesmo. Sem dúvida tu suportas as consequências terríveis dos teus próprios atos passados. Sem dúvida esse resultado triste e aflitivo foi ordenado pelo próprio Criador, que nós devêssemos te prejudicar e que tu devesses nos prejudicar, ó principal da linhagem de Kuru! Por causa do teu próprio erro essa grande calamidade caiu sobre ti, devido à avareza e orgulho e tolice, ó Bharata! Tendo feito teus companheiros e irmãos e pais e filhos e netos e outros serem todos mortos, tu obténs agora tua própria morte. Por causa da tua falha, teus irmãos, todos poderosos guerreiros em carros, e teus parentes foram mortos por nós. Eu penso que tudo isso é o trabalho do Destino irresistível. Não se deve ter pena de ti. Por outro lado, tua morte, ó impecável, é invejável. Somos nós que merecemos pena em todos os aspectos, ó Kaurava! Nós teremos que nos arrastar em uma existência miserável, privados de todos os nossos amigos e parentes queridos. Ai, como eu verei as viúvas, subjugadas pela dor e privadas de seus juízos pela tristeza, de meus irmãos e filhos e netos? Tu, ó rei, partes desse mundo! Sem dúvida tu terás tua residência no céu! Nós, por outro lado, seremos considerados como criaturas do inferno, e continuaremos a sofrer a dor mais pungente! As esposas afligidas pelo pesar dos filhos e netos de Dhritarashtra, aquelas viúvas dominadas pela tristeza, irão sem dúvida amaldiçoar todos nós!' Tendo dito essas palavras, o nobre filho de Dharma, Yudhishthira, profundamente atormentado pelo pesar, começou a respirar pesadamente e se entregar a lamentações.'"

60

"Dhritarashtra disse, 'Vendo o rei (Kuru) derrubado desonestamente, o que, ó Suta, o poderoso Baladeva, aquele principal da linhagem de Yadu, disse? Diga-me, ó Sanjaya, o que o filho de Rohini, bem hábil em combate com a maça e bem familiarizado com todas as suas regras, fez naquela ocasião!'"

"Sanjaya disse, 'Vendo teu filho atingido nas coxas, o poderoso Rama, aquele principal dos batedores, ficou muito enfurecido. Erguendo seus braços o herói tendo o arado como sua arma, em uma voz de tristeza profunda, disse no meio daqueles reis, 'Oh, que vergonha para Bhima, que vergonha para Bhima! Oh, que vergonha que em tal luta limpa um golpe tenha sido dado abaixo do umbigo! Nunca antes tal ato como Vrikodara fez foi testemunhado em um combate com a maça! Nenhum membro abaixo do umbigo deve ser golpeado. Esse é o preceito declarado em tratados! Esse Bhima, no entanto, é um patife ignorante, não conhecedor das verdades de tratados! Ele, portanto, age como ele quer!'

Enquanto proferindo essas palavras, Rama cedeu à grande ira. O poderoso Baladeva então, erguendo seu arado, avançou em direção a Bhimasena! A forma daquele guerreiro de grande alma de braços erguidos então se tornou semelhante àquela das gigantescas montanhas de Kailasa matizadas com diversos tipos de metais. O poderoso Keshava, no entanto, sempre se empenhando com humanidade, agarrou Rama que avançava cercando-o com seus braços massivos e bem arredondados. Aqueles dois heróis principais da linhagem de Yadu, um de cor escura e o outro claro, pareciam extremamente belos naquele momento, como o Sol e a Lua, ó rei, no céu noturno! Para acalmar o enfurecido Rama, Keshava se dirigiu a ele, dizendo, 'Há seis tipos de progresso que uma pessoa pode ter: o progresso da própria pessoa, o progresso dos amigos da pessoa, o progresso dos amigos dos amigos da pessoa, a decadência dos inimigos da pessoa, a decadência dos amigos dos inimigos da pessoa, e a decadência dos amigos dos amigos dos inimigos da pessoa. Quando o inverso acontece para a própria pessoa ou para os amigos dela, ela deve então entender que a queda dela está próxima e, portanto, ela deve em tais épocas procurar os meios de aplicar um remédio. Os Pandavas de destreza imaculada são nossos amigos naturais. Eles são os filhos da irmã do nosso próprio pai! Eles foram imensamente afligidos por seus inimigos! O cumprimento da própria promessa é o dever de uma pessoa. Antigamente Bhima jurou no meio da assembléia que ele em grande batalha quebraria com sua maça as coxas de Duryodhana. O grande Rishi Maitreya também, ó opressor de inimigos, tinha antigamente amaldiçoado Duryodhana, dizendo, 'Bhima irá, com sua maça, quebrar tuas coxas!' Por causa de tudo isso, eu não vejo qualquer falha em Bhima! Não ceda à ira, ó matador de Pralamva! Nosso relacionamento com os Pandavas é fundado em nascimento e sangue, como também em uma atração de corações. Em seu crescimento está nosso crescimento. Portanto, não te entregue à ira, ó touro entre homens!' Ouvindo essas palavras de Vasudeva, o manejador do arado, que era conhecedor das regras de moralidade, disse, 'A moralidade é bem praticada pelos bons. A moralidade, no entanto, é sempre afligida por duas coisas, o desejo de Lucro nutrido por aqueles que o cobiçam, e o desejo de Prazer nutrido por aqueles que são apegados a isso. Quem quer que sem afligir Moralidade e Lucro, ou Moralidade e Prazer, ou Prazer e Lucro, segue todos os três -Moralidade, Lucro e Prazer- sempre consegue obter grande felicidade. Em consequência, no entanto, da moralidade ser afligida por Bhimasena, essa harmonia da qual eu falei foi perturbada, não importa, ó Govinda, o que tu possas me dizer!' Krishna respondeu, dizendo, 'Tu és sempre descrito como desprovido de ira, de alma virtuosa e dedicado à virtude! Acalme-te, portanto, e não te entregue à ira! Saiba que a era Kali está próxima. Lembre também do voto feito pelo filho de Pandu! Que, portanto, o filho de Pandu seja considerado como tendo pagado a dívida que ele tinha com sua hostilidade e como tendo cumprido seu voto!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo esse discurso falacioso de Keshava, ó rei, Rama fracassou em dissipar sua ira e ficar contente. Ele então disse naquela assembléia, 'Tendo matado desonestamente o rei Suyodhana de alma honrada, o filho de Pandu será reputado no mundo como um guerreiro desonesto! Duryodhana de alma justa, por outro lado, obterá eterna bem-aventurança! O filho

nobre de Dhritarashtra, aquele soberano de homens, que foi derrubado, é um guerreiro honesto. Tendo feito todos os arranjos para o Sacrifício da batalha e tendo passado pelas cerimônias iniciatórias no campo, e, finalmente, tendo despejado sua vida como uma libação sobre o fogo representado por seus inimigos, Duryodhana completou de modo justo seu sacrifício por meio das abluções finais representadas pela obtenção de glória!' Tendo dito essas palavras, o valente filho de Rohini, parecendo com a crista de uma nuvem branca, subiu em seu carro e procedeu em direção a Dwaraka. Os Pancalas com os Vrishnis, como também os Pandavas, ó monarca, ficaram um pouco tristes depois que Rama tinha partido para Dwaravati. Então Vasudeva, se aproximando de Yudhishthira que estava extremamente melancólico e cheio de ansiedade, e que tinha baixado sua cabeça e não sabia o que fazer por causa de sua profunda aflição, disse a ele essas palavras:

Vasudeva disse, 'Ó Yudhishthira o justo, por que tu sancionas esse ato iníquo, já que tu permites que a cabeça do inconsciente e caído Duryodhana cujos parentes e amigos foram todos mortos seja atingida dessa maneira por Bhima com seu pé? Conhecedor dos costumes de moralidade, por que tu, ó rei, testemunhas esse ato com indiferença?'

Yudhishthira respondeu, 'Esse ato, ó Krishna, feito por raiva, de Vrikodara tocar a cabeça do rei com seu pé não é agradável para mim, nem eu estou contente por esse extermínio da minha classe! Por meio de fraude nós fomos sempre enganados pelos filhos de Dhritarashtra! Muitas foram as palavras cruéis que eles falaram para nós. Nós fomos, além disso, exilados para as florestas por eles. Grande é a dor por conta de todos aqueles atos que está no coração de Bhimasena! Refletindo sobre tudo isso, ó tu da linhagem de Vrishni, eu assisti com indiferença! Tendo matado o cobiçoso Duryodhana privado de sabedoria e escravizado por suas paixões, que o filho de Pandu satisfaça seu desejo, seja isso justiça ou injustiça!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Yudhishthira tinha dito isso, Vasudeva, aquele perpetuador da linhagem de Yadu, disse com dificuldade, 'Assim seja!' De fato, depois que Vasudeva tinha sido endereçado naquelas palavras por Yudhishthira, o último, que sempre desejava o que era agradável e benéfico para Bhima, aprovou todos aqueles atos que Bhima tinha feito em batalha. Tendo derrubado teu filho em batalha, o colérico Bhimasena, seu coração cheio de alegria, permaneceu com mãos unidas diante de Yudhishthira e saudou-o de forma apropriada. Com olhos arregalados em deleite e orgulhoso da vitória que ele tinha obtido, Vrikodara de grande energia, ó rei, se dirigiu a seu irmão mais velho, dizendo, 'A Terra é hoje tua, ó rei, sem brigas para perturbá-la e com todos os seus espinhos removidos! Governe sobre ela, ó monarca, e cumpra os deveres da tua classe! Ele que foi a causa dessas hostilidades e que as fomentou por meio de sua astúcia, aquele indivíduo vil afeito à fraude, jaz, derrubado, na terra nua, ó senhor da terra! Todos aqueles canalhas encabeçados por Duhshasana, que costumavam proferir palavras cruéis, como também aqueles teus outros inimigos, o filho de Radha, e Shakuni, estão mortos! Cheia de todas as espécies de pedras preciosas, a Terra,

com suas florestas e montanhas, ó monarca, mais uma vez vem para ti que não tens inimigos vivos!’

Yudhishthira disse, ‘As hostilidades chegaram ao fim! O rei Suyodhana foi derrubado! A terra foi conquistada (por nós), nós mesmos tendo agido em conformidade com os conselhos de Krishna! Por boa sorte, tu pagaste tua dívida para com tua mãe e para com tua ira! Por boa sorte tu foste vitorioso, ó herói invencível, e por boa sorte teu inimigo foi morto!’"

61

“Dhritarashtra disse, ‘Vendo Duryodhana derrubado em batalha por Bhimasena, o que, ó Sanjaya, os Pandavas e os Srinjayas fizeram?’”

"Sanjaya disse, ‘Vendo Duryodhana morto por Bhimasena em batalha, ó rei, como um elefante selvagem morto por um leão, os Pandavas com Krishna ficaram cheios de alegria. Os Pancalas e os Srinjayas também, após a queda do rei Kuru, agitaram suas peças de roupas superiores (no ar) e proferiram rugidos leoninos. A própria Terra pareceu ser incapaz de suportar aqueles guerreiros regozijantes. Alguns esticavam seus arcos; outros puxavam as cordas de seus arcos. Alguns sopravam suas conchas enormes; outros batiam suas baterias. Alguns se divertiam e pulavam em volta, enquanto alguns inimigos teus davam risada alta. Muitos heróis disseram repetidamente essas palavras para Bhimasena, ‘Extremamente difícil e grandioso foi o ato que tu realizaste hoje em batalha, por teres derrotado o rei Kuru, ele mesmo um guerreiro formidável, com tua maça! Todos esses homens consideram essa morte do inimigo por ti como semelhante àquela de Vritra pelo próprio Indra! Quem mais, exceto tu, ó Vrikodara, poderia matar o heróico Duryodhana enquanto se movendo rapidamente em diversas espécies de movimento e realizando todas as manobras giratórias (características de tais combates)? Tu agora alcançaste a outra margem dessas hostilidades, aquela outra margem a qual ninguém mais podia alcançar. Essa façanha que tu realizaste não poderia ser realizada por quaisquer outros guerreiros. Por boa sorte, tu, ó herói, como um elefante enfurecido, esmagaste com teu pé a cabeça de Duryodhana no campo de batalha! Tendo lutado uma batalha extraordinária, por boa sorte, ó impecável, tu bebeste o sangue de Duhshasana, como um leão bebendo o sangue de um búfalo! Por boa sorte, tu, por meio da tua própria energia, colocaste teu pé na cabeça de todos aqueles que prejudicaram o rei de alma virtuosa Yudhishthira! Por teres vencido teus inimigos e teres matado Duryodhana, por boa sorte, ó Bhima, tua fama se espalhará pelo mundo inteiro! Bardos e elogiadores louvaram Shakra depois da queda de Vritra, assim como nós estamos agora te elogiando, ó Bharata, depois da queda de teus inimigos! Saiba, ó Bharata, que a alegria que nós sentimos após a queda de Duryodhana ainda não diminuiu o mínimo!’ Essas mesmas eram as palavras endereçadas a Bhimasena pelos elogiadores reunidos naquela ocasião! Enquanto aqueles tigres entre homens, os Pancalas e os Pandavas, todos cheios de alegria estavam falando de tal maneira, o matador de Madhu se dirigiu a eles, dizendo, ‘Vocês

soberanos de homens, não é apropriado matar um inimigo morto com tais palavras cruéis repetidamente proferidas. Esse indivíduo de mente perversa já foi morto. Esse canalha pecaminoso, sem vergonha e cobiçoso, cercado por conselheiros pecaminosos e sempre indiferente ao conselho de amigos sábios encontrou sua morte no próprio momento em que ele recusou, embora repetidamente incitado ao contrário por Vidura e Drona e Kripa e Sanjaya, a dar aos filhos de Pandu sua parte paterna do reino a qual eles tinham solicitado de suas mãos! Esse patife não é agora digno de ser considerado como um amigo ou um inimigo! Que utilidade há em gastar fôlego mordaz a respeito de alguém que se tornou agora um pedaço de madeira? Subam nos seus carros rapidamente, ó reis, pois nós devemos deixar esse lugar! Por boa sorte, esse canalha pecaminoso foi morto com seus conselheiros e parentes e amigos!' Ouvindo essas reprimendas de Krishna, o rei Duryodhana, ó monarca, se entregou à raiva e se esforçou para se erguer. Sentando em suas ancas e se sustentando em seus dois braços, ele contraiu suas sobrancelhas e lançou olhares furiosos em Vasudeva. A forma então de Duryodhana cujo corpo estava metade erguido parecia com aquela de uma cobra venenosa, ó Bharata, desprovida de seu rabo. Desconsiderando suas dores pungentes e insuportáveis, Duryodhana começou a afligir Vasudeva com palavras afiadas e amargas, 'Ó filho do escravo de Kansa, tu, parece, não tens vergonha, pois tu esqueceste que eu fui derrubado desonestamente, a julgar pelas regras que prevalecem em combates com a maça? Foste tu que injustamente causaste esse ato por lembrares Bhima com uma sugestão sobre quebrar minhas coxas! Tu pensas que eu não notei quando Arjuna (agindo sob teu conselho) sugeriu isso para Bhima? Tendo feito milhares de reis, que sempre lutaram honestamente, serem mortos através de diversos tipos de meios injustos, tu não sentes vergonha ou repugnância por aqueles atos? Dia após dia tendo causado uma carnificina imensa de guerreiros heróicos, tu fizeste o avô ser morto por colocar Shikhandi na frente! Tendo, além disso, feito um elefante de nome Ashvatthama ser morto, ó tu de mente perversa, tu fizeste o preceptor por de lado suas armas. Tu achavas que isso não era sabido por mim! Enquanto também aquele herói valente estava prestes a ser morto por esse cruel Dhrishtadyumna, tu não dissuadiste o último! O dardo que tinha sido pedido (de Shakra como um benefício) por Karna para a morte de Arjuna foi frustrado por ti por meio de Ghatotkacha! Quem é mais pecaminoso do que tu? Similarmente, o poderoso Bhurishrava, com um de seus braços cortado e enquanto observava do voto Praya, foi feito ser morto por ti através da ação de Satyaki de grande alma. Karna tinha feito uma grande façanha para derrotar Partha. Tu, no entanto, fizeste Aswasena, o filho daquele príncipe das cobras (Takshaka), ser frustrado em alcançar seu propósito! Quando também a roda do carro de Karna afundou na lama e Karna estava afligido pela adversidade e quase derrotado por conta disso, quando, de fato, aquele mais notável dos homens ficou ansioso para liberar sua roda, tu fizeste aquele Karna então ser morto! Se vocês tivessem lutado comigo e Karna e Bhishma e Drona por meios honestos, a vitória então, sem dúvida, nunca teria sido sua. Por adotar os meios mais desonestos e injustos tu fizeste muitos reis cumpridores dos deveres da sua classe e nós também sermos mortos!'

"Vasudeva disse, ‘Tu, ó filho de Gandhari, foste morto com teus irmãos, filhos, parentes, amigos e seguidores somente por causa do caminho pecaminoso no qual tu andaste! Por causa das tuas más ações aqueles dois heróis, Bhishma e Drona, estão mortos! Karna também foi morto por ter imitado o teu comportamento! Solicitado por mim, ó tolo, tu, por avareza, não deste aos Pandavas sua parte paterna, agindo segundo os conselhos de Shakuni! Tu deste veneno para Bhimasena! Tu, também, ó tu de mente perversa, te esforçaste para queimar todos os Pandavas com sua mãe no palácio de laca! Na ocasião também do jogo, tu perseguiste a filha de Yajnasena, enquanto em sua época, no meio da assembléia! Desavergonhado como tu és, exatamente naquele tempo tu te tornaste digno de ser morto! Tu, por meio do filho de Subala bem versado no jogo de dados, derrotaste desonestamente o virtuoso Yudhishthira que era inábil no jogo! Por isso tu estás morto! Pelo pecaminoso Jayadratha, além disso, Krishna em outra ocasião foi perseguida quando os Pandavas, seus maridos, tinham saído caçando em direção ao eremitério de Trinavindu! Fazendo Abhimanyu, que era um menino e estava sozinho, ser cercado por muitos, tu mataste aquele herói. É por causa daquela falha, ó patife pecaminoso, que tu estás morto! Todos aqueles atos injustos que tu dizes que foram cometidos por nós, na realidade foram cometidos por ti por causa da tua natureza pecaminosa! Tu nunca ouviste os conselhos de Brihaspati e Usanas! Tu nunca serviste os idosos! Tu nunca ouviste palavras benéficas! Escravizado pela cobiça desenfreada e sede de lucro, tu cometeste muitos atos iníquos! Aguente agora as consequências daquelas tuas ações!’"

"Duryodhana disse, ‘Eu tenho estudado, feito presentes em conformidade com a ordenança, governado a Terra extensa com seus mares, e permanecido acima das cabeças de meus inimigos! Quem há tão afortunado quanto eu? Aquele fim também que é procurado por Kshatriyas cumpridores dos deveres da sua própria classe, morte em batalha, veio a ser meu. Quem, portanto, é tão afortunado quanto eu mesmo? Prazeres humanos tais como são dignos dos próprios deuses e semelhantes aos quais podiam ser obtidos com dificuldade por outros reis foram meus. Prosperidade do tipo mais elevado foi alcançada por mim! Quem então é tão afortunado quanto eu? Com todos meus simpatizantes, e meus irmãos mais novos, eu estou indo para o céu, ó tu de glória imorredoura! Em relação a vocês, com seus propósitos não realizados e dilacerados pela aflição, vivam vocês nesse mundo infeliz!’"

“Sanjaya continuou, ‘Após a conclusão dessas palavras do inteligente rei dos Kurus, uma chuva densa de flores fragrantes caiu do céu. Os Gandharvas tocaram muitos instrumentos musicais encantadores. As Apsaras em um coro cantaram a glória do rei Duryodhana. Os Siddhas proferiram som alto neste sentido, ‘Louvor ao rei Duryodhana!’ Brisas fragrantes e deliciosas sopraram suavemente por toda parte. Todos os quadrantes ficaram claros e o firmamento parecia azul como o lápis lazúli. Vendo essas coisas muito extraordinárias e esse culto oferecido a Duryodhana, os Pandavas encabeçados por Vasudeva ficaram envergonhados. Ouvindo (seres invisíveis gritarem) que Bhishma e Drona e Karna e Bhurishrava foram mortos desonestamente, eles ficaram tomados pela aflição e lamentaram em tristeza. Vendo os Pandavas cheios de ansiedade e dor, Krishna se dirigiu a

eles em uma voz profunda como aquela das nuvens ou do tambor, dizendo, ‘Todos eles eram grandes guerreiros em carros e extremamente rápidos no uso de armas! Se vocês tivessem empregado toda sua bravura, mesmo então vocês nunca poderiam tê-los matado em batalha por lutarem honestamente! O rei Duryodhana também nunca poderia ser morto em um combate justo! O mesmo é o caso com todos aqueles poderosos guerreiros em carros encabeçados por Bhishma! Pelo desejo de fazer bem a vocês, eu repetidamente apliquei meus poderes de ilusão e fi-los serem mortos por meios diversos em batalha. Se eu não tivesse adotado tais meios enganadores em batalha a vitória nunca teria sido sua, nem reino, nem riqueza! Aqueles quatro eram verdadeiros guerreiros de grande alma e considerados como Atirathas no mundo. Os próprios Regentes da Terra não poderiam matá-los em luta honesta! Da mesma maneira, o filho de Dhritarashtra, embora fatigado, quando armado com a maça não poderia ser morto em luta justa pelo próprio Yama armado com sua clava! Vocês não devem levar a sério o fato de que esse seu inimigo foi morto desonestamente. Quando o número dos inimigos de uma pessoa se torna grande, então a destruição deve ser efetuada por artifícios e meios. Os próprios deuses, ao matarem os Asuras, trilharam o mesmo caminho. Aquele caminho, portanto, que foi trilhado pelos deuses pode ser trilhado por todos. Nós fomos coroados com êxito. É noite. Seria melhor nós irmos para nossas tendas. Que nós todos, ó reis, descansemos com nossos corcéis e elefantes e carros.’ Ouvindo essas palavras de Vasudeva, os Pandavas e os Pancalas, cheios de deleite, rugiram como uma multidão de leões. Todos eles sopraram suas conchas e o próprio Jadava soprou Panchajanya, cheio de alegria, ó touro entre homens, à visão de Duryodhana derrubado em batalha.’"

62

Sanjaya disse, "Todos aqueles reis, possuidores de braços que pareciam clavas com pontas de ferro, então procederam para suas tendas, cheios de alegria e sopraram suas conchas no caminho. Os Pandavas também, ó monarca, procederam em direção ao nosso acampamento. O grande arqueiro Yuyutsu os seguiu, como também Satyaki, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e os cinco filhos de Draupadi. Os outros grandes arqueiros também foram para nossas tendas. Os Parthas então entraram na tenda de Duryodhana, desprovida de seus esplendores e privada de seu dono e parecendo com uma arena de diversão depois que ela foi abandonada pelos espectadores. De fato, aquele pavilhão parecia com uma cidade desprovida de festividades, ou um lago sem seu elefante. Ela aquele tempo enxameava com mulheres e eunucos e certos conselheiros idosos. Duryodhana e outros heróis, vestidos em mantos tingidos de amarelo, antigamente costumavam, ó rei, servir com reverência, com mãos unidas, aqueles conselheiros idosos.

Chegados ao pavilhão do rei Kuru, os Pandavas, aqueles principais dos guerreiros em carros, ó monarca, desceram de seus carros. Naquele momento, sempre empenhado, ó touro da raça Bharata, no bem de seu amigo, Keshava se dirigiu ao manejador do Gandiva, dizendo, ‘Leve para baixo teu Gandiva como

também as duas aljavas inesgotáveis. Eu descerei depois de ti, ó melhor dos Bharatas! Desça, pois isso é para o teu bem, ó impecável!’

O bravo filho de Pandu Dhananjaya fez como ele tinha sido instruído. O inteligente Krishna, abandonando as rédeas dos corcéis, então desceu do carro de Dhananjaya. Depois que o Senhor de grande alma de todas as criaturas tinha descido daquele carro, o Macaco celestial que encimava o manto do veículo de Arjuna desapareceu. O topo do veículo, que tinha antes sido queimado por Drona e Karna com suas armas celestes, rapidamente flamejou a cinzas, ó rei, sem qualquer fogo visível estar à vista. De fato, o carro de Dhananjaya, com seus pares rápidos de corcéis, canga, e varais, caiu, reduzido a cinzas.

Contemplando o veículo assim reduzido a cinzas, ó senhor, os filhos de Pandu ficaram muito surpresos, e Arjuna, ó rei, tendo saudado Krishna e se curvado a ele, disse essas palavras, com mãos unidas e em uma voz afetuosa, ‘Ó Govinda, ó divino, por que razão esse carro foi consumido pelo fogo? O que é esse incidente muito extraordinário que aconteceu diante dos nossos olhos? Ó tu de armas poderosas, se tu achas que eu posso escutar a isto sem dano, então me conte tudo.’

Vasudeva disse, 'Aquele carro, ó Arjuna, tinha sido antes destruído por diversas espécies de armas. Foi porque eu me sentava sobre ele durante a batalha que ele não caiu em pedaços, ó opressor de inimigos! Previamente consumido pela energia de Brahmastra, ele foi reduzido a cinzas após eu abandoná-lo depois da realização por ti de teus objetivos!’

Então, com um pouco de orgulho, aquele matador de inimigos, o divino Keshava, abraçando o rei Yudhishthira, disse a ele, ‘Por boa sorte, tu ganhaste a vitória, ó filho de Kunti! Por boa sorte teus inimigos foram derrotados! Por boa sorte o manejador do Gandiva, Bhimasena o filho de Pandu, tu mesmo, ó rei, e os dois filhos de Madri escaparam com vida dessa batalha tão destrutiva de heróis, e escaparam depois de terem matado todos os seus inimigos! Faça rapidamente, ó Bharata, aquilo que deve ser feito agora por ti! Depois que eu tinha chegado a Upaplavya, tu, te aproximando de mim, com o manejador do Gandiva em tua companhia, me deste mel e os ingredientes costumeiros, e disseste essas palavras, ó Senhor: ‘Esse Dhananjaya, ó Krishna, é teu irmão e amigo! Ele deve, portanto, ser protegido por ti em todos os perigos!’ Depois que tu disseste essas palavras, eu te respondi, dizendo, ‘Assim seja!’ Esse Savyasaci foi protegido por mim. A vitória também foi tua, ó rei! Com seus irmãos, ó rei de reis, aquele herói de destreza verdadeira saiu desta batalha terrível, tão destrutiva de heróis, com vida!’ Assim endereçado por Krishna, o rei Yudhishthira o justo, com cabelos arrepiados, ó monarca, disse essas palavras para Janardana:

Yudhishthira disse, ‘Quem mais exceto tu, ó subjugador de inimigos, não excetuando o próprio Purandara manejador do trovão, poderia ter resistido às Brahmastras lançadas por Drona e Karna? Foi pela tua graça que os Samsaptakas foram derrotados! Foi pela tua graça que Partha nunca teve que recuar até mais violentos dos combates! Similarmente, foi pela tua graça, ó tu de

braços poderosos, que eu mesmo, com minha posteridade, por realizar diversas ações uma após outra, obtive o fim auspicioso da coragem e energia! Em Upaplavya, o grande rishi Krishna-Dvaipayana me disse que Krishna está onde a justiça está, e que a vitória está onde Krishna está!’"

Sanjaya continuou, "Depois dessa conversação, aqueles heróis entraram no teu acampamento e obtiveram o cofre militar, muitas jóias, e muita riqueza. E eles também obtiveram prata e ouro e pedras preciosas e pérolas e muitos ornamentos e cobertores e peles valiosos, e inúmeros escravos homens e mulheres, e muitas outras coisas necessárias para soberania. Tendo obtido aquela riqueza inesgotável pertencente a ti, ó touro da raça Bharata, aqueles altamente abençoados, cujos inimigos estavam mortos, proferiram gritos altos de exultação. Tendo desatrelado seus animais, os Pandavas e Satyaki permaneceram lá por algum tempo para descansar.

Então Vasudeva de grande renome disse, ‘Nós devemos, como um ato iniciatório de bem-aventurança, permanecer fora do acampamento por essa noite.’ Respondendo, ‘Assim seja!’ os Pandavas e Satyaki, acompanhados por Vasudeva, saíram do acampamento para fazerem aquilo que era considerado como um ato auspicioso. Chegando às margens do rio sagrado Oghavati, ó rei, os Pandavas, sem inimigos, se alojaram lá por aquela noite!

Eles despacharam Keshava da linhagem de Yadu para Hastinapura. Vasudeva de grande destreza, fazendo Daruka subir em seu carro, procedeu muito rapidamente para aquele local onde o nobre filho de Ambika estava. Enquanto prestes a partir em seu carro tendo Shaibya e Sugriva (e os outros) unidos a ele, (os Pandavas) lhe disseram, ‘Console a desamparada Gandhari que perdeu todos os seus filhos!’ Assim endereçado pelos Pandavas, aquele chefe dos Satvatas então procedeu em direção a Hastinapura e chegou à presença de Gandhari que tinha perdido todos os seus filhos na guerra.’"

63

Janamejaya disse, "Por que razão aquele tigre entre reis, Yudhishthira o justo, despachou aquele opressor de inimigos, Vasudeva, até Gandhari? Krishna a princípio tinha ido aos Kauravas para trazer paz. Ele não obteve a realização de seus desejos. Por causa disso a batalha ocorreu. Quando todos os guerreiros estavam mortos e Duryodhana tinha sido derrubado, quando por consequência da batalha o império do filho de Pandu ficou totalmente sem inimigos, quando todo o acampamento (Kuru) ficou vazio, todos os seus ocupantes tendo fugido, quando grande renome foi ganho pelo filho de Pandu, qual, ó regenerado, foi o motivo pelo qual Krishna teve que ir novamente para Hastinapura? Parece-me, ó Brahmana, que a causa não poderia ser de pouca importância, pois foi Janardana de alma incomensurável que teve ele mesmo que fazer a viagem! Ó principal de todos os Adhyaryus, conte-me em detalhes qual foi o motivo para empreender tal missão!"

Vaishampayana disse, "A pergunta que tu me fizeste, ó rei, é, de fato, digna de ti! Eu te direi realmente como tudo ocorreu, ó touro da raça Bharata! Vendo Duryodhana, o filho poderoso de Dhritarashtra, derrubado por Bhimasena em contravenção das regras de luta justa, de fato, contemplando o rei Kuru morto desonestamente, ó Bharata, Yudhishthira, ó monarca, ficou cheio de grande temor ao pensar na altamente abençoada Gandhari possuidora de mérito ascético. 'Ela praticou austeridades ascéticas rígidas e pode, portanto, consumir os três mundos,' assim mesmo pensou o filho de Pandu. Por enviar Krishna, Gandhari, ardendo com cólera, seria confortada antes da própria chegada de Yudhishthira. 'Sabendo da morte de seu filho levado a tal situação por nós, ela irá, em fúria, com o fogo de sua mente, nos reduzir a cinzas! Como Gandhari aguentará semelhante dor pungente depois que ela souber que seu filho, que sempre lutava honestamente, foi morto injustamente por nós?' Tendo refletido dessa maneira por um longo tempo, o rei Yudhishthira o justo, cheio de medo e aflição, disse essas palavras para Vasudeva: 'Pela tua graça, ó Govinda, meu reino foi desprovido de espinhos! Aquilo que nós não podíamos aspirar obter nem em imaginação agora tornou-se nosso, ó tu de glória imorredoura! Diante dos meus olhos, ó de braços fortes, fazendo os próprios cabelos se arrepiarem, violentos foram os golpes que tu tiveste que suportar, ó alegrador dos Yadavas! Na batalha entre os deuses e os Asuras, tu, nos tempos passados, prestaste tua ajuda para a destruição dos inimigos dos deuses e aqueles inimigos foram mortos! Da mesma maneira, ó de braços fortes, tu nos deste tua ajuda, ó tu de glória imperecível! Por concordar em agir como nosso quadrigário, ó tu da linhagem de Vrishni, tu por todo o tempo nos protegeste! Se tu não tivesses sido o protetor de Phalguna na batalha terrível, como então este mar de tropas poderia ter sido subjugado? Muitos foram os golpes de maças, e muitos foram os golpes de clavas com pontas de ferro e dardos e flechas afiadas e lanças e machados de batalha que foram suportados por ti! Por nossa causa, ó Krishna, tu tiveste também que ouvir muitas palavras duras e suportar a queda, violenta como o trovão, de armas em batalha! Por causa da morte de Duryodhana tudo isso não foi inútil, ó tu de glória imorredoura! Aja novamente de tal maneira que o resultado de todos aqueles atos não possam ser destruídos! Embora a vitória tenha sido nossa, ó Krishna, nosso coração, no entanto, está ainda tremendo em dúvida! Saiba, ó Madhava, que a ira de Gandhari, ó de braços fortes, foi provocada! Aquela senhora altamente abençoada está sempre se emaciando com as mais rígidas das penitências! Sabendo do massacre de seus filhos e netos, ela irá sem dúvida nos reduzir a cinzas! É hora, ó herói, eu penso, para acalmá-la! Exceto tu, ó principal dos homens, que outra pessoa é capaz mesmo de olhar para aquela senhora de olhos vermelhos como cobre em fúria e extremamente angustiada com os males que aconteceram a seus filhos? Que tu deves ir lá, ó Madhava, é o que eu penso ser apropriado, para pacificar Gandhari, ó castigador de inimigos, que está ardendo com fúria! Tu és o Criador e o Destruidor. Tu és a primeira causa de todos os mundos tu mesmo sendo eterno! Por meio de palavras repletas de fundamentos, visíveis e invisíveis que são todas o resultado do tempo, tu poderás rapidamente, ó tu de grande sabedoria, acalmar Gandhari! Nosso avô, o santo Krishna-Dvaipayana, estará lá. Ó tu de armas poderosas, é teu dever dissipar, por todos os meios em teu poder, a ira de Gandhari!' Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, o

perpetuador da linhagem de Yadu, convocando Daruka, disse, 'Que meu carro seja equipado!' Tendo recebido ordem de Keshava, Daruka em grande pressa voltou e relatou para seu mestre de grande alma que o carro estava pronto. Aquele opressor de inimigos e chefe da linhagem de Yadu, o senhor Keshava, tendo subido no carro, procedeu com grande pressa para a cidade dos Kurus. O adorável Madhava então, em seu veículo, procedeu, e chegando à cidade chamada de elefante a adentrou. Fazendo a cidade ressoar com o estrépito das rodas de seu carro enquanto ele entrava nela, ele enviou notícia para Dhritarashtra e então desceu de seu veículo e entrou no palácio do velho rei. Ele lá contemplou aquele melhor dos Rishis, (Dvaipayana) chegado antes dele. Janardana, abraçando os pés de ambos, Vyasa e Dhritarashtra, quietamente saudou Gandhari também. Então o principal dos Yadavas, Vishnu pegando Dhritarashtra pela mão, ó monarca, começou a chorar melodiosamente. Tendo derramado lágrimas de tristeza por um momento, ele lavou seus olhos e seu rosto com água segundo as regras. Aquele castigador de inimigos então disse essas palavras suavemente fluentes para Dhritarashtra, 'Nada é desconhecido para ti, ó Bharata, sobre o passado e o futuro! Tu és bem familiarizado, ó senhor, com o rumo do tempo! Por uma consideração por ti, os Pandavas tinham se esforçado para impedir a destruição de sua família e o extermínio de Kshatriyas, ó Bharata! Tendo feito um acordo com seus irmãos, o virtuoso Yudhishthira tinha vivido pacificamente. Ele até foi para o exílio depois da derrota no jogo de dados injusto! Com seus irmãos ele levou uma vida de ocultamento, vestido em vários disfarces. Eles também todo dia tinham diversos outros infortúnios como se eles fossem totalmente desamparados! Na véspera da batalha eu mesmo vim e na presença de todos os homens pedi somente cinco aldeias de ti. Afligido pelo Tempo, e movido pela avareza, tu não concedeste meu pedido. Pelo teu erro, ó rei, toda a classe Kshatriya foi exterminada! Bhishma, e Somadatta, e Valhika, e Kripa, e Drona e seu filho, e o sábio Vidura, sempre te pediram pela paz. Tu, no entanto, não seguiste seus conselhos! Todo mundo, parece, quando afligido pelo Tempo, fica estupefato, ó Bharata, já que até tu, ó rei, com relação a esse assunto, agiste tão tolamente! O que mais isso pode ser exceto o efeito do Tempo? De fato, o Destino é supremo! Não atribua, ó tu de grande sabedoria, qualquer culpa aos Pandavas! A menor transgressão não é discernível nos Pandavas de grande alma, a julgar pelas regras de moralidade ou razão ou afeição, ó opressor de inimigos! Sabendo que tudo isso é o resultado da tua própria falha, não cabe a ti nutrir qualquer mau sentimento em relação aos Pandavas! Descendência, linhagem, bolo fúnebre, e o que mais depende da prole, agora depende dos Pandavas em relação a ti mesmo e Gandhari! Tu mesmo, ó tigre entre os Kurus, e a renomada Gandhari também não devem nutrir maldade em direção aos Pandavas. Refletindo sobre tudo isso, e pensando também nas tuas próprias transgressões, nutra bons sentimentos pelos Pandavas, eu me curvo a ti, ó touro da raça Bharata! Tu sabes, ó de braços poderosos, qual é a devoção do rei Yudhishthira e qual é seu afeto por ti, ó tigre entre reis! Tendo causado esta matança mesmo de inimigos que o prejudicaram tanto, ele está queimando dia e noite, e não consegue obter paz mental! Aquele tigre entre homens, se afligindo por ti e por Gandhari, falha em obter qualquer felicidade. Dominado pela vergonha ele não vem diante de ti que estás queimando de dor por conta de teus filhos e cuja mente e sentidos estão

agitados por aquela dor!' Tendo dito essas palavras para Dhritarashtra, aquele principal da linhagem de Yadu, ó monarca, se dirigiu a enlutada Gandhari nessas palavras de grande significado: 'Ó filha de Subala, tu de votos excelentes, ouça o que eu digo! Ó dama auspiciosa, não há agora nenhuma senhora como tu no mundo! Tu lembras, ó rainha, daquelas palavras que tu falaste na assembléia na minha presença, aquelas palavras repletas de virtude e que eram benéficas para ambos os partidos, que teus filhos, ó dama auspiciosa, não obedeceram? Duryodhana que cobiçava vitória foi endereçado por ti em palavras amargas! Tu disseste a ele então: 'Escute, ó tolo, essas minhas palavras: 'A vitória está onde a virtude está.' Aquelas tuas palavras, ó princesa, agora foram consumadas! Sabendo tudo isso, ó senhora auspiciosa, não fixe teu coração na tristeza. Não deixe teu coração se inclinar para a destruição dos Pandavas! Por causa da força de tuas penitências tu és capaz, ó altamente abençoada, de queimar, com teus olhos acesos com raiva, a Terra inteira com suas criaturas móveis e imóveis!' Ouvindo essas palavras de Vasudeva, Gandhari disse, 'É assim mesmo, ó Keshava, como tu dizes! Meu coração, queimando em aflição, tem estado inquieto! Depois de ouvir tuas palavras, no entanto, esse coração, ó Janardana, ficou firme novamente. Em relação ao velho rei cego, agora tornado criança, tu, ó mais notável dos homens, com aqueles heróis, os filhos de Pandu, se tornaram seu refúgio!' Tendo dito isso, Gandhari, queimando de aflição por conta da morte de seus filhos, cobriu seu rosto com sua roupa e começou a chorar alto. O poderosamente armado senhor Keshava então consolou a princesa enlutada com palavras que eram repletas de fundamentos tirados de exemplos visíveis. Tendo consolado Gandhari e Dhritarashtra, Keshava da linhagem de Madhu veio a saber (por intuição) o mal que era planejado pelo filho de Drona. Se levantando apressado depois de reverenciar os pés de Vyasa inclinando sua cabeça, Keshava, ó monarca, se dirigiu a Dhritarashtra, dizendo, 'Eu me despeço, ó principal da linhagem de Kuru! Não fixe teu coração na dor! O filho de Drona tem um mau propósito. É por isso que eu me levanto tão de repente! Parece que ele formou um plano de destruir os Pandavas durante a noite!' Ouvindo essas palavras, ambos, Gandhari e Dhritarashtra disseram para Keshava aquele matador de Keshi, essas palavras: 'Vá rapidamente, ó de braços fortes, proteger os Pandavas! Que eu logo te encontre novamente, ó Janardana!' Então Keshava de glória imorredoura procedeu com Daruka. Depois que Vasudeva tinha partido, ó rei, Vyasa, aquele adorado do mundo inteiro, de alma inconcebível, começou a consolar o rei Dhritarashtra. Vasudeva de alma justa partiu, tendo cumprido sua missão com sucesso, de Hastinapura para ver o acampamento e os Pandavas. Chegando ao campo, ele procedeu à presença dos Pandavas. Contando a eles tudo (sobre sua missão na cidade), ele se sentou com eles."

64

"Dhritarashtra disse, 'Chutado na cabeça, suas coxas quebradas, prostrado no chão, extremamente orgulhoso, o que, ó Sanjaya, meu filho disse então? O rei Duryodhana era muito colérico e sua hostilidade pelos filhos de Pandu era

enraizada. Quando, portanto, esta grande desgraça o alcançou, o que ele disse em seguida sobre o campo?’

"Sanjaya disse, ‘Ouça-me, ó monarca, enquanto eu descrevo para ti o que aconteceu. Escute, ó rei, o que Duryodhana disse quando surpreendido pela calamidade. Com suas coxas quebradas, o rei, ó monarca, coberto com pó, apanhou seus cabelos ondulantes, lançando seus olhos para todos os lados. Tendo apanhado seus cabelos com dificuldade, ele começou a suspirar como uma cobra. Cheio de raiva e com lágrimas fluindo rapidamente de seus olhos, ele olhou para mim. Ele bateu seus braços contra a terra por um tempo como um elefante enfurecido. Sacudindo seus cabelos soltos, e rangendo seus dentes, ele começou a criticar o filho mais velho de Pandu. Respirando pesadamente, ele então se dirigiu a mim, dizendo, ‘Ai, eu que tinha o filho de Santanu Bhishma como meu protetor, e Karna, aquele principal de todos os manejadores de armas e o filho de Gotama, Shakuni, e Drona, aquele primeiro de todos os manejadores de armas, e Ashvatthama, e o heróico Shalya, e Kritavarma, ai, eu mesmo cheguei a essa situação! Parece que o Tempo é irresistível! Eu era o senhor de onze Chamus de tropas e ainda eu cheguei a essa situação! Ó de braços fortes, ninguém pode se elevar acima do Tempo! Aqueles do meu lado que escaparam com vida dessa batalha devem ser informados de como eu fui derrubado por Bhimasena em contravenção das regras de luta honesta! Muitos foram os atos injustos e pecaminosos que foram cometidos em direção a Bhurishrava, e Bhishma, e Drona de grande prosperidade! Essa é outra ação muito infame que os Pandavas cruéis cometeram, pela qual, eu estou certo, eles incorrerão na condenação de todos os homens honrados! Que prazer uma pessoa disposta honradamente pode desfrutar ao ter ganhado uma vitória por meio de atos desonestos? Que homem sábio, além disso, daria sua aprovação para uma pessoa que infringiu as regras de probidade? Que homem erudito se regozijaria depois de ter obtido vitória por meio de iniquidade como aquele patife pecaminoso, Vrikodara o filho de Pandu, se regozija? O que pode ser mais surpreendente do que isso, que Bhimasena tocasse com seu pé a cabeça de alguém como eu enquanto jazendo com minhas coxas quebradas? É digna de honra, ó Sanjaya, aquela pessoa que se comporta dessa maneira com um homem possuidor de glória, dotado de prosperidade, vivendo no meio de amigos? Meus pais não são ignorantes dos deveres de batalha. Instruído por mim, ó Sanjaya, diga a eles que estão afligidos pela dor essas palavras: Eu realizei sacrifícios, sustentei um grande número de empregados devidamente, governei a terra inteira com seus mares! Eu permaneci sobre as cabeças de meus inimigos vivos! Eu dei riqueza para meus parentes à extensão de minhas habilidades, e eu fiz o que era agradável para amigos. Eu resisti a todos os meus inimigos. Quem há mais afortunado do que eu? Eu fiz progressos através de reinos hostis e comandei reis como escravos. Eu agi generosamente em direção a todos os que amei e gostei. Quem há mais afortunado do que eu? Eu honrei todos os meus parentes e cuidei do bem-estar de todos os meus dependentes. Eu me dediquei aos três objetivos de existência humana, Religião, Lucro, e Prazer! Quem há mais afortunado do que eu? Eu dei minhas ordens a grandes reis e honra, inalcançável por outros, foi minha. Eu sempre fiz minhas viagens nos melhores dos corcéis. Quem há mais afortunado

do que eu? Eu estudei os Vedas e fiz presentes segundo a ordenança. Minha vida passou em felicidade. Pelo cumprimento dos deveres da minha própria classe eu tenho ganhado muitas regiões de bem-aventurança após a morte. Quem há mais afortunado do eu? Por boa sorte eu não fui vencido em batalha e sujeitado à necessidade de servir meus inimigos como mestres. Por boa sorte, ó senhor, é somente depois da minha morte que minha grande prosperidade me abandona para servir outro! Aquilo que é desejado por bons Kshatriyas cumpridores dos deveres de sua classe, aquela morte, é obtida por mim! Quem há mais afortunado do eu? Por boa sorte eu não me permiti ser desviado do caminho da hostilidade e ser subjugado como uma pessoa ordinária! Por boa sorte eu não fui vencido depois de eu ter feito algum ato vil! Como a morte de uma pessoa que está dormindo ou que está desatenta, como a morte de uma pessoa pela administração de veneno, minha morte ocorreu, pois eu fui morto igualmente injustamente, em violação das regras de luta honesta! O altamente abençoado Ashvatthama, e Kritavarma da linhagem Satwata, e o filho de Saradwat Kripa, devem ouvir essas minhas palavras, 'Vocês nunca devem depositar qualquer confiança nos Pandavas, aqueles violadores de regras, que cometeram muitos atos iníquos!'' Depois disso, teu nobre filho de coragem verdadeira se dirigiu aos nossos portadores de mensagens nessas palavras, 'Eu, em batalha, fui morto por Bhimasena muito injustamente! Eu sou agora como um viandante sem dinheiro e seguirei na esteira de Drona que já foi para o céu, de Karna e Shalya, de Vrishasena de grande energia, de Shakuni o filho de Subala, de Jalasandha de grande valor, do rei Bhagadatta, do filho de Somadatta, aquele arqueiro poderoso, de Jayadratha, o rei dos Sindhus, de todos os meus irmãos encabeçados por Duhshasana e iguais a mim mesmo, do filho de Duhshasana de grande destreza, e de Lakshmana, meu filho, e milhares de outros que lutaram por mim. Ai, como minha irmã, atingida pela desgraça, viverá tristemente depois de saber da morte de seus irmãos e seu marido? Ai, qual será a situação do velho rei, meu pai, com Gandhari, e suas noras e esposas dos seus netos? Sem dúvida, a mãe bela e de olhos grandes de Lakshmana, sem filho e sem marido, logo encontrará sua morte! Se Charvaka, o mendicante devoto que é um mestre de discurso, ficar sabendo de tudo, aquele homem abençoado certamente se vingará da minha morte! Por morrer sobre o campo sagrado de Samantapanchaka, célebre pelos três mundos, eu sem dúvida alcançarei muitas regiões eternas!' Então, ó senhor, milhares de homens, com olhos cheios de lágrimas, fugiram em todas as direções, tendo ouvido esses lamentos do rei. A terra inteira, com suas florestas e mares, com todas as suas criaturas móveis e imóveis começou a tremer violentamente, e a produzir um barulho alto. Todos os pontos do horizonte ficaram escuros. Os mensageiros, indo até o filho de Drona, descreveram para ele tudo o que tinha acontecido com relação ao procedimento da luta com maça e a queda do rei. Tendo relatado tudo para o filho de Drona, ó Bharata, todos eles permaneceram em uma disposição pensativa por um longo tempo e então partiram, enlutados, para o lugar de onde eles vieram.'"

65

"Sanjaya disse, 'Tendo ouvido a respeito da queda de Duryodhana dos mensageiros, aqueles poderosos guerreiros em carros, o restante vivo do exército Kaurava, extremamente feridos por flechas afiadas, e maças e lanças e dardos, aqueles três, Ashvatthama e Kripa e Kritavarma da linhagem Satwata, foram rapidamente em seus corcéis velozes ao campo de batalha. Eles viram lá o filho de grande alma de Dhritarashtra prostrado no chão como uma gigantesca árvore Sala derrubada na floresta por uma tempestade. Eles o viram se contorcendo no solo nu e coberto com sangue assim como um elefante forte na floresta derrubado por um caçador. Eles o viram rolando em agonia e banhado em profusas correntes de sangue. De fato, eles o viram jazendo no chão como o sol caído na terra ou como o oceano secado por um vento poderoso, ou como a lua cheia no firmamento com seu disco coberto por um nevoeiro. Igual a um elefante em bravura e possuidor de braços compridos, o rei jazia no chão, coberto com poeira. Em volta dele estavam muitas criaturas terríveis e animais carnívoros como dependentes cobiçosos de riqueza em volta de um monarca em cargo. Sua testa estava contraída em sulcos de raiva e seus olhos estavam rolando em fúria. Eles contemplaram o rei, aquele tigre entre homens, cheio de raiva, como um tigre derrubado (por caçadores). Aqueles grandes arqueiros Kripa e outros, vendo o monarca derrubado no chão, ficaram estupefatos. Descendo de seus carros, eles correram em direção ao rei. Vendo Duryodhana, todos eles se sentaram no chão em volta dele. Então o filho de Drona, ó monarca, com olhos cheios de lágrimas e respirando como uma cobra, disse essas palavras para aquele chefe da linhagem de Bharata, aquele principal de todos os reis sobre a terra, 'Realmente, não há nada estável no mundo dos homens, já que tu, ó tigre entre homens, jazes no solo nu, manchado com pó! Tu foste um rei que tinha colocado teus comandos sobre a Terra inteira! Por que então, ó principal dos monarcas, tu jazes sozinho na terra nua em tal ermo solitário? Eu não vejo Duhshasana junto de ti, nem o grande guerreiro em carro Karna, nem aqueles teus amigos às centenas! O que é isso, ó touro entre homens? Sem dúvida, é difícil descobrir os caminhos de Yama, já que tu, ó senhor de todos os mundos, jazes assim no solo nu, manchado com pó! Ai, esse opressor de inimigos costumava caminhar na dianteira de todos os Kshatriyas que tinham seus cabelos borrifados com água sagrada em cerimônias de coroação! Ai, ele agora come a poeira! Vejam os reversos que o Tempo traz em seu curso! Onde está aquele teu guarda-sol branco puro? Onde está aquele rabo de iaque para abanar também, ó rei? Onde foi aquele teu exército vasto agora, ó melhor dos monarcas? O rumo dos acontecimentos é certamente um mistério quando causa outros que não aqueles com os quais se contava a princípio, já que até tu que eras o senhor do mundo foste reduzido a essa situação! Sem dúvida, a prosperidade de todos os mortais é muito instável, já que tu que eras igual ao próprio Shakra agora foste reduzido a tal situação lamentável!' Ouvindo essas palavras do entristecido Ashvatthama, teu filho respondeu a ele nessas palavras que eram apropriadas para a ocasião. Ele enxugava seus olhos com suas mãos e derramava lágrimas de dor novamente. O rei então se dirigiu a todos aqueles heróis encabeçados por Kripa e disse, 'É dito que essa sujeição à

morte (de todas as criaturas vivas) é ordenada pelo próprio Criador. A morte vem para todos os seres no decorrer do tempo. Aquela morte agora vem para mim, diante dos olhos de todos vocês! Eu que reinei sobre a terra inteira agora foi reduzido a essa situação! Por boa sorte, eu nunca recuei da batalha quaisquer que fossem as desgraças que me surpreendessem. Por boa sorte, eu fui morto por aqueles homens pecaminosos, particularmente pela ajuda de fraude. Por boa sorte, enquanto envolvido em hostilidades, eu sempre mostrei coragem e perseverança. Por boa sorte, eu fui morto em batalha, junto com todos os meus parentes e amigos. Por boa sorte eu vejo que vocês escaparam com vida desse grande massacre, e sãos e salvos. Isso é muito agradável para mim. Não sofram, por afeição, pela minha morte. Se os Vedas são alguma autoridade, eu certamente adquiri muitas regiões eternas! Eu não sou ignorante da glória de Krishna de energia incomensurável. Ele não me fez abandonar a observância apropriada dos deveres Kshatriya. Eu o alcancei. De modo algum alguém deve sofrer por mim. Vocês fizeram o que pessoas como vocês devem fazer. Vocês sempre se esforçaram pelo meu sucesso. O Destino, no entanto, é incapaz de ser frustrado.' Tendo dito isso, o rei, com olhos banhados com lágrimas, ficou silencioso, ó monarca, agitado como ele estava com agonia. Contemplando o rei em lágrimas e aflição, o filho de Drona se inflamou de raiva como o fogo que é visto na destruição universal. Dominado pela raiva, ele apertou sua mão e se dirigindo ao rei em uma voz rouca com lágrimas, ele disse essas palavras, 'Meu pai foi morto por aqueles canalhas com um artifício cruel. Aquele ato, no entanto, não me queima tão agudamente quanto essa situação à qual tu foste reduzido, ó rei! Escute essas minhas palavras que eu profiro, jurando pela própria Verdade, ó senhor, e por todos os meus atos de piedade, todos os meus presentes, minha religião, e os méritos religiosos que eu tenho ganhado. Eu irei hoje, na própria presença de Vasudeva, despachar todos os Pancalas, por todos os meios em meu poder, para a residência de Yama! Cabe a ti, ó monarca, me conceder permissão!' Ouvindo essas palavras do filho de Drona, que eram muito agradáveis para seu coração, o rei Kuru se dirigindo a Kripa, disse, 'Ó preceptor, me traga sem demora um vaso cheio de água!' A essas palavras do rei, aquele principal dos Brahmanas logo trouxe um recipiente cheio de água e se aproximou do rei. Teu filho então, ó monarca, disse para Kripa, 'Que o filho de Drona, ó principal dos Brahmanas, (abençoado sejas tu), seja por minha ordem instalado como generalíssimo, se tu desejas me fazer o bem! Por ordem do rei, até um Brahmana pode lutar, especialmente um que tem adotado práticas Kshatriya! Aqueles versados nas escrituras dizem isso!' Ouvindo estas palavras do rei, Kripa, o filho de Saradwat, instalou o filho de Drona como generalíssimo, por ordem do rei! A instalação terminada, ó monarca, Ashvatthama abraçou aquele melhor dos reis e deixou o local, tendo feito os dez pontos ressoarem com seus rugidos leoninos. Aquele principal dos reis, Duryodhana, profusamente coberto com sangue, começou a passar lá aquela noite tão assustadora para todas as criaturas. Indo rapidamente para longe do campo de batalha, ó rei, aqueles heróis, com corações agitados pela dor, começaram a refletir ansiosamente e seriamente.'"

Fim do Shalya-parva.